



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

RAFAEL MAGNO DE PAULA COSTA

**AMOR E MASCULINIDADES EM CONTOS BRASILEIROS  
CONTEMPORÂNEOS (1967-2009)**

---

Londrina  
2020

RAFAEL MAGNO DE PAULA COSTA

**AMOR E MASCULINIDADES EM CONTOS BRASILEIROS  
CONTEMPORÂNEOS (1967-2009)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Letras, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon

Londrina  
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

COSTA, Rafael Magno de Paula.

Amor e masculinidades em contos brasileiros contemporâneos (1967-2009) / Rafael Magno de Paula COSTA. - Londrina, 2020.  
276 f.

Orientador: Luiz Carlos Santos SIMON.

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.  
Inclui bibliografia.

1. Amor - Tese. 2. Masculinidades - Tese. 3. Conto - Tese. 4. Literatura Brasileira - Tese. I. SIMON, Luiz Carlos Santos. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU 82

RAFAEL MAGNO DE PAULA COSTA

**AMOR E MASCULINIDADES EM CONTOS BRASILEIROS  
CONTEMPORÂNEOS (1967-2009)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Letras, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Doutor.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maira Angélica Pandolfi  
Universidade Estadual Paulista - UNESP

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabel Cristina Cordeiro  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Dantas da Silva  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Miguel Heitor Braga Vieira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 29 de abril de 2020.

Aos meus dois filhos e minha filha:  
Mazuski (Francisco) Veiga de Paula Costa  
André Veiga de Paula Costa  
e Giulia Veiga de Paula Costa.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Dr. Luiz Carlos Santos Simon, exímio e magnífico orientador, pela atenção dedicada ao longo desses quatro anos.

A minha esposa, Rafaela Matoza da Veiga Costa, por me incentivar a nunca desistir.

Aos colegas e amigos de disciplinas que fizeram parte dessa caminhada.

Aos professores do corpo docente de Pós-graduação (*stricto sensu*) em Letras da UEL, por contribuírem direta ou indiretamente com as reflexões deste trabalho.

A todos os que não impediram a realização desse trabalho.

*Militiae species amor est; discedite, segnes:  
Non sunt haec timidis signa tuenda viris.  
(Ovidius Naso – Ars Amatoria (Liber II: 233-234))*

*young men's love then lies  
Not truly in their hearts, but in their eyes.  
(Friar Laurence – Romeo and Juliet (Act II, scene III)  
– William Shakespeare)*

*L'amour vrai rend toujours meilleur, quelle que soit  
la femme qui l'inspire. (Armand Duval – La Dame  
aux Camélias (XX) – Alexandre Dumas fils)*

COSTA, Rafael Magno de Paula. **Amor e masculinidades em contos brasileiros contemporâneos (1967-2009)**. 2020. 276 f. Tese de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

## RESUMO

Esta tese tem como objetivo apresentar a constituição ficcional do amor em confluência com as identidades masculinas heterossexuais. Parte-se inicialmente do mapeamento das teorias dos estudos masculinos, relacionando-as ao tema do amor em contos brasileiros, a partir do recorte temporal de 1967 até 2009. Para tanto, utiliza-se desse arcabouço teórico por meio de estudos desenvolvidos por pesquisadores de diferentes áreas, como Connell (2005), Welzer-Lang (2004), Costa (2002), Cecchetto (2004), Nolasco (1995), Goldenberg (2000), Barasch (1997), entre outros. No segundo capítulo, são levantadas as teorias que tratam do amor, seja no âmbito dos relacionamentos formais ou informais. Autores como Foucault (2005), Kipnis (2005), Giddens (1993), Bauman (2004), Bruckner (2014), Del Priore (2015) entre outros, são trazidos auferindo um escopo teórico sobre o amor, primeiramente num aspecto histórico para, num segundo momento, refletir sobre o amor nos contextos mais recentes. A partir dessas teorias, foi possível delinear uma transformação do comportamento masculino em face da conquista amorosa representada nos contos. A partir da dinâmica amorosa entre homens e mulheres, os contos preconizam uma mudança do perfil masculino, contrastando comportamentos e conflitos no interior das masculinidades representadas na ficção. Esse traço evidencia uma nova configuração na dinâmica do sentido de relacionamento amoroso. O texto literário, em confluência com as teorias sociais de gênero, possibilita um entendimento maior de como o amor é representado, considerando aspectos como representações masculinas, conquistas femininas e “as crises do amor”. Os contos analisados apresentam nuances que evidenciam uma transformação no perfil masculino, considerando que os homens, apresentados em contos da atualidade, estão mais propensos para as relações afetivas. Por outro lado, as relações ocasionais, fugazes, ou “líquidas”, como prefere Bauman, também são pautadas e discutidas à medida que quebram tradições cristalizadas, tal como a ideia do “amor para sempre”. O paradigma do compromisso como noção de “amor eterno” é contraposto com a teoria de Giddens sobre o amor confluyente, ou seja, relacionamento afetivo temporário, desvinculado da noção de paixão eterna. Assim, aspectos masculinos que anteriormente eram tradicionalmente comuns, como frieza e indiferença diante dos sentimentos afetivos, bem como uma dissociação entre amor e sexo, na atualidade sofrem mudanças e a maioria dos contos evidencia uma necessidade de entender as relações sexuais e afetivas em um conjunto. Nesse sentido, as conquistas femininas possibilitaram o surgimento de uma nova mulher, livre dos paradigmas que a prendiam aos relacionamentos decadentes. Ao procurar pela experiência amorosa, os homens representados nos contos evidenciam estar mais propensos ao exercício de um amor sexual vinculado ao sentimento afetivo. O sentido de relação amorosa, ao contrário de como foi compreendido no passado, como “mera posse”, é perpassado de carga emotiva e nasce da necessidade de interação amorosa com essa nova mulher.

**Palavras-chave:** Masculinidades. Amor. Contos. Literatura Brasileira.

COSTA, Rafael Magno de Paula. **Love and Masculinities in contemporary Brazilian short stories (1967-2009)**. 2020. 276 p. Thesis (Doctoral degree in Letters) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

## ABSTRACT

This thesis aims to present the fictional constitution about love in confluence with heterossexual male identities. It starts from the researching of the men's studies, relating them to the theme of love in Brazilian short stories, from the time frame from 1967 to 2009. This theoretical framework is used through studies developed by researchers from different study area, such as Connell (2005), Welzer-Lang (2004), Costa (2002), Cecchetto (2004), Nolasco (1995), Goldenberg (2000), Barasch (1997), among others. In the second chapter, the theories that deal about love are discussed, whether in the context of formal or informal relationships. Authors as Foucault (2005), Kipnis (2005), Giddens (1993), Bauman (2004), Bruckner (2014), Del Priore (2015), among others, provide a theoretical scope about love, primarily in a historical aspect. In a second moment, we try to think about love in recent contexts. From these theories, it was possible to outline a transformation about male behavior in face of love conquest, represented in the short stories. From love dynamics between men and women, the stories advocate a change in the male profile, contrasting behaviours and conflicts within the masculinities represented in fiction. This trait shows a new configuration in the dynamics of the male sense of conquest and of the loving relationship. The literary text in confluence with social theories of gender, enables a greater understanding of how love is represented, considering aspects such as male representations, female conquests and "the crises of love". The analyzed tales present nuances that show a transformation in the male profile, considering that men presented in current tales, they are more prone to affective relationships. On the other hand, occasional fleeting or "liquid" relationships, as Bauman prefers, they are also guided and discussed as they break traditions, such as the idea of "love forever". The paradigm of commitment as a notion of "eternal love" is contrasted with Giddens' theory of confluent love, that is a temporary affective relationships disconnected from the notion of eternal passion. Thus, male aspects that were previously common, such as coldness and indifference about affective feelings, as well as a dissociation between love and sex, they are currently attenuated by tales as a need to understand sexual and affective relationships as a whole. In this sense, the female conquest enable the emergence of a new woman, free from the paradigms that bound her to broken relationships. When looking for the loving experience, men show that they are more likely to exercise a sexual love linked to affective feeling. The sense of loving relationship, contrary what was understood in the past as "mere possession", in a context in which love died, it is fraught with emotional burden as is born by the need for loving interaction with this new woman.

**Key-words:** Masculinities. Love. Short stories. Brazilian Literature.

COSTA, Rafael Magno de Paula. **L'amour et les masculinités dans les nouvelles brésiliennes contemporaines**. 2020. 276 f. Thèse (Doctorat en lettres) – Université d'Etat de Londrina, Londrina, 2020.

## RESUMÉ

Cette thèse vise à démontrer la constitution fictive de l'amour en confluence avec les Identités masculines hétérosexuelles. Cela commence par la cartographie des théories des études masculines, en les reliant au thème de l'amour dans les histoires brésiliennes, de 1967 à 2009. Pour cela, il utilise ce cadre théorique à travers des études développées par des chercheurs de différents domaines, tels que Connell (2005), Welzer-Lang (2004), Costa (2002), Cecchetto (2004), Nolasco (1995), Goldenberg (2000), Barasch (1997), entre autres. Dans le deuxième chapitre, les théories qui traitent de l'amour sont soulevées, que ce soit dans le contexte de relations formelles ou informelles. Des auteurs tels que Foucault (2005), Kipnis (2005), Giddens (1993), Bauman (2004), Bruckner (2014), Del Priore (2015), entre autres, sont évoqués en donnant une portée théorique sur l'amour, principalement sous un aspect historique pour deuxièmement, réfléchir sur l'amour dans les contextes les plus récents. De ces théories, il a été possible d'esquisser une transformation du comportement masculin face à la conquête amoureuse représentée dans les contes. La dynamique amoureuse entre hommes et femmes, représentée dans les histoires, prône un changement de profil masculin, contrastant les comportements et les conflits au sein des masculinités représentées dans la fiction. Cette fonctionnalité met en évidence une nouvelle configuration dans la dynamique du sens de la relation amoureuse. Le texte littéraire, en confluence avec les théories sociales du genre, permet une meilleure compréhension de la façon dont l'amour est représenté, en considérant des aspects tels que les représentations masculines, les conquêtes féminines et les "crises d'amour". Les contes analysés présentent des nuances qui montrent une transformation du profil masculin, étant donné que les hommes, présentés dans les contes actuels, sont plus sujets aux relations affectives. D'un autre côté, les relations occasionnelles, éphémères ou "liquides", comme le préfère Bauman, sont également guidées et discutées car elles brisent les traditions cristallisées, telles que l'idée de "l'amour pour toujours". Le paradigme de l'engagement en tant que notion d'amour éternel contraste avec la théorie de Giddens de l'amour confluent, c'est-à-dire une relation affective temporaire, déconnectée de la notion de passion éternelle. Ainsi, les aspects masculins qui étaient auparavant traditionnellement communs, tels que la froideur et l'indifférence face aux sentiments affectifs, ainsi qu'une dissociation entre l'amour et le sexe, subissent actuellement des changements et la plupart des histoires montrent un besoin de comprendre les relations sexuelles et affectives dans un ensemble. En ce sens, les conquêtes féminines ont permis l'émergence d'une nouvelle femme, libérée des paradigmes qui la tenaient à des relations décadentes. En recherchant l'expérience amoureuse, les hommes représentés dans les histoires montrent qu'ils sont plus susceptibles d'exercer un amour sexuel lié au sentiment affectif. Le sentiment d'une relation amoureuse, contrairement à ce qui était compris dans le passé, comme une "simple possession", est imprégné d'une charge émotionnelle et naît du besoin d'une interaction amoureuse avec cette nouvelle femme.

**Mots-clés:** Masculinités. L'amour. Contes. Littérature brésilienne.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 DO “HOMEM DE VERDADE” AO HOMEM DA ATUALIDADE.....</b>	<b>16</b>
1.1 ANDROCENTRISMO E DOMINAÇÃO MASCULINA.....	16
1.2 “A CRISE DO MACHO”.....	33
1.3 HOMEM X MULHER: UMA PROPOSTA DE ESTUDO RELACIONAL DE GÊNERO.....	47
1.4 DESCONSTRUÇÕES MASCULINAS: DA VIOLÊNCIA À ABERTURA DOS HOMENS À SENSIBILIDADE AFETIVA.....	61
<b>2 AMOR E IDENTIDADE MASCULINA.....</b>	<b>78</b>
2.1 OS MITOS DO AMOR E UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA.....	78
2.2 AMOR ROMÂNTICO, A INVENÇÃO DA INTIMIDADE E IDENTIDADES MASCULINA E FEMININA.....	94
2.3 AMOR E REVOLUÇÃO SEXUAL: O AMOR ENTRE O CASAMENTO E O ADULTÉRIO.....	111
2.4 AS EXPERIÊNCIAS AMOROSAS NA ERA DO CONSUMO.....	128
<b>3 AMOR E MASCULINIDADES EM CONTOS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS.....</b>	<b>146</b>
3.1 A CRISE DO AMOR NO CASAMENTO EM LUIZ VILELA.....	152
3.2 IDENTIDADE, SEXUALIDADE E VELHICE EM SÉRGIO SANT’ANNA.....	171
3.3 TABU, AMOR E AFETIVIDADE EM RUBEM FONSECA.....	189
3.4 AMOR, SENSIBILIDADE E ADULTÉRIO EM MARÇAL AQUINO.....	208
3.5 INSEGURANÇA MASCULINA EM MOACYR SCLIAR.....	225
3.6 (IN)EXPERIÊNCIA MASCULINA EM ANDRÉ SANT’ANNA.....	233
3.7 O AMOR NA ADOLESCÊNCIA EM MILTON HATOUM.....	242
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>260</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>270</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo vincula-se ao projeto de pesquisa “Reconstituições dos homens: as masculinidades entre o debate teórico e a literatura”, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon, que trata sobre o mapeamento e desenvolvimento das teorias sobre os estudos masculinos no âmbito das ciências humanas. Mais especificamente, o projeto conflui as ideias desse escopo teórico aos estudos literários, delineando as transformações das representações masculinas na ficção. A partir disso, procurou-se mapear as abordagens atinentes aos estudos masculinos tendo como ponto central a análise do perfil masculino em relação à temática do amor em contos brasileiros a partir de 1967 até 2009.

A pesquisa perscruta o comportamento masculino em face do amor. Por isso, o debate em torno dos estudos masculinos é importante, pois oportuniza uma compreensão mais profunda do significado da sexualidade masculina. Entender essa identidade ou o que constitui esse gênero, portanto, é imprescindível na apreensão das relações afetivas entre homens e mulheres.

A investigação parte de conceitos de estudiosos importantes. O conceito de masculinidade hegemônica e masculinidades subalternas proporciona uma compreensão de ser e estar no mundo em diferentes formas de comportamento. Esse conceito de “hegemonia”, embora tenha na atualidade uma carga negativa, por muito tempo foi o paradigma sob o qual muitos homens pautavam suas formas de masculinidade. A homofobia, outro conceito importante para a apreensão do problema inerente à identidade masculina, por muito tempo, foi uma problemática sob o qual muitos homens creditavam certa perspectiva de masculinidade heterossexual a partir da negação do outro, da discriminação e do preconceito entre os próprios homens.

Com a revolução sexual da década de 1960 e, conseqüentemente, com as conquistas femininas, muitos passaram a debater sobre uma possível crise da masculinidade. Os homens passaram a conviver publicamente lado a lado com mulheres e integrantes de outros gêneros que, paulatinamente, se afirmavam e conquistavam espaços importantes nos grandes meios sociais. Desse modo, muitos homens precisaram repensar conceitos sobre o significado de ser homem e conviver sem maiores conflitos com essas conquistas.

Se antes os homens heterossexuais afirmavam sua masculinidade a partir da homofobia e da diferença em relação à mulher, na atualidade precisam pensar sobre novos paradigmas que, de algum modo, possibilitem um convívio pacífico com essas outras manifestações da sexualidade humana. Por isso, a presente tese procura demonstrar, a partir de contos brasileiros contemporâneos, uma *performance* da transformação masculina, por uma nova maneira de ser e de se comportar, com características diferentes daquelas que marcaram negativamente o modelo de masculinidade hegemônica.

As representações ficcionais desse novo homem nascem a partir da atenuação de caracteres mais frios ou truculentos que marcaram a masculinidade em outros momentos. O amor, neste caso, é um elemento importante que auxilia no entendimento dessa mudança. Com efeito, as conquistas femininas possibilitaram aos homens desenvolver certas nuances afetivas que anteriormente lhes eram socialmente cerceadas. O sentido do relacionamento amoroso, por parte dos homens inscrito nos contos, apresenta-se como distinto dos comportamentos masculinos mais regressivos.

De fato, se anteriormente as relações amorosas pautavam o comportamento masculino pela noção de posse exclusiva e de amor eterno, com o casamento exercendo uma função social de regulamentar a relação, os contos brasileiros contemporâneos imprimem ou sugerem um novo sentido amoroso e relacional para os homens. A representação ficcional desse novo homem é ainda significativamente carregada do desejo de conquista amorosa, porém também vinculado à afetividade, à sexualidade e ao amor. Ser bem sucedido no amor é algo que muitos homens efetivamente buscam como afirmação da sua identidade masculina já na adolescência.

Nesse sentido, é importante entender o modo como esses homens lidam com o amor, considerando que mudanças contundentes afetaram o padrão comportamental masculino. O problema do sentido do amor, para muitos homens, relaciona-se ao desejo de seduzir e possuir, porém não se resume a isso. Outros temas circundantes ou periféricos ao amor também advêm desse percurso. Assim, outras questões são trazidas à luz dessa discussão, tais como sexualidade, casamento, família, infidelidade, separação, insegurança, impotência, timidez, inexperiência, frustração masculina, etc. Desse modo, a tese explora esses aspectos que cercam o tema do amor em sintonia com a teoria das masculinidades.

Em alguns casos, a produção ficcional aponta para uma necessidade de mudança de determinados perfis masculinos, e em outros para uma mudança já presente. Os contos evidenciam como o espectro masculino se alimenta dessa necessidade de constante interação com o universo feminino. Desse modo, o campo amoroso é marcado pela atuação de ambos os sexos. A mulher, contudo, não é mais vista como indefesa ou frágil. A emancipação feminina também trouxe uma nova mulher, nascida dessas transformações sociais.

Desse modo, a interação amorosa entre homens e mulheres apresenta-se um tanto paradoxal, em que as conquistas amorosas são aparentemente fáceis, mas a manutenção do afeto ou do ardor sexual é extremamente difícil. Além disso, há também representações daqueles homens que se ferem diante da experiência amorosa. A juventude e a inexperiência masculina, por exemplo, aparecem nos contos como obstáculos para a realização do amor. Assim, a insegurança masculina, o medo e a timidez, diante dessa nova mulher, desejada, somam-se ao fracasso e à frustração de amores não vividos na adolescência, ou mesmo de amores simplesmente não realizados já na fase adulta.

A própria noção de casamento pautado nas juras de amor eterno, entendido de maneira um pouco tradicional, entra em crise diante de uma conquista masculina realizada, mas que não traz satisfação para o casal. A noção de “relacionamento” – não mais “casamento” – passa a funcionar como um substitutivo do novo comportamento dos casais na atualidade. O tema da idealização do adultério surge, assim, como se o amor estivesse não mais na esposa ou parceira, mas na relação extraconjugal. Essa procura por algo que está fora de si, ou seja, uma busca por novas experiências amorosas, de algum modo, induz alguns personagens representados a procurar pelo amor fora do âmbito familiar.

Ao vivenciar novas experiências sexuais com vistas ao prazer imediato, tal como uma prática consumista, o sujeito pode confundir amor e sexo numa associação equivocada, em que o ardor sexual e a atração física são confundidos com o amor. Por outro lado, experimentar o sexo desvinculado da afetividade também pode direcionar o sujeito para uma dissociação, em determinadas e eventuais situações, igualmente enganosa. Os contos apresentam também projeções masculinas pautadas no acúmulo de experiências, o que, ao invés de promover uma realização plena, causa um esvaziamento ou esfriamento da

afetividade. Temos então o sexo e o amor como produtos ou o sexo e o amor descartáveis.

O primeiro capítulo traz, assim, esse mapeamento teórico. O título “Do ‘Homem de Verdade’ ao Homem da atualidade” delinea um panorama comportamental evolutivo, evidenciando as transformações ocorridas a partir de conquistas sociais importantes, como direitos das mulheres e das comunidades LGBT. A relação dos homens com essas conquistas evidencia mudanças consideráveis no que concerne a sua atuação. Desse modo, partiu-se da leitura de trabalhos importantes no campo das masculinidades, como os de Raewyn Connell e James Messerschmidt. Como resultado, o primeiro subcapítulo explora aspectos conceituais importantes, como a androgenia e a dominação masculina, constituídas a partir da noção de masculinidade hegemônica. Michael Kimmel também é trazido à medida que apresenta as várias masculinidades, ou seja, um contraponto à noção de masculinidade hegemônica.

O segundo subcapítulo reflete sobre a denominada “crise do macho”. Jean Jacques-Courtine, Daniel Welzer-Lang, Fátima Cecchetto e Miriam Goldenberg, apresentam os quadros de uma possível crise da masculinidade em razão das lutas feministas e das minorias. Com isso, procurou-se não se prender à noção de que efetivamente haja uma classificada “crise” da masculinidade, mas sim demonstrar que a chamada “perda de privilégios” significa conquistas importantes, inclusive para homens que também eram marginalizados em razão de não pautarem seus perfis pelo modelo hegemônico de masculinidade.

O terceiro subcapítulo discute sobre uma possível interação entre estudos feministas e estudos masculinos, no sentido de desfazer eventuais equívocos interpretativos sobre os objetos desse campo. Christine Bard e Rosely Gomes Costa desenvolvem importantes reflexões nesse sentido. Gomes Costa propõe ainda a análise relacional entre homens e mulheres.

O quarto e último subcapítulo evidencia as desconstruções masculinas e a abertura dos homens à sensibilidade afetiva. Os estudos de Fátima Cecchetto, Sócrates Nolasco e Mara Barasch demonstram os artificialismos da noção do “homem de verdade”, geralmente entendido como um homem que soma determinadas características como violência, frieza, insensibilidade, brutalidade e grosseria, como atributos de uma possível afirmação masculina. Desse modo, resumidamente, o primeiro capítulo procura desmistificar essa visão essencialista e

cristalizadora que recai sobre os homens que não compactuam com a visão de masculinidade hegemônica ou daqueles que não endossam a “dominação masculina”.

No segundo capítulo observamos a relação entre os homens e o amor. O primeiro subcapítulo dessa divisão apresenta um quadro evolutivo do amor, passando brevemente pelos mitos do amor na Antiguidade Clássica até as visões filosóficas de Schopenhauer e Nietzsche sobre a matéria. Michel Foucault é examinado à medida que ele fornece uma análise importante sobre a constituição dos casamentos no período clássico e como tal instituição vinculava-se ou não ao amor. No segundo subcapítulo, os estudos do sociólogo Anthony Giddens são trazidos para embasar o modo como o denominado “amor romântico” do século XIX contribuiu para a criação da intimidade entre as mulheres, bem como historicamente os homens pautaram seus comportamentos a partir da divisão entre lar e mundo do trabalho. Neste subcapítulo, uma análise de Mary Del Priore, sobre o contexto brasileiro das relações amorosas e das instituições, também é pontuada.

O terceiro subcapítulo estabelece um diálogo teórico entre Laura Kipnis, Giddens e Pascal Bruckner investigando as ligações do amor entre o casamento e o adultério, bem como se constituem a partir do evento da revolução sexual da década de 1960, na França, que marcou o mundo ocidental, influenciando, conseqüentemente, o Brasil. O último subcapítulo investiga a atual conjuntura da relação amorosa na sociedade de consumo. Bauman e Bruckner emergem como os principais nomes, à medida que definem como as relações se verificam na atualidade, ou seja, em contratos estabelecidos temporariamente, colocando em xeque a noção tradicional de “amor eterno”.

O terceiro e último capítulo analisa contos brasileiros a partir do ano de 1967 até 2009. Autores como Luiz Vilela, Sérgio Sant’Anna, Rubem Fonseca, Marçal Aquino, Moacyr Scliar, André Sant’Anna e Milton Hatoum foram selecionados em razão de alguns contos produzidos trazerem reflexões relevantes, tratando da relação masculina heterossexual e o tema amoroso. O foco do trabalho se debruça sobre a pesquisa no campo do amor heterossexual, considerando que também há a perspectiva homossexual nos estudos masculinos, mas que deixaremos para as futuras pesquisas e contribuições nesse sentido.

Outros subtemas que se vinculam à temática amorosa são abordados como, por exemplo, a crise do casamento em Luiz Vilela; a questão das sexualidades e

identidades e velhice em Sérgio Sant'Anna; a afetividade masculina em Rubem Fonseca; o amor confluyente e sensibilidade em Marçal Aquino; a insegurança e a (in)experiência masculina em Moacyr Scliar e André Sant'Anna; e, finalmente, a descoberta do amor na adolescência em Milton Hatoum.

Assim, os contos brasileiros contemporâneos apresentam esse homem que ainda pauta aspectos da sua identidade por meio da relação amorosa, criando sentidos de masculinidade a partir dessa interação com o universo feminino. Para essa nova mulher, surgida a partir das conquistas do feminismo, molda-se também o caráter masculino e, nesse sentido, a ficção demonstra como esse homem foi, e ainda é, afetado por tais transformações.

## 1 DO “HOMEM DE VERDADE” AO HOMEM DA ATUALIDADE

### 1.1 A HEGEMONIA MASCULINA: ANDROCENTRISMO E DOMINAÇÃO

Por muito tempo, os homens estiveram no centro das questões sociais de suma importância e, de certo modo, ainda continuam à frente das principais decisões que dizem respeito aos destinos da sociedade. Contudo, é preciso reconhecer que fatores recentes, como as conquistas femininas e as lutas por reconhecimento das comunidades LGBTs, colocaram em questão essas posições antes exclusivamente ocupadas por homens heterossexuais. Atualmente, essas importantes conquistas provocaram questionamentos sobre o papel dos homens na sociedade atual, no sentido de compreender a identidade masculina, os significados de ser homem e como os homens poderiam agir diante dessas mudanças significativas.

Desse modo, os estudos masculinos surgiram como um campo que procura responder a essas questões. Estudiosos de áreas como a sociologia e a psicologia investem em pesquisas na área de gêneros à procura por essas respostas. Um deles, Pierre Bourdieu, em sua famosa obra *A dominação masculina* (2012), elabora uma análise sobre essa dominação, isto é, construindo-a a partir da visão de opressão do homem sobre a mulher.

Essa visão da identidade masculina, considerada pelo senso comum como um gênero estático e inquestionável, para muitos, ainda possui um significado de mais alta relevância. Por outro lado, é preciso reconhecer que essa visão do homem, que o psicólogo brasileiro Sócrates Nolasco (1997) denomina como “homem de verdade”, está cada vez mais enfraquecida em razão das recentes transformações de nossa sociedade. Nesse sentido, para muitos, esse “homem de verdade” já não possui mais a mesma força do passado, perdendo, portanto, sua centralidade e importância.

Esse capítulo tenta, desse modo, mapear algumas teorias que tratam de uma análise mais aprofundada dessa visão unívoca do homem, no sentido de demonstrar como a idealização deste “homem” se configurava nas sociedades que sustentavam esse modelo de masculinidade, bem como, de certo modo, também o que ele

significa na atualidade. Além disso, procuraremos compreender como esse homem passou a conter em seu bojo outros possíveis significados para o ser ou sentir-se “homem”.

Em “Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de gênero” (2004), Daniel Welzer-Lang abre uma possibilidade de análise dos estudos masculinos a partir de uma perspectiva diferente daquela trazida por Pierre Bourdieu em *A dominação masculina*. Welzer-Lang entende que os estudos sobre as masculinidades precisam estar contextualizados numa problemática de gênero, diferente da perspectiva histórico-crítica de seu predecessor. Tal perspectiva refletia problemas epistemológicos, tal como o reducionismo das pesquisas masculinas exclusivamente em torno da crítica feminista. Isso não quer dizer que não se possam analisar os problemas inerentes às masculinidades em consonância aos estudos feministas, mas sim que aquilo que implica as atribuições do universo propriamente masculino era relegado a um segundo plano.

No trabalho de Bourdieu privilegiou-se a abordagem inerente aos estudos feministas, configurando uma visão excessivamente pessimista do universo masculino, em que o homem era examinado exclusivamente como dominador ou opressor. Dessa maneira, abordar a masculinidade em seu aspecto central demonstrou-se, nesse sentido, uma necessidade epistemológica de primeira ordem. Assim, emergiu, na França e nos Estados Unidos, a abordagem dos estudos masculinos em duas vertentes que procuravam depreender, de um lado, a heterossexualidade e, do outro, a homossexualidade dos homens.

Um dos problemas iniciais verificados por Welzer-Lang diz respeito ao conceito de “androcentrismo”. O conceito envolve uma ampla gama de costumes relacionados às sociedades patriarcais, estando os homens à frente de tudo. Por outro lado, especificamente o texto de Welzer-Lang trata do assunto direcionando sua análise ao costume tradicional dos homens em manterem seus segredos sobre sua própria sexualidade ou sobre a forma como exercem a dominação sobre as mulheres. Parafraseando Nicole-Claude Mathieu e Maurice Godelier (apud WELZER-LANG, 2004, p. 111), o autor esboça um relato sobre os homens de Papua-Nova Guiné, em que eles possuíam conhecimentos e informações que não poderiam ser compartilhados às mulheres. Maurice Godelier afirma que as mulheres deixavam-se dominar pelo consentimento. Já Nicole-Claude Mathieu se opunha ao argumento, afirmando que as mulheres não tinham acesso às mesmas informações

e segredos que os homens dispunham. Por essa razão, não se poderia falar em “consentimento”.

A ação de guardar segredos, de certo modo, pode simbolicamente aludir ao fato de a maioria dos homens não falar ou comentar sobre sua própria sexualidade. O silêncio sobre esse tema revela-se, portanto, como o “calcanhar de Aquiles” para a maioria dos homens. Como proposta para superar tais dificuldades em levar adiante as pesquisas sobre as masculinidades, Welzer-Lang propõe dois pontos a seguir:

1. Que os homens parem de pensar em si mesmos como os únicos no mundo, que eles aceitem considerar as mulheres e o que elas vivem e escrevem como um dos componentes do social, e não como uma especificidade do geral, do normal que supostamente só eles representariam. A literatura feminista é hoje acessível a todos e a todas. Quantos sociólogos lêem e absorvem o sentido desses textos?
2. Que os pesquisadores deixem para trás o tradicional hábito masculino de não falar de si, de não querer “trair” os segredos que eles partilham, enfim, que os pesquisadores comecem a se interessar pelo seu gênero. Gênero masculino que, como mostraram muitas sociólogas e historiadoras, não constitui sem dúvida a totalidade do mundo, embora represente um dos componentes das relações sociais de sexo. E nos poucos escritos contemporâneos da parte dos homens, muitas vezes precursores da análise crítica dos gêneros, encontra-se uma grande quantidade de textos que evocam o sentimento de “traição” dos pares (WELZER-LANG, 2004, p. 112).

A proposta de estudos masculinos, preconizada por Welzer-Lang, transcende a mera perspectiva de análise das relações sociais com as mulheres por meio do androcentrismo. De fato, o androcentrismo caracteriza-se pela tentativa de excluir as mulheres do processo de análise histórica ou social. Essa abordagem, por exemplo, foi marca da antropologia à medida que este campo de estudo se debruçava sobre o “homem”, visto sob uma perspectiva universal. Por outro lado, corroborando o autor, depreende-se que: “Os homens só existem como categoria, grupo (ou classe) em relação estrutural com as mulheres” (WELZER-LANG, 2004, p. 113). Assim, Welzer-Lang aponta para a necessidade de compreender como os homens se constroem a partir dessa relação, sem exclusão das mulheres, bem como definem suas práticas distinguindo-se delas.

Um dos nomes mais importantes para os estudos masculinos da atualidade é o da socióloga australiana e transexual Raewyn Connell, anteriormente conhecida como Robert W. Connell. Connell parte do conceito de masculinidade hegemônica analisando como tal postulada influenciou o pensamento sobre homens, gêneros e

hierarquia social (2013, p. 241). Em *Masculinities* (2005), lançado pela primeira vez em 1995, Connell assim define o conceito de masculinidade hegemônica:

*The concept of 'hegemony', deriving from Antonio Gramsci's analysis of class relations, refers to the cultural dynamic by which a group claims and sustains a leading position in social life. [...] Hegemonic masculinity can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guaranteed (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women<sup>1</sup> (CONNELL, 2005, p. 77).*

O conceito de masculinidade hegemônica apareceu primeiramente em relatórios de estudos sobre desigualdade social em escolas australianas. Em parceria com James Messerschmidt, Connell analisa a construção do gênero considerando as múltiplas hierarquias de gênero e de classe. Os estudos foram sistematizados no artigo intitulado “*Towards a New Sociology of Masculinity*” que: “criticou extensivamente a literatura sobre o ‘papel sexual masculino’ e propôs um modelo de masculinidades em múltiplas relações de poder” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 242). A partir disso, os estudos foram integrados à abordagem de gêneros sociológica.

Connell e Messerschmidt (2013, p. 243) entendem que as fontes básicas das pesquisas iniciais sobre as masculinidades pautaram-se nas teorias feministas do patriarcado e em como se delineava o papel dos homens na transformação do modelo patriarcal. Essas pesquisas contaram também com o apoio dos homens da nova esquerda junto ao feminismo. O termo “hegemonia”, retirado de Gramsci, na sua origem era aplicado restritamente às relações de classes. Tal noção foi transferida para a análise das relações de gênero. Por conseguinte, a literatura que trata do “papel sexual do homem”, aplicada na sociologia ou na psicologia, reconheceu a possibilidade de transformação da conduta masculina. Ao longo da década de 1970 houve uma reação considerável e crítica ao papel masculino como comportamento opressivo. Essa crítica ao papel do homem como opressor forneceu base para o primeiro movimento antissexista.

---

<sup>1</sup> Tradução minha: O conceito de ‘hegemonia’, derivada da análise de relações de classe de Antonio Gramsci, refere-se à dinâmica cultural pela qual um grupo reivindica e sustenta uma posição de liderança na vida social. [...] Masculinidade hegemônica pode ser definida como a configuração da prática de gênero que incorpora a resposta atualmente aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou é levado a garantir) a posição de dominação dos homens e de subordinação das mulheres.

Desse modo, os questionamentos sobre as relações entre papéis masculinos e instâncias de poder, que deveriam fazer parte do arcabouço investigativo, passaram a inquietar os estudiosos. Entretanto, ao analisar como a diferença e o poder auxiliaram no entendimento da liberação gay, ou seja, da opressão do homem pelo homem, isso evidenciou que havia certa hierarquia no interior das masculinidades. A partir do conceito de homofobia, originado na década de 1970, esse conceito passou a integrar as características do modelo masculino convencional. Por exemplo, os homens heterossexuais, que se identificavam com um determinado modelo padrão de masculinidade, se constituíam a partir da homofobia, isto é, da negação da masculinidade de outros homens.

Connell e Messerschmidt pontuam que pesquisadores, em estudos de campo em escolas, locais de trabalho dominados por homens, bem como em outros âmbitos igualmente dominados por homens, confirmaram que a pluralidade de masculinidades era mais comum do que se pensava. Tais estudos desvelaram ainda que a luta ativa pela dominância era o que caracterizava fortemente o conceito de hegemonia. A psicanálise também contribuiu para uma compreensão maior inerente à complexidade da constituição das masculinidades. Essa área mapeou o desenvolvimento da personalidade adulta como um “sistema sob tensão, com contracorrentes reprimidas” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 244). Outros autores, influenciados pela psicanálise, passaram a analisar as contradições dentro das masculinidades mais convencionais.

Nos anos 1980, as pesquisas na área de Sociologia sobre a constituição do poder colocaram em evidência a centralidade dos grupos dominantes. Nesse sentido, a hegemonia de determinados grupos tornaram-se flagrantes e os homens, nessa questão, exerciam um papel hegemônico considerável. De acordo com os autores, a masculinidade hegemônica encerrava consigo um determinado conjunto de práticas que possibilitaram a dominação dos homens sobre as mulheres (2013, p. 45). Esse tipo de masculinidade se constrói a partir de um caráter normativo daquilo que significa ser homem para determinado grupo privilegiado, em detrimento de outros grupos. Essas outras formas de masculinidade passaram a ser classificadas dentro dos estudos masculinos como “masculinidades subordinadas”.

Ideologicamente a masculinidade hegemônica preconiza a subordinação global das mulheres aos homens, exercida não necessariamente pelo viés da violência, mas contando com o apoio da cultura e das instituições, assim como

também com o apoio da complacência de mulheres heterossexuais. Entretanto, essa noção não se configura como cristalizada, mas sofreu diversas modificações ao longo do tempo, o que evidencia sua abertura às mudanças históricas.

A partir da década de 1990, os estudos das masculinidades se consolidaram como estudos acadêmicos entrando nas principais agendas das ciências sociais e humanidades. Esse estudo também foi importante, por exemplo, nas áreas pedagógicas para compreender os problemas da sala de aula e do *bullying* entre meninos, bem como entender estratégias de identidades de gênero.

Outra associação que os autores apresentam refere-se à área criminológica. Com efeito, os estudos constataram que os homens, no que tange à perspectiva hegemônica de masculinidade, são os que cometem os crimes mais sérios e convencionais. Possivelmente esse dado se explique pela relação muito próxima que há entre o ideal de masculinidade hegemônica e a violência.

O conceito também foi aplicado para analisar as representações masculinas veiculadas pelas mídias. Esses meios, muitas vezes, contribuíram – e ainda contribuem – para o imaginário do homem como praticante de esportes de contato em que o confronto é projetado como uma espécie de campo de batalha. A popularização da violência, somada à homofobia, emergiu como resultado dessas representações que consistiam em selecionar as imagens masculinas mais desejáveis ao *status quo* referente ao momento da sua inserção.

Consequentemente, a análise conceitual da masculinidade hegemônica foi aplicada em diversos outros campos como o direito, a geografia, a psicologia, a medicina, etc. Esses estudos colocavam em dúvida os padrões estabelecidos pela perspectiva hegemônica. Com isso, outras formas e expressões de masculinidade, somadas às transformações conceituais e estruturais relativas à masculinidade hegemônica, corroboraram para a substituição dos papéis sexuais preestabelecidos.

Constatou-se que a ostentação de masculinidade, própria da noção hegemônica, foi extremamente danosa em muitos aspectos para muitos homens. Os mecanismos que compõem a masculinidade hegemônica expõem o sujeito em face dos riscos como uma forma de colocar à prova sua masculinidade. Um exemplo disso ocorre nos esportes com o atleta que, ao competir lesionado, procura ostentar uma superação dos seus limites físicos e, conseqüentemente, demonstrar ou provar a masculinidade. Por outro lado, tal atitude equivale a expor ao risco a própria saúde, tanto física quanto psicológica.

Connell e Messerschmidt (2013) também apontam para mudanças concernentes às noções de masculinidades hegemônicas em cada país. Países como o México, Chile, Japão, Irlanda e África do Sul são mencionados como portadores de determinados modos de ser homem que sofreram transformações significativas em face da modernização do mundo. Os padrões de masculinidade hegemônica são transversalizados por divisões sociais e por problemas econômicos que muitas vezes tornam suas práticas impossíveis ou inalcançáveis. Por isso, os autores afirmam que esses padrões “são constantemente renegociados na vida cotidiana” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 248).

No entanto, alguns estudiosos se levantaram contra a utilização do conceito sobre masculinidade hegemônica, justificando-o sob os mais diferentes argumentos. Connell e Messerschmidt citam alguns autores como Collinson e Hearn que veem o conceito de masculinidade como algo “turvo ou incerto” e que “tende a não enfatizar as questões de poder e dominação” (COLLINSON; HEARN, 1994 apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 249). Para outros como Petersen, Collier e Macinnes, o conceito é “falho porque ele essencializa o caráter dos homens ou impõe uma unidade falsa a uma realidade fluida e contraditória” (apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 249).

Nesse viés, as pesquisas em torno das masculinidades, considerando a perspectiva da hegemonia, seriam “falhas” por não adotarem uma perspectiva pós-estrutural, como, por exemplo, a abordagem das identidades. O conceito é criticado em razão da sua associação, por parte desses autores, à heteronormatividade de gênero pautada nas diferenças sexuais entre macho e fêmea. O termo foi, ainda, considerado como um elemento promotor da dicotomia entre sexo (biológico) e gênero (cultural).

Connell e Messerschmidt entendem que essa preocupação, ao contrário do que afirmam os autores analisados anteriormente, pode ser relativizada, pois: “Nenhuma mente responsável pode negar que, em grande parte da literatura preocupada com a masculinidade, há uma grande quantidade de confusão conceitual, assim como uma grande quantidade de essencialização” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250). O que Connell e Messerschmidt pretendem evidenciar corresponde à ideia de que o uso do termo relativo à masculinidade pode ser utilizado sem necessariamente recair num essencialismo ou numa heteronormatividade.

A exploração das masculinidades como campo de estudo se dá em razão das múltiplas manifestações masculinas na sociedade contemporânea:

A noção de que o conceito de masculinidade essencializa ou homogeneiza é um tanto quanto difícil de reconciliar com a tremenda multiplicidade das construções sociais que etnógrafos e historiadores têm documentado com o auxílio desse conceito (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250).

Os autores demonstram a maneira como a realidade social, inerente ao nosso tempo, coloca em xeque a própria noção de uma possível masculinidade essencial, logo vista como verdadeira, considerando que a própria conjuntura da sociedade atual o nega em sua prática. Com efeito, não faz sentido resistir ao uso do termo masculinidade sob a justificativa de recair num essencialismo, visto que atualmente as práticas masculinas não comportam mais a perspectiva hegemônica: “As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250).

As masculinidades, portanto, apresentam-se de modo relacional e transversalizadas por divisões internas e propostas muitas vezes conflitantes. As pesquisas de Warren, por exemplo, realizadas em escolas primárias inglesas, desvelam como os meninos, na maioria dos casos, não se encaixam nas categorias convencionais, além disso, mostram rejeições a esse padrão (WARREN, 1997 apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250-251).

Connell e Messerschmidt desenvolvem os conceitos de ambiguidade e sobreposição. Para eles, o conceito de ambiguidade pode ser aplicado a partir da impossibilidade em determinar um modelo fixo ou trans-histórico de masculinidade hegemônica. Apontar para quem seria possivelmente um modelo de masculinidade hegemônica a ser seguido configura uma tarefa cujos resultados são efetivamente inalcançáveis devido às suas nuances variáveis. A chave para o entendimento do conceito de masculinidade hegemônica desenvolvida ao longo da história está, contudo, na percepção de que essa noção possui força no ideal que ela representa para alguns.

Os autores apontam ainda para o fato de que o conceito encontra respaldo em processos sociais que legitimam essas práticas: “há uma circulação de modelos de conduta masculina admirável, que são exaltados pelas igrejas, narrados pela mídia e celebrados pelo Estado” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 252).

Desse modo, por mais inalcançável que tal padrão de masculinidade seja, em princípio, ele continua sendo alimentado por diversas instituições. É preciso considerar ainda que, embora o conceito de masculinidade hegemônica seja uma idealização, ainda é representativo em diversas camadas sociais: “Tais modelos se referem [...] às realidades cotidianas da prática social” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 252).

As masculinidades hegemônicas são construídas e constituídas mesmo que “não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muitos difundidos” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253). Dessa maneira, esses modelos configuram-se socialmente como modelos prontos a serem seguidos e não correspondem de forma alguma à realidade, mas sim a um ideal. Esse ideal, por sua vez, contribui de modo negativo para a hegemonia na ordem de gênero.

Já o conceito de sobreposição de gêneros, de acordo com a análise produzida, é identificado sempre que há uma determinada forma de hegemonia. Nesse caso, os discursos que circulam socialmente corroboram com a promoção e conseqüentemente com o prestígio gozado por determinado gênero. É óbvio que durante muito tempo o gênero masculino gozou desse prestígio contando com a cumplicidade mesmo daqueles que não se identificavam com o gênero em questão: “Um grau de sobreposição e indefinição entre as masculinidades hegemônicas e cúmplices é extremamente provável se a hegemonia é efetiva” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253). Conseqüentemente, os estudos indicam ainda como a escola, assim como os meios de comunicação de massa, ajudam na promoção desses padrões, sempre naturalizando um modelo socialmente prestigiado.

Os autores depreendem, desse modo, que o conceito de masculinidade hegemônica não seja tomado como universalizante. A ideia, todavia, ajuda a entender a dinâmica dos processos que envolvem as relações de gênero. Não que este deva também ser tomado dentro de uma noção em que tal modelo seja privilegiado, mas sim como um instrumento auxiliar na depreensão das masculinidades atuais: “O conceito de masculinidade hegemônica não busca abarcar tudo e muito menos ser uma causa primeira; é uma forma de entender certa dinâmica no seio de um processo social” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 256).

O modelo de masculinidade hegemônica para outros críticos, como os da chamada psicologia discursiva, serve como forma de se posicionar. De acordo com Connell e Messerschmidt:

A masculinidade hegemônica tem múltiplos significados – um ponto que alguns autores têm afirmado como uma crítica, mas que Wetherell e Edley tomam como um ponto de partida positivo. Os homens podem se esquivar dentre múltiplos significados de acordo com suas necessidades interacionais. Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Consequentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas (2013, p. 257).

Percebe-se que a masculinidade hegemônica é demonstrada como produto de uma posição discursiva adotada pelo sujeito, à medida que este ora se identifica com tal modelo, ora não. Desse modo, a masculinidade hegemônica não deveria enxergar apenas um sujeito unitário, como o da psicanálise, mas como ele se apresenta multifacetado e dividido, tal como na psicologia profunda. O modo mais adequado de abordar o comportamento masculino seria o de investigar, por exemplo, como os homens se relacionam diante das várias possibilidades de masculinidades.

Em face dessas questões, os autores ainda criticam a visão pessimista que afirma que o conceito de masculinidade hegemônica promove um apagamento do sujeito: “O conceito realmente apaga o sujeito? [...] O conceito de masculinidade hegemônica embute uma visão histórica dinâmica do gênero na qual é impossível apagar o sujeito” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 259). O conceito apresenta-se homogêneo somente no momento em que é tomado em uma dimensão única, totalizante e universalizante, mas não quando é tomado como uma referência para os estudos relacionais de gênero. Nesse sentido, ele tem uma função a partir da história e da sociedade.

As teorias sociais de gênero apresentam um caminho que é comum seguir, tal como a proposta funcionalista. Pela perspectiva funcional, a hegemonia seria vista como autorreprodutora e a masculinidade depreendida como dominação em relação ao outro, ou seja, ao feminino. Tal foi a proposta de Pierre Bourdieu em *A dominação masculina*. No entanto, Connell e Messerschmidt propõem outra maneira de enxergar o problema. De acordo com eles, a dominação masculina e a subordinação feminina não podem ser compreendidas como um sistema

autorreprodutor, mas que constitui sim um processo histórico (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 260).

Os mecanismos que contribuem para a manutenção da masculinidade hegemônica variam desde o policiamento do comportamento dos homens, bem como a exclusão e descrédito das mulheres, mas que de modo algum seriam autorreprodutores. Assassinatos homofóbicos, bem como exclusão de meninos por apresentarem traços efeminados fazem parte desse policiamento. Esses dados por si mesmos comprovariam que a masculinidade hegemônica não é autorreprodutora, exatamente em razão do esforço considerável em torno desse procedimento de exclusão.

Outros teóricos, como Demetriou (2001), problematizam a masculinidade hegemônica numa bifurcação, isto é, entendida a partir de um mecanismo interno e externo. A hegemonia externa configuraria a institucionalização da dominação masculina sobre as mulheres, enquanto a interna concerne à ascendência de uma elite masculina que se sobrepõe a todos os outros homens configurados dentro das masculinidades subalternas. As masculinidades subalternas, desse modo, são compreendidas como não tendo qualquer influência ou impacto dentro do espectro hegemônico. As masculinidades, entendidas nessa perspectiva, apresentam-se de maneira dual, representadas numa dicotomização entre hegemonia e subalternidade.

A hegemonia interna, por outro lado, constitui-se pela apropriação, por parte da masculinidade hegemônica, de elementos presentes nas masculinidades subalternas para a continuidade da sua dominação. Sobre isso, Demetriou classificou como “pragmatismo dialético”. Desse modo, a masculinidade hegemônica demonstra-se não como um padrão unitário, mas “um “bloco histórico” envolvendo uma rede de padrões múltiplos, dos quais o hibridismo é a melhor estratégia possível para a hegemonia externa.” (2013, p. 261). A hegemonia se transfigura constantemente, numa contínua “negociação, tradução e reconfiguração” (2013, p. 261).

Um dos apontamentos levantados por Demetriou, e corroborado pelos autores, concerne a essa apropriação e hibridização praticada pela visão hegemônica. Um exemplo seria a maneira como os homens heterossexuais reagem ao crescimento do reconhecimento dos *gays* nas sociedades ocidentais. Eles se apropriam de estilos *gays*, configurando uma hibridização e, com isso,

reestabelecendo o sentido de masculinidade heterossexual. Para Connell e Messerschmidt, essa perspectiva dialética de Demetriou é útil, porém tal argumento não convence se tal hibridização ocorre efetivamente no sentido de promover a perspectiva hegemônica: “Ainda não estamos convencidos de que a hibridização que Demetriou descreve seja hegemônica” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 261).

Os autores sugerem que a pluralidade e a hierarquia entre as masculinidades ainda é a característica fundamental do conceito. A investigação acerca dessas diferenças entre masculinidades permanece como um ponto fulcral no sentido de descrever como ocorrem essas distinções no interior de cada caso. Os padrões múltiplos de masculinidades apresentam variações de acordo com a cultura, a idade, o país, em diferentes contextos institucionais. O padrão hegemônico também precisa ser entendido não necessariamente como um modelo baseado na força, mas sim baseado na centralidade discursiva, no consenso cultural e na marginalização e na deslegitimação das masculinidades alternativas. Embora o fato corrobore com a ideia de que nem todos compartilhem da perspectiva hegemônica, é preciso reconhecer que há um tipo de masculinidade que é privilegiado em algum momento social e histórico.

Por outro lado, há outros argumentos apontados pelos autores que não se sustentam. A análise baseada, por exemplo, dentro da perspectiva de dominação global e dominação masculina é um desses pontos. Esse exame apresentou-se útil durante os estudos iniciais, mas, de acordo com Connell e Messerschmidt, é completamente inadequado dentro da atual conjuntura dos estudos masculinos. Inadequado em vista de que essencializa o conceito de masculinidade pautando-se apenas no aspecto do homem enquanto opressor: “Não apenas o conceito essencialista de masculinidade, mas também, em geral, a abordagem dos traços para compreender o gênero necessitam ser completamente transcendidos” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 264).

Os autores apresentam sugestões em direção a quatro pontos principais: hierarquia de gênero, a geografia das configurações de masculinidades, o peso social no processo de “incorporação” da masculinidade e a dinâmica das masculinidades. No primeiro ponto, as hierarquias estruturadas em torno da masculinidade é algo que está presente em todos os contextos locais. Desse modo, o padrão hegemônico emerge sempre e muitas vezes se mantém absorvendo

aspectos de masculinidades alternativas, conforme aponta Demetriou (2001) pelo seu conceito de pragmatismo dialético. Essa abordagem possibilita perceber a maneira como determinadas masculinidades são ofuscadas e marginalizadas pelo *status quo*, sobrevivendo, na ampla maioria dos casos, de modo estigmatizadas. Dessa maneira, a incorporação e a opressão ocorrem juntas. Em muitos casos, contam ainda com a participação das mulheres pela manutenção de um modelo de feminilidade. Portanto, examinar essa relação entre feminilidade e masculinidade, como uma ação histórica e recíproca, demonstra-se uma tarefa fundamental.

O segundo ponto a ser reformulado concerne à geografia das masculinidades. Os autores sugerem três níveis de análise: o local, o regional e o global. Esses níveis devem ser avaliados sem cair na noção de dependência cultural. Cada um desses níveis se relaciona ora absorvendo ora sobrepondo modelos uns sobre os outros. Já o terceiro ponto levantado pelos autores considera a “incorporação” social como uma análise dos corpos. Isso se refere ao modo como os homens assumem a identidade masculina ou mesmo quando a contestam a partir da relação e constituição física de seus próprios corpos. Um exemplo de contestação são as práticas trans. A transsexualidade, por exemplo, evidencia a mudança de um ser para outro pela transformação do corpo. Essa mudança não é necessariamente ou inerentemente “contra-hegemônica”, conforme apontam os autores (2013, p. 270). O importante aqui é depreender como os corpos participam e traduzem a maneira como a sociedade lida com as questões de gênero.

O último ponto trata da dinâmica das masculinidades. As relações internas dessa dinâmica envolvem conflitos e lutas entre sujeitos que não compactuam com a perspectiva hegemônica, bem como aqueles que pretendem mantê-la a todo custo. Por outro lado, o conceito de hegemonia é útil, não no sentido fixo e cristalizado, associado à dominação, violência ou poder, mas sim no sentido de investigar as hierarquias que compõem as masculinidades. Examinar e descrever as imbricações e resistências entre as masculinidades, portanto, revela-se importante para os estudos masculinos.

Outro pesquisador importante do campo das masculinidades é Michael Kimmel. Em seu trabalho intitulado “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”, inspirado nas ideias de André Gunder Frank, Kimmel levanta o argumento relativo ao desenvolvimento econômico dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos. De acordo com ele (1998, p. 104), André Gunder

Frank contraria a tese que afirma que o subdesenvolvimento é apenas um estágio para o alcance do desenvolvimento. Para Kimmel, a criação da metrópole foi simultânea à criação da periferia. Nesse caso, o desenvolvimento de alguns implicaria o subdesenvolvimento de outros.

Consequentemente, esse paradigma de análise pode ser transplantado para a compreensão dos estudos de gênero. De fato, enquanto o ideal de masculinidade hegemônica foi criado, paralelamente a isso também foram criados os “outros”, isto é, outras formas ou manifestações masculinas. Tais manifestações de masculinidades distintas daquele ideal hegemônico sofreram ao longo da história desprezo e desvalorização por parte dos defensores do ideal hegemônico: “o hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros” (KIMMEL, 1998, p. 105).

Kimmel sugere ainda as variações de masculinidades. De acordo com ele (1998, p. 105), as masculinidades: variam de cultura para cultura; variam de acordo com o tempo; variam de acordo com as identidades culturais; e variam no decorrer da vida pessoal de cada homem. Também considera que a construção das masculinidades está pautada nas relações sociais entre homens e mulheres, possibilitando o surgimento do sexismo, bem como na relação de homens com outros homens, oportunizando o surgimento da homofobia.

O autor aponta ainda sobre o problema das masculinidades em relações de poder. Nessa relação, o silêncio sobre alguns pontos é determinante, por exemplo, para que os homens brancos não pensem sobre questões de raça, ou ainda, para que os homens ignorem as noções de gênero. Com efeito, a discussão sobre o assunto fica ofuscada em determinadas instâncias. Kimmel problematiza do seguinte modo:

Explorar as relações entre as definições hegemônica e subalterna de masculinidade, requer, então, que nós partamos destas pressuposições. Especificamente no caso norte-americano, por exemplo, entendemos que, em meio a qualquer sociedade, em qualquer momento, há múltiplos sentidos de o que ser homem significa. Para colocar isto de forma simples, nem todos os homens norte-americanos são iguais. Nossas experiências dependem da classe, raça, etnicidade, idade, região do país. Cada um desses eixos modifica os outros. Por exemplo, o que significa ser um homem mais velho, negro e gay em Cleveland provavelmente é muito diferente do que significa ser um jovem fazendeiro, branco e heterossexual em Iowa (KIMMEL, 1998, p. 106).

Esse dado evidencia a maneira como as masculinidades se constroem a partir das distinções arbitrárias e variáveis de acordo com a nacionalidade, região,

cultura, idade, raça, classe, etc. Além disso, essas variáveis também se verificam através dos períodos históricos, em que o significado de “ser homem” modifica-se conforme as transformações do tempo. Dessa maneira, Kimmel considera que não é possível:

falar de uma masculinidade universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar em masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos (KIMMEL, 1998, p. 106).

Por outro lado, Kimmel também pondera que há um modelo padronizado pelo qual os homens se utilizam para a constituição da própria masculinidade. Esse modelo, por exemplo, é como uma bússola sob a qual boa parte dos homens fatalmente ou acidentalmente se guia. Sobre isso, o sociólogo Erving Goffman (GOFFMAN, 1963 apud KIMMEL, 1998, p. 106-107) pontua:

Há apenas um homem completo e sem rubores na América do Norte: um jovem, casado, branco, urbano, do norte, heterossexual, protestante, pai, com educação superior, bem empregado, bem apessoado, de bom peso e boa estatura, e com algum recorde esportivo recente... Qualquer homem que não se qualifica em alguma dessas categorias provavelmente irá ter uma imagem de si mesmo – pelo menos durante alguns momentos – como sem valor, incompleto e inferior.

Esse modelo, embora possa ser criticado e classificado como não natural em virtude de sua artificialidade, é um modelo importante para aqueles que constituem sua identidade enquanto homens, na América do Norte ou mesmo em outros lugares. De fato, existe essa forte padronização associada à cultura, porém ainda assim é um modelo que serve como guia para muitos. Observa-se que Kimmel entende tal modelo como um padrão sustentado, por exemplo, pela maioria dos norte-americanos e pelo qual muitos homens pautam seu comportamento.

Contudo, é preciso argumentar que, mesmo que existam modelos pelos quais se privilegia um determinado modelo de masculinidade, tal padrão é apenas uma construção regional e histórica e, portanto, variável. Trata-se de um modelo de masculinidade hegemônica que também passou a ser exportado para outros países. Neste caso, o autor esboça também um quadro histórico e evolutivo das transformações do ideal hegemônico de masculinidade, perpassando por filósofos, sociólogos e estudiosos como Jean Jacques-Rousseau, Karl Marx, Max Weber, Freud e Tocqueville. Esses estudiosos analisavam os problemas relativos ao “homem”

sem, entretanto, considerar as especificidades do gênero, como se tal figuração fosse universal.

Kimmel (1998, p. 111) analisa as aproximações entre ideal hegemônico de masculinidade e mundo do trabalho. O artesão europeu, assim como o fazendeiro norte-americano do século XVIII, incorporavam atributos como força física e a defesa dos ideais republicanos. Da fusão desses dois modelos de masculinidade surgiu no século XIX o *Self-Made Man*, cujo modelo consistia numa afirmação de masculinidade demonstrada e provada no mercado.

Desse modo, os Estados Unidos passaram a exportar modelos de masculinidades para o ocidente. Tal modelo de masculinidade consistia num afastamento da família, dos filhos, em nome do mundo do trabalho e a aquisição de bens como comprovação do sucesso desse modelo. A instabilidade desse modelo exigia comprovações constantes para sociedade, uma vez que assim como o sujeito poderia “subir na vida”, poderia cair do mesmo modo e, neste caso, o fracasso seria atribuído a si mesmo. A toda prova dessa masculinidade surgiam novos questionamentos a seu respeito, levando, conseqüentemente, a uma nova prova. Esse dado demonstra que tal modelo é inatingível e, conforme Kimmel (1998, p. 111), “sem sentido”.

Durante suas pesquisas, Kimmel procurou ainda responder ao questionamento de como tal modelo de masculinidade tinha chegado a esse ponto, isto é, dentro desse padrão hegemônico. Para tanto, ele entende que esse modelo foi construído em três padrões. O primeiro consistindo em fazer com que o corpo fosse instrumento e uma expressão de dominação, por meio dos esportes, por exemplo. No segundo, a masculinidade seria demonstrada nas florestas, nos mares, contra a natureza, longe dos efeitos “femininos” da civilização. Finalmente, o terceiro padrão consistia em desvalorizar outras formas de masculinidade, colocando o hegemônico em oposição ao subalterno.

Assim, o modelo do *Self-Made Man* precisaria derrubar outras expressões anteriores de masculinidade: a do Patriarca Gentil e do Artesão Heroico. Kimmel define esses modelos do seguinte modo:

No Final do século XVIII, dois modelos de masculinidade coexistiam nos Estados Unidos. [...]. O primeiro destes modelos é que chamo de Patriarca Gentil, aquele que derivou sua identidade da posse da terra. Ao supervisionar suas propriedades rurais, ele era refinado, cordial, elegante e dado a uma certa sensualidade. Ele era um pai dotado e devotado, que passava muito tempo cuidando da sua família e cuidando

seus domínios. [...]. Em contraste, o Artesão heroico incorporava a força física e a virtude republicana do fazendeiro *yeoman*, o artesão urbano independente, o dono de pequeno negócio. Também um pai devoto, o Artesão Heroico ensinava ao seu filho a sua arte, elevando-o ao *status* de mestre através de uma iniciação ritual como aprendiz (KIMMEL, 1998, p. 110-111).

De acordo com o autor, o Patriarca Gentil passou a ser definido, da perspectiva do *Self-Made Man*, como “um pavão europeu afetado, uma ‘bichinha’ do século XIX”, pois:

“O verdadeiro homem americano era vigoroso, másculo e direto, não era afetado e corrupto como os europeus [...]. Ele era simples ao invés de ornamentado, buscava dificuldades e aventuras, ao invés do luxo, um homem comum, amante da liberdade ou um cavalheiro natural, ao invés do opressor aristocrata” (KIMMEL, 1998, p. 113).

Já o Artesão Heroico passou a ser entendido como: “o trabalhador comum, a mão-de-obra, uma peça da máquina. Foi-se a sua autonomia e o orgulho de habilidade manual; agora ele era dependente, indefeso e quase não era mais um homem” (KIMMEL, 1998, p, 113).

Desse modo, outras formas ou expressões de masculinidades sofreram o mesmo processo de rebaixamento. Os trabalhadores, assim como os negros escravizados, eram vistos como dependentes, indefesos e incapazes de defender as próprias mulheres ou sustentar suas famílias, escravos dos desejos carnis e da violência bestial. Com a imigração norte-americana, os irlandeses eram vistos como raça impura, não sendo plenamente britânicos e, por isso, incapazes de se enquadrar no padrão hegemônico de masculinidade, bem como os italianos, passionais demais, e os judeus, que eram considerados miúdos, almofadinhas (*sic*) e intelectualizados em excesso (KIMMEL, 1998, p. 114).

Os asiáticos também não escaparam a essa categorização, sendo considerados, assim como os judeus, miúdos e moles demais, sem pêlos (*sic*), para serem homens (1998, p. 115). Estes eram ainda retratados durante as propagandas racistas norte-americanas referentes às guerras contra a Coréia, o Japão e o Vietnã, como monstros selvagens, bárbaros torturadores e desumanos. Em última análise, atualmente os homens heterossexuais projetam esse ideal de masculinidade hegemônica tendo como referência negativa os homens e mulheres *gays*. A análise final de Kimmel (1998, p. 116), nesse sentido, corrobora com o que foi colocado ao longo do seu trabalho: “ao buscar conferir masculinidade a si mesmos, tornaram outras versões do que ser homem significa duvidosas e desprezíveis”.

## 1.2 A “CRISE DO MACHO”

Diante do exposto até o presente, é importante colocar que a necessidade dos estudos masculinos não se pauta por uma agenda de resgate de determinados paradigmas hegemônicos, como muitos poderiam eventualmente supor. Com as transformações sociais dos últimos anos, principalmente com as conquistas femininas, assim como a conquista por direitos pelas comunidades LGBTs, esses eventos supostamente provocaram o que muitos classificam ou entendem como “a crise do macho”. Por conseguinte, verificaremos em que consiste essa crise, como ela se configura e se realmente ela se justifica.

Jean Jacques Courtine analisa a crise da masculinidade prenunciada já em meados do século XX pelo historiador Arthur Schlesinger. Em sua introdução do terceiro tomo de *História da virilidade: a virilidade em crise?*, Courtine cita Schlesinger que trata dessa condição do homem do ocidente, representado, nesse caso, pelo homem americano:

O que foi que aconteceu exatamente com o macho americano? Durante muito tempo, ele pareceu absolutamente confiante na sua virilidade, seguro de seu papel de homem na sociedade, confortavelmente, e seguro de si na percepção da sua identidade sexual. Hoje em dia, os homens estão cada vez mais conscientes da virilidade não como um fato, mas como um problema. Os meios utilizados pelos americanos para afirmar a sua virilidade são incertos e obscuros. Na verdade, multiplicam-se os sinais que mostram que nada funciona na concepção que o macho americano faz de si mesmo (SCHLESINGER, 1962 apud COURTINE, 2013, p. 7).

Courtine observa, pela citação, o modo como os significados anteriormente estáveis se tornaram um fardo e um problema para os homens ocidentais. Ele também estabelece uma linha de raciocínio em que virilidade não significa o mesmo que masculinidade: “é por isso que aqui só pode se tratar de virilidade e não de masculinidade. [...] Que o ‘masculino’ tenha vindo a suplantado o ‘viril’ é bem o sinal de que, decididamente, há algo que mudou no império do macho” (COURTINE, 2013, p. 8-9). Courtine não aprofunda essa distinção entre os termos e permanece apenas no campo dos jogos das palavras. No entanto, por trás do jogo entre as palavras “virilidade” e “masculinidade”, ele descreve as possíveis causas que ocasionaram a suposta crise do homem:

Cada vez mais a virilidade se vê confrontada, no decorrer do século, com a contestação de seu mais antigo privilégio, com o despertar e os progressos da igualdade entre os sexos e com os avanços do feminismo. A obtenção pelas mulheres de novos direitos a partir dos anos de 1960 e 1970, o reajustamento dos papéis sexuais na esfera pública e privada, a reprovação e depois a condenação das formas de violência contra o outro sexo, tudo isso não ocorre sem atizar as angústias masculinas: inquietamo-nos com o enfraquecimento da autoridade paterna, tememos os efeitos de uma sociedade “sem pais” entregue à onipotência de mães dominadoras (COURTINE, 2013, p. 10).

Os papéis característicos que no passado definiam o comportamento de homens e mulheres, na atualidade, vêm sofrendo uma instabilidade em razão das demandas da sociedade moderna. Esse suposto desajuste, entretanto, poderia ser compreendido como uma necessidade de reajustamento e adaptação nas relações entre ambos os sexos.

Embora a análise dos estudiosos franceses, inclusive Jean-Jacques Courtine, siga a mesma linha essencialista inaugurada por Pierre Bourdieu, no sentido de evidenciar a existência de uma dominação masculina, ela traz importantes diagnósticos que ponteam o espectro de uma plausível crise da masculinidade. Por outro lado, é preciso demonstrar como se dá essa análise em que o homem é essencializado:

O privilégio masculino é também uma armadilha [...] que impõe a cada homem o dever de afirmar, em qualquer circunstância, a sua virilidade [...]. A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão para o combate e para o exercício da violência, é antes de tudo uma carga. Tudo concorre para fazer do ideal da impossível virilidade o princípio de uma imensa vulnerabilidade. (BOURDIEU, 1998 apud COURTINE, 2013, p. 11-12)

Nessa perspectiva analisada por Courtine, desvela-se a crítica a uma determinada forma de masculinidade em que o homem é concebido como dominador ou opressor. É sob esse paradigma que o autor descortina uma possível crise de masculinidade: “os homens de hoje pretendem carregar por muito tempo ainda esta carga milenar, ou vão desejar se livrar desse peso, com risco de renunciar às suas vantagens?” (COURTINE, 2013, p. 12). Essa crise, portanto, está associada ao homem compreendido como dominador ou opressor, ou seja, uma abordagem cuja perspectiva se constrói por paradigmas essencialistas.

Connell e Messerschmidt também ponderaram sobre uma possível crise da masculinidade. Para eles, a masculinidade hegemônica sofre um reposicionamento em seu significado idealizado, fixo e preestabelecido. Essa suposta “crise da

masculinidade”, deflagrada pelas mudanças mais recentes só possui sentido para quem se identifica com a perspectiva sexista do macho dominador.

Com o surgimento de novos tipos de personalidades, apontadas pelos autores, como o macho alfa, o rapaz *new age* sensível, o homem cabeludo, o novo homem, o “homem rato”, etc., essas mudanças acarretam uma transposição nos significados que até então aparentavam certa estabilidade: “Nesse ambiente, a masculinidade hegemônica pode se tornar o sinônimo [...] de um tipo de homem rígido, dominador, sexista e ‘macho’” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255). Desse modo, a visão dessa “crise” ocorre a partir de uma veia interpretativa que coloca em pauta as posturas próximas às masculinidades hegemônicas, que antes eram vistas positivamente, mas que atualmente sofrem críticas.

Daniel Welzer-Lang também procurou destacar aquilo que poderia se denominar como a “desconstrução do masculino”. Mudanças significativas nos padrões sociais do universo masculino vêm ocorrendo, ao mesmo tempo estabelecendo novos padrões e questionamentos uns sobre os outros. Os padrões comportamentais pautados no patriarcado e na tradição emergem constantemente perpetuando as transformações masculinas indefinidamente. A sexualidade é constantemente abordada com o intento de desafiar as convenções sociais. As transgressões ao padrão hegemônico de masculinidade, representadas pelos travestis, homossexuais e transexuais, despertam também a resistência a essas transgressões por parte de grupos mais reacionários.

É preciso considerar que, segundo Welzer-Lang, os homens, como um grupo homogêneo, estão longe de oferecer qualquer dúvida sobre seu estatuto de virilidade. Um exemplo disso é sua análise sobre a homofobia, como um instrumento de controle e categorização dos homens viris contra aqueles considerados como “não homens”. Com isso, o sociólogo pretende demonstrar que tal ideia ou noção de masculinidade é construída ou precisa ser conquistada em determinado momento da história da constituição individual do sujeito:

Isso demonstra o papel central que a homofobia desempenha. Homofobia que pode ser definida como a *discriminação para com as pessoas que mostram, a quem se emprestam, certas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero*. A homofobia é uma forma de controle social que se exerce entre os homens, e isso desde os primeiros passos da educação masculina. Para ser valorizado, o homem precisa ser viril, mostrar-se superior, forte, competitivo... senão é tratado como os fracos e como as mulheres, e assimilado aos homossexuais. Homofobia e dominação das mulheres são as duas faces de uma mesma moeda. Homofobia e viriarcado constroem entre as

mulheres e entre os homens as relações hierarquizadas de gênero. A homofobia é o produto, no grupo dos homens, do paradigma naturalista da superioridade masculina que deve se exprimir na virilidade (WELZER-LANG, 2004, p. 118).

A homofobia, neste caso, manifesta-se negativamente como um mecanismo de defesa do padrão de masculinidade hegemônica, excluindo aqueles homens que não se enquadram no referido padrão. A masculinidade heterossexual, neste caso, não se afirma por si, mas pela negação do outro. A heterossexualidade também é apresentada no texto como uma forma pretensamente natural de sexualidade: “Assimilando à reprodução humana a sexualidade e sua cota de jogos, desejos e prazeres, o paradigma heterossexual se impôs como linha de conduta para os homens” (WELZER-LANG, 2004, p. 120). Desse modo, segundo o sociólogo, a heterossexualidade se orienta a partir da oposição aos outros gêneros, bem como pela promoção da superioridade da heterossexualidade e subordinação da homossexualidade (2004, p. 120).

Pela perspectiva analisada por Welzer-Lang, a constituição da heterossexualidade masculina só é possível a partir dessas relações de oposição. Porém, não se percebe como a heterossexualidade masculina pode se apresentar como uma perspectiva comum sem pretensões de superioridade. Pelas colocações do sociólogo, a heterossexualidade masculina emerge como uma sexualidade que preconiza sua superioridade sobre todas as outras. Com efeito, considerando o tempo da sua análise, é compreensível que essas conclusões se configurem a partir de uma noção mais tradicional de masculinidade ou de masculinidade hegemônica.

O autor depreende ainda que esse problema relativo à heterossexualidade masculina tem suas raízes em questões de ordem e natureza políticas. Segundo ele:

Estamos diante de um modelo político de gestão de corpos e dos desejos. E os homens que querem viver sexualidades não-heterocentradas são estigmatizados como não sendo homens normais, suspeitos de ser “passivos” e ameaçados de ser assimilados e tratados como mulheres. Pois é exatamente isto: ser homem corresponde ser ativo. E não é por acaso que, sendo ativos e penetradores, os violadores de homens que entrevistei não se consideram homossexuais (WELZER-LANG, 2004, p. 120).

O sociólogo apresenta um dado curioso sobre a sexualidade hétero dos homens: o ser ativo. Para a heterossexualidade masculina não importa, por exemplo, que homens violem outros homens. Isso por si só não caracterizaria homossexualidade. Neste caso, o critério assumido corresponde ao ser ativo e não

ao desejo. Como exemplo de ilustração, para os homossexuais, o critério comum para a caracterização da sua sexualidade é o desejo psicológico. Já nos casos dos homens entrevistados nas prisões, quer sejam policiais ou detentos, o que caracteriza essa normatização heterossexual masculina, na opinião da maioria deles, é o fato de ser ativo e não o desejo. Isso explica a razão e o porquê dos homens violadores de outros homens não se considerarem homossexuais, ainda que tenham realizado um ato com sujeitos do mesmo sexo.

Michaël Pollack (1988 apud WELZER-LANG, 2004, p. 120) coloca essa proposição da heterossexualidade masculina, entendida como “ser ativo”, como algo pertinente à hierarquia tradicionalmente estabelecida, numa sociedade organizada entre a dualidade feminino (dominado) e masculino (dominador). Dessa forma, segundo essa proposição, aquele que se deixa penetrar ou dominar seria *gay*. Por conseguinte, Welzer-Lang entende que a homofobia se pauta nessa distinção entre homens dominadores (ativos) e dominados (passivos).

Assim, Welzer-Lang (2004, p. 121) considera que há um forçoso paradigma preestabelecido que defende a superioridade dos homens em relação às mulheres. Esse paradigma é estendido aos homens, gerando a homofobia, ou seja, o sentimento de exclusão daqueles que não se enquadram nos padrões compreendidos como “naturais”. Essa exclusão coloca determinados homens dentro daquilo que são os “outros”, isto é, as mulheres, as crianças ou pessoas não consideradas normais. É óbvio que essa maneira de pautar a conduta masculina heteronormativa perdurou – e ainda perdura – durante muito tempo, prejudicando o âmbito das relações sociais.

No campo das ciências sociais, esse quadro vem mudando, embora ainda se ressinta sobre certos aspectos do heterocentrismo prevalecente nos estudos. O autor verifica uma mudança para a perspectiva do “heterossexualismo diferencialista” que defende a aceitação do fato de: “existirem seres diferentes, os homossexuais, e que por isso é normal, progressista, conceder-lhes alguns direitos” (WELZER-LANG, 2004, p. 122).

Desse modo, o sociólogo busca uma análise dos problemas inerentes ao universo masculino rompendo com as barreiras epistemológicas heterossexistas. As análises de Welzer-Lang oportunizam maiores espaços para questionamentos inerentes à heteronormatividade e podem ser interpretadas como possíveis “retratos de uma crise”, assim como também serem interpretadas apenas como importantes

transformações que possibilitam uma maior inserção dos sujeitos na sociedade, evitando problemas, como a discriminação e o preconceito.

Outra estudiosa que reflete sobre uma possível “crise” é Fátima Cecchetto. Em seu primeiro capítulo do livro *Violência e estilos de masculinidade*, Cecchetto entende que a ausência de uma análise com base nas relações de poder foi o que legitimou os discursos da chamada “crise da masculinidade”, que enfatiza a posição de “desconforto de alguns homens em face dos valores culturais marcados por esquemas rígidos” (CECCHETTO, 2004, p. 60).

Essa sobreposição do “homem universal”, dessa imagem unívoca, aquela marcada pela atuação nos campos político, esportivo e bélico, muito presente na cultura ocidental, criou resultados que contrariavam o próprio modelo, gerando os chamados “fardos da masculinidade”. Os esquemas rígidos de valores culturais mais tradicionais ocasionaram muitos desgostos àqueles que, embora fossem até heterossexuais, não se sentiam confortáveis diante das exigências constantes de colocar sua masculinidade constantemente à prova.

A autora, examinando as contribuições de Helen Hacker, apresenta como em 1957 a referida estudiosa analisou essa sobrecarga masculina, investigando temas como a ausência do pai, a angústia masculina, a emancipação da mulher e a homossexualidade, que trazem essa perspectiva do modelo unívoco de masculinidade. O comportamento masculino se figurava altamente padronizado em questões como não participar da vida dos filhos, pois a criação dos filhos era considerada atributo feminino, ou então as dificuldades em lidar com as conquistas femininas e homossexuais. Esses pontos foram cruciais para o movimento de liberação masculina, ocorrida na década de 1970, que “tentou empreender mudanças nos rígidos padrões de masculinidade tradicionais” (CECCHETTO, 2004, p. 61).

A chamada “crise da masculinidade” tem origem nos fenômenos relacionados à globalização e às transformações econômicas ocorridas na sociedade mundial. Os lugares anteriormente ocupados exclusivamente por homens que defendiam o modelo hegemônico foram reconfigurados com os avanços dos movimentos feministas e gays, a partir da década de 1960. Além disso, nem todos os homens se enquadravam na perspectiva preconizada pelo modelo hegemônico de masculinidade, o que gerou o “fardo da masculinidade”.

Os estudos masculinos, de acordo com a autora, procuram investigar essa contradição do “macho hegemônico e as reais condições de vida dos homens” (CECCHETTO, 2004, p. 62). Gradativamente abandonou-se a análise dos papéis opressivos masculinos para a investigação relativa à diversidade de manifestações masculinas ou, ainda, a imagem do “novo homem”. No entanto, a perspectiva da masculinidade hegemônica ainda é utilizada nos estudos masculinos como um contraponto das chamadas “masculinidades subordinadas” servindo, em alguns casos, como um antiparadigma. O problema desse modelo é o possível equívoco interpretativo em conceber as outras manifestações masculinas como inferiores.

Outra análise colocada por Cecchetto concerne às teorias de Cornwall e Lindsfarne. Estas pontuam, sob uma perspectiva negativa, que as transformações das masculinidades heterossexuais seriam estabelecidas através de uma relação de cumplicidade entre homens e mulheres com o projeto hegemônico. Neste caso, a dominação masculina estaria assegurada pela adaptação desses novos padrões heterossexuais aos valores como família, trabalho, etc. Ambas são críticas ao padrão que parte da perspectiva hegemônica de masculinidade, porém, é preciso ponderar que tal apreciação negativa se refere a uma análise que, de alguma forma, privilegiaria o velho modelo estabelecido, mesmo quando demonstra os diferentes tipos de masculinidades.

Nesse sentido, Cecchetto evidencia como as autoras contribuem para uma análise que focaliza o diálogo comparativo do conflito entre masculinidade hegemônica e outros estilos de masculinidade, levando em conta:

o grau de variabilidade individual das identidades masculinas ao longo do ciclo vital, os contextos de referência ou modalidades transitórias de expressão cultural da masculinidade e os critérios através dos quais os homens se distinguem uns dos outros (CECCHETTO, 2004, p. 70).

Em estudos mais recentes, que tratam das masculinidades, não se procura mais explicá-las de maneira positivista ou biológica, mas sim comparando os modelos que estão postos de acordo com o contexto histórico e econômico, considerando-se a raça, classe social, idade, dentro de uma cadeia de relações. Desse modo, o significado de masculinidades é flutuante e variável, necessitando de uma análise mais contextualizada e relativizada.

A autora realiza uma comparação com o que ocorre nos bailes *funk*. Nesses locais, os signos de masculinidade variam em perspectivas diversas, como a dos homens que fazem o uso da força física, da violência em rixas, bem como o uso de armas de fogo. A análise aponta que estes seriam vistos pelo seu respectivo meio social como “superiores” ou vistos ainda como “mais homens” que outros. Os “outros” seriam considerados como “buchas” ou “pilhas fracas”. Outra categoria verificada por Cecchetto é a dos *playboys*, que seriam os sujeitos de classe média, brancos, que frequentam os bailes, mas que não residem nas favelas. Essa conotação negativa do *playboy* aponta, segundo Cecchetto, para uma tentativa de controle territorial do baile em que “a presença do ‘negro/mestiço’ e morador em comunidades é hegemônica” (CECCHETTO, 2004, p. 71).

Dessa maneira, a autora demonstra as relações entre os homens e a sua consequente hierarquização. É possível, por meio do exemplo, auferir outras interpretações considerando o contexto de cada caso relativo a essas manifestações de masculinidades, bem como as disputas que ocorrem interiormente dentro do gênero. A denominada crise do macho se configura a partir de uma maneira de se comportar dos homens que se cristalizou, mas que estudos sobre a matéria têm examinado e desvelado a diversidade comportamental masculina. De modo algum, isso significa necessariamente um desprestígio de uma maneira de ser ou estar no mundo que se identificava com os padrões mais rígidos, porém a crise pode ocorrer em razão da perda de privilégios que tais sujeitos acreditavam possuir a partir dessa identificação. Ocorre que essas hierarquias e distinções no interior das masculinidades passaram a estar em evidência, concorrendo simultaneamente ao ideal hegemônico.

Outra pesquisadora é Mirian Goldenberg que examina essa questão da “crise do macho”. Ela começa o seu artigo “O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia” demonstrando o crescimento dos estudos de gênero no Brasil e tendo como principal mote a denúncia da opressão sofrida pelas mulheres em nossa sociedade. Tais estudos reforçam o aspecto sociológico da abordagem dos estudos de gênero, considerando que gênero é distinto de sexo. Um está para a sociologia enquanto o outro para a biologia; um encontra-se no âmbito cultural e o outro no âmbito fisiológico. Nesse sentido, os comportamentos que marcam os gêneros relativos ao homem e à mulher não se configuram como essências naturais ou biológicas, mas sim como produtos de um determinado contexto histórico.

Com o reconhecimento dos estudos de gênero pela comunidade científica, as diferenças entre os sexos, muitas vezes colocadas como não naturais, estariam caminhando para uma possível “androgenização”. Com as conquistas femininas no mundo do trabalho, muitos homens passaram a depreender disso uma determinada “crise da masculinidade”. Goldenberg, no entanto, apresenta um diagnóstico mais otimista dessas transformações:

Retrato da crise do masculino? Parece justamente o contrário. Um direito que era negado ao homem, o de ser afetuoso e acompanhar o crescimento dos filhos (mesmo direito que era negado aos seus filhos, obrigados a verem no pai uma figura violenta ou ausente), agora não só é permitido como estimulado (GOLDENBERG, 2000, p. 18).

De acordo com Goldenberg, os estudos de gênero apresentavam um campo dominado pelas pesquisadoras feministas para, num segundo momento, despertar o interesse de pesquisadores não militantes, como Pierre Bourdieu, Anthony Giddens e Christopher Lasch. A amplitude desse campo de estudos se reflete na abertura de espaço para grupos marginalizados e estigmatizados socialmente. É cada vez mais crescente o número de leitores que se interessam pelo assunto, assim como a presença dessas reflexões é constante nos meios de comunicação de massa. Desse modo, os estudos de gênero hoje significam um produto importante e muito explorado pelas mídias e pelos mercados editoriais.

Goldenberg analisa matérias que trazem a perspectiva da “crise da masculinidade” em jornais e revistas. A autora compara a atitude dos homens que são pais com as mulheres que são mães. De acordo com ela, as mães veem no trabalho uma ação voltada para um objetivo: os filhos. A dedicação ao trabalho não se verifica, pelo menos na maioria dos casos, de maneira pacífica, pois sempre que se dedicam a uma carreira profissional, as mulheres ficariam supostamente mais divididas, sentindo-se mais culpadas pelo conseqüente distanciamento dos filhos. Já os pais, ao contrário das mães, não sentem culpa por estarem distantes dos filhos por causa do trabalho e justificam-no sob o argumento de estarem preparando os filhos para o futuro.

Essa tomada de cena bem sucedida por parte das mulheres se explica em virtude dos homens, por muito tempo, esconderem seus lados afetivos, sensíveis e emotivos. As mulheres, todavia, ao conseguirem manifestar esses atributos, têm sido bem sucedidas tanto no que concerne ao lar quanto ao campo profissional. Por

muito tempo os homens, ao esconder aspectos como sensibilidade, afetividade ou emotividade, e preconizar a competitividade, rivalidade, racionalidade e autoritarismo, ficaram para trás quando muitas empresas optaram pela maneira como as mulheres se organizam diante do trabalho. Isso demonstra a maneira como Goldenberg aponta a mudança panorâmica no papel exercido pelos homens diante das transformações provocadas pelos avanços da emancipação feminina. No entanto, a autora indica a maneira como o homem ainda é visto como um “chefe” quando o assunto entra na esfera familiar.

Apesar de todas as mudanças apresentadas até aqui, a sociedade, de maneira relativa, ainda recorre a esses modelos em que o homem é visto como o “cabeça” ou o responsável, seja no âmbito familiar ou no trabalho: “Ser sexualmente ativo e sustentar financeiramente a família, exercendo a autoridade e o poder [...] no meio familiar e no trabalho, eram (ou ainda são) condições básicas para ser considerado um homem” (GOLDENBERG, 2000, p. 25).

Embora Goldenberg trate desses meios de comunicação que veiculam a emancipação feminina aparentemente como algo positivo, ela também aponta as matérias negativas para as mulheres, à medida que essas matérias, que tratam da emancipação feminina, significam conseqüentemente um fracasso para os homens:

É interessante olhar estas matérias buscando encontrar o “bode expiatório do momento”: de forma nada sutil, o trabalho feminino e o aumento do poder da mulher na família são apontados como responsáveis pela ausência cada vez maior do homem em casa, assim como pelo enfraquecimento de sua imagem diante dos filhos (GOLDENBERG, 2000, p. 26).

Outro aspecto relevante das análises de Goldenberg volta-se para a esfera das relações entre homens e mulheres. Ela aponta para a dificuldade de as mulheres cultas encontrarem parceiros. O desinteresse crescente das mulheres pelos homens conforme o nível de intelectualidade é apontado, pois, à medida que auferem maior instrução, as mulheres manifestam menos interesse por homens intelectualmente inferiores: “É comum encontrar homens complexados, que não aceitam o fato de a mulher saber mais. Eles dizem que mulheres como eu assustam. Mas homem incompetente, fraco, infantil não me interessa” (GOLDENBERG, 2000, p. 26).

Em outro aspecto interessante da análise sobre a crise do masculino, Goldenberg relata como as mulheres se tornaram obcecadas em ter prazer e ditar as

regras na cama (GOLDENBERG, 2000, p. 26). Ela aponta para o modo como os homens podem se sentir dominados e subjugados pelas mulheres quando procuram satisfazer as exigências das mulheres na relação íntima.

A mudança do *status* feminino, demandando por atuações cada vez mais contundentes na sociedade, conduz o homem a uma necessidade de repensar seu papel e configurá-lo no sentido de saber adaptar-se a essas transformações. Nesse sentido, a autora demonstra os problemas do discurso falacioso que insiste na ideia de que a crise masculina se deva em razão das conquistas femininas. Com efeito, segundo ela, a emancipação feminina pode apresentar um projeto de sociedade em que a mulher é vista como uma parceira e não deveria ser considerada uma adversária:

É interessante pensar nesse tipo de matéria e, também, em muitos discursos femininos que repetem, exaustivamente, que “o homem tem medo de mulher independente”, “o homem se sente ameaçado com as conquistas femininas”, “o homem está inseguro e frágil porque perdeu sua identidade”. Esse discurso consolida a ideia de que a mulher independente representa um perigo para o homem e é determinante na crise que ele (e a família) atravessa. A mulher, em vez de ser vista como uma parceira que pode tirar dos ombros do homem uma série de obrigações que lhe eram exclusivas, transforma-se em rival, disputando poder, emprego e regalias. Não é mais uma companheira a ser conquistada, mas uma inimiga a ser vencida (GOLDENBERG, 2000, p. 28).

Outro dado importante evidenciado por Goldenberg é a maneira como os homens se projetam dentro de um determinado modelo de masculinidade: “O dado que mais chamou minha atenção nessa pesquisa foi o fato de todos os homens se considerarem fora de um modelo de masculinidade” (GOLDENBERG, 2000, p. 29). Assim, há homens casados que se relacionam com outras mulheres fora do casamento e há aqueles que permanecem a vida toda com uma única parceira. Nesse sentido, há certo receio de não corresponder a um determinado modelo preestabelecido de masculinidade que se projeta, segundo Goldenberg, também em relação aos outros, quando homens procuram desmoralizar outros homens com uma *performance* mais próxima da idealizada:

Em vários momentos da pesquisa, os entrevistados demonstraram o medo de serem acusados de “bichas”, “veados” ou “efeminados” por não corresponderem ao modelo de virilidade do brasileiro, ao mesmo tempo em que acusavam os homens com a *performance* idealizada de “machistas” e “galinhas” (GOLDENBERG, 2000, p. 30).

Essa crítica parte daqueles que não conseguem corresponder minimamente a um determinado modelo aspirado. Não que isso signifique verdadeiramente um problema, mas se torna à medida que os homens tentam desmoralizar outros homens por conta dessa disputa. Isso ocorre mesmo entre aqueles que alimentam esse modelo, porém, contraditoriamente, procuram desmoralizar aqueles que se aproximam dele. As pesquisas de Goldenberg elucidam esse aspecto:

Quando peço para os homens responderem o que “todo homem é”, eles dizem “machista”, “safado”, “infiel”, “mentiroso”, “cafajeste”, “conquistador”, “voltado para o sexo”, “volúvel”, “mulherengo”. As mulheres também destacam “que todo o homem é” “infiel”, “galinha” e “machista” (GOLDENBERG, 2000, p. 30).

Goldenberg, em sua análise, resgata ainda a figura do homem medieval. Ela entende que a gíria “espada” remete aos heróis medievais como uma tentativa de valorização da virilidade, num momento de desgaste da imagem do “macho”. Essa procura por uma masculinidade perdida, dentro da perspectiva dos simpatizantes dessa visão mais tradicional, reflete uma crise dessa pretendida visibilidade masculina. Por outro lado, ela é sintomática e reveladora da carência de visão de outras possibilidades para a constituição da masculinidade:

Alguns homens, no entanto, parecem não querer ser “espada” e optam por descobrir novas possibilidades de “ser homem”. São homens que reconhecem e contribuem para as mudanças que o comportamento masculino vem sofrendo (GOLDENBERG, 2000, p. 33).

Essas mudanças, que incluem além das conquistas femininas também as conquistas homossexuais, contribuíram para que os homens heterossexuais adotassem um perfil de masculinidade mais flexível, com o uso de roupas mais descontraídas, uso de cabelos compridos ou tingidos, brincos, cuidados com a aparência do corpo etc. Além disso, Goldenberg também pontua o interesse crescente das mulheres pelos *gays*: “Eles têm uma sensibilidade absurda, são mais bonitos, mais cheirosos, mais bem arrumados. Queria que a metade dos homens se cuidasse como eles se cuidam” (GOLDENBERG, 2000, p. 33). Segunda ela, outras mulheres afirmam que os *gays* são mais talentosos, inteligentes, carinhosos e divertidos.

Esse quadro representa uma mudança que afeta inclusive a própria identidade heterossexual masculina. Com efeito, as visões hegemônicas, tanto de

masculinidade quanto de feminilidade, produzidas pela sociedade patriarcal, passam atualmente por uma revisão no que concerne aos atributos que anteriormente eram específicos para cada gênero. Conseqüentemente, verificam-se transformações importantes, conforme apontadas pela autora:

Papéis considerados masculinos – como homem provedor, forte, chefe de família – e aqueles femininos – como mulher, mãe, esposa, dona de casa –, [...] são relativizados por outros atributos, como homem sensível, vaidoso e delicado, e mulher forte, trabalhadora, corajosa. Esse jogo permite observar, nitidamente, a coexistência de modelos tradicionais de ser homem e mulher e novas representações sobre o masculino e feminino, traduzindo-se em múltiplos padrões que competem com os modelos hegemônicos (GOLDENBERG, 2000, p. 34).

A socióloga francesa Elisabeth Badinter, em sua obra *Um é outro*, discute essas fronteiras de marcação entre a atuação masculina e feminina. Pela leitura de Goldenberg, esta depreende que homens e mulheres estariam cada vez mais próximos e indiferenciados, sem traços exclusivos para um ou outro:

Os estereótipos do homem viril e da mulher feminina estão pulverizados. Não há mais um modelo obrigatório, mas uma infinidade de modelos possíveis. Cada um se atém à sua particularidade, à sua própria dosagem de feminilidade e masculinidade. As diferenças necessárias para a sedução se estabelecem na intimidade do casal (BADINTER, 1986 apud GOLDENBERG, 2000, p. 35).

A quebra dos padrões hegemônicos corrobora para a multiplicidade de caminhos possíveis para a constituição masculina. A multiplicidade pode, todavia, configurar uma crise para aqueles mais apegados aos modelos preestabelecidos. Os estudos de gênero têm possibilitado, portanto, repensar os modelos cristalizados pela hegemonia: “o poder do macho passou a ser questionado, ou melhor, problematizado por homens e mulheres” (GOLDENBERG, 2000, p. 36).

A heterossexualidade foi, ao longo da história, apresentada como natural e, desse modo, não discutível ou problematizada. Atualmente, a masculinidade, ao ser discutida e colocada como múltipla, apresenta-se sem padrões fixos ou previamente estabelecidos: “Não é mais possível acreditar que aquele amigo nunca “broxa” e “já comeu mais de cem”. Esse modelo é, agora, alvo de risos e críticas, não apenas das mulheres independentes” (GOLDENBERG, 2000, p. 36).

Essa configuração da sociedade atual pode levar o sujeito a dois caminhos contraditórios, porém possíveis: “a nostalgia da segurança e a valorização de um relacionamento sem vínculos obrigatórios e sem o desgaste do cotidiano”

(GOLDENBERG, 2000, p. 36). Ao mesmo tempo em que homens e mulheres refletem sobre os seus respectivos papéis, o âmbito dos relacionamentos também sofre mutações em virtude dessa nova perspectiva. Os relacionamentos sem vínculos tornaram-se comuns em detrimento dos relacionamentos duradouros. O sujeito contemporâneo, nesse sentido, procura evitar esse “desgaste do cotidiano”, como pretende Goldenberg. Por essa razão, a duração desses relacionamentos é cada vez mais curta ou rápida.

Por conseguinte, ela pontua que há, apesar de uma persistente estigmatização, uma ampla e crescente valorização dos comportamentos considerados desviantes (homossexuais) dos modelos dominantes. Na sociedade contemporânea há, segundo ela, uma necessidade de “inventar e questionar os comportamentos e papéis sexuais existentes” (GOLDENBERG, 2000, p. 37). Desse modo, o sujeito fica em face do dilema entre o “medo de ser diferente dos demais e a liberdade de poder ser tudo o que deseja” (GOLDENBERG, 2000, p. 37). Em última análise, Goldenberg encerra sua proposta de exame da crise do macho, considerando as contradições presentes na sociedade moderna:

É possível imaginar uma conclusão para esse eterno debate? Percorri matérias que mostram o pai totalmente participativo e outras que retratam o típico pai ausente; outras ainda defendem o homem-espada ou trazem o *gay* como modelo desejado de masculinidade; há homens que criticam o comportamento “galinha” e aqueles que se sentem desviantes por terem poucas parceiras... Do outro lado, mulheres brigam por igualdade e outras sonham engravidar de um homem famoso para garantir uma polpuda pensão para o resto da vida; algumas mulheres idealizam um casamento entre iguais e outras sonham com príncipes encantados e fazem de tudo para agarrar um estrangeiro de olhos azuis; há mulheres que conquistam posições respeitadas no mercado de trabalho e outras que ganham milhões para rebolar a bunda... É possível uma conclusão? Talvez o melhor a fazer seja aprender a conviver com as contradições de gênero presentes na cultura brasileira e – quem sabe? – aproveitar a possibilidade de ter, ao mesmo tempo, o comportamento mais tradicional e o mais moderno (ou pós-moderno) (GOLDENBERG, 2000, p. 37-38).

O surgimento dos debates em torno das masculinidades, desse modo, auxilia no entendimento das contradições que marcam a sociedade moderna. Uma vez que a figura do “homem de verdade”, ou o homem universal da antropologia, é desmontada e demonstrada como um artifício historicamente e socialmente construído, o interesse pelas diferentes e, até mesmo, divergentes formas de masculinidades ganham espaço no âmbito das discussões. A visibilidade de uma masculinidade, anteriormente hegemônica, passa pelo filtro da crítica numa

demonstração de como ela é impotente para explicar as novas demandas da sociedade.

Em última análise, repensar a própria masculinidade tornou-se uma atitude comum na atualidade para muitos homens e, portanto, não caracteriza necessariamente uma crise. Essa interpretação da realidade geralmente parte daqueles que alimentam uma visão idealizada e pronta do significado de ser um homem.

### 1.3 HOMEM X MULHER: UMA PROPOSTA PARA OS ESTUDOS RELACIONAIS DE GÊNERO

As pesquisas sobre masculinidades, portanto, podem ser enriquecidas, considerando a possibilidade de estabelecer um diálogo entre os gêneros. Nesse sentido, o presente estudo se pautará pela abordagem das masculinidades em consonância às relações com o gênero feminino. Nesse subcapítulo, procura-se uma aproximação entre os campos de estudos feministas e estudos masculinos, no sentido de depreender por que é tão relevante analisar tais questões sob uma perspectiva relacional de gênero.

Desse modo, as relações entre homens e mulheres podem apresentar aspectos muitas vezes surpreendentes. Chistine Bard, em “A virilidade no espelho das mulheres”, tenta estabelecer uma linha interpretativa para a crítica feminista cotejando uma leitura sobre a virilidade. Embora os estudos sobre os homens não seja o fulcro da perspectiva feminista, ela o justifica do seguinte modo:

É, no entanto, possível fazer a história da crítica feminista da virilidade, ainda que ela não esteja no cerne do pensamento feminista. Simone de Beauvoir não deixa de lado esta questão, já que o seu projeto é demonstrar o caráter socialmente construído das diferenças entre os sexos (BARD, 2013, p. 116-117).

Bard inicia suas reflexões dentro da linha de pensamento essencialista, já mencionada anteriormente, herdada dos trabalhos de Pierre Bourdieu. Sua leitura acerca do significado de virilidade configura-se numa perspectiva pessimista e, algumas vezes, redutora sobre a masculinidade. Nessa perspectiva, a virilidade

masculina é depreendida, em muitas situações, como uma ofensa às mulheres. O denominado “espelho das mulheres” apresenta a seguinte leitura:

O espelho, então, faz retornar aos homens uma imagem difícil de aceitar da – sua – virilidade: mortífera, belicista, criminoso, mutiladora... Para as feministas, a virilidade coincide agora com um comportamento sexista; ela expressa a dominação masculina (BARD, 2013, p. 117).

Por outro lado, Bard analisa o espelho das mulheres sob três ângulos diferentes: a virilidade como objeto de desejo; virilidades rejeitadas; e a virilidade conquistada pelas mulheres. O primeiro aspecto é examinado sob uma ótica em que a virilidade é vista como objeto de desejo. Essa primeira análise revela-se numa insistência em afirmar a função das mulheres como “espelhos” para os homens. As mulheres, neste caso, seriam como espelhos em que os homens necessitariam para se sentir superiores. Ela cita, por exemplo, a seguinte posição adotada pela escritora britânica Virginia Woolf:

É por isso que Napoleão e Mussolini insistem ambos [...] sobre a inferioridade das mulheres; pois se elas não fossem inferiores, deixariam de ser espelhos de aumento. E esta é a razão por que as mulheres são tão necessárias aos homens (WOOLF, 1992 apud BARD, 2013, p. 117).

Bard, ao longo do trabalho, relativiza essa visão, ao afirmar que muitas mulheres do século XX veem a virilidade como algo positivo. Consequentemente, o olhar feminino recai sobre a virilidade. Segundo ela, as mulheres consomem essas projeções e imagens: “Nas pequenas telas dos anos de 1960-1970, era uma imagem cada vez mais sexualizada da virilidade [...] que se impunha” (BARD, 2013, p. 118).

As análises de Bard, logo, configuram-se como importantes reflexões que contribuem para o exame do aspecto relacional entre homens e mulheres. Essa visão feminina sobre a virilidade, assim, é reveladora da importância do posicionamento e expressão feminina diante dessa questão: “os seus comentários [das mulheres] são antes tribunais da virilidade” (BARD, 2013, p. 118). Desse modo, o julgamento de um determinado comportamento masculino pode estar sujeito a esse crivo feminino.

Ela cita ainda as mulheres que seriam cúmplices (BARD, 2013, p. 121-123) dos homens e das suas características viris. As mulheres nazistas e fascistas, a

exemplo de ilustração, contribuíram para a acentuação das diferenças entre papéis masculinos e femininos, estabelecendo os limites de uma ordem sexual desejada. As mobilizações femininas em defesa de causas religiosas, políticas e ideológicas são um claro manifesto de que essas mulheres sustentaram modelos de virilidade, como aqueles defendidos por regimes como o nazismo, o fascismo e franquismo, alimentando uma pretensa supremacia masculina.

Bard pontua também o caso de Simone de Beauvoir que, casada com Jean Paul Sartre, não ostenta hostilidade pelo padrão de virilidade. Nesse aspecto, Bard depreende que a relação entre Beauvoir e Sartre não interferia nas suas lutas pessoais. A relação amorosa se constrói numa perspectiva igualitária: “Ela fornece a imagem de uma mulher livre, autônoma, que trata a sua própria rota sem se deixar absorver pela paixão” (BARD, 2013, p. 127).

Desse modo, a virilidade não se apresenta como um aspecto indesejado por parte de um determinado grupo de mulheres, ao contrário disso, ela é até mesmo um objeto de desejo. Num viés contrário, a autora realiza também um levantamento sobre a virilidade rejeitada pelas feministas: “Aos olhos das feministas, a virilidade expressa a dominação masculina que elas chamam [...] de “masculinismo”, “patriarcado”, às vezes também de “virilismo” (BARD, 2013, p. 128).

Assim, o aspecto androfóbico é pauta de outro grupo de mulheres que entendem a virilidade como uma característica terrível, em razão da sua associação com o serviço militar, a guerra e também a violência. Para elas, esse tipo de virilidade é completamente indesejado. Contudo, Bard relativiza tal perspectiva, sob o argumento de que os homens, de um modo geral, são atingidos pela guerra, e outros homens, que não se identificam com as práticas violentas, são também atingidos pela violência.

A autora analisa também os trabalhos de Alice Schwarzer, socióloga alemã e militante feminista. De acordo com Bard, a intelectual germânica desenha as relações heterossexuais a partir de uma perspectiva muito sombria. Neste caso, o homem é pintado como um opressor que exerceria uma coerção sobre a mulher por causa do seu órgão genital (2013, p. 133). A penetração seria, concebida por tal perspectiva, uma manifestação evidente da potência masculina. Por outro lado, Bard faz a seguinte ponderação: “Alguns destes exemplos ilustram a virulência da crítica da virilidade” (2013, p. 134). Com efeito, tais críticas não resistem ao menor exame e evidenciam seu caráter radicalizado.

Num último aspecto, Bard investiga a virilidade sob o espelho das mulheres como algo conquistado e produzido por elas: “Em todas as épocas, as mulheres adotaram um gênero masculino, chegando às vezes até mesmo a assumir a identidade masculina” (BARD, 2013, p. 141). Desse ponto de vista, a mulher assume uma postura similar às projeções viris de construtos masculinos marcados por atributos como uso da força física, bem como outros comportamentos que, em determinados momentos, foram associados exclusivamente ao universo masculino.

O mais relevante e revelador dessa análise feita por Bard é o modo como as mulheres, no âmbito da crítica feminista, procuram entender e até mesmo participar desse universo masculino. Dentro da perspectiva relacional de gênero proposta por este trabalho, esses dados são sintomáticos de transformações sociais importantes em que as fronteiras, que delimitavam a participação dos homens e das mulheres em diferentes esferas, sofrem quebras e rupturas significativas. Desse modo, Bard inicia sua análise dentro de um paradigma aparentemente essencialista para, no decorrer do trabalho, demonstrar as diferentes nuances de leitura da virilidade. Essa relação entre estudos masculinos e perspectiva feminista, portanto, proporciona dados relevantes e curiosos no interior dos estudos de gênero.

Daniel Welzer-Lang também contribui para uma análise relacional de gênero com o que ele denomina como o duplo padrão assimétrico. Em outras esferas sociais, esse pesquisador analisou o comportamento de homens e mulheres diante de determinadas situações problemáticas. Ele depreende que homens e mulheres possuem duas simbologias diferentes, sendo também necessário superar uma análise, nesse campo de estudo, cuja base epistemológica embasa-se apenas na pesquisa das causas das diferenças entre os sexos.

A análise deve, segundo ele, direcionar-se na descrição e na compreensão de que a diferença entre os sexos é construída socialmente no sentido de ocultar as relações sociais de sexo (WELZER-LANG, 2004, p. 115). Ele enfatiza ainda que: “Poderíamos dizer a priori que a questão da superação da dominação e a luta contra a dominação masculina não é um problema inerente à ciência e aos/às cientistas” (WELZER-LANG, 2004, p. 116). Welzer-Lang explica ainda que tais motivações de lutas contra a dominação masculina fazem parte da implicação individual de cada pesquisador (a), mas não o principal fator para a descrição científica. Nesse sentido, os estudos masculinos e estudos feministas podem contribuir para o avanço dos estudos de gênero.

Para outros pesquisadores, os estudos masculinos sofrem críticas daqueles que entendem que esse campo privilegia a visão heterossexual como norma. Entretanto, é preciso ponderar que essa crítica não é válida, visto que essa perspectiva normativa é constantemente policiada pelos estudiosos, de acordo com Connell e Messerschmidt (2013, p. 251), também em razão das divisões que existem entre as masculinidades e seus aspectos relacionais com outros gêneros. A análise relacional é importante à medida que dá conta de explicar as relações, não apenas internamente e exclusivamente às masculinidades, mas também como os homens consideram as mulheres como parte importante dessa análise:

há uma tendência no campo de estudos sobre homens de presumir “esferas separadas”, de proceder como se as mulheres não fossem uma parte relevante dessas análise e, dessa forma, estudar as masculinidades através do olhar exclusivo sobre os homens e sobre as relações entre homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 251).

Essa tendência verificada nos estudos masculinos, bem como por parte de seus críticos que só veem no referido campo essa falha, que consiste em pretender estudar apenas as masculinidades enquanto gênero exclusivo, para Connell e Messerschmidt apresenta-se inócua, pois é preciso investigar as masculinidades em seus aspectos relacionais, em que as práticas do gênero são atravessadas ou confluídas por outros.

Fátima Cecchetto também discute essa questão. O primeiro paradigma trata da necessidade de superação da visão de uma masculinidade essencialista. Nesse sentido, as discussões sobre a figura masculina, advindas das noções inerentes ao campo antropológico, como algo universal, evidente ou inquestionável passam atualmente por um processo de esvaziamento. Graças aos questionamentos do feminismo em relação à visão universal do homem pela antropologia, os estudos masculinos ganharam espaço cada vez mais crescente. A distinção entre homens e mulheres passou a ser gradativamente colocada em evidência, bem como o aspecto androcêntrico da própria antropologia.

Os aspectos biológicos, utilizados como parâmetros de diferenciação entre homens e mulheres, estariam sendo descartados pelos estudiosos à medida que tais atributos foram, em dado momento, explorados em favor de uma determinada ideologia, o que favoreceu a possibilidade de dominação masculina. Nesse sentido, os modelos essencialistas passariam por um desafio, uma vez que as abordagens

relativizam a sexualidade a partir do contexto histórico e cultural. Dessa maneira, formas ou modelos de universalização e essencialismos não fornecem explicações plausíveis para o problema dos estudos de gênero. Essa crítica à noção de uma masculinidade altamente padronizada como uma categoria universal possibilitou que os estudos masculinos se inserissem como uma área específica da investigação antropológica.

No caso brasileiro, Cecchetto pontua que o imaginário social desse povo impõe “uma série de expectativas sociais a respeito do comportamento considerado apropriado a homens e mulheres, em que as relações sexuais esperadas são heterossexuais” (CECCHETTO, 2004, p. 54). Isso explica como na esfera das relações entre homens e mulheres há uma perspectiva de cobrança em razão de determinados comportamentos demonstrados. A cobrança inicia-se com a infância ao exigir-se do menino um comportamento ativo, visto que ser passivo passaria a implicar em um comportamento não desejado pela sociedade.

De acordo com Cecchetto: “Nessa lógica duas categorias emergem: homens e bichas” (2004, p. 54). Há, portanto, um privilégio nessa categorização do *status* de “macho” que, por sua vez, estabelece parâmetros sociais para o comportamento dos homens. A dominação seria, assim, a marca do homem, enquanto a passividade seria, a partir de tal ponto de vista investigada pela autora, o sinal da homossexualidade.

Essa dominação possibilitou uma visibilidade maior aos homens em razão do modelo universal preconizado pelas sociedades tradicionais. Essa noção toma, por exemplo, o homem branco heterossexual como modelo de gênero e raça, e, conseqüentemente, estabelecido como um gênero não marcado. O problema da “universalidade” masculina emerge, então, nesse contexto, como um gênero equivocadamente entendido como ideal e hegemônico, portanto, privilegiado.

Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina*, considerou esse modelo universal de homem para analisar a estrutura social de dominação masculina e a violência simbólica exercida pela maior parte dos homens. No entanto, a obra de Bourdieu analisa exatamente e apenas o modelo de homem universal, evidenciando as marcas da divisão sexual entre o homem e as mulheres. A desconstrução desse modelo passou a ser então o objetivo da maioria dos trabalhos que se debruçam sobre a matéria das masculinidades. Com os *men's studies*, o enfoque passa a ser

não mais o modelo de homem universal, mas sim a construção social das masculinidades.

Estudiosos anglófonos como Carrigan, Connell e Lee passam a utilizar os modelos paradigmáticos dos estudos feministas para o estabelecimento dos estudos masculinos. A partir dos estudos, a masculinidade, assim como a feminilidade, passou a ser depreendida como: construída socialmente; é histórica, mutável e relacional (CECCHETTO, 2004, p. 57). Esses críticos dos estudos masculinos demonstram, assim, a artificialidade da noção de homem universal. Essa nova abordagem buscaria, então, segundo Cecchetto, uma “ruptura com o falso universalismo dos papéis sexuais masculinos”, uma vez que “há uma diversidade de estilos ou tipos de masculinidades” (CECCHETTO, 2004, p. 57). Desse modo, os estudos masculinos, a partir dessa abordagem crítica da diversidade entre os homens, possibilitaram uma mudança importante no estatuto de “dominação”, pontuado por Bourdieu e atribuído aos homens de maneira generalizadora.

Os papéis sexuais conseqüentemente tornaram-se o objeto da literatura dos *men's studies*. De acordo com a autora, eles “ligam-se a um conjunto de valores e atitudes socialmente determinados, correspondentes às representações e expectativas do ser homem e do ser mulher em todas as sociedades” (CECCHETTO, 2004, p. 58). Contudo, essa abordagem dos papéis sexuais poderia cristalizar determinadas visões dicotômicas como, por exemplo, a mulher ser associada ao espaço doméstico e o homem ao espaço público. Ou ainda, a mulher ser depreendida como mais emocional e o homem mais racional.

Essa maneira anterior de conceber os estudos estabelecia paradigmas fixos do que seria um papel feminino ou masculino. Essa abordagem foi muito criticada em razão do seu compromisso com percepções fixas dos papéis. Estudiosos como Carrigan e Connell, por exemplo, propunham bases para uma nova compreensão das masculinidades, abordando-se as dinâmicas envolventes da experiência concreta dos homens em relação às mulheres em diversas esferas da vida social. Os primeiros estudos sobre os homens, que carregavam em seu bojo uma polarização cujo foco reduzia-se na descrição das diferenças entre homens e mulheres, precisariam, assim, ser descartados.

Não obstante, entender a dinâmica entre homens e mulheres numa perspectiva relacional traz contribuições muito mais relevantes para os estudos masculinos, assim como para os estudos de gêneros. Inicialmente, os estudos

masculinos sofreram uma série de oposições por parte dos estudos feministas em razão de sua aparente abordagem essencialista da masculinidade.

Desse modo, estudiosas, como Rosely Gomes Costa, procuram entender as masculinidades em sua relação com os estudos femininos. Em seu artigo “Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades”, realiza um levantamento das críticas mais relevantes que são feitas aos estudos das masculinidades. Em sua primeira crítica, Rosely concorda com a tese de que os estudos masculinos desenvolvidos em sua etapa inicial estariam centrando-se exclusivamente nos homens. Assim, essa nova abordagem estaria incorrendo nos mesmos erros cometidos em relação aos estudos dos outros gêneros, também tratados de maneira essencialista. De fato, as pesquisas masculinas estariam caminhando na perspectiva homem-masculino, do mesmo modo que ocorre no caso do feminismo e sua abordagem mulher-feminino.

Como uma proposta para fugir desse paradigma, a autora considera que o aspecto relacional de gênero entre homens e mulheres é imprescindível para uma compreensão satisfatória dos estudos na área das masculinidades. Porém, ao contrário disso, a relação entre masculinidades e feminilidades, estudada dentro de uma perspectiva relacional de gênero, estaria, portanto, sendo ignorada.

Gomes Costa depreende dessa crítica que os estudos das masculinidades são mais interessantes à medida que eventualmente incorporam em seu *corpus* a relação entre o masculino e o feminino, ou mesmo, entre modelos diferentes de masculinidades. Em uma de suas críticas, Costa cita Kaufman (apud COSTA, 2012, p. 214), em seu artigo “Los hombres, el feminismo y las experiencias contradictorias del poder entre los hombres” (1995), em que Kaufman analisa a relação do poder entre os homens. De acordo com Costa, Kaufman cai no equívoco de pretender combater um essencialismo masculino, mas, sem o querer, recai no mesmo conceito ao considerar a existência de um modelo de masculinidade hegemônica.

Kimmel também é outro autor analisado por Costa, que, no prefácio do livro editado por Brod e Kaufman que teoriza sobre as masculinidades, trata das experiências individuais dos homens em relação à falta de poder. Segundo Rosely Costa, Kimmel “busca uma explicação totalizadora para a masculinidade” (COSTA, 2002, p. 214). Para Costa, esses autores, Kaufman e Kimmel, correm o risco de produzir discursos de vitimização, visto que supõem haver uma opressão por parte

da dominação masculina em razão da necessidade dos homens cumprirem o papel social esperado.

Esse discurso vitimista é criticado por autores como Segal e Messner, pois desconsidera que os homens, por estarem no topo, devem enfrentar as dificuldades inerentes a esse privilégio. Com efeito, os homens ainda se beneficiam, de modo voluntário ou involuntário, da opressão das mulheres (COSTA, 2002, p. 215). Costa ainda apresenta outros autores que questionam a atitude essencialista presente nos estudos masculinos. Como exemplo, ela cita os trabalhos de Connell que mapeiam diferentes tipos de masculinidades, como a hegemônica, subordinada, cúmplice e marginalizada.

Dessa maneira, Costa (2002, p. 216) propõe que, ao estudar as masculinidades, o pesquisador deve considerar esse aspecto concernente às múltiplas formas ou manifestações de masculinidades: “a masculinidade hegemônica não tem um caráter fixo, igual em qualquer tempo ou lugar. É uma masculinidade que ocupa a posição hegemônica em um dado padrão de relações de gênero, sendo uma posição sempre contestável”.

O conceito de hegemonia possui uma carga epistemológica que aponta para a dominação cultural de determinados grupos. Nesse sentido, ao relacionarmos o conceito de hegemonia para os estudos masculinos, é preciso considerar que as masculinidades apresentam modelos que são flutuantes e conflitantes entre si na luta pela hegemonia. Costa (2002, p. 216) aponta ainda para o fato de que o número de homens praticantes do padrão hegemônico é muito reduzido, considerando, por outro lado, que a maioria se beneficia dessa hegemonia tributária do patriarcalismo e da subordinação das mulheres.

Esse privilégio concedido aos homens seria, no entendimento de Rosely Gomes Costa, ao resenhar o pensamento de Almeida (apud COSTA, 2002, p. 216), o fator decisivo na inferiorização da mulher em relação aos homens, bem como da inferiorização das demais formas de masculinidades. Para ela, tal discurso traz consigo o atributo de dominação e ascendência social. Ainda analisando esse aspecto, os vários modelos de masculinidade hegemônica produzem simultaneamente diferentes tipos de masculinidades. Assim, em contextos distintos, há masculinidades hegemônicas impostas como modelo enfatizando certos atributos e negando outros (CORNWALL; LINDSFARNE, 1996, apud COSTA, 2002, p. 216).

Ela ilustra essa linha de raciocínio examinando o controle das emoções. Esse controle pode ser entendido num determinado contexto como algo positivo para a afirmação de um determinado modelo de masculinidade. Isto é, não revidar a uma agressão seria entendido como prova de masculinidade. Em outros contextos, revidar também pode significar a afirmação de masculinidade, por exemplo. No primeiro caso, o fato de um dado sujeito não controlar suas emoções significaria que o mesmo estaria deixando-se levar por um atributo feminino, isto é, deixar-se subjugar pelas paixões, ao passo que no segundo exemplo ocorre exatamente o contrário. Tal exemplo demonstra como a percepção de um determinado modelo de masculinidade pode ser flutuante.

Consequentemente, os quadros de referência da pretendida masculinidade hegemônica revelam-se volúveis em relação ao seu contexto, a idade dos sujeitos envolvidos, a etnia, etc. Ainda de acordo com Cornwall e Lindsfarne (1996, p. 15), problemas como os ataques racistas, violência doméstica, espancamento de homossexuais, abuso infantil, seriam em alguns contextos aplaudidos como manifestações de masculinidade, ou exprobrados como atitudes covardes, ou ainda podendo ser entendidos como reações individuais. Dessa forma, Costa (2002, p. 217) aponta para o fato de que essas reações diferentes em cada homem revelam que há uma luta pela hegemonia, mas não que isso signifique que existam várias masculinidades hegemônicas.

Assim, a masculinidade hegemônica é compreendida por ela como uma idealização pretendida e defendida pelo *status quo*. Segundo Costa, parafraseando Almeida (1996, apud COSTA, 2002, p. 217): “a masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingido por nenhum homem, exerce o poder controlador sobre homens e mulheres”. Ela conclui ainda que havendo várias manifestações de masculinidades, isso aponta para o fato de que não há efetivamente “várias masculinidades hegemônicas” (COSTA, 2002, p. 217).

Logo, havendo múltiplas formas de masculinidades, esse fato sinaliza que não há uma hegemonia. O conceito de masculinidade hegemônica é útil para os estudos das masculinidades, desde que não seja tomado como fixo, universal, identitário, etc. De acordo com a autora, o conceito pode ser visto como um padrão orientador exposto em disputas pelo poder, em uma luta pela posição hegemônica (COSTA, 2002, p. 218).

Costa faz ainda uma breve crítica ao trabalho de Pierre Bourdieu, *A dominação masculina*. Segundo ela (COSTA, 2002, p. 218), Bourdieu tomou a masculinidade como um padrão fixo e universal, ao analisar o processo de dominação por parte dos homens em relação às mulheres. Por outro lado, é preciso ponderar que o trabalho de Bourdieu é importante por inaugurar uma discussão até então não estudada. É obvio que Costa possui razão nesse sentido, mas é relevante depreender o trabalho de Bourdieu como algo que possibilitou visitar o comportamento dos homens.

Ainda nessa perspectiva crítica, Costa, parafraseando Pitt Rivers, cita as mulheres da aristocracia, em sociedades do mediterrâneo, que, segundo ela, possuem participação na honra masculina sem perder sua feminilidade. Para ela, a análise de Bourdieu pecou por universalizar a dominação masculina quando ela depende de atributos derivados do sexo ou da classe social (COSTA, 2002, p. 219). A autora defende, portanto, que os estudos sobre masculinidades estejam inseridos dentro de uma perspectiva relacional de gênero e não tomados dentro de conceitos ou padrões universais.

Costa refuta algumas críticas que foram feitas pelas feministas quando do início dos estudos das masculinidades. Uma delas trata da possibilidade de agências internacionais terem interesse em tais estudos, em razão de temas periféricos como controle de natalidade ou a reprodução feminina. Para isso, supostamente essas agências estariam por trás do surgimento dos estudos masculinos com o propósito de investigar os seus múltiplos perfis. No entanto, Costa contraria tal perspectiva, afirmando que seria subestimar os resultados do movimento feminista que contribuiu para o surgimento dos estudos masculinos, em virtude da relação binômica homem-mulher e suas relações de poder. Com efeito, ela conclui que o interesse pelos homens como tema dos estudos de gênero é fruto do próprio movimento que possibilitou tanto às mulheres quanto aos próprios homens repensar sobre o comportamento masculino.

A autora aventa também a hipótese de que agências internacionais tenham financiado tais pesquisas não reduz a importância do novo campo de estudo, pois o próprio movimento feminista fora inicialmente patrocinado por tais agências, visando ao interesse em conter o crescimento populacional. Com efeito, Costa deixa de lado os interesses periféricos ou as motivações espúrias que pudessem estar por detrás

do surgimento dos estudos de gênero, defendendo que o mais importante é o envolvimento deixado por essas pesquisas, tal como ocorreu com o feminismo.

Costa apresenta ainda a crítica de alguns (as) estudiosos (as) que veem de maneira negativa a mudança nos estudos de gênero a partir da crítica feminista para os estudos masculinos. Para estes, essa mudança não deveria ser incentivada, pois, segundo os (as) críticos (as) opositores (as) dos estudos masculinos, não haveria estudos suficientes sobre mulheres. O argumento é válido, porém ela relativiza isso com a própria tese defendida sobre o fato de a história se caracterizar como uma narrativa produzida pela perspectiva masculina. Nesse raciocínio negativo, ao colocar os homens como pauta das reflexões sobre gênero equivaleria colocá-los novamente como protagonistas da história. Por outro lado, Costa defende como contra-argumento a seguinte questão: sobre qual perspectiva masculina a narrativa histórica se produziu? (COSTA, 2002, p. 220). Dessa maneira, Costa defende os estudos masculinos no sentido de investigar sobre em que modelo de homens a história se baseou.

Assim, ela conclui que a história se reproduziu contada somente por uma parcela pequena de homens. Para Costa, esse desprezo pelos estudos masculinos que se utilizam do argumento que afirma a história como essencialmente “masculina” não se sustenta, em virtude de que não há esse pretendido essencialismo masculino. Ela relativiza essa noção do seguinte modo: “foi uma perspectiva de homens libertos ou escravos; de brancos ou negros; de colonizadores ou colonizados; de ricos ou pobres; de heterossexuais ou homossexuais?” (COSTA, 2002, p. 220). É preciso, portanto, considerar sob qual perspectiva masculina os críticos e as críticas, contrários ou contrárias aos estudos masculinos, entendem que a história seja uma narrativa masculina.

Com isso, a autora entende que os estudos masculinos são uma oportunidade para que os homens, que no passado não tiveram vozes em razão de diversos fatores, como sua raça, classe, orientação sexual, possam agora se afirmar. Costa defende ainda que essa perspectiva crítica aos estudos das masculinidades vincula-se de alguma maneira à desconstrução da noção de Homem Universal, não visto em suas especificidades.

O texto aborda o equívoco de autoras, como Andrea Cornwall e Nancy Lindsfarne, que trabalharam de maneira preconcebida a crítica às etnografias. Elas entendem que esse campo de estudo privilegiou os homens ao não trabalhar as

mulheres como “agentes sociais”, mas sim como mães e esposas. Gomes Costa entende que quando Cornwall e Lindsfarne fazem tal afirmação estão simultaneamente confirmando que mães e esposas não são “agentes sociais” (COSTA, 2002, p. 223). De maneira que quando ambas afirmam isso, estão sendo androcêntricas, pois associam como “agentes sociais” somente as mulheres que exercem funções que por muito tempo pertenceram apenas ao universo masculino.

Esses aspectos dos estudos antropológicos demonstram, assim, que os homens na verdade aparecem como não marcados enquanto as mulheres aparecem como marcadas. Neste caso, Costa aponta que o adequado seria estudar os homens como “marcados”, visando à apreensão das especificidades características do gênero masculino e as mulheres como “não-marcadas”, para não recair nas marcas da sexualidade feminina que estigmatizaram as mulheres por séculos. Nesse caso, as mulheres apareciam sempre como “marcadas”, ou seja, são descritas pela sexualidade ou capacidade reprodutiva, por serem mães. Ao passo que os homens sempre foram estudados como “não-marcados”. Costa aponta, portanto, a necessidade de inverter essa ordem dos estudos.

Os estudos masculinos, desse modo, caracterizam-se, sobretudo, por pertencerem ao campo dos estudos de gênero: “gênero engloba homens e mulheres, indo além dos sujeitos concretos” (COSTA, 2002, p. 226). As masculinidades constituem-se nas relações entre homens e mulheres. Segundo ela:

Gênero é entendido como a categorização de pessoas, artefatos, eventos, seqüências, e tudo o que desenha a imagem sexual, indicando meios pelos quais as características de masculino e feminino tornam concretas as idéias das pessoas sobre a natureza das relações sociais (COSTA, 2002, p. 226).

Costa depreende que as críticas que procuram analisar os estudos masculinos sob um viés negativo não fazem sentido, uma vez que tais estudos se inter-relacionam aos estudos feministas. Isso ocorre devido à noção errônea de que os estudos de gênero investigam apenas e exclusivamente o campo feminino. De acordo com Gomes Costa, o feminismo não deve ser tomado como sinônimo dos estudos de gênero, isto é, o estudo de gênero não deve ser visto como campo exclusivo dos estudos feministas:

uma questão problemática que é tomar a categoria gênero como sinônimo do feminismo. [...] Assim, a tensão entre teorias feministas e teorias de gênero parece

residir no fato de que as primeiras, quando tomam o feminismo como sinônimo de gênero, acabam por comprometer os supostos teóricos mínimos que fundamentam os estudos de gênero (COSTA, 2002, p. 226).

É preciso compreender que os estudos femininos fazem parte dos estudos de gênero, mas nem todo estudo de gênero deve ser visto apenas flexionado exclusivamente pela perspectiva feminista (COSTA, 2002, p. 227). A autora considera ainda que algumas críticas feministas falham ao condenar a ideia de que os estudos masculinos estariam enfraquecendo as lutas políticas das mulheres: “a crítica de que os estudos sobre masculinidades estariam retirando a força política de luta das mulheres, diluindo seus problemas, parece considerar que não é possível falar sobre feminismo quando os estudos referem-se a homens e masculinidades” (COSTA, 2002, p. 227).

Portanto, essa crítica parte do entendimento de que ao se falar enfaticamente dos homens, as mulheres estariam perdendo sua força. Costa contrapõe argumentando que se não se pode falar sobre homens dando ênfase ao gênero masculino, o mesmo pode ser dito em relação às mulheres: “Se [...] não faz sentido a ênfase em um dos lados da categoria de gênero, o mesmo pode ser dito em relação aos estudos sobre mulheres” (COSTA, 2002, p. 227). Percebe-se, a partir dessas posições de Rosely Gomes Costa, que as análises deveriam pontuar-se dentro de uma perspectiva relacional de gênero. A crítica feminista, ao não incorporar os homens em seus estudos, estaria caminhando em direção a uma percepção equivocada do problema, visto que os mundos masculino e feminino estariam sendo analisados separadamente:

a separação proposta pelo feminismo e usada como instrumento político não estaria levando em conta que homens e mulheres compartilham os valores culturais e constrangimentos de uma mesma sociedade. Nesse processo, homens e mulheres aprendem a respeito um do outro, pois se gênero é constituído relacionalmente, aprender a ser homem traz em seu bojo aprender o que é ser mulher, e vice-versa (COSTA, 2002, p. 228).

Costa cita Butler (apud COSTA, 2002, p. 229) como uma referência importante que corrobora com essa colocação. Butler questiona as identidades fixas e, com isso, desarticula a visão universalizante, portanto metafísica, e identitária construída por feministas mais radicais. A noção de mulher, ou seja, vista como um modelo perene a ser alcançado, é um conceito rechaçado por Butler à medida que não dá conta de explicar as diferentes categorias de mulheres. Ao elaborar um

discurso sobre a igualdade absoluta entre as mulheres advindas da postura das feministas brancas, de classe média, norte-americanas (COSTA, 2002, p. 230), automaticamente negaram a existência de outras possibilidades para o campo feminista. Por essa razão, muitas mulheres não se sentiam representadas dentro desse modelo, uma vez que negava as diferenças de raça, etnia, classe, orientação sexual, etc.

Assim, Butler (1998, apud COSTA, 2002, p. 232) não estabelece que o termo “mulheres” seja abolido, mas sim reconfigurado na tentativa de responder a essas diferenças internas ao campo feminista. Em última análise, Costa entende que os estudos masculinos devem se direcionar para o âmbito relacional e não identitário, isto é, entendido como uma identidade fixa e polarizada.

#### 1.4 DESCONSTRUÇÕES MASCULINAS: DA VIOLÊNCIA À ABERTURA DOS HOMENS À SENSIBILIDADE AFETIVA

Com a interação cada vez mais acentuada entre homens e mulheres e o aprofundamento dessas relações, o abismo que anteriormente os separava, em decorrência dos protocolos defendidos pelos paradigmas patriarcais, vem sendo diminuído significativamente. As fronteiras rigidamente demarcadas entre os papéis femininos e masculinos sofreram abalos que, por outro aspecto, possibilitaram a reconfiguração de diversas práticas anteriormente interditas tanto para os homens quanto para as mulheres.

Um dos fatores que certamente contribuiu para que a masculinidade fosse apreendida historicamente pelas sociedades tradicionais como um conceito fixo, essencialista e universal foi o corpo. Nesse sentido, o corpo carregava consigo sinais que eram interpretados pela sociedade. Essa interpretação conseqüentemente recaía sobre o sujeito que, por sua vez, era muitas vezes classificado como um homem bem sucedido ou fracassado em razão do seu corpo.

De acordo com Cecchetto, o corpo teria uma função social e, nesse sentido, contribuiria para o que Bourdieu classifica como dominação masculina. Os esportes, bem como as disputas que envolveriam valores como honra, teriam a potencialidade de colocar em provas constantes a virilidade:

O corpo segue sendo o *locus* dessa dominação, uma violência simbólica. Nesse sentido, assinala o esforço dos homens para assegurar sua participação no “patético jogo viril”: dar provas constantes de virilidade nos jogos de honra e guerra (CECCHETTO, 2004, p. 75).

O corpo, dentro dessa análise, constitui-se como um lugar que soma as características naturalizadas socialmente. Entende-se que o corpo pode ser apreendido como um construto social à medida que transmite uma noção de naturalidade, ou seja, apresentaria inscrito o papel de cada um de acordo com a natureza. Por outro lado, a autora aponta para uma construção do mito de que a identidade masculina se constituiria apenas pela posse do órgão biológico. Para ela, as identidades masculinas também se constituem “pela filiação do indivíduo a um grupo e a determinados valores e condutas considerados masculinos” (CECCHETTO, 2004, p. 76).

Desse modo, um determinado grupo, ao qual o sujeito se insere, poderá constantemente cobrar os resultados da sua virilidade. Dar provas significa, em outros termos, “ser homem”, ou seja, a aquisição da masculinidade se caracteriza como um processo, sobretudo, física e psicologicamente violento. A criança passa, assim, por um processo em que se distanciar de tudo o que caracteriza o feminino seria o mesmo que conquistar seu estatuto de “homem”. O esporte seria um campo lúdico, de competição e violência, em que o corpo tem o papel de somar as características indicativas da masculinidade eventualmente almejada, isto é, a confirmação da virilidade.

Um movimento nascido nos Estados Unidos, intitulado *men’s movement* procurava, durante a década de 1990, congregar homens que lutavam para recuperar a “verdadeira masculinidade”: “Selvageria, sons de tambores e ritos de iniciação foram algumas das fórmulas seguidas pelos “guerreiros de finais de semana”, como ficaram conhecidos os homens que participavam desses encontros para celebrar a masculinidade” (CECCHETTO, 2004, p. 78). Essa luta pelo controle do corpo concretiza a afirmação do culto da força física orientada sempre na direção dos valores normativos correspondentes à masculinidade hegemônica.

Segundo ela, tais movimentos defendiam a “vantagem hormonal masculina” (CECCHETTO, 2004, p. 80). Nesse sentido, há uma tentativa flagrante em justificar a violência masculina disfarçada sob aspectos como força física e aquisição de músculos, ao que Cecchetto denomina como “síndrome de Rambo”. Tais aspectos

reforçariam o significado de virilidade, força e heterossexualidade, em que os sentimentos, por exemplo, seriam relocados ou dissolvidos nas práticas esportivas, sexo, lutas, etc. O grande problema de tal abordagem sobre a masculinidade é seu aspecto redutor. Essa prática reduz a masculinidade a apenas um modelo, desconsiderando outras formas ou expressões de masculinidades. Também naturaliza a violência e a força física como atributos essenciais à masculinidade, não se percebendo tal processo como um construto socialmente constituído.

Cecchetto faz ainda um levantamento das teorias de Norbert Elias, do livro *A busca da excitação*. Ela pontua que a violência masculina, com o desenvolvimento do processo civilizatório europeu, sofreu uma gradativa diminuição, sendo reconfigurada para dentro dos quartéis das forças militares. Essa violência legalizada só pode ser exercida por homens revestidos de tal atribuição, ou seja, policiais e soldados. Por outro lado, ainda que a eliminação total da violência seja um ideal desejado por muitos, ela é impossível, pois: “as várias formas e dimensões particulares que a violência assume só podem ser mitigadas em suas manifestações extremas” (CECCHETTO, 2004, p. 82). Esse controle da violência revela-se paradoxal à medida que exige o emprego dela para sua coibição. Desse modo, o corpo pode ainda comunicar a dominação ou subordinação masculina.

O corpo assume ainda outras atribuições na modernidade. Cecchetto aponta (2004, p. 84) para o modo como o corpo substituiu a alma em seu aspecto mais valorativo. A autora, em diálogo com o estudioso francês Jean Baudrillard, utiliza o conceito de “narcisismo dirigido”, em que o corpo se torna um canal de consumo e sua constante manutenção torna-se, em última instância, uma finalidade em si mesmo. De fato, o corpo passa a somar funções morais e ideológicas, sendo esse narcisismo dirigido reforçado pelas mídias. A necessidade constante de dietas, cirurgias plásticas, remédios, drogas, injeções, treinamentos, etc., fazem com que o sujeito vislumbre no corpo uma finalidade existencial.

Com efeito, o culto do corpo contribui para o chamado “supermercado de fantasias pessoais”, num consumo massivo e permanente de pessoas. Essa procura pela forma ideal tem levado muitos ao uso abusivo de drogas, como anabolizantes, acreditando que com isso terão maior aceitação e, conseqüentemente, maiores possibilidades de ascensão social. Cecchetto aponta para a expansão, no Rio de Janeiro – mas também no Brasil de um modo geral –, das academias de musculação, ginástica e artes marciais como um dado sintomático dessa questão.

Dessa maneira, os sujeitos emprestam uma importância fundamental para a boa aparência e a forma física como imprescindíveis para obtenção de *status*, dinheiro e poder (2004, p. 85). Essa procura, antes mais presente nas classes médias, está também muito presente na atualidade nas camadas mais populares.

De acordo com a autora, a incorporação do corpo dentro do mercado dos bens simbólicos sinaliza para a afirmação de determinados padrões de masculinidade. Como exemplo, Cecchetto cita os funqueiros do Rio de Janeiro que, segundo ela: “afirma a incorporação de valores hipermasculinos e guerreiros, ao mesmo tempo que a “emoção” da briga parece equivaler [...] ao tenso uso da força física entre os praticantes de jiu-jítsu fora do contexto esportivo” (CECCHETTO, 2004, p. 86). Como consequência desse culto do corpo, a violência também emergiu como uma ação típica de confirmação de masculinidade e, por muito tempo, pelo menos em nível nacional, tal postura se sustentava como paradigma para a afirmação masculina.

Desse modo, a violência passa a ser um fator associado a um modelo regressivo de masculinidade. Para Welzer-Lang, a violência configura-se como um problema inerente a esse mundo e tradicionalmente ignorado pelos pesquisadores. Esse problema não se resume apenas à esfera da violência física, mas abrange também a violência verbal, psicológica e também sexual:

Os homens violentos definem a violência que exercem sobre sua companheira como um *continuum de violência física, psicológica, verbal e sexual, associado a uma intenção*; intenção de dizer, de exprimir um sentimento, um desejo ou uma vontade. “Era para dizer a ela... para mostrar a ela”, explicam eles quando desistem de negar (WELZER-LANG, 2004, p. 114).

Consequentemente, a violência e o crime também podem se imiscuir, na concepção de alguns críticos, no interior da masculinidade hegemônica. Nesse sentido, essa categorização é tomada somente em seus aspectos negativos que, segundo os autores: “retratam os homens como não emocionais, independentes, não cuidadores, agressivos e não passionais – as quais [tais características] são vistas como causas do comportamento criminal.” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255).

Por outro lado, os autores demonstram como a violência pode não ser a melhor característica para definir a masculinidade hegemônica, exatamente devido a sua fluidez de significados. Embora o conceito tenha servido como uma prática que

possibilitou a dominação masculina sobre as mulheres por muito tempo, é preciso ponderar que: “Entretanto, a violência e outras práticas nocivas não são sempre as características definidoras, uma vez que a hegemonia tem numerosas configurações” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255).

Um problema pontual apontado trata dos aspectos “positivos” no comportamento masculino, ou seja, daqueles que poderiam ser benéficos aos interesses e desejos das mulheres. Com efeito, há comportamentos positivos, como “trazer para casa um ordenado, sustentar uma relação sexual e ser um pai” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255-256), mas ainda há aquelas que se apegam ao lado negativo, como “a violência, a agressão e o egocentrismo” (2013, p. 256).

Por conseguinte, o corpo masculino associado à força física e, conseqüentemente, à violência, de certo modo, revela-se como um elemento que contribuiu para um “endurecimento”, o que o psicólogo brasileiro Sócrates Nolasco classifica como “homem de verdade”. Em *A desconstrução do masculino*, Nolasco entende que, com a modernização iniciada no final do século XVIII, criou-se uma nova condição social para o indivíduo consistindo na autonomia e no individualismo. Com a radicalização desse último elemento por parte da ideologia neoliberal que enfatiza a capacidade individual do sujeito à revelia da coletividade, os homens precisam aprender a conviver com certa sensação de solidão e abandono, tendo que confiar em suas capacidades industriais e tecnológicas. Com efeito, a tradição iluminista contribuiu para o reforço dessa perspectiva de vida que define o comportamento do homem como independente e autossuficiente.

Nesse contexto, questionamentos abrem-se em face desse novo sujeito. De acordo com Nolasco: “as representações de *homem trabalhador, homem pai, homem sexo, homem violência, homem emoção* abrem frente a questões como: o que é ser um homem? O que quer um homem no contexto contemporâneo?” (NOLASCO, 1995, p. 18). Tais questionamentos poderiam inculcar nos homens o sentimento de indiferença a determinados padrões de masculinidade, visto que a dificuldade de definir qualquer posição determinada é imensa. Por outro lado, Nolasco entende que: “sustentar tal indeterminação é o mesmo que pôr em dúvida sua escolha sexual” (1995, p. 18). O menino, desse modo, encontra-se numa complicada cadeia de escolhas daquilo que se espera dele: “virilidade, agressividade, determinação” (1995, p. 18).

A masculinidade dos meninos vive sob a vigilância constante tendo-se em vista os seus níveis de reação diante dos desafios, como as brigas, por exemplo. Manifestações de sentimentos, emoções, carinho ou ternura colocam em dúvida a sua preferência sexual. De acordo com a perspectiva da educação tradicional, ter um comportamento fora daquilo que fora previamente estabelecido pode ser um indicativo para uma heterossexualidade que não vingou.

No entanto, atualmente as noções múltiplas de masculinidade não se aplicam mais a tal visão de mundo. Considerando que há muitas masculinidades, a perspectiva essencialista se desvanece diante desses novos comportamentos e representações. De acordo com Nolasco: “É neste sentido que não se acredita mais que exista o *masculino* como único conceito norteador e gerador de referências para o comportamento do indivíduo” (1995, p. 19). Conseqüentemente, os homens atualmente estão em busca de legitimações de sentimentos e desejos que anteriormente eram atribuídos exclusivamente às mulheres.

Por exemplo, atributos que em outros momentos eram próprios ao âmbito feminino, como cuidar dos filhos, hoje são perfeitamente normais para os homens. Os comportamentos individuais dos homens estão sofrendo transformações importantes que apontam para uma valorização da vida afetiva em detrimento da vida material. Esses efeitos observados nas ações masculinas da atualidade podem ser resultados da fragmentação da vida material, bem como das lutas feministas.

O feminismo exerceu uma influência importante no que concerne a este aspecto, muito em razão da posição ocupada pelas mulheres como “segundo sexo”. Nesse sentido, ao demonstrar a existência de um primeiro sexo, como um gênero que ocupa um lugar privilegiado, o feminismo apontou o gênero masculino como “opressor” das mulheres: “É preciso crer que todo e qualquer homem “oprime” toda e qualquer mulher” (NOLASCO, 1995, p. 20). Contudo, Nolasco entende que, com as transformações sociais dos últimos tempos, com os avanços da técnica, da cibernética e da informática, por exemplo, o sexo “já não define mais quem é a caça ou caçador” (1995, p. 21).

Nessa nova condição social, exige-se muitas vezes que o homem mantenha-se preso às questões de competição e desempenho, dentro dos padrões exigidos pelas máquinas. Com efeito, as máquinas desempenham suas funções dentro de um padrão de excelência, enquanto os homens estendem esses parâmetros e reproduzem em suas vidas essas funções. Tornar-se homem na

atualidade equivale a ser identificado com o homem máquina, ou seja, aquele que se afasta de suas experiências emocionais e é pressionado para obter sempre o melhor desempenho. É preciso considerar, no entanto, que mesmo essa perspectiva se configura como um novo componente a ser experimentado pelos homens.

A crença de que “todos os homens são iguais” apresenta-se, portanto, como o resultado dessa tentativa de homogeneização masculina, tornando-se o lugar comum das discussões sexista que não leva em consideração o fato de que tal modelo de masculinidade é extremamente opressor aos homens também. Assim, fatores e problemas sociais da atualidade, como o desemprego, por exemplo, tendem a associar-se ao fracasso masculino.

Essa generalização interpretativa, relativa à opressão do homem sobre a mulher, proveniente também dos estudos feministas, não compreende o problema em sua totalidade, pois apenas considera um recorte das masculinidades. Segundo Nolasco: “A representação de homem que se apoia na expressão de um desempenho viril, dominador e possessivo deixa de ser legítima quando refere-se a todo e qualquer homem” (1995, p. 23). Dessa maneira, a abordagem generalista sobre os homens, praticada amplamente pela sociedade, torna-se problemática à medida que não é capaz de definir o homem ou quando o reduz a um mero opressor.

Uma alternativa sugerida por Nolasco seria perceber a abordagem masculina como tributária do feminismo, no sentido de aproximar os campos de estudos. De fato, Nolasco aponta para o problema que seria tentar desvincular o homem de uma dinâmica falocêntrica (1995, p. 23), por outro lado, considera que é possível estudá-lo numa perspectiva relacional de gênero. Ele aponta para essa dificuldade, visto que ainda procuram-se generalizações: “Em vez de identificar um vínculo de simpatia e compreensão entre ambos, diante de um mundo que os tornou semelhantes, as análises de gênero ainda não se desenvolvem partindo dessa premissa” (NOLASCO, 1995, p. 23). Ao invés dessa perspectiva sugerida pelo autor, ainda prefere-se abordar de maneira radical as diferenças entre os sexos.

O autor propõe ainda uma desconstrução do masculino a partir das reflexões do filósofo Henri Bergson. De acordo com ele, os sujeitos só percebem aquilo que tem interesse em perceber, neste caso, o masculino só é percebido como um clichê sustentado pelo argumento biológico. Só recentemente é que se percebeu o gênero como algo desvinculado do sexo. A identificação do menino ou da menina

perpassava sempre pela questão anatômica para referendar determinadas certezas culturais. Porém, o sujeito, a partir de Foucault, passa a ser percebido como indivíduo construído socialmente e historicamente. Por conseguinte, a noção biológica ou anatômica não se sustenta. O “homem máquina”, ou aquele que nasceu fatalmente para desempenhar uma função predeterminada na sociedade, perde de certo modo o sentido.

A paternidade surge como um elemento problemático na constituição dos meninos, conforme apontado pelo autor. Esse espectro inerente à paternidade revela o quanto os meninos se aproximam afetivamente das mães, enquanto que os pais, ao suprirem suas necessidades materiais, distanciam-se dos filhos. Desse modo, Nolasco entende que os meninos desenvolvem atitudes agressivas e violentas em virtude dessa carência. Socialmente, tais comportamentos são valorizados e reconhecidos como símbolos de virilidade.

Contudo, é importante observar que Nolasco cai num lugar comum ao estabelecer essa análise, dentro de uma noção em que as mulheres são vistas como mais afetivas e os homens menos emocionais. Ao pontuar que os pais suprem as necessidades materiais dos filhos, entende-se que os homens trabalham fora e as mulheres não. Cabe salientar que tal posição só é cabível num determinado tempo da história que, na atualidade, não corresponde mais integralmente à realidade. Muitas mães se distanciam dos filhos pela necessidade crescente em terem que trabalhar; algumas até mesmo para prover todo o sustento da família. Dessa maneira, essa perspectiva de que os meninos desenvolvem a afetividade pela relação com as mães, ao menos atualmente, não é cabível em sua totalidade, visto que algumas mães atuais são tão ausentes quanto os pais foram – muitos ainda são – no passado.

O universo do trabalho invade a análise de Nolasco como um campo de atuação que durante muito tempo era predominantemente masculino. Esse campo de atuação revela como os homens eram pressionados em sua masculinidade como algo que dependia do sucesso material e da estabilidade econômica. Com o desemprego crescente na atualidade, essa visão do “homem bem sucedido” cede espaço a outras formas e expressões, à medida que essa perspectiva deixa de ter valor como critério fundamental para a constituição masculina.

Esses lugares comuns às masculinidades vêm gradativamente perdendo força e sofrendo relativizações. Crises que apontam para a desestabilização dos papéis das identidades são cada vez mais comuns na sociedade ocidental:

A denominação “homem feminino” e “mulher masculina” apontam para a ausência de conceitos que possam operar mais eficientemente nas indagações e respeito do que caracteriza um homem e uma mulher, se há de fato uma possibilidade de defini-los atualmente (NOLASCO, 1995, p. 28).

Nolasco entende que essas indefinições, ou indeterminações, é o que na atualidade qualifica tanto os atributos masculinos quanto os femininos. Para ele,

É preferível uma liberdade feita de indeterminação a todas as certezas que subordinam à sua volta. Assim, o homem sem qualidades se afirma como um homem do possível e da experimentação, que não se alarma ao ver sua identidade passar por contínuos remanejamentos (NOLASCO, 1995, p. 29).

Em seu artigo “Um homem de verdade”, Nolasco enumera uma série de valores cultuados atualmente pela sociedade moderna, mas que, para ele, representa um “vácuo moral”. Segundo o autor, o materialismo, o hedonismo, a permissividade, o relativismo e o consumismo são valores que vêm contribuindo para uma crise generalizada na sociedade. O materialismo representa a busca desenfreada pelo sucesso, status e poder; o hedonismo caracterizado sobretudo pela negação dos ideais e sentidos da vida, substituindo-os pela busca constante de sensações novas e excitantes; a permissividade que se apresenta como um vale-tudo para tudo e para todos; o relativismo que preconiza uma ética subjetiva e idiossincrática em que cada um pode seguir suas próprias regras a qualquer momento; e, finalmente, o consumismo que cria a ilusão de participação na aquisição de bens simbólicos, entretanto, descartáveis.

Diante desse quadro, Nolasco apresenta os problemas que emergem atualmente nesse contexto: drogas, violência, desemprego e crises familiares. A supervalorização do individualismo conduziu o sujeito a uma indiferença diante dos problemas sociais. Segundo ele: “Nesta cultura niilista, em que tudo se torna rapidamente obsoleto, busca-se o prazer sem restrições” (NOLASCO, 1997, p. 16). As relações sociais entre indivíduos tornam-se extremamente comprometidas numa sociedade em que tudo é transitório e descartável. Com efeito, as relações

resumem-se aos jogos de mercado, em que a competitividade dita as regras desse jogo.

Nessa sociedade, os ideais são substituídos por produtos e a humanidade não se pauta mais sobre princípios morais ou éticos. O humano passa a ser reinventado pelo viés tecnológico que o aproxima cada vez mais da máquina (NOLASCO, 1997, p. 16). Essa crise, portanto, aponta para um problema que talvez seja o “calcanhar de Aquiles” do modelo de masculinidade preestabelecido para os homens. De fato, muitos homens não querem mais se submeter a essa “ditadura do vencer” em que o homem só se constitui ou “se torna homem” após sucessivas vitórias. Esse homem atual, resultado dessas crises e transformações, procura incluir seus sonhos e sentimentos num tipo de engajamento pessoal em que perdas e ganhos fazem parte da sua caminhada (NOLASCO, 1997, p. 17).

Nolasco aponta para os fracassos como um elemento fundamental para a elaboração de valores consistentes para o sujeito. Reagir positivamente diante dos insucessos que se apresentam pode ser uma nova maneira de constituição masculina, ao invés daquele modelo que preconizava exclusivamente o sucesso.

As relações interpessoais da atualidade também são constituídas a partir de perspectivas materiais. O aspecto afetivo fica comprometido em razão dos constantes jogos de interesse e poder em que todos estão sujeitos. As relações íntimas, desse modo, apresentam-se superficiais em nome de uma autossuficiência exigida pela sociedade. Uma das razões apontadas por Nolasco (1997, p. 17-18) desse diagnóstico é a exigência de um projeto de vida masculino marcado pela procura constante por conquista, dinheiro, status e poder, em que intimidade e afetividade não possuem a menor relevância nesse processo.

O autor apresenta, como forma de corroborar essa tese, um depoimento de um homem de 40 anos. Nele, o sujeito relata o significado de ser um “homem de verdade”:

Acho que o padrão de masculinidade se expressa de várias formas. Essencialmente, é a sensação de que só se é homem de verdade ao tratar o próximo como menos homem. É a crença de que de certa forma só dá para atingir certo grau de masculinidade sem a presença de mulheres ou somente na companhia de outros homens, ou através de atos que até certo ponto lhe deixem diante das mulheres se achando melhor do que elas. Acho que o padrão de masculinidade vem muito da crença de que existe um *homem de verdade* (NOLASCO, 1997, p. 18).

Essa crença de que existe um suposto homem de verdade torna-se, ao longo da vida do sujeito, um modelo inalcançável. Esse espectro, idealizado a partir da infância do menino, configura-se como uma referência para a maioria dos homens, todavia, gerando mais inquietações que realizações.

A figura do pai apresenta-se como aquele sujeito distante, autoritário e irritadiço que não convive afetivamente com os filhos. Essa autoprojeção que os homens fazem, ao criar uma imagem masculina aceitável para os padrões convencionais, traduz-se como um medo de o sujeito não se sentir homem. Falar de suas inquietações e medos seria o mesmo que colocar em dúvida as certezas de sua identidade sexual.

Por outro lado, no que tange a esse aspecto negativo do que significa ser homem para boa parte dos sujeitos, Nolasco entende que essa sociedade, devido ao seu culto ao individualismo, possibilita repensar novas práticas que, anteriormente, eram interdidas aos homens:

a sociedade individualista vem permitindo sucessivas revisões nas representações de homem e mulher e, conseqüentemente, vemos emergir novas demandas sociais para ambos. [...] estão sendo estimulados a participação e o envolvimento deles com os filhos e o cotidiano doméstico (NOLASCO, 1997, p. 19).

Esse desenvolvimento da sensibilidade masculina tem aproximado os homens do seu cotidiano familiar, da educação e do desenvolvimento dos filhos. Porém, ainda persiste aquela concepção de que a intimidade pertence ao universo feminino e que, por essa razão, os homens deveriam se manter, de algum modo, afastados do lar. Nesse viés, o ato de expressar emoções que marcam a sensibilidade humana era concebido como uma atribuição quase que exclusivamente feminina. O homem crescia aprendendo que essa dimensão afetiva estava fora de suas prerrogativas. No entanto, Nolasco aponta para novas perspectivas para o universo masculino:

Todavia, atualmente se espera que ele, em seus relacionamentos, disponha de recursos para compreender as demandas emocionais de sua parceira e seus filhos, ao mesmo tempo que seja cúmplice dessas demandas. Considerando o padrão de masculinidade pertencente às sociedades patriarcais e as novas demandas, temos que essa “nova masculinidade” solicita que um homem seja sensível, mas sem que isso comprometa sua virilidade; do mesmo modo, ele deverá ter iniciativa na vida, sem que, com isso, seja agressivo, violento ou competitivo (NOLASCO, 1997, p. 21).

A identidade de um homem se constrói à medida que o menino, ainda criança, sente a necessidade de se distanciar de sua mãe. A experiência emocional masculina, portanto, tem seu início a partir da relação entre a mãe e seu filho. O distanciamento paterno foi um aspecto que marcou durante muito tempo essa constituição da identidade masculina. Contudo, é preciso considerar que tal distanciamento só aprofundava a carência afetiva dos filhos. Esse distanciamento pode parecer fundamental no que concerne ao aspecto em tornar o menino “senhor de si”, por outro lado, inibe o sujeito em suas expressões emocionais ou afetivas.

A noção do chamado “homem de verdade”, ou aquele definido dentro de uma perspectiva fechada associada ao modelo universal, representa esse espectro do sujeito distanciado de tudo o que possa aproximá-lo dos seus sentimentos e emoções. Esse homem seria aquele que supostamente alcançaria sua masculinidade somente pela perspectiva do distanciamento emocional, traduzindo sua realização exclusivamente por um viés competitivo ou pela demonstração de força física e poder, sendo seu sucesso mensurado pelas suas conquistas materiais.

A masculinidade, vista sob esse aspecto, é polarizada entre homens bem sucedidos e fracassados; entre aqueles que não expressaram emoções e, conseqüentemente, conquistaram poder e status; e aqueles que por serem emotivos são colocados num patamar inferior: “O macho e a bicha, o bem-sucedido e o fracassado, o forte e o fraco, o público e o doméstico são polaridades que servem para demarcar uma noção de masculinidade problemática” (NOLASCO, 1997, p. 24).

Essas exigências que prescrevem aquilo que é sinal ou não de masculinidade, para Nolasco, apenas contribuem para a sensação de incerteza, insegurança, ansiedade e desespero nos homens. Essas exigências têm por consequência um despreparo da parte dos homens para lidar com a vida emocional. Esse distanciamento do pai em relação ao filho, portanto, contribui para a acentuação desse problema. A incapacidade desenvolvida em lidar com situações que requerem uma perspectiva mais emocional – tal como um abraço, por exemplo – retrai os homens na compreensão de si mesmos, assim como cria seres emocionalmente insatisfeitos.

Vale a pena mencionar ainda os casos em que pais abandonam ou nem mesmo reconhecem a paternidade dos filhos. Nesses casos, nem se pode falar sobre distanciamento, mas sim no modo como determinados homens fogem de seus problemas emocionais por mera incapacidade de resolvê-los. A conquista desse

modelo de masculinidade, relativo ao homem de verdade, revela-se uma luta contínua e infrutífera. Por conseguinte, o sujeito, ao tentar se enquadrar nesses padrões, nunca atinge tal padrão de masculinidade e está constantemente em busca de autoafirmação e da confirmação de sua virilidade.

O homem de verdade, apontado por Nolasco, apresenta-se, portanto, inevitavelmente fragilizado diante dos problemas emocionais que podem surgir ao longo da vida. Essa fragilidade se configura em razão da atitude esquiva em relação às emoções, isso de boa parte dos homens que sustentam o estatuto do homem de verdade. A mulher, observada dentro desse contexto, passa a servir como um objeto para a confirmação dessa perspectiva de masculinidade:

há um veio de dependência emocional, não explicitada, na relação dos homens com as mulheres. Isso implica estabelecer mais “facilmente” com elas relações de amizade do que com homens. Por outro lado, há na relação entre homem e mulher uma expectativa de que o homem domine essa relação, implicando a criação de estratégias para submeter a mulher. [...] Eles nos mostram os contornos de relações de intimidade, criadas em um sistema social que qualifica um dos sexos por meio da desqualificação do outro (NOLASCO, 1997, p. 25-26).

A violência, mais uma vez, emerge dessa perspectiva em que o homem, para se constituir como superior ao outro, utiliza-a, neste caso, contra a mulher. O uso da violência, para os homens que procuram encaixar-se no ideal do homem de verdade, configura-se como uma maneira de distanciar-se da feminilização. Porém, a violência é demonstrada como uma forma precária de afirmação de masculinidade, uma vez que mesmo as mulheres manifestam com intensidade esse atributo.

A intimidade masculina apresenta-se como algo não manifestado, oculto sob o manto da manutenção de um modelo que preconiza a atitude de esconder os sentimentos interiores. Giddens aponta para a dificuldade que os homens têm em estabelecer laços de intimidades com outros homens, bem como aqueles que têm essas relações de amizades íntimas com mulheres. Isso evidencia algumas dificuldades que o “homem de verdade” tem em estabelecer relações de afetividade ou amizade com outros homens, enquanto as mulheres têm essas relações naturalmente com o mesmo sexo e com o sexo oposto:

A representação social do *homem de verdade* garante aos homens muitas dificuldades, entre as quais se destacam as restrições para estabelecer relações de intimidade. Isso porque ela não estimula nem promove a melhoria da comunicação emocional masculina. Pelo contrário, alimenta-se do silêncio ou da comunicação monossilábica do indivíduo consigo mesmo (NOLASCO, 1997, p. 27).

Essa carência de emoção, por parte dos homens que procuram alinhar-se ao “homem de verdade”, aponta para uma série de dificuldades para que os homens consigam relacionar-se entre si. Outra estudiosa, que contribui significativamente para essa reflexão acerca da afetividade masculina, é a psicóloga brasileira Mara Barasch. Em seu artigo “Sexo e afeto no cotidiano do homem”, analisa o processo de adaptação do sujeito contemporâneo em face das transformações sociais mais recentes. Sob uma ótica claramente evolucionista, Barasch entende que o homem está fadado a adaptar-se ao mundo moderno, sem outra opção:

Não é exatamente uma escolha. Ele se vê forçado a caminhar acompanhando os rumos da vida moderna. Quando usamos a expressão “homem moderno”, temos a impressão de que esse novo caminho é percorrido por pessoas inteiradas das dificuldades e da evolução natural das coisas. [...] Engana-se quem pensa assim. O chamado homem moderno é apenas o fruto de uma tempestade de variações e mudanças, vindas de uma forma tão repentina e inesperada que não existem caminhos alternativos senão os que o levam a tornar-se uma parte dessa modernidade. Para ele só resta um opção: ou evolui ou está fora (BARASCH, 1997, p. 95).

O que Barasch indica com isso é a impossibilidade de o homem, entendido enquanto gênero, retroceder no curso dos acontecimentos históricos. Dentre esses acontecimentos está evidentemente a emancipação feminina. Diante da brutal velocidade dos acontecimentos, o homem moderno se vê em necessidade de adaptar-se constantemente. As posições e as relações afetivas entram em cena, exigindo desse sujeito um comportamento mais tolerante em relação às mulheres:

A mulher que contracenava afetivamente com esse homem, há algum tempo, passou a disputar um lugar no mercado de trabalho, dividindo o espaço e competindo com ele. Esses fatores trazem na esteira um outro comportamento emocional para ela. A mulher tornou-se mais atenta às suas sensações, aumentou o respeito por si própria e passou a valorizar o autoconhecimento. Do papel secundário que lhe era destinado, a mulher começou a perceber, por essa nova atitude profissional, que poderia ser parte atuante nas relações afetivas, exigindo sensações e prazeres que antes eram relegados a segundo plano (BARASCH, 1997, p. 96).

Esse novo quadro em que a mulher tem papel de fundamental importância no curso desses acontecimentos exigem uma nova dinâmica na interação entre homens e mulheres. O homem que quer se relacionar com essa nova mulher precisa, necessariamente, estar propenso a aceitar que ela, muitas vezes, esteja num patamar igual ou até mesmo superior. Para isso, esse homem precisa tornar-

se, conforme Barasch, cúmplice dela, sem obstá-la, em um processo mútuo de desenvolvimento (1997, p. 96).

Barasch entende ainda que esse conhecimento sobre a mulher, alimentado pelos homens mais resistentes ou insensíveis a essas mudanças, apresentam-se inadequados pela atual perspectiva da sociedade moderna. A psicóloga, por outro lado, analisa esses homens constatando que eles são vítimas de um modelo de educação que preconiza o sucesso e o domínio para vencer sempre e jamais errar. Esses homens, por outro lado, são incapazes de aprender com a experiência de seus fracassos:

São homens que também foram educados para ser grandes, porém acabam vítimas de um modelo de educação que busca a perfeição e que os prepara para não errar jamais, para vencer sempre, para conquistar tudo e todos, fazendo com que não sobrevivam às experiências de fracassos, que aliás são inerentes às relações humanas e perfeitamente admissíveis (BARASCH, 1997, p. 97).

O fracasso é absorvido pela maioria dos homens como uma perda e não como fruto de uma experiência. Ao entendê-lo como perda, o fracasso se converte em algo que não merece uma reflexão. Desse modo, tais homens perdem a oportunidade de aprender com essa experiência. Essa incapacidade em lidar com as frustrações e fracassos leva essa gama de homens a pensar na relação amorosa como uma espécie de receita ou roteiro para evitar erros. Muitos homens, nesse sentido, veem a relação amorosa e a interação com a mulher como uma sequência lógica, em que a ordem dos acontecimentos deve ocorrer conforme um roteiro preestabelecido. Para Barasch: “com freqüência, as coisas podem ocorrer de outro modo. Isso porque nenhuma relação afetiva acontece de maneira racional ou mesmo matemática; aliás nenhum relacionamento cumpre regras ou é previsível a esse ponto” (1997, p. 97).

Essa percepção masculina das relações pode induzir o sujeito a uma série de problemas, inclusive no âmbito da sexualidade. De fato, a sexualidade interfere diretamente nas causas e efeitos psicológicos do sujeito, conseqüentemente, afetam suas reações diante das adversidades. Desse modo, quando crianças, os homens assimilam padrões de comportamentos que copiam e reproduzem como se fossem deles. Um exemplo desses padrões verifica-se quando se espera, nas relações amorosas, que os rapazes tomem a iniciativa diante das moças, de maneira que seja possível mensurar um resultado eventualmente positivo que comprove a ação bem

sucedida. Por outro lado, Mara Barasch descreve outro exemplo, em que se espera das moças comportamentos mais suaves e delicados. No entanto, é importante enfatizar esse papel secundário em que as mulheres são colocadas em um segundo plano, embora isso venha mudando recentemente.

Esses papéis cristalizados, por outro lado, têm sofrido muitos questionamentos. Os homens, por muito tempo, se consideravam proprietários das suas respectivas mulheres e responsáveis também pela vigilância da sua sexualidade: “era o provocador do sucesso ou do insucesso” (BARASCH, 1997, p. 99). Atualmente, as mulheres dispensam essas proteções, visto que conquistaram seu espaço na sociedade e sua importância é indiscutível. No que concerne à sexualidade, a mulher também dispõe de maior autonomia, inclusive em tomar a iniciativa nas relações.

Esse novo panorama, contudo, pode causar medo e receio em muitos homens. Não entender essa nova perspectiva em que a mulher assume sua autonomia, dispensando “proteções” masculinas, deixa muitos homens inseguros e pouco à vontade com a novidade: “Com a mudança de foco, torna-se insuportável para o homem dividir o papel principal, ou alterná-lo eventualmente com sua parceira” (BARASCH, 1997, p. 99). Essa alteração nos padrões de comportamento, em que os homens se sentem inseguros, exige uma contrapartida destes, como acompanhar a velocidade das mudanças. Para Barasch, não há segredo: “O homem e também a mulher precisa ser verdadeiro nas relações, o que define a solução imediata e ideal para alcançar o ritmo das mudanças é a comunicação” (BARASCH, 1997, p. 100).

A comunicação foi efetivamente um grande problema para os homens ligados aos padrões mais rígidos. Na relação entre homens e mulheres, era comum aos primeiros comportar-se de modo indiferente perante as emoções e sentimentos. A sensibilidade era algo interdito àqueles que se identificavam com o padrão preestabelecido e socialmente aceito de masculinidade. A imagem que os homens construíram ao longo do tempo, como alguém forte e poderoso, hoje para as mulheres deve ceder lugar a outros atributos: “As mulheres, ao contrário, esperam hoje que os homens sejam mais doces, cúmplices, até mesmo mais humildes e sobretudo disponíveis para abrir seus sentimentos” (BARASCH, 1997, p. 100).

A procura por maior conhecimento afetivo apresenta-se, portanto, como uma necessidade de primeira ordem aos homens. Saber lidar com as decepções e

frustrações é de fundamental e imperiosa importância: “A decepção é a primeira consequência direta do aumento da sua expectativa para os próximos relacionamentos. [...] o fracasso cria o medo de que as próximas relações sejam igualmente frustrantes” (BARASCH, 1997, p. 100). Barasch também aponta como causa dos fracassos e frustrações masculinas as exigências do mundo moderno e as cobranças da sociedade atual:

No entanto, a mudança de comportamento da mulher não é a única causa de fracasso sexual do homem. Uma questão importante refere-se às consequências do dia-a-dia do homem na sociedade atual. O potencial exageradamente canalizado para o trabalho [...] pode estar funcionando como compensação para uma inadequação qualquer da questão sexual, que freqüentemente ele prefere não enfrentar. Essa “fuga” funciona como elemento potencializador das dificuldades dele nas relações sexuais com a parceira, que comprometem ainda mais a sua afetividade (BARASCH, 1997, p. 101).

A afetividade, portanto, enquadra-se como um elemento que pode contribuir potencialmente para que o homem melhore suas relações interpessoais e também sexuais. Em última análise, tanto Nolasco quanto Barasch entendem que a constituição desse homem atual, em contraposição ao denominado “homem de verdade”, necessita de uma revisão de valores, não para alcançar um modelo socialmente prescrito, mas sim para que possa desenvolver maiores possibilidades nos âmbito das relações íntimas.

É importante ter em mente essa alteração do perfil masculino, considerando que as conquistas femininas possibilitaram, por meio dessa “crise” do homem, o desenvolvimento de determinadas características que anteriormente eram cerceadas pelo padrão hegemônico, em nome da defesa de uma frieza, dureza ou indiferença diante das relações afetivas. No próximo capítulo, trataremos de investigar o amor e como esse sentimento se constituiu a partir da interação entre homens e mulheres ao longo da história.

## 2 AMOR E IDENTIDADE MASCULINA

### 2.1 OS MITOS DO AMOR E UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES AFETIVAS NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

O amor apresenta, enquanto uma paixão, uma complexidade de uma área temática em que se arriscar ou se aventurar em discorrer sobre ele pode se tornar um problema, ao menos em princípio, insolúvel. Isso sem considerar a maneira como as literaturas, de muitas épocas, trataram do tema como um valor universal, o que conseqüentemente torna a questão permeada por valores culturais diferentes, dificultando uma reflexão mais incisiva sobre esse assunto. Desse modo, a tentativa em sistematizar uma base conceitual que dê conta de explicar os muitos riscos que o tema possa apresentar, tal como recair em determinados clichês, ou ainda não apresentar ou descrever o problema de maneira no mínimo satisfatória, é uma tarefa que requer um exame cuidadoso.

A literatura, com efeito, trabalha o problema relacionado ao amor de maneira figurativa e simbólica a partir da ficção, ao passo que tentar teorizar sobre essa matéria seria abordá-la de maneira reflexiva e abstrata, portanto. Sem mencionar os ficcionistas, muitos foram os filósofos ou estudiosos de campos distintos como a Filosofia, a História, a Sociologia, a Psicologia, etc., que abordaram esse assunto como digno de exame. Por essa razão, o amor ainda apresenta um desafio para qualquer estudioso.

Aqui, propõe-se investigar e discutir o amor enquanto uma paixão com a qual os homens se relacionam, especialmente, na atualidade, mas também passando brevemente por outras épocas. É lógico que não se pode ignorar que essa paixão também se configura dentro do universo feminino. No entanto, o amor será examinado e vinculado em especial à identidade masculina. Conseqüentemente, a tese estabelece esse ponto a ser analisado em sua relação com as masculinidades. Isso não quer dizer que a mulher será ignorada nesse percurso analítico, mas sim que procuraremos investigar como essa paixão afeta em especial os sujeitos do sexo masculino em suas relações amorosas com as mulheres. Contudo, é preciso considerar que o amor homoafetivo também é uma linha importante dentro dos

estudos masculinos, porém este trabalho analisará a perspectiva do amor heterossexual.

Em primeiro lugar, é importante levar em consideração como o amor é conceituado em seu significado lexical. No verbete do *Dicionário da Língua Portuguesa* Evanildo Bechara, encontramos as seguintes definições para o amor:

1 Sentimento que leva a desejar o bem de outrem ou de alguma coisa. [...] 2 Afeição profunda por alguém. [...] 3 Intensa inclinação, de caráter afetivo e sexual, de uma pessoa por outra. [...] 4 Aventura amorosa. [...] 5 Ato sexual. 6 A atração sexual entre animais da mesma espécie. 7 Amizade, simpatia. 8 Apego a ideias, valores, obras, etc. 9 O ser amado (BECHARA, 2011, p. 261).

Observa-se que o vocábulo “amor” possui diversas significações. A primeira delas, como “sentimento que leva a desejar o bem de outrem” parece vincular-se à proposta de amor altruísta preconizada por algumas religiões. Esse tipo de amor não nos interessará em momento algum doravante, visto que a proposta é analisar o amor ao modo como os homens se relacionam com ele em suas relações emotivas, afetivas e sexuais com as mulheres.

Conseqüentemente, o aspecto relacional do amor entre os homens e as mulheres, que corresponde aos significados de “afeição profunda por alguém”, “intensa inclinação de caráter afetivo e sexual de uma pessoa por outra” ou “aventura amorosa” e “ato sexual” será abordado. Em todos esses conceitos, ignorando-se aqueles que não interessam para a análise dessa matéria, percebe-se no amor um sentimento que impele os homens a se relacionar com o outro, no caso presente, a mulher. Conseqüentemente, analisaremos como os sujeitos – em suas formas de depreender suas respectivas masculinidades – se posicionam frente ao seu objeto de desejo e ao problema inerente à conquista amorosa.

Para uma depreensão satisfatória daquilo que o amor possa ou pretenda significar, é importante revisitar como o tema fora entendido e representado na Antiguidade. Na mitologia grega, o amor fora primeiramente personificado em Afrodite (Vênus para os latinos) e, num segundo momento, em Eros (Cupido para os latinos), seu filho. É importante mencionar ainda que, em sua gênese narrada pelo poeta grego Hesíodo em *Teogonia*, Afrodite é vista acompanhada por Eros e Hímero, este último personificando o Desejo. Ambos, em algumas fontes, são vistos como seus filhos. Embora o desejo, neste caso, comumente seja compreendido como desejo sexual, ele deve ser entendido também como vontade de possuir, isto

é, possuir em sua totalidade, obviamente tendo-se em vista também as implicações sexuais de tal posse. Hesíodo confirma essa relação entre o amor e o desejo do seguinte modo:

Eros a acompanhou, e também o gracioso Hímero, logo que ela nasceu e se encaminhou para a morada dos deuses. E desde o início foi esta a honra que obteve, o que lhe coube entre os homens e os deuses imortais: os sussurros dos jovens, os sorrisos e os enganos, o doce prazer, o amor e a ternura (HESÍODO, 2010, p. 33).

A mitologia grega, portanto, confirma essa relação entre o amor e o desejo. Aparentemente o conceito primordial referente à deusa Afrodite implica em compreender o amor e o desejo como paixões que caminham juntas. Quando o desejo (Hímero) deixa de acompanhar Eros, então o amor parece transmutar-se em sentimento de outra ordem, talvez em amizade apenas. Amizade é um sentimento universal, aberto, sem caracterização de posse e, portanto, em muitas situações, sem desejo exclusivista. Para que Afrodite possa manifestar-se em sua plenitude, ela carece dessa companhia simbolizada pela tradição grega. O mito de Hímero aponta, portanto, para um desejo de possuir e consumir tal objeto.

O amor também possui outras representações curiosas na mitologia grega. No mito de Apolo e Dafne temos a representação do amor não correspondido ou do desejo não satisfeito. É ainda o amor representado sob a perspectiva dos caprichos de uma criança. Segundo o mitólogo Thomas Bulfinch, em seu trabalho *O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis*, ele relata o mito do seguinte modo:

Dafne foi o primeiro amor de Apolo. E esse amor não surgiu por acidente, mas pela malícia de Cupido. Apolo viu o menino brincando com seu arco e suas flechas, e [...] disse a ele “O que fazes tu com armas de guerra, garoto atrevido? Deixa-as para as mãos que sejam dignas delas. [...]”. O filho de Vênus ouviu essas palavras e respondeu: “Tuas setas podem atingir todas as outras coisas, Apolo, mas a minha há de atingir-te”. Assim dizendo, ele se posicionou sobre uma rocha do monte Parnaso, e tirou de sua aljava duas flechas confeccionadas diferentemente: uma para despertar o amor, a outra para repeli-lo. A primeira era de ouro e tinha uma ponta afiada, e segunda tinha uma ponta arredondada de chumbo. Com a seta de chumbo atingiu a ninfa Dafne [...] e com a de ouro atingiu Apolo bem no coração. Logo, o deus foi tomado de amor pela donzela, enquanto esta se sentiu horrorizada com a idéia de amar (BULFINCH, 2006, p. 40).

O mito mostra ainda como Apolo fica transtornado pela maneira como Dafne repele seus sentimentos. Dafne permanece completamente indiferente e repulsiva aos sentimentos do deus. Apolo – que também simboliza um padrão de virilidade própria da Antiguidade Clássica – sente o desprezo da ninfa e paga o preço por ter

zombado do amor, representado por Cupido. Nesse triângulo mítico, o deus Cupido se revela uma criança travessa, o que de alguma maneira associa o amor a uma brincadeira de mau gosto, considerando a sua não realização. O amor obseda Apolo a tal ponto que a indiferença e o desprezo de Dafne tornam-se insuportáveis para ele. Para saciar ou aplacar tal paixão, só mesmo a reciprocidade e a correspondência, algo que certamente não é trazido pelo mito. Cabe a Apolo lidar com essa rejeição e com a frustração de um amor não correspondido.

No Antigo Egito, o amor aparentemente se manifestava de modo semelhante ao das outras civilizações. Giddens, em *A transformação da intimidade*, cita ainda um poema encontrado no Egito, datado aproximadamente 1000 a. C. que retrata o amor como um esmagamento do eu, uma espécie de doença. Giddens, citando Bronislaw Malinowski, afirma o seguinte:

“O Amor [...] é uma paixão, [...] e atormenta a mente e o corpo em maior ou menor extensão; conduz muitos a um *impasse*, um escândalo ou uma tragédia; mais raramente, ilumina a vida e faz com que o coração se expanda e transborde de alegria.” (MALINOWSKI, 1929 apud GIDDENS, 1993, p. 47)

O texto do Antigo Egito, e Malinowski em sua análise, evidencia o amor como algo que assalta ou interpela o sujeito alterando o seu quadro comportamental, positiva ou negativamente. Essa imagem de esmagamento do eu, colocada por Malinowski, demonstra como o amor exerce domínio coercitivo sobre aquele que se deixa abater por ele. O amor provoca grandes alegrias, iluminando a existência, mas também possui o poder de causar as mais terríveis tragédias. Giddens também pontua como o amor apaixonado pode ser invasivo, levando o(s) sujeito(s) envolvido(s) nessa relação a ignorar suas obrigações, sendo ainda potencialmente perturbador das relações sociais:

O amor apaixonado é especificamente perturbador das relações pessoais, em um sentido semelhante ao do carisma arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios. Por esta razão, encarado sob o ponto de vista da ordem e do dever sociais, ele é perigoso (GIDDENS, 1993, p. 48).

A narrativa medieval de *Tristão e Isolda* é um exemplo claro das consequências trágicas de um amor proibido. O amor, nesta narrativa, é diretamente dissociado do casamento e associado ao adultério e, conseqüentemente, a um ato trágico. Tristão, cavaleiro fiel ao seu tio, Rei Marcos, leva Isolda da Irlanda consigo

como cumprimento de sua promessa de fazer o rei casar com a moça que possuía um misterioso fio de cabelo louro. Embora o mito possua muitas variações, uma delas fala de uma poção mágica que Isolda deveria beber com o Rei nas bodas para que se apaixonasse por ele. Acidentalmente Tristão e Isolda bebem a poção acreditando ser uma bebida qualquer. Imediatamente ambos são tomados de uma paixão arrebatadora. Isolda se casa com o Rei, mas mantém encontros secretos com Tristão.

Nesse modo de entender o amor na Idade Média, há certo grau de dissociação entre o amor e o casamento. Esse mito amoroso demonstra como amor, enquanto paixão descontrolada e canalizada pelo desejo e sexo, já na Era Medieval, era visto de maneira distinta do casamento. Se entendermos que o casamento não passava de uma simples instituição da época, então o amor poderia ser entendido como atração, desejo, conseqüentemente resultando no ato sexual, que, portanto, precisava ser contido e “aprisionado” em nome da castidade e dos valores cristãos. Pode-se entender que o adultério, nesse caso, configurava uma manifestação do amor. Porém, um amor mais obsessivo, insaciável, sensual, confluyente ao desejo que, por sua vez, nada devia ao casamento.

Giddens entende que por isso a maioria das civilizações tradicionais criaram narrativas que condenam o amor apaixonado: “A maior parte das civilizações parece ter criado histórias e mitos que carregam a mensagem de que aqueles que buscam criar ligações permanentes devido a um amor apaixonado são condenados” (GIDDENS, 1993, p. 49). Na era clássica renascentista, as paixões sofriam constantes representações trágicas, até mesmo por parte de escritores como Shakespeare e Racine que, inspirados na moral estoica dos escritores latinos, como Sêneca, e resgatada pelo renascimento, reproduziam os revezes do amor proibido.

Com efeito, a palavra “paixão” deriva do grego *pathos* que, por sua vez, significava “doença”. Daí deriva também “patologia”, ou seja, o quadro de desvio anímico, anatômico ou fisiológico do sujeito. Nesse sentido, as paixões eram as patologias da alma do sujeito, ou ao menos era assim que os antigos gregos entendiam. Tais patologias eram consideradas negativas pelos clássicos em razão desse descontrolo, dessa falta de domínio de si.

No século XVIII, com o iluminismo, o amor passa a ser valorizado e apreendido como virtude. De acordo com Pascal Bruckner, em *O paradoxo amoroso*: “O Iluminismo acreditou ser possível conciliar o amor e a virtude, o prazer

do corpo e a elevação da alma” (BRUCKNER, 2014, p. 24). Iniciava-se a criação do mito do amor perfeito e as narrativas de *Emílio* de Jean Jacques-Rousseau. Essa reinvenção do amor possibilitou pensar esse sentimento como algo positivo, um sentimento libertário, e não mais como uma emoção nociva e perniciososa.

Para o escritor romântico, ensaísta e estadista francês Victor Hugo, o casamento, realizado nos moldes burgueses do século XIX, significava escravidão e infelicidade. O espírito libertário do escritor defendia que o verdadeiro amor só se encontraria livre das amarras das conveniências. Ele entendia que, tal como a liberdade de pensamento, o amor deveria ser livre também. Bruckner confirma como Victor Hugo exaltava o adultério como forma de protesto contra a tirania do matrimônio (BRUCKNER, 2014, p. 24). O amor, assumido dentro desse formato defendido por Hugo, pode se tornar uma paixão incontrolável, configurada numa procura por liberdade num tempo em que as conveniências e a dureza dos costumes moldavam o caráter da maioria dos indivíduos. Por isso, o desejo de liberdade.

Com o marxismo e o anarquismo, inicia-se um novo ciclo de ideias para o amor, e a salvação humana viria pela sexualidade liberta, ou ainda, pelo orgasmo. De um lado, os que creem numa paixão única e numa monogamia proletária feliz (marxismo) e do outro o pluralismo sexual (anarquismo) ou, como prefere Bruckner, o “borboleteio feliz” (2014, p. 26), em que ninguém é de ninguém. A monogamia defendida por Engels se configura numa relação de igualdade em que a mulher não é mais sujeita ao marido. Essa relação igual teria, de acordo com os ideais marxistas, a potencialidade de eliminar o adultério e a prostituição. Já o anarquista francês Émile Armand defendia uma “camaradagem amorosa”, livre da hipocrisia e do ciúme (BRUCKNER, 2014, p. 27). Para o feminismo e para o socialismo, o desejo é bom e capaz de libertar a sociedade de suas torpezas (2014, p. 27).

Arthur Schopenhauer, filósofo da segunda metade do século XIX, em sua *Metafísica do amor*, analisa o amor de maneira naturalista, associando o amor em sua relação com sexualidade humana. Ele conceitua o amor do seguinte modo:

Quando o impulso sexual se manifesta na consciência individual, de modo vago e geral, sem se dirigir para um indivíduo determinado, é a vontade de vida em si mesma que surge, fora de todo o fenômeno. Quando se manifesta na consciência como impulso sexual dirigido para um indivíduo determinado, é a vontade que aspira viver em um indivíduo novo e distinto, exatamente determinado. Neste caso, o impulso sexual, embora na verdade seja uma necessidade subjetiva, ilude a consciência; sabe com muita habilidade cobrir-se com a máscara de uma admiração objetiva, porque a natureza precisa desse estratagema para atingir seus fins. Por

muito desinteressada e sublime que possa parecer a admiração pela pessoa amada, o fim último é tão-somente a criação de um novo indivíduo, determinado na sua natureza: isso é confirmado pelo fato de não bastar o sentimento recíproco, mas sim exigir a posse, isto é, o gozo físico. A certeza de ser amado não nos poderia consolar da ausência do gozo físico; e em casos como esse, muitos amantes já se suicidaram. Ao contrário, há pessoas muito apaixonadas que, não logrando ser correspondidas, contentam-se com a posse, isto é, com o gozo físico. Incluem-se neste caso todos os casamentos obrigados, os “favores” de uma mulher, malgrado sua aversão, obtidos à custa de presentes, ou nos casos de estupros. Que uma criança determinada seja gerada, é este o verdadeiro alvo de todo o romance de amor, embora os envolvidos não tenham consciência disso: a intriga que leva ao desenlace é coisa acessória (SCHOPENHAUER, 2001, p. 83-84).

Schopenhauer procura fugir da mera análise idealista, entendendo que a “admiração” pelo objeto desejado é apenas uma máscara para a natureza atingir seus fins, isto é, a procriação. O instinto de vida presente na natureza impeliria o sujeito à procura dessa perpetuação da espécie. A noção de amor apresentada por Schopenhauer precisa ser entendida num contexto em que naturalismo, cultural ou científico, estava muito em voga. Sua análise sobre o amor é, portanto, afetada por essa influência. Nessa procura pela procriação não se descarta nem mesmo os casamentos por conveniências ou a violência do ato contra a vontade feminina, como nos casos de estupro. Outro detalhe interessante de tal análise é que o amor é compreendido apenas como um instrumento ou meio para um objetivo maior, ou seja, a geração de uma criança.

O suicídio, também pontuado por Schopenhauer, é outro fator que marcou o romantismo alemão com o romance de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*. O personagem principal se apaixona perdidamente por Charlotte, com quem estabelecia uma relação de amizade. Werther se ilude de maneira que o amor o consome e o cega. A não correspondência de Charlotte, em razão de já estar comprometida com outro homem, leva Werther ao desespero e, conseqüentemente, ao suicídio.

Outro filósofo que também examina o amor em um de seus trabalhos é Friedrich Nietzsche. Em *Gaia Ciência*, ele conceitua essa paixão do seguinte modo:

Cupidez e amor: como estas duas palavras soam diferente nos nossos corações!... Pode ser, no entanto, que exprimam ambas o mesmo instinto que receba dois nomes: o primeiro perjurativamente [*sic*], do ponto de vista daqueles que já possuem, que têm um instinto de posse levemente satisfeito e que receiam entretanto pelos seus “bens”; a segunda elogiosamente, do ponto de vista dos insatisfeitos e dos ávidos que acham “bom” este instinto. O nosso amor pelo próximo não será o desejo imperioso de uma nova propriedade? E não sucede o mesmo com o nosso amor pela ciência, pelo saber, pela verdade? E igualmente com todos os desejos de novidade? Cansamo-nos pouco a pouco do antigo, do que possuímos com certeza, temos ainda a necessidade

de estender as mãos; mesmo a mais bela paisagem, quando vivemos diante dela mais de três meses, deixa de nos poder agradar, qualquer margem distante nos atrai mais: geralmente uma posse reduz-se com o uso. O prazer que tiramos a nós próprios procura manter-se, transformando sempre qualquer coisa nova em nós mesmos, é precisamente a isso que se chama possuir. [...] Mas é o amor sexual que se revela mais nitidamente como um desejo de posse: aquele que ama quer ser possuidor exclusivo da pessoa que deseja, quer ter um poder absoluto tanto sobre a sua alma como sobre o seu corpo, quer ser amado unicamente, habitar e reinar na outra alma como o mais alto e o mais desejável. Se considerarmos que isso não significa outra coisa senão excluir o mundo inteiro do gozo de um bem, de uma felicidade preciosas; se pensarmos que aquele que ama visa empobrecer e privar todos os demais competidores, e tornar-se o dragão do seu tesouro, sendo o mais implacável “conquistador”, o explorador mais egoísta; se imaginarmos, por fim, que todo o resto do mundo lhe parece indiferente, desbotado, sem valor, e que se encontra disposto a efetuar qualquer sacrifício, a perturbar qualquer ordem estabelecida, a relegar para segundo plano qualquer interesse: então espantamo-nos que esta cupidez bárbara, esta furiosa injustiça do amor sexual tenha sido glorificada, divinizada, em todos os períodos da história, que se tenha extraído deste amor a idéia de amor concebida como contrária do egoísmo, quando representa talvez a sua expressão mais direta (NIETZSCHE, 2003, p. 47-48).

Nietzsche ilustra um quadro espantoso e, ao mesmo tempo, sombrio de como o amor se associa à cupidez ou ao egoísmo. O filósofo explora uma ideia de amor reduzida ao mero sentido de posse. Ele parte de uma distinção linguística entre cupidez e amor, revelando que, de alguma forma, são palavras distintas para designar uma mesma essência. Linguisticamente há de fato uma associação entre as palavras cupidez e amor, pois cupidez é um derivado de Cupido, o deus latino do amor. O verbo latino *cupiere*, de acordo com o *Novíssimo Dicionário Latino-Português* (SARAIVA, 2006, p. 326), também designa a ação de “cobiçar” ou “desejar”. No mundo romano, o adjetivo latino *cupidus* também indicava tanto estar apaixonado quanto cobiçoso, conseqüentemente, o amor era depreendido em ambos os sentidos.

Desse modo, conforme Bruckner, o amor seria nada menos como aquilo que os iluministas defendiam já no século XVIII: “o amor não seria senão a máscara do desejo, uma mentira que os homens contariam para encobrir sua cobiça” (BRUCKNER, 2014, p. 30). O conceito de amor iluminista, portanto, se verifica tanto nas ideias de Schopenhauer quanto de Nietzsche, embora estejam configurados historicamente num período posterior ao da ilustração (século XVIII). Mas há proximidades, considerando que, em Schopenhauer, temos o amor como “máscara do desejo” da natureza e, em Nietzsche, o amor como cobiça.

Michel Foucault, no volume 3 de sua *História da Sexualidade*, analisa importância do amor e o modo como essa paixão foi incorporada nos casamentos romanos do primeiro século. O contato com esse período histórico fornece

esclarecimentos importantes sobre os casamentos e as relações afetivas em comparação à maneira como o sujeito contemporâneo atualmente os entende.

No terceiro capítulo dessa obra, Foucault faz um levantamento sobre o papel matrimonial, ou seja, como os casamentos se davam em civilizações como a Grécia e Roma antigas. É óbvio que Foucault aponta para as dificuldades em estabelecer dados exatos, uma vez que o distanciamento temporal, bem como os problemas inerentes a cada região, são fatores que dificultam tal empreendimento. Mas seu trabalho tem o potencial de levantar dados importantes para quem quer compreender o funcionamento das relações amorosas na Antiguidade.

No subcapítulo intitulado “O papel matrimonial”, Foucault entende que o casamento na Grécia antiga era determinante para a manutenção de um modelo de sociedade típica daqueles tempos. A relação entre homem e mulher se configurava numa transferência de responsabilidade inicialmente do pai para, num segundo momento, ser transferida para o marido. Essa transferência se caracterizava, sobretudo, como um negócio entre famílias (FOUCAULT, 2005, p. 79). Ele cita Claude Vatin, ao comentar o casamento como: “transação privada, um negócio realizado entre dois chefes de família, um real, o pai da moça, e o outro virtual, o futuro marido” (VATIN, 1970 apud FOUCAULT, 2005, p. 79).

As cerimônias matrimoniais configuravam-se como um ato público que formalizava o relacionamento e o consagrava perante a sociedade. Além de se caracterizar como uma cerimônia religiosa, o casamento aproximava o espaço público do privado. Por esse motivo, progressivamente, a instituição passa a ter um caráter, além de religioso, cívico. O domínio da autoridade pública sobre o casamento se dá, por exemplo, com a lei de adultério na Roma antiga. Ao condenar o adultério das mulheres casadas que mantêm relações com outros homens, ou dos homens que mantêm relações com mulheres casadas, a esfera pública passa a regular as relações que anteriormente dependiam exclusivamente de acordo privados: “ela se limita a transferir para o poder público uma sanção que até então incumbia à autoridade familiar” (FOUCAULT, 2005, p. 80).

Desse modo, o casamento sofreu uma transformação significativa em que passou do domínio privado para o domínio público. Porém, mesmo quando sua constituição era exclusivamente de âmbito privado, a instituição tinha por função assegurar a continuidade do patrimônio, a constituição de alianças e a transmissão do nome. Nesse sentido, o casamento nas classes mais pobres não era tão comum,

uma vez que homens de classes mais baixas não podiam manter mulher e filhos. Porém, de acordo com Foucault, “a esposa e os filhos podiam constituir mão-de-obra útil para o homem livre e pobre” (FOUCAULT, 2005, p. 81). A existência do casamento era evidente, mas isso não significava uma prática comum desde o seu início.

Foucault aponta ainda para como os casamentos tornaram-se, conforme o enfraquecimento desses imperativos econômicos, muito regulares nas camadas mais populares e, na maioria dos casos, esses vínculos se consolidavam tendo-se em vista outros valores: “uma forma de vínculo que retirava seu valor do fato de estabelecer e sustentar fortes relações pessoais, implicando no compartilhar a vida, na ajuda mútua, no apoio moral” (FOUCAULT, 2005, p. 82). O casamento de escravos vai se tornando paulatinamente uma realidade naquele mundo e, desse modo, passa por um processo de banalização, tornando-se prática comum a todos.

Outro dado importante concerne à condição feminina em relação ao casamento. Como esses contratos eram arranjados, a mulher possivelmente o aceitava sem maiores problemas. Porém, no desenvolvimento dessa instituição, o casamento vai sofrendo cada vez menos intervenções e tornando-se mais comum, ao ponto de as filhas irem até mesmo contra os pais no caso de não concordarem com o casamento: “alguns contratos eram feitos simplesmente entre homem e mulher, concordando em compartilhar suas vidas. O direito de uma filha casada de determinar-se contra a autoridade paterna começa a ser afirmado” (FOUCAULT, 2005, p. 82). Em alguns casos, as mulheres poderiam até reaver seus dotes em casos de divórcio (2005, p. 83).

O casamento, a partir desses aspectos, passa a demandar obrigações tanto por parte das mulheres quanto dos homens. A mulher, por exemplo, não poderia sair de dia ou de noite sem a permissão do marido, não poderia se relacionar com outros homens, nem arruinar a casa e desonrar o marido. O marido deveria manter a esposa, não ter concubinas em seu lar, não maltratar a esposa e não ter filhos de outras relações. Essas obrigações visavam manter a estabilidade do casamento e a exclusividade era uma obrigação mútua. Consequente a isso, os laços matrimoniais liberam-se das motivações econômicas, tornando-se cada vez mais generalizados.

De um modo geral, o casamento era considerado uma instituição útil para a família e para a cidade, configurando uma forma de vida compartilhada, cuja existência se dava pelo vínculo pessoal. Dessa maneira, Foucault evidencia a

transformação dessa instituição que originalmente se efetuava por meio de pactos, alianças e contratos e, posteriormente, os laços afetivos passam a ter importância para sua realização. De todo o modo, o casamento, na Grécia ou em Roma, mesmo nas camadas mais populares, é marcado pelo reconhecimento das autoridades públicas, demonstrando como o poder público, de algum modo, fornecia garantias do pleno cumprimento dos juramentos matrimoniais.

Ela [a prática matrimonial] busca suas cauções do lado da autoridade pública; e torna-se algo cada vez mais importante na vida privada. Libera-se dos objetivos econômicos e sociais que a valorizavam; e ao mesmo tempo se generaliza. Passa a ser para os esposos cada vez mais coercitiva e, ao mesmo tempo, suscita atitudes cada vez mais favoráveis como se, quanto mais exigia mais ela atraísse. O casamento passaria a ser mais geral enquanto prática, mais público enquanto instituição, mais privado enquanto modo de existência, mais forte para ligar os cônjuges e, portanto, mais eficaz para isolar o casal no campo das outras relações sociais (FOUCAULT, 2005, p. 84).

Possivelmente, o poder público emerge como um agente importante para a manutenção da vida matrimonial, em razão da vigilância popular. Com efeito, se, por exemplo, o adultério passou a ser considerado crime em algum momento da história, é preciso que as autoridades reconheçam as uniões conjugais para que se tornem competentes em julgar os delitos contra o casamento.

Na esfera íntima, o casamento passou a protagonizar os laços afetivos, as afinidades, o carinho, ou seja, o amor de um modo geral. Foucault cita como exemplo, o caso de Plínio, o jovem, importante figura do meio político e jurídico da Roma antiga. O casamento era visto como uma existência compartilhada em que o sujeito sustinha relações amorosas com sua esposa, mesmo depois de anos de casamento. Plínio manifestava em suas cartas os seus sentimentos pela esposa, a saudade que sentia dela quando ficavam separados pelo trabalho (FOUCAULT, 2005, p. 85). O amor se faz presente nesse sentido. É óbvio que não é possível afirmar categoricamente que todos os homens manifestassem esse amor exatamente como Plínio o fazia, porém é importante ter nas cartas de Plínio um exemplo de como o amor era uma realidade presente na vida daqueles tempos.

Suas cartas evocam imagens do amor como um sofrimento causado pela distância ou ausência da mulher amada, bem como satisfação quando se está na sua presença. Essa presença do amor numa relação conjugal é um dado importante para entendermos a dinâmica dessa paixão. Foucault analisa do seguinte modo:

Plínio ressalva vários signos tradicionalmente reconhecidos da paixão amorosa: as imagens que obsedam a noite, os movimentos involuntários de idas e vindas, a procura do objeto perdido; ora, essas condutas que fazem parte do quadro clássico e negativo da paixão são apresentadas aqui de modo positivo; ou melhor, o sofrimento do esposo, o movimento passional pelo qual é levado, o fato de ser dominado por seu desejo e pesar, são dados como penhores positivos da afeição conjugal (FOUCAULT, 2005, p. 86).

Também é preciso analisar outras nuances que as relações amorosas trouxeram para o campo das instituições. Por exemplo, o casamento exigia determinados padrões de conduta. Ser chefe de uma família significava o mesmo que ser um cidadão honrado, um homem sábio, moderado e justo. O casamento, portanto, exigia uma ética do comportamento matrimonial. Ao se casar, o homem dava mostras de que amadureceu e aprendeu a moderar os seus apetites sexuais.

Foucault (2005, p.150) entende que a novidade desse modelo de relação conjugal, para aqueles tempos em Roma, traz algumas novidades importantes para a compreensão do problema relativo à união. Inicialmente, o casamento se dava em razão da gestão da casa e da criação dos filhos. Gerar descendência para a cidade era a principal motivação da relação entre marido e esposa. Mas a primeira grande novidade desse casamento, do primeiro século em Roma, era o vínculo afetivo e comportamento de um para o outro. O casamento, nesse sentido, passa a ser compreendido como uma relação amorosa.

Além do amor, uma segunda novidade também é elencada por Foucault. Trata-se da moderação, do princípio de reciprocidade do casal, da soberania de si e o cumprimento dos deveres de um para o outro. Essa moderação se dá em virtude de que as relações extraconjugais seriam interditas tanto de um lado quanto de outro. Nesse sentido, controlar os desejos e apetites sexuais é fundamental para a manutenção da relação amorosa. Além disso, esse controle é sintomático de um cuidado de si, ou seja, se faz isso em razão, além do amor que um sente pelo outro, também pela autopreservação. Por essa razão, a terceira novidade colocada por Foucault está interligada às outras anteriores. A sexualidade passa a estar atrelada, além dos interesses da procriação, aos outros valores, como amor, afeição, fidelidade e simpatia mútua.

As questões demonstradas até aqui por Michel Foucault evidenciam que o casamento configurava-se como uma instituição de suma importância para os romanos dos primeiros séculos, assim como demonstram uma mudança performática do próprio casamento. Começando por alianças e contratos, o

casamento vai adquirindo corpo até ser motivado pelo amor, de maneira que esse sentimento ganha destaque e importância maior que os antigos casamentos por interesse. A sexualidade também se destaca nessa análise do historiador, em que tal modelo institucional preconiza a defesa clara da monogamia.

Desse modo, o vínculo “sexo e casamento” tornou-se inseparável, ao menos para os filósofos romanos do primeiro século. Gerar uma descendência que continuasse os valores e o modelo de sociedade defendido pelos romanos era um feito basilar. A finalidade procriadora do casamento emerge dentro dessa perspectiva. O ato sexual não deveria ocorrer fora dos limites da instituição, e filhos ilegítimos eram indesejados. Isso porque o casamento era entendido como um perfeito “domínio de si”. O homem casado era aquele sujeito que evidenciava o autocontrole dos desejos e de suas paixões. Nesse sentido, as relações extraconjugais representavam um perigo para aqueles que entendiam o casamento como sinônimo do alcance do dominar a si mesmo.

Por outro lado, aqueles que pensaram ou até mesmo idealizaram o casamento como uma união monogâmica não entendiam a simples obtenção de prazer como a finalidade de uma relação. O sujeito da Antiguidade entendia que o casamento configurava uma junção destinada à promoção da descendência e continuidade dos valores daquele tempo. O amor, nesse sentido, tem um valor fundamental para o homem daquela época. Já a sexualidade, como um meio de se chegar a isso, sofria restrições, como apontadas por Foucault, permanecendo limítrofe ao casamento.

A prostituição, por exemplo, era entendida por Díon de Prusa (FOUCAULT, 2005, p. 168) como “forma não amorosa de amor” ou uma união estranha para Afrodite. Embora a prostituição fosse quase impossível de abolir, figuras como o imperador Marco Aurélio se enalteciam em razão desse domínio de si, pelo fato de não ter feito uso de sua virilidade antes do tempo prescrito, bem como ter reservado os prazeres da cama somente dentro do seu casamento. A pureza e castidade antes do casamento eram amplamente defendidas já naquele universo pagão, inclusive pelo estoico grego Epíteto. Ele entendia também que “cada um se deve a si próprio já que se é um fragmento de Deus, convém honrar esse princípio que habita por um tempo no corpo, e porque se deve respeitá-lo ao longo da vida cotidiana” (EPICTETO apud FOUCAULT, 2005, p. 169).

Essa visão das relações fora do casamento, influenciadas pela moral estoica, era condenada como um desvio de finalidade. Além disso, tais práticas eram consideradas nocivas, nem tanto para os danos alheios que eventualmente poderiam causar, mas mais ainda para si. Musônio, por exemplo, condena qualquer relação sexual que não esteja confinada no interior do casamento. O adultério, entendido como uma perda do autodomínio, é considerado uma relação vergonhosa.

A busca do prazer por si mesmo é, portanto, considerada uma fraqueza. O verdadeiro prazer, ou o prazer legítimo, encontrava-se circunscrito ao casamento e nunca fora dele. A posição de Musônio é radical até mesmo aos solteiros que procuram prazeres com uma prostituta. Estes, embora não estivessem ocasionando prejuízos a terceiros, estariam prejudicando-se a si mesmos: “como os porcos, obtém prazer com a própria sujeira” (MUSÔNIO apud FOUCAULT, 2005, p. 170). Além disso, Musônio também se opunha à contracepção pelo fato de tal prática lesar as cidades e a promoção da descendência. Segundo ele, é um pecado contra Júpiter, contra a família, contra os deuses ancestrais e contra o estado (FOUCAULT, 2005, p. 170).

Desse modo, os estoicos antecipam as ideias cristãs que seriam futuramente desenvolvidas pelos primeiros padres da Igreja. Percebe-se que há uma racionalização da sexualidade, nesse sentido, e o domínio sobre os desejos passa a ter um valor maior. Portanto, retirar o prazer sexual da sua finalidade racional, que consiste no vínculo sexual para a promoção da progênie, seria o equivalente a desviar a verdadeira essência humana do ato sexual (2005, p. 171). Desse modo, a “mancha”, termo utilizado por Foucault, não estaria no ato sexual em si, mas sim no desregramento que desvincula o sexo do casamento, que, por sua vez, é entendido como uma instituição natural que dirige o sexo para uma finalidade racional (2005, p. 171).

O adultério, sob essa perspectiva, era entendido como um dano a outro cidadão. O princípio de fidelidade passou a configurar outro valor defendido por gregos e romanos. Assim, o homem casado que é traído passa a ser visto como alguém que foi lesado. O adultério é considerado como uma destruição do tecido social, numa prática em que os homens não respeitam nem mesmo a esposa do vizinho. O princípio de fidelidade, portanto, é entendido como “vínculos que unem um homem com sua vizinhança, com seus amigos, com sua cidade” (2005, p. 172).

O adultério, por sua vez, é “o rompimento que ele acarreta nesse tecido de relações entre homens” (2005, p. 172).

Conseqüentemente, todos, tanto homens quanto mulheres, estariam obrigados a observar o princípio de fidelidade. Se ao homem fosse lícito fazer coisas que seriam interditas às mulheres, isso equivaleria à confirmação de que os homens não são capazes de se autodominarem: “Para que o homem seja de fato aquele que prevalece, é preciso que ele renuncie a fazer aquilo que se interdita a uma mulher” (FOUCAULT, 2005, p. 173). O princípio de fidelidade, portanto, era uma marca de masculinidade daqueles tempos. Mas essa fidelidade não se definia apenas em razão das prescrições legais que pesavam sobre os cidadãos. A fidelidade era compreendida como um conjunto de valores agregados que integravam o apego, a afeição e o respeito mútuo.

Foucault cita, também, Pseudo-Aristóteles em uma tradução de *Econômica* (2005, p. 175). Nesse texto, eventualmente no caso de um marido faltar contra o princípio de fidelidade, a mulher deveria enxergar nisso o produto de uma inexperiência e um erro accidental. A gravidade do adultério não configura apenas um descumprimento legal, mas sim uma ofensa à afetividade e ao amor. Plutarco entendia que o adultério deixava as mulheres furiosas quando descobriam uma traição: “portanto, é injusto (*adikon*) fazer-lhes sofrer tão violento desgosto em troca de um prazer que é ‘pouca coisa’” (FOUCAULT, 2005, p. 175). Essa reação furiosa das mulheres é outro ponto explorado e ao mesmo tempo desencorajador aos homens que se sentiam inclinados a essa prática.

Outra questão pontuada por Foucault trata de como os estoicos entendiam que os homens não deveriam se comportar com suas esposas da mesma maneira como se comportariam diante das suas amantes, nem tratar as esposas da mesma maneira como supostamente tratariam suas amantes. Esse princípio era entendido como uma forma de “decência conjugal” e define que a relação conjugal é diferente da relação entre amantes, de maneira que os significados de “esposa” e “amante” possuem conotações terminantemente diferentes. Nesse sentido, os homens casados deveriam encontrar um meio termo entre devassidão e amor.

Um dos riscos apontados pelos filósofos, no caso de o marido tratar sua esposa da mesma forma como uma amante, está no prazer sexual. Ao tratar a mulher com muito fogo e prazer intenso isso poderia hipoteticamente criar uma sensação que não se sustentaria durante o tempo de duração do casamento. Com o

tempo, esse fogo intenso se apagaria e isso poderia conduzir a problemas indesejados, como a infidelidade. Tratar a esposa dessa maneira equivaleria a tratá-la como uma adúltera: “comportar-se muito ardentemente com a própria mulher é tratá-la como adúltera” (FOUCAULT, 2005, p. 178).

O comportamento feminino também perpassa por essa análise. Plutarco, em *Preceitos conjugais* (FOUCAULT, 2005, p. 181), entende que as mulheres não poderiam tomar a iniciativa numa relação, o que só caberia ao homem. As mulheres que tomam iniciativa seriam as cortesãs. Por outro lado, as mulheres também não poderiam rejeitar seus maridos, considerando que tal atitude poderia ser interpretada como arrogância. Outro elemento igualmente reprovado era o prazer intenso vivido no início do casamento. O prazer intenso é reprovado e visto negativamente, visto que poderia, supostamente, desencadear futuros problemas como a infidelidade, insatisfação ou até mesmo o desinteresse pelo sexo.

Pseudo-Aristóteles também entendia que o marido deveria se aproximar da esposa de maneira moderada e respeitosa, pois o desejo natural, para ele, se dirigia à procriação e não à volúpia. Musônio (FOUCAULT, 2005, p. 179-180) entendia que o sexo pelo prazer, mesmo dentro do casamento, era visto como injusto e contrário à lei. Sêneca (FOUCAULT, 2005, p. 179) também depreendia que a primeira finalidade do casamento era a procriação e, em segundo plano, a ordenação de uma vida comum compartilhada pelo casal. Essa comunidade (casal) caracterizava-se pela fusão de existências em que as relações sexuais e o prazer são assumidos em comum.

Portanto, o casamento, entendido como promotor da procriação e da geração de descendência, não poderia ser entendido, naquele contexto, como busca pelo prazer: “buscar no casamento, prioritariamente, sensações de prazer, seria infringir a lei, reverter a ordem dos fins e transgredir o princípio que deve unir, num casal, um homem e uma mulher” (FOUCAULT, 2005, p. 179). A prioridade da relação conjugal para os antigos não era o exercício da sexualidade.

Em contraste a esse quadro em que o prazer, restrito ao casamento, aparentemente protagonizava um papel importante naquela sociedade, é preciso considerar que os princípios sexuais dos gregos e romanos não se moviam pela mera procura satisfação dos desejos sensíveis. A austeridade do regime matrimonial é historicamente flagrante até recentemente. Platão, os estoicos e a Igreja, de

maneira geral, entendiam o casamento como algo que deveria ser controlado. Contudo, é preciso ponderar algumas diferenças entre eles.

Platão entendia que os prazeres eram reservados ao casamento, assim como os estoicos. Já para o cristianismo, segundo Foucault (2005, p. 184), o sexo trazia marcas do pecado e a fidelidade conjugal era considerada um sinal de virtude. Nesse aspecto, assemelha-se à moral estoica. O cristianismo, por conseguinte, inspirou-se nessa moral, em que a castidade é vista como autopreservação. A diferença, baseando-se no caso de Plutarco, é que o modelo de casamento estoico não gera um regime matrimonial rígido advindo de uma imposição legalista, mas sim uma estética da existência praticada por alguns.

A sexualidade, nesses contextos refletidos por Foucault, em última análise, era entendida como um meio ou um instrumento para a promoção de um objetivo maior, constituindo-se pela defesa de determinados valores sociais. O amor ganha destaque e protagonismo e, à medida que ele significa um vínculo afetivo, promove os valores definidos e defendidos coletivamente. De algum modo, essa maneira de compreender a instituição do casamento, ou mesmo a sexualidade, nesses contextos, é contrastante e conflituosa em comparação aos nossos valores e práticas atuais. Com efeito, veremos como o amor passou a figurar um ideal no século XIX, como o casamento institucional entrou em crise, bem como a sexualidade humana se tornou mais livre após a década de 1960.

## 2.2 AMOR ROMÂNTICO, A INVENÇÃO DA INTIMIDADE E IDENTIDADES MASCULINA E FEMININA

O século XIX é um período importante para a configuração dos valores modernos, pois marca um tempo em que as relações sociais sofreram transformações profundas e significativas. O romantismo emerge com ideais que transcenderam ao mero campo estético, influenciando inclusive no comportamento social dos sujeitos. A literatura romântica desse século passou a povoar o imaginário de muitos: “Ser romântico’ passou a ser sinônimo de cortejar, e os ‘romances’ foram a primeira forma de literatura a alcançar população em massa” (GIDDENS, 1993, p. 36). A atitude cortês do amor romântico compreendia-se como uma retomada dos

valores medievais expressos pelos trovadores que fabulavam suas trovas à mulher amada. Salvo as devidas distinções entre o que caracterizava o comportamento do sujeito medieval do sujeito romântico, o amor era, em ambas as épocas, pensado de uma maneira idealizada.

Giddens também pontua uma curiosidade que consiste no questionamento de por que o amor nunca foi anteriormente reconhecido como algo essencial ou fundamental para a instituição do casamento, pois a maioria das culturas sempre o colocou sob suspeita: “Difícilmente surpreende que o amor apaixonado não tenha sido em parte alguma reconhecido como uma base necessária e suficiente para o casamento” (GIDDENS, 1993, p. 48). Com efeito, o amor nas sociedades pré-modernas, se verificava após o seu movimento prévio em que o ato de se casar precedia à afetividade conjugal. No antigo modelo definido por essas sociedades, o amor era construído a partir da convivência. Nas sociedades modernas, com o reconhecimento valorativo do amor-paixão ou amor-desejo, o movimento se dá numa direção oposta em que o amor surge como primeira justificativa para o casamento. Primeiro se apaixona e depois se casa.

Entretanto, é preciso ponderar que a maioria das sociedades pré-modernas era fatalista, ou seja, o sujeito não tinha liberdade de escolha. Quando o amor surgia, era preciso sufocá-lo em razão da sua ameaça aos valores tradicionais. Se o sujeito pudesse escolher seu parceiro ou parceira, isso equivaleria a afirmar que ele poderia fazer o que desejasse. Desse modo, o casamento era predeterminado pelas instituições, como a família, e era visto positivamente para a promoção dos valores promulgados pelas tradições da sociedade. Já na sociedade moderna, o sujeito acredita que pode escolher com quem estabelecer uma relação, sem a necessidade do consentimento familiar. Por isso, o amor romântico supervaloriza o amor como um ato de liberdade.

Com o efeito, o amor apaixonado aceito como uma realidade natural é uma novidade em termos de história da humanidade e produto da sociedade moderna. Já foi demonstrado como os casamentos na Europa pré-moderna não se davam pela atração sexual ou física, mas sim, na maioria dos casos, pela economia. O sociólogo inglês corrobora com esse dado. Entre os pobres, o casamento configurava um meio de organização do trabalho, uma vez que o trabalho árduo dificilmente poderia conduzir a uma paixão sensual, em razão do próprio desgaste físico (GIDDENS, 1993, p. 49).

Mesmo naquele contexto, a licenciosidade sexual era amplamente permitida aos homens que se envolviam em relações extraconjugais. Por outro lado, nas classes aristocráticas, às mulheres consideradas “respeitáveis” também era permitida a licenciosidade sexual: “Somente em grupos aristocráticos, a licenciosidade sexual era abertamente permitida entre as mulheres ‘respeitáveis’” (GIDDENS, 1993, p. 49). Porém, essa liberdade concedida às mulheres significava também que a liberdade sexual de alguma maneira estava associada ao poder:

A liberdade sexual acompanha o poder e é uma expressão do poder; em certas épocas e locais, nas camadas aristocráticas, as mulheres eram suficientemente liberadas das exigências da reprodução e do trabalho rotineiro para poderem buscar o seu prazer sexual independente. Evidentemente, isto jamais esteve relacionado ao casamento (GIDDENS, 1993, p. 49).

O curioso é como a aristocracia europeia do século XVIII – que antecedeu o romantismo – permitia, de alguma maneira, as relações extraconjugais das mulheres: “A diferenciação entre a sexualidade ‘casta’ do casamento e o caráter erótico ou apaixonado dos casos extraconjugais era absolutamente comum entre outras aristocracias, além daquelas da Europa” (GIDDENS, 1993, p. 50). O que não está claro é se tais ligações tinham o amor como mola propulsora dessas relações, ou se apenas o mero desejo sexual, ou ainda, se esses elementos (amor e sexo) estavam associados.

Essas informações possibilitam analisar o amor sob a perspectiva de que efetivamente tal paixão não estava exatamente atrelada ao casamento. Com a retomada limitada de alguns valores da cristandade por parte do romantismo, o amor passou, de algum modo, a estar conectado aos ideais de liberdade promulgados pelo liberalismo romântico. O amor apaixonado, assim, passou a ocorrer pela junção trovadoresca da idealização do outro somado aos valores de liberdade. Ao procurar romper as barreiras que impossibilitavam a realização do amor, o romântico procura uma unidade mística entre homem e mulher, de modo que o amor transcenda esse mundo.

Esse vínculo formado entre amor e liberdade passa a ser um fenômeno inaugurado pelo romantismo. Com efeito, mesmo na era medieval, os casamentos cumpriam funções protocolares muito evidentes e a leitura medieval de *Tristão e Isolda* parece apontar muito mais para os efeitos nocivos de um amor doentio que necessariamente para sua apologia, considerando o contexto daquela sociedade.

Mas o romantismo subverteu esse sentido negativo, transformando a narrativa do amor impossível em algo desejado ao extremo, como sinônima de liberdade do sujeito. Por outro lado, essa exaltação ou sublimação do amor gerou alguns resultados estranhos ou inesperados. Ao idealizar o amor, o romântico conferia ao sentimento um caráter elevado e esse fenômeno de “sublimação” ofuscava o ardor sexual:

Nas ligações de amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. [...] O amor rompe com a sexualidade, embora a abarque; a “virtude” começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como “especial” (GIDDENS, 1993, p. 51).

À medida que o amor romântico influi na sociedade, com sua carga iminentemente valorativa no campo das relações afetivas, ele carrega em seu bojo novas possibilidades e configurações para sua realização. De fato, a modernidade marcou a ascendência da razão sobre as regras do misticismo, da fé e do dogma. O amor passou a ser também racionalizado, isto é, passou a ser utilizado pela razão como uma maneira de o sujeito gozá-lo ao seu arbítrio, sem que passasse a figurar uma ameaça, tal como nos antigos mitos do amor trágico: “A razão não abre espaço para a emoção, que simplesmente fica fora do seu domínio; mas na verdade a vida emocional passava a ser reordenada nas condições variáveis das atividades cotidianas” (GIDDENS, 1993, p. 51).

Isso explica, de algum modo, como a vida emocional foi instrumentalizada pelo racionalismo moderno e, desse modo, o amor foi reciclado como um valor associado à noção de liberdade: “O ‘romance’ [...] ainda possuía ressonâncias de concepções anteriores do destino cósmico, mas as mesclava a uma atitude que ansiava por um futuro livre” (GIDDENS, 1993, p. 52).

Giddens refuta ainda a noção de que o amor romântico teria sido uma ideologia fabricada por homens para dominar as mulheres:

Alguns têm dito que o amor romântico foi um enredo engendrado pelos homens contra as mulheres, para encher suas cabeças com sonhos fúteis e impossíveis. Mas tal opinião não pode explicar o apelo da literatura romântica, ou o fato de as mulheres terem desempenhado papel importante na sua difusão (GIDDENS 1993, p. 52).

O amor romântico se explica ainda em função da criação do lar, como algo separado do mundo do trabalho. Tanto na Antiguidade quanto na Era Medieval, o

trabalho era exercido em conjunto, sem essa separação ou distanciamento. Com a modernidade, a indústria passa a reunir a massa trabalhadora, e o lar protagoniza um cenário próprio da vida íntima e familiar: “O surgimento da idéia do amor romântico tem de ser compreendido em relação a vários conjuntos de influências que afetaram as mulheres a partir do final do século XVIII. Um deles foi a criação do lar” (GIDDENS, 1993, p. 52-53). Com a separação do lar e do trabalho, o poder antes exercido por homens tendeu a enfraquecer paulatinamente: “O domínio direto do homem sobre a família, [...], ficou enfraquecido com a separação entre o lar e o local de trabalho” (GIDDENS, 1993, p. 53).

Desse modo, o sociólogo desfaz o equívoco de que o amor romântico teria sido produto do poder masculino para governar as mulheres. Com efeito, as leituras românticas eram alimentadas, sobretudo, pelas mulheres e se constituía sobre os ideais de amor em que as mulheres eram inacessíveis ou, quando o eram, conduziam a relação sobre uma aureola de amizade, cumplicidade e companheirismo, o que contradiz a própria lógica de dominação masculina por meio da força:

O amor romântico era essencialmente um amor feminilizado. [...] antes do final do século XVIII, se de algum modo se falava de amor em relação ao casamento, tratava-se de um amor de companheiros, ligado à responsabilidade mútua de maridos e esposas pelo cuidado da família ou da propriedade (GIDDENS, 1993, p. 54).

Esse amor constitui-se ainda como inerente ao universo feminino, em um império de suavidade, embora tal leitura do problema seja discutível. O amor romântico se configura, tal como ilustra Francesca Cancian, como um amor feminilizado:

“o homem exerce domínio sobre a pessoa e conduta de sua esposa. Ela exerce o domínio sobre as inclinações do marido; ele governa pela lei; ela governa pela persuasão... O império da mulher é um império de suavidade... suas ordens são carícias, suas ameaças, as lágrimas” (CANCIAN, 1987 apud GIDDENS, 1993, p. 54).

Com a propagação e a conseqüente evolução desse sentimento, o amor romântico revelou-se nocivo à própria mulher, visto que, de alguma maneira, isso a isolava do mundo exterior. Giddens pondera que essa conseqüência se deu em razão da promoção de tais ideais:

As ideias sobre o amor romântico estavam claramente associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior. Mas o desenvolvimento de tais ideias foi também uma expressão do poder das mulheres, uma asserção contraditória da autonomia diante da privação (GIDDENS, 1993, p. 54).

A identidade feminina se reforçou a partir disso no período vitoriano. A relação de amizade entre mulheres proporcionava troca de confidências a partir da leitura dos romances e dos domínios da intimidade do lar. As histórias lidas na Inglaterra do século XIX – contexto analisado por Giddens – proporcionavam o intercâmbio de segredos íntimos por parte das mulheres. Além disso, essas leituras abriam horizontes de esperanças em que o contato com o mundo externo era restrito e, ao mesmo tempo, criavam um ideal de marido confiável. Em contrapartida, a cumplicidade entre homens não se desenvolveu do mesmo modo:

Durante o período vitoriano, a amizade masculina perdeu muito da qualidade de envolvimento mútuo que os camaradas mantinham um pelo outro. Os sentimentos de camaradagem masculina foram em grande parte relegados a atividades marginais, como esporte ou outras atividades de lazer, ou ainda a participação na guerra. Para muitas mulheres, as coisas ocorreram na direção oposta. Como especialistas do coração, as mulheres estabelecem contato uma com a outra em uma condição de igualdade pessoal e social, dentro dos espectros amplos das divisões de classe. As amizades entre mulheres ajudaram a mitigar os desapontamentos do casamento, mas também mostraram-se por si sós compensadoras (GIDDENS, 1993, p. 55).

Enquanto boa parte das mulheres desenvolvia o domínio da esfera íntima sob o signo do amor romântico, a maioria dos homens distanciava-se uns dos outros. Além disso, eles davam continuidade ao amor paixão, ao amor pela amante ou pela prostituta. À medida que o amor romântico exercia uma função social com carga valorativa, o amor paixão sobrevivia à margem de uma função, em um submundo secreto. Essa dissociação entre amor romântico e amor paixão é analisada por Giddens do seguinte modo:

Desde suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser amado é idealizado – embora esta seja parte da história –, mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador (GIDDENS, 1993, p. 56).

Esse caráter idealizado do amor romântico reveste-se de certa tragicidade à medida que também se associa aos ideais de liberdade. O herói romântico se constitui como aquele que desafia as conveniências e as tradições, como no romance *Amor de perdição*, do escritor romântico português Camilo Castelo Branco.

Ao transgredir a proibição dos pais, tanto o herói, Simão Botelho, quanto a heroína, Teresa, caminham ao encontro do seu destino trágico, isto é, a morte. Nesse sentido, a idealização do amor romântico, diante da impossibilidade da sua realização, pauta-se nas promessas de uma realização do amor além da vida. De algum modo, esse amor romântico se apropria de alguns traços do amor paixão, pelo menos à medida que se reveste de transgressão em nome da liberdade de amar e conseqüentemente de sua tragicidade.

Giddens compara também as narrativas românticas com as medievais. Ele constata que enquanto as heroínas dos romances românticos são ativas, independentes e corajosas, as heroínas medievais são passivas. Em *Tristão e Isolda*, Isolda efetivamente se revela passiva diante das situações. Já Teresa de Albuquerque, de *Amor de perdição*, enfrenta as convenções, a proibição paterna e familiar que não aceitava Simão como partido para ela. Mesmo que se apresente o argumento de passividade de Teresa, uma vez que ela foi enclausurada pelos familiares, é preciso entender que ela age sempre em direção oposta às predeterminações da família, ou seja, independente e ativa, não aceitando a fatalidade dos acontecimentos.

Desse modo, o romantismo possibilitou que a mulher pensasse o amor em termos de liberdade. A conquista do amor feminino passou a ser concebida sob um prisma diferente da conquista masculina:

As mulheres das novelas românticas modernas são em sua maioria independentes e corajosas e têm sido consistentemente retratadas desse modo. O motivo da conquista nestas histórias não se parece com a versão masculina da conquista sexual: a heroína encontra e entenece o coração de um homem que inicialmente mostra-se indiferente e distante dela, ou ainda abertamente hostil. A heroína então ativamente produz amor. O seu amor faz com que ela seja amada, dissolve a indiferença do outro e substitui o antagonismo por devoção (GIDDENS, 1993, p. 57).

De algum modo, o amor romântico converteu-se numa associação ao casamento, em que: “o amor verdadeiro, uma vez encontrado, é para sempre” (GIDDENS, 1993, p. 58). Essa fórmula, em muitos casos, resultou, ao invés da conquista da felicidade, na ineficácia ou na produção de um modelo de insatisfações e infelicidades contínuas. Se o projeto se revestia em princípio de um caráter nobre, por outro lado, não pôde conter, ou mesmo, pelo contrário, promover os impulsos sexuais. O problema central dessa discussão está na inauguração do amor em novo

sentido, enquanto, para a maioria dos homens, o amor poderia significar ainda a busca movida pelo desejo.

O culto da liberdade romântica proporcionou, portanto, importantes transformações no âmbito da intimidade e conseqüentemente numa reconfiguração do amor. A fantasia romântica alimentou durante muitos anos ideais de amores que, possivelmente, nunca ocorreram. Tal ideal transformou significativamente a maneira de se relacionar entre homens e mulheres. A conquista da intimidade, no entanto, ocorreu sem dúvida inicialmente pelas mulheres daquele tempo.

Socialmente, durante o século XIX, o lar passou a significar um local distinto e ao mesmo tempo distante do trabalho. Se anteriormente as famílias eram maiores, com a difusão dos ideais românticos possibilitou libertar as mulheres do “círculo crônico de gravidez e parto” (GIDDENS, 1993, p. 37). Nesse sentido, o lar passou a significar um ambiente distinto, em que “os indivíduos poderiam esperar o apoio emocional” (1993, p. 36), absorvendo uma conotação profundamente íntima.

Com um cerceamento maior sobre a natalidade, a sexualidade passou a não ser mais compreendida dentro de um ciclo de reprodução, mas como um exercício autônomo. A possibilidade de desfrutar e explorar cada vez mais a sexualidade se abriu ao sujeito à medida que a contracepção foi se acentuando. A associação sexo e reprodução sofreu uma separação drástica, de maneira que uma não está necessariamente interligada à outra. A sexualidade se emancipou, tornando-se “propriedade” do sujeito (1993, p. 37).

Essas transformações promovidas ainda durante o século XIX no campo das relações fizeram da intimidade um resultado de autoconhecimento. Posteriormente, com a revolução sexual ocorrida na França, na década de 1960, deflagrou-se também uma crescente exploração da sexualidade. Com isso, a necessidade de se discutir continuamente os problemas inerentes à sexualidade tornou-se uma obsessão crescente.

Um exemplo disso são os consultórios de psicanálises que, segundo Giddens, funcionam como “modernos confessionários”. Esse fenômeno se explica em razão de a psicanálise descortinar uma perspectiva de mudanças sobre a narrativa do eu. Descobrir a identidade sexual se transforma em questão crucial de sobrevivência para muitos. Além disso, é possível pelo viés da análise da sexualidade desvelar o problema da autoidentidade: “Hoje em dia, o eu é para todos

um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro” (GIDDENS, 1993, p. 41).

Giddens analisa ainda como os jovens rapazes constroem suas experiências sexuais de um modo diferente das moças. Citando os trabalhos de Sharon Thompson, constatou-se, por meio de uma pesquisa de campo, que as atitudes e valores investidos numa relação sexual são tratados de modo diferente por parte dos homens e das mulheres. Para ela, as garotas norte-americanas, por exemplo, criam narrativas mais detalhadas para suas experiências sexuais. Já os rapazes, contam suas experiências de maneira episódica, esporádica e fragmentária.

Enquanto as moças revelavam habilidades de verdadeiras romancistas, narrando histórias detalhadas e complexas, os garotos manifestavam certa incapacidade de falar sobre o sexo (THOMPSON, 1989 apud GIDDENS, 1993, p. 59-60). Essa busca pelo romance por parte das moças cria significados profundos no campo das relações íntimas. Um desses significados é, por exemplo, a perda da virgindade. Enquanto para os rapazes perder a virgindade é considerado, numa esmagadora maioria dos casos, um ganho ou uma capacidade de provar sua masculinidade, para as moças, analisadas por Thompson e Giddens, isso significa uma entrega (GIDDENS, 1993, p. 61).

Nesse viés, Giddens (1993, p. 62) entende que as moças preferem escolher o momento e as circunstâncias adequadas, de modo que essa experiência seja atrelada a uma narrativa. Essa experiência ainda aponta para outras possibilidades futuras e serve para verificar se o enredo romântico pode ou não ser alcançado. Outro dado importante que vale a pena mencionar é o fato de que essas moças nasceram num contexto em que a liberdade sexual já está em voga, de maneira que elas não lutaram por tal liberdade.

No caso dos rapazes, a primeira experiência sexual não constitui a mesma potencialidade narrativa das moças. Os rapazes, na maioria dos casos, se comportam diante delas como se elas fossem verdadeiras cobaias para mensurar o potencial masculino. Para os rapazes é importante também narrar, porém narram-se experiências acumulativas, nascidas de relações fortuitas. Esse padrão comportamental, em contraste com o projeto de amor romântico, pode conduzir à frustração à medida que a permanência do amor não se efetiva, como aponta Giddens: “No final da adolescência, muitas garotas já tiveram experiências de

amores infelizes, estando bem conscientes de que o romance não pode mais estar vinculado à permanência” (1993, p. 62-63).

De alguma forma, o amor romântico parece ter conduzido, em princípio, a um comportamento feminino de relação de dependência. Mesmo após conquistas significativas, como a emancipação feminina, Thompson cita como algumas moças ainda almejam um relacionamento ideal: “Desejo o relacionamento ideal com um rapaz. Acho que quero alguém que me ame e cuide de mim, tanto quanto eu dele” (THOMPSON, 1989 apud GIDDENS, 1993, p. 63). De alguma maneira, o comportamento feminino, analisado por Thompson e Giddens, ainda persiste em entender o casamento ou a relação estável como sinônimo de amor eterno.

O amor romântico, embora seja explorado como um produto feminino por Giddens, também exerceu influência significativa sobre o comportamento dos homens. Com efeito, as mulheres constituíram uma identidade a partir do espectro do romantismo. Por outro lado, a identidade masculina, se anteriormente era definida sem maiores dificuldades, na atualidade se tornou problemática: “Pelo menos na cultura ocidental, a época atual é o primeiro período em que os homens estão descobrindo que eles próprios são homens, ou seja, possuem uma ‘masculinidade’ problemática” (GIDDENS, 1993, p. 69-70). Isso quer dizer que enquanto as mulheres conquistaram sua autoidentidade já no século XIX, os homens ainda precisam descobrir os significados da constituição masculina. Um exemplo disso é o comportamento do homem romântico que sofre um isolamento por parte de outra categoria de masculinidade:

Os homens, assim como as mulheres, apaixonam-se e apaixonaram-se através de todo o passado documentado. Durante os dois últimos séculos, foram também influenciados pelo desenvolvimento dos ideais do amor romântico, mas de um modo diferente do das mulheres. Aqueles homens que foram muito influenciados por tais idéias de amor foram isolados da maioria como sendo “românticos”, em um sentido peculiar desse termo. Eles são, digamos assim, sonhadores adamados que sucumbiram ao poder feminino. Tais homens abandonaram a divisão entre mulheres imaculadas e impuras, tão central à sexualidade masculina. Apesar disso, o romântico não trata as mulheres como iguais. Ele é escravo de uma mulher particular (ou de várias mulheres em seqüência) e constrói sua vida em torno dela; mas a sua submissão não é uma atitude de igualdade. Ele não é realmente um participante da exploração emergente da intimidade, mas, mais que isso, de um regresso a épocas anteriores (GIDDENS, 1993, p. 70).

Giddens entende que o sujeito romântico constitui-se como alguém que sucumbiu ao poder feminino, porém, ao contrário do que parece, sua submissão não

significa tratar a mulher dignamente como igual. Sua atitude geralmente é regressiva às épocas anteriores, numa visão em que o homem se constituía como cabeça da relação. Neste caso, o romantismo masculino não foi capaz de se constituir como uma maneira de autoidentificação, tal como ocorreu com as mulheres. Sua capacidade em relação a uma possível intimidade masculina ainda apresentava limitações.

Outra questão inerente ao comportamento masculino era a separação das mulheres, a partir do seu imaginário, em respeitáveis e marginalizadas. O jogo da sedução masculina se dava pelo viés do acesso à mulher. Se a virtude feminina conseguisse ser preservada até a realização do casamento, então tal mulher, supostamente portadora de tal atributo, serviria a uma relação *ad eternum*, por conseguinte “santificada” pelo casamento. Caso contrário não. Esse padrão comportamental, típico do século XIX, se estendeu, contudo, por um tempo considerável em muitos países ocidentais. Desse modo: “Para maior parte dos homens, o amor romântico entra em conflito com as regras de sedução” (GIDDENS, 1993, p. 70). Nesse sentido, boa parcela dos homens entendia que amor era algo distinto e dissociado do desejo sexual.

No contexto brasileiro, Del Priore também aponta esse problema do comportamento masculino em relação às mulheres. Segundo ela, os homens se acostumaram a tratar suas esposas sem ardor sexual. Essa ausência de desejo no casamento é apontada como a principal causa dos casamentos desfeitos:

O doutor Olvarrieta, sensível ao universo feminino, afirmava que os homens deviam aprender a se relacionar sexualmente com suas esposas, desfazendo-se de suas antigas referências sexuais. Insistia, ainda, que muitos casamentos acabavam porque os maridos ignoravam as necessidades sexuais da esposa, acreditando que deveriam evitar “[...] com sua mulher toda a classe de refinamento durante o ato sexual, crendo deste modo cumprir mais fielmente as obrigações do marido, já que a alegria, a satisfação, a recreação ficaram nos barcos de suas amigas antiores. Repeti-las com sua própria mulher, com a que vai ‘ser mãe dos seus filhos’, seria insensato, equivaleria a tanto como insultá-la, ofendê-la, quiçá, prostituí-la.” (DEL PRIORE, 2015, p. 255)

Mesmo no Brasil, a identidade masculina constitui-se a partir dessa interação bifurcada com as mulheres. Isso apenas acentuou os problemas nas relações entre homens e mulheres. As mulheres, em sua carência afetiva, desenvolviam um senso de identidade feminina muito consistente em relação aos afetos, ao passo que os homens passaram a desenvolver uma crença fria na

dissociação entre sexo e casamento. Em busca de um ardor sexual maior, ou sentir o desejo amoroso de forma mais intensa, os homens passaram a ter relações fora do casamento ou frequentar as casas de mulheres, alimentando, assim, uma fantasia de amor extraconjugal. Desse modo, o acúmulo de conquista se tornou um traço de masculinidade.

Giddens (1993, p. 71) aponta como o acúmulo de conquistas constituía um *status* perante outros homens, configurando as bases para tal identidade. Por outro lado, o casamento, o acúmulo de experiências amorosas e a frequência aos bordéis não possibilitaram aos homens uma compreensão do significado de uma possível identidade masculina vinculada à esfera afetiva.

Assim, a identidade masculina – partindo-se da premissa de um desconhecimento profundo do eu – se constituiu, no contexto ocidental – inglês (Giddens) e brasileiro (Del Priore) – a partir de uma dinâmica em que o trabalho se distanciava de modo acentuado da intimidade do lar. Os homens procuravam se afirmar no trabalho, em suas carreiras, enquanto as mulheres passaram a se conhecer melhor e intimamente, em razão de longos anos dedicados a esse espaço. Esse senso de identidade feminina permanece, mesmo após a emancipação. A habilidade afetiva e emocional das mulheres tornou-as mais sensíveis e observadoras do mundo à sua volta.

A maioria das mulheres analisadas no trabalho de Giddens demonstra traços identitários característicos que as aproximam. Por exemplo, ao contrário dos homens, elas conseguem relatar suas experiências sem maiores dificuldades, são capazes de estabelecer relações íntimas de amizade com pessoas do mesmo sexo e criar projeções futuras a partir do domínio da intimidade. Essa projeção possibilitou ainda pensar numa relação em longo prazo, onde tudo era estrategicamente planejado.

Já a identidade masculina parece se construir a partir das transformações ocasionadas pela Revolução Industrial, em que o distanciamento do trabalho e do lar criou um abismo no campo das atuações de homens e mulheres. O mundo frio da indústria e do trabalho alienado afetou o caráter masculino no sentido de que a intimidade emocional é algo que grande parte dos homens tende a evitar.

Com a emancipação e autonomia sexual feminina, após os anos 1960, o amor romântico vem sofrendo um fenômeno de fragmentação: “Na época atual, os ideais de amor romântico tendem a fragmentar-se sob a pressão da emancipação e

da autonomia sexual feminina” (GIDDENS, 1993, p. 72). Em razão da constante quebra de ideias e noções tradicionais, muito por conta do relativismo atual, o chamado “relacionamento puro” de Giddens emerge nesse novo quadro panorâmico dos relacionamentos, em que as relações pautam-se na afinidade e não mais em protocolos indissolúveis.

O problema do insucesso do amor romântico é apontado por Giddens pelo seu caráter de não intimidade confluyente. Isto é, enquanto a maioria das mulheres desenvolveu habilidades na esfera da intimidade, a maioria dos homens permaneceu em seus espectros preconceituosos de “mulher pura” e “mulher maculada”, repudiando, em certa medida, o comportamento sexual da esposa. A esposa deveria, segundo tal imaginário, demonstrar-se recatada e exibir um comportamento sexual diferente da amante, enquanto esta, por sua vez, deveria demonstrar-se livre. Tal comportamento deve ser depreendido também como um cerceamento da atuação íntima, em que o sujeito estabelece imaginariamente padrões comportamentais e espaços para cada atuação.

Já o desenvolvimento da identidade feminina é entendido por Giddens a partir da relação amorosa: “O desejo das mulheres pelo amor dominaria qualquer tendência para o sexo, que seria o preço para se conseguir a recompensa de amar e ser amada” (GIDDENS, 1993, p. 79). Na atualidade, esse padrão ilustrado por Giddens (1993, p. 79) como “as mulheres querem amor, os homens querem sexo”, não se figura mais tão normativo. Esse estereótipo foi modificado, conforme aponta Giddens, de maneira que a maioria das mulheres, na atualidade, quer tanto sexo quanto os homens de antes. Já boa parte dos homens de hoje também procuram o amor:

As mulheres querem sexo? Sim, pela primeira vez as mulheres coletivamente [...] são capazes de buscar o prazer sexual como um componente básico de suas vidas e de seus relacionamentos. Os homens querem amor? Certamente, apesar das aparências em contrário – talvez mais que a maioria das mulheres, embora de formas que ainda precisam ser investigadas (GIDDENS, 1993, p. 79).

Giddens subtrai a atividade sexual de outras atividades que necessitam ser realizadas constantemente sem que isso caracterize um vício. Alimentar-se ou trabalhar são exemplos de atividades que não caracterizam necessariamente o vício, salvo em alguns casos específicos. Assim ele define o vício por sexo:

O sexo é compulsivo, assim como outros padrões de comportamento, quando o comportamento sexual de uma pessoa é governado por uma busca constante de uma dependência que, no entanto, conduz persistentemente a sentimentos de vergonha e inadequação. No que diz respeito ao projeto reflexivo do eu, o vício é o comportamento contraposto à escolha; esta observação é tão válida no caso do vício do sexo quanto de outras formas de comportamento (GIDDENS, 1993, p. 90).

Esses casos de vícios sexuais são entendidos por Giddens como dificuldades de algumas pessoas em expressar emoções. Essas dificuldades apresentam como resultado a fugacidade das relações, ou seja, elas não se prolongam. O comportamento sexual compulsivo dessas mulheres pode estar de algum modo associado à noção de conquista e poder, assim como muitos homens o faziam anteriormente ou, em muitos casos, ainda hoje. Essa procura compulsiva e obsessiva pelo orgasmo pode trazer sensações de libertação: “O êxtase do orgasmo é um momento de triunfo e também de libertação física e emocional” (GIDDENS, 1993, p. 92).

O sociólogo inglês também examina a compulsão sexual masculina e procura mapear suas caracterizações. Ao contrário do que ocorre no espectro feminino, não há um prejulgamento que pese sobre os homens no mesmo sentido que há para as mulheres. Os homens compulsivos por sexo, verdadeiros aventureiros sexuais, não são vistos negativamente, mas são até mesmo admirados. Entretanto, Giddens evidencia que a maioria desses homens não gosta de mulheres cujo comportamento seja parecido ao deles: “Mas há muita evidência de que os homens sexualmente vorazes não procuram mulheres cujo comportamento seja semelhante ao seu” (1993, p. 92). Isso demonstra que, de alguma maneira, alguns homens ainda pautam suas preferências sexuais embasados em preconceitos. É preciso, contudo, afirmar que tais sujeitos ainda não entenderam a nova dinâmica dos relacionamentos e, por isso, permanecem presos àqueles paradigmas caducos.

De acordo com Giddens (1993, p. 92), uma parcela dos homens se sente mais confortável na posição de “caçadores” em que as mulheres são vistas como “presas”. Mas, ao menos aparentemente, mesmo para esses homens, as contínuas experiências sexuais não trazem nenhuma sensação de realização ou plenitude. Em sua busca contínua e obsessiva por novas experiências, à medida que o desejo ou o amor se realiza, este tende a desfalecer:

Aqueles que buscam variedade, em sua maioria “garanhões”, combinam uma dedicação à busca sexual a um desprezo mal dissimulado pelos próprios objetos do

seu desejo. [...] As mulheres que são desejadas com uma intensidade esmagadora transformam-se em nada, assim que um caso atingiu o seu objetivo – embora muitos desses homens busquem estabilidade fora de seus casos eventuais, mantendo ao mesmo tempo um relacionamento contínuo (GIDDENS, 1993, p. 93).

Em alguns casos, essas experiências, ao invés de trazerem realização plena do sujeito, podem conduzir o sujeito à aversão pelas mulheres. Giddens cita o complexo de “Casanova”<sup>2</sup> de Peter Trachtenberg, relatado em seu livro *The Casanova complex*:

Compreendi que as medidas que sempre havia assumido para afastar a dor tornaram-se imensuravelmente dolorosas: levar uma mulher para a cama não “funcionava” mais para mim. Perdi muita coisa na busca do meu vício, e a minha sensação de vazio pessoal agora me atingia minutos depois da minha última conquista. O sexo não proporcionava nada além da liberação física da ejaculação; muito freqüentemente, eu sequer conseguia atingir o orgasmo. As mulheres não eram mais objetos de amor ou mesmo de desejo. Eu havia atingido o ponto em que sentia repugnância por minhas parceiras mesmo quando as penetrava, e a causa da minha aversão era principalmente o fato de eu saber o quanto precisava delas (TRACHTENBERG, 1988 apud GIDDENS, 1993, p. 94).

Essa compulsão, de algum modo, parece estar desde sempre relacionada à certa sexualidade episódica do conquistador, tal como ocorre na atualidade com maior frequência. É preciso compreender ainda que a compulsão sexual masculina da atualidade nada mais é que a sexualidade masculina “liberta de seus tradicionais constrangimentos” (GIDDENS, 1993, p. 95). Nesse sentido, aquelas barreiras que antes impediam uma realização amorosa “proibida”, hoje são perfeitamente toleradas. No entanto, essas novas configurações sociais fizeram com que o antigo “garanhão” entrasse em um processo contínuo de obsolescência.

Com efeito, numa sociedade sexualmente liberada, o ato de conquistar continuamente se esvazia, perdendo seu sentido. A sedução conseqüentemente também se torna um conceito fora de moda, ou em termos mais evolucionistas, algo “ultrapassado”:

São sedutores em uma época em que a sedução virtualmente tornou-se obsoleta, e isto explica muita coisa sobre a natureza de sua compulsão. A “sedução” perdeu grande parte do seu significado em uma sociedade em que as mulheres tornaram-se muito mais sexualmente “disponíveis” aos homens do que jamais o foram, embora – e isto é importante – apenas mais como uma igual (GIDDENS, 1993, p. 96).

---

<sup>2</sup> Escritor italiano que viveu no século XVIII, famoso por ter acumulado diversas experiências sexuais com centenas de mulheres.

Como a igualdade sexual feminina dissolveu velhos preconceitos que separavam as mulheres categorizadas anteriormente como “respeitáveis” das mulheres marginalizadas, a disponibilidade sexual oportunizou um acesso facilitado às relações que anteriormente eram muito restritas. No passado, o sedutor procurava romper a ordem de proteção e controle: “Era um subvertor da virtude [...] porque seduzir significava desafiar a ordem masculina de proteção e controle sexual” (GIDDENS, 1993, p. 97). Já na atualidade, em que a sedução perdeu muito do seu significado, o conquistador: “não é alguém que cultiva o prazer sensual, mas uma pessoa que busca emoções em um mundo de oportunidades sexuais abertas” (GIDDENS, 1993, p. 97).

Desse modo, a sexualidade masculina parece caminhar junto à sexualidade feminina, numa perspectiva de constantes mudanças e parcerias de curto prazo. Porém, Giddens insiste na questão da intimidade como uma possibilidade qualificadora da relação amorosa. Para ele, essa instabilidade nas relações não possibilita um conhecimento íntimo da parceira, mas, ao contrário, apenas um número grande de experiências infrutíferas: “Alguns desses homens fazem sexo com cem ou mais mulheres por ano: em que sentido poderiam dizer que ‘querem amor’?” (GIDDENS, 1993, p. 98).

Com a possibilidade de um entendimento mais amplo da sexualidade humana, o casamento, entendido como um contrato por toda uma vida, passou, paulatinamente, a não figurar mais como o grande objetivo dos relacionamentos. Com efeito, se antes a instituição era a concretização de um ideal de amor, na atualidade ele significa, em grande escala, o seu enfraquecimento. Isso não quer dizer que um relacionamento estável não possa se associar ao amor, mas sim que o resultado dessa associação automática, em que casamento se configuraria como sinônimo de amor, revelou-se um tanto desastrosa. O amor, por outro lado, pode desembocar num casamento ou numa relação mais estável, porém é preciso entender que ambos não são exatamente sinônimos.

De alguma maneira, a intimidade, própria da maioria das mulheres, é acompanhada pelas mudanças que marcam as fronteiras comportamentais relativas a cada gênero. Se por um lado as mulheres, do início do século XIX, desenvolveram habilidades acentuadas no campo da intimidade, por outro, os homens na atualidade vêm acompanhando também certa evolução no caminho de uma abertura para sensibilidade, como já tratado no fim do primeiro capítulo.

Essas transformações no campo da intimidade deram abertura para a configuração atual das identidades que permeiam o universo masculino e feminino. A sedução e a conquista, de algum modo, ainda persistem no campo das relações entre homens e mulheres. Mais uma vez é importante reiterar que existe a configuração amorosa no campo da homossexualidade e reconhecemos sua importância nos estudos de gênero, entretanto essa pesquisa restringe essa questão apenas ao campo da heterossexualidade.

Enquanto Giddens tratou a sedução como algo fora de moda, Bruckner aponta para outro caminho. A reconfiguração da sedução perpassa por um novo crivo, em que a autoridade masculina, que anteriormente ditava a tônica da sedução, passa a ser desnecessária. Para a sedução é necessário, antes de tudo, que a mulher consinta em fazer parte desse jogo: “Ela também é parte do grande processo igualitário, uma vez que deve substituir a autoridade pela persuasão e que se corteja o consentimento do outro em vez de forçá-lo” (BRUCKNER, 2014, p. 64). Bruckner, portanto, não descarta a sedução para o relacionamento amoroso, mas o recompõe de forma bilateral e conciliadora.

Assim, o amor romântico criou novos sentidos para os relacionamentos. Com a criação do campo da intimidade por parte das mulheres, tanto elas quanto os homens puderam constituir suas identidades, embora de formas diferentes. A afetividade feminina, neste sentido, desenvolveu-se sem maiores problemas, enquanto os homens desenvolveram algumas doses de frieza e indiferença como sinais de masculinidade. O modelo de masculinidade preponderante desse tempo, com frequência desvinculava sexualidade de afetividade. O significado de sedução ou conquista masculina são entendidos de formas diferentes, em que Giddens aponta para o seu enfraquecimento, enquanto Bruckner aponta para a sua transformação ou reconfiguração. É preciso considerar, no entanto, que a sedução e a conquista, antes atributos vistos como algo inerente ao universo masculino, atualmente também fazem parte do âmbito feminino. Esse aspecto deve ser avaliado como algo positivo a partir das conquistas femininas, pois as relações podem fluir em mão dupla sem maiores complexidades.

### 2.3 A REVOLUÇÃO SEXUAL: O AMOR NO CASAMENTO E NO ADULTÉRIO

As décadas de 1960 e 1970, que marcaram a revolução sexual na França, significaram anos de liberação sexual para o ocidente. A quebra de tabus e dos valores tradicionais demonstrou como a liberdade sem limites desembocou numa valorização do impulso. Essa valorização do momento também direcionou o comportamento ocidental para uma crença na busca de uma juventude eterna ou na aversão pela ideia de envelhecimento.

A luta pela liberação sexual deixou marcas profundas e transformou a sociedade de maneira contundente. Se antes a sexualidade estava sob a pressão de um poder disciplinar, o exercício da sexualidade nas sociedades modernas tornou-se pauta nas grandes discussões sociais. Esse foco no sexo como um fim em si mesmo, até o ponto de muitos considerá-lo como uma razão existencial, possibilitou a essa sociedade desenvolver até mesmo uma ciência da sexualidade: “Muitas culturas e civilizações tradicionais fomentaram as artes de sensibilidade erótica; mas apenas a sociedade ocidental moderna desenvolveu uma ciência da sexualidade” (GIDDENS, 1993, p. 29).

Se antes a sexualidade era protegida por meio do segredo, ou controlada por meio dele, na atualidade muitos procuram desvelar esse segredo. Isso explica como a sociedade ocidental moderna promove essa “ciência da sexualidade”, com todo o seu aparato de especialistas: sexólogos, psicólogos, psicanalistas, etc. A descoberta do sexo como fonte de “vastos poderes causais” (1993, p. 30) o colocam numa posição privilegiada, num *status* que não gozava anteriormente. Desse modo, a sexualidade se configura numa exploração do prazer erótico, por parte da sociedade moderna: “O prazer erótico se transforma em ‘sexualidade’ à medida que a sua investigação produz textos, manuais e estudos que distinguem a ‘sexualidade normal’ de seus domínios patológicos”<sup>3</sup> (GIDDENS, 1993, p. 30).

---

<sup>3</sup> Sobre “sexualidade normal”, depreendida por Giddens, explica-se a partir do exercício do sexo livremente sem os freios da culpa. Já sobre “domínios patológicos” deve-se entender aquilo que leva o sujeito a procurar ajuda psicoterápica e, com isso, descobrir seu “eu” a partir da sua sexualidade. De nenhum modo, Giddens se refere que há sexualidades normais ou patológicas, mas sim sujeitos que manifestam quadros patológicos a partir de determinadas exigências ou pressões sociais, de maneira que o indivíduo se sente sufocado ou forçado a fazer o que não quer, e impedido de realizar o que quer.

Nesse contexto, muitas conquistas foram importantes para as mulheres. A condição feminina emancipada dos valores tradicionais, a contracepção e o divórcio promoveram, direta ou indiretamente, o amor livre, isto é, o amor sem compromisso. O amor ocasional e a promiscuidade passaram a não ter mais conotações negativas, pelo menos nos maiores núcleos urbanos. A dúvida sobre o resultado de tal equação é apontada por Pascal Bruckner: “Como o amor que une se pode pôr de acordo com a liberdade que separa?” (BRUCKNER, 2014, p. 17).

O que se percebe nesse questionamento é aparentemente dois projetos de sociedade, em princípio contraditórios, convivendo lado a lado de maneira muitas vezes conflituosa. Existe uma noção nostálgica de que o amor se perdeu entre os trovadores medievais e os românticos, enquanto também temos a ideia de que o amor ainda está por vir quando a humanidade se libertar dos valores burgueses. Para Bruckner (2014, p. 17), um quer restabelecer ou restaurar e o outro quer derrubar. Para os mais conservadores, o amor equivaleria ao restabelecimento da família clássica, o que supostamente poderia, por extensão, supostamente voltar atrás nos direitos concedidos às mulheres.

Por outro lado, a abolição radical dos valores familiares, do casamento e as exigências de fidelidade não desapareceram (BRUCKNER, 2014, p. 18). Mesmo com todo esse aparato libertário advindo das revoluções sexuais, os valores tradicionais persistem em comparecer ombreado com tal forma de liberalismo. Entretanto, é preciso considerar que mesmo os mais conservadores, ou “retrógrados” como classifica Bruckner, “foram afetados pela revolução” (2014, p. 18). Para ele, o nosso tempo se apresenta como algo extremamente complexo. A contemporaneidade, que alguns classificam como pós-modernismo, não pode engendrar uma volta ao passado, porém, também não aponta para o advento de uma nova era.

Os direitos obtidos pelas mulheres, assim como pelas comunidades LGBT, não significaram a derrocada dos valores tradicionais, mas uma convivência paralela entre um e outro: “Ao contrário dos conservadores, eles [os progressistas] celebram os direitos obtidos; em oposição aos progressistas, não se sentem incomodados com seus gostos fora de moda” (BRUCKNER, 2014, p. 18).

No entanto, a conquista dessa liberdade não trouxe efetivamente aquilo que alguns esperavam ou ansiavam, ou seja, uma sociedade livre de qualquer amarra. Ao contrário disso, a liberdade conquistada representou acréscimos de

responsabilidades. Segundo Bruckner, essa liberdade não deveria ser entendida como desregramento, mas significou sim o acúmulo de mais deveres ou, talvez, de uma tomada de consciência mais abrangente: “Liberdade não é desregramento, mas sim acréscimo de responsabilidades. Ela não alivia; traz mais peso. Não resolve os problemas e ainda multiplica os paradoxos” (BRUCKNER, 2014, p. 19).

A professora norte-americana, crítica e ensaísta, Laura Kipnis, conhecida por suas reflexões em torno de temas como gêneros, sexualidade, cultura popular e pornografia, em sua obra *Contra o amor*, expõe algumas análises interessantes sobre o tema amoroso na sociedade contemporânea. Kipnis apresenta questões importantes relativas ao universo amoroso, como ciúme, infidelidade, afetividade, sexualidade, etc., com uma linguagem irreverente e ao mesmo tempo impactante por seu estilo.

No seu primeiro capítulo, intitulado “As lidas do amor”, ela aproxima a noção de amor, na contemporaneidade, com a ética do trabalho atualmente muito em voga. Embora a sociedade atual, pós-Revolução sexual, esteja vivendo uma época, conforme ela diz “sexualmente interessante”, Kipnis entende que há ainda um conservadorismo significativo na sociedade: “Vivemos em uma época sexualmente interessante, o que significa uma cultura que consegue ser ao mesmo tempo hipersexualizada e conservar suas escoras puritanas em proporções exatamente iguais” (KIPNIS, 2005, p. 20). Essa leitura da conjuntura atual aponta para o fato de que embora a sexualidade seja praticada amplamente, ainda há valores que engessam ou refreiam uma guinada em velocidade ainda maior.

Nesse sentido, as relações monogâmicas, bem como o casamento, ainda são elementos que contribuem para uma visão mais conservadora do próprio ato sexual. A promiscuidade e o adultério ainda são vistos, pelos conservadores, negativamente, embora seja praticado por muitos dos seus mais ardorosos moralistas. Essa análise dos adultérios que Kipnis expõe em seu texto demonstra como, apesar de todas as transformações sexuais pelas quais passou a sociedade ocidental, ela ainda permanece presa aos seus valores, tal como conceber o amor dentro de uma esfera exclusivamente monogâmica.

A primeira análise que Kipnis faz sobre o amor trata da correspondência entre esse sentimento e o mundo do trabalho. Com efeito, o trabalho na era moderna carrega uma conotação moral significativa, à medida que coage o sujeito, muitas vezes à revelia da sua vontade, a prestar serviços que não correspondem às

suas aptidões. Nesse sentido, o casamento moderno é também visto como um ideal de realização individual e, quando juramentado, traz consigo a promessa de felicidade certa. Porém, não é isso que demonstram os argumentos de Kipnis.

O quadro contemporâneo pautado pela autora evidencia um diagnóstico perturbador para aqueles que idealizam o casamento como o canal para a realização efetiva do amor e seu encontro com a felicidade. O crescimento da infidelidade conjugal mostra uma nova configuração dos relacionamentos ou talvez uma simples resistência às verdades promulgadas pelos defensores do modelo monogâmico. Por outro lado, em razão dessa infidelidade, essas relações extraconjugais em que aqueles ou aquelas que são vistos como o “outro” ou a “outra” podem eventualmente ser depreendidas como a realização efetiva do amor. Nesse caso, busca-se nos relacionamentos extraconjugais um amor que possivelmente já não se localiza no âmbito da rotina do lar.

A manutenção de um amor monogâmico, construído sobre o pilar da fidelidade, demanda muito trabalho para sua conservação, considerando que “trabalho” é o lema das sociedades modernas. O casamento, anteriormente, era visto apenas como um compromisso firmado entre as partes, mas atualmente traz consigo uma carga social de realização ou concretização da felicidade. Contudo, por que, ao contrário do discurso conservador e puritano, a maioria dos casamentos não traz essa realização? Por que os casais traem? Essa é uma questão que Kipnis não resolve em seu texto, mas apenas o expõe, visto que a matéria apresenta nuances e complexidades e suscita questionamentos, contudo, sem respostas.

A manutenção do casamento, bem como o lar que serve como cenário para a relação, se constitui de modo semelhante do chão da fábrica das indústrias. O amor é regulado pela ditadura do relógio em que o parceiro, ou a parceira, precisa constantemente justificar onde esteve, com quem esteve e por que motivo atrasou a volta para casa. A isso se pode dar o nome de “trabalhar” o relacionamento. Assim como o empregado deve prestar contas do tempo do trabalho ao seu patrão, o casal precisa prestar contas dos seus horários um ao outro.

O amor, neste caso, passa a ser regulado por horários, tal como a ética do trabalho no universo capitalista. O casamento requer, portanto, uma rígida disciplina para que possa se manter. Nisso temos a fábrica doméstica da felicidade defendida pela sociedade ocidental moderna. Kipnis questiona: “será que é isso que

realmente significa um ‘bom relacionamento’?” (KIPNIS, 2005, p. 28). A conservação de tal modelo de amor e felicidade demanda por isso muito trabalho:

Sim, todos sabemos que os Bons Casamentos Dão Trabalho: fomos bem ensinados no catecismo da intimidade de mão-de-obra intensiva. Trabalho, trabalho, trabalho: dado todo o esforço que é exigido, qual é a diferença entre trabalho e “depois do trabalho”? Trabalho/casa, escritório/cama: alguma vez você *não foi* regido pelo relógio de ponto? Os bons relacionamentos podem dar trabalho, mas infelizmente, quando o assunto é amor, tentar é sempre tentar muito: o trabalho não funciona. Eroticamente falando, o que funciona é brincar (KIPNIS, 2005, p. 27).

Analogamente, a luta por melhores salários e condições de trabalho torna-se também uma luta por um relacionamento e condições afetivas melhores. O lar visto pela mera perspectiva comparativa de “fábrica doméstica” não dá conta de explicar a razão de a felicidade não se realizar nesse âmbito. Kipnis aponta como, por exemplo, as pessoas preferem trabalhar mais só pelo motivo de não ter que voltar para casa: “Aparentemente a vida doméstica tornou-se tão desagradável que ficar no escritório é mais relaxante” (KIPNIS, 2005, p. 29).

Apesar desse quadro perturbador, o casamento por amor ainda é preferível atualmente e uma associação mais desejada que os antigos casamentos por contratos. Isso explica a razão da sua manutenção mesmo após profundas transformações sociais. O problema foi transformar o casamento, como afirma Kipnis, no “quartel obrigatório do amor moderno” (2005, p. 37). É preciso ainda ponderar, corroborando com Kipnis (2005, p. 36), que o amor, na maioria dos casos, se mantém quando não há o compromisso. Seja na fase de namoro, ou ainda no adultério, o amor se faz presente quando não há disciplina, protocolos ou obrigações a cumprir.

Kipnis entende que a indústria da terapia também vem crescendo conforme a acentuação das crises amorosas relatadas por pacientes nos consultórios de psicoterapia. Essas crises são recorrentes numa sociedade que, por um lado, prega a moralidade no público, mas, por outro, no âmbito privado, revela suas insatisfações: “somos expostos a um desfile de representantes eleitos discursando sobre moral em público e encenando sua própria insatisfação conjugal em particular” (KIPNIS, 2005, p. 39). O adultério então pode ser considerado como uma possível insurreição contra uma ditadura do casamento. Ele é como uma: “greve branca da ética amor-dá-trabalho” (2005, p. 41). De um lado, defendemos o casamento e os

valores que ele implica, mas do outro nos queixamos dos fracassos, da rotina e dos insucessos em nossos relacionamentos.

As terapias, que buscam solucionar ou ao menos aliviar as tensões individuais, são cada vez mais procuradas pelos sujeitos para tentar responder às suas crises emocionais e relacionais. Muitos procuram esse produto moderno massivamente contra problemas atrelados ao trabalho ou ao casamento. Kipnis faz uma leitura sobre as terapias que classificariam a rebeldia como “neurose” e o conformismo como “crescimento”, adaptando o sujeito às situações dominantes:

Sim, nós nos cansamos das massas descontentes ambivalentes que sempre serão encontradas brigando por uma consciência mais feliz nos recintos discretamente à prova de som da terapia, uma indústria de serviços que floresceu recentemente, devendo sua existência dispendiosa à agradável ideia de que a ambivalência é um problema curável, que “crescimento” significa adaptação às situações dominantes e que a rebeldia é neurótica – embora se reconheça que pode ser curada (KIPNIS, 2005, p. 41).

Esse aspecto da psicologia que se coloca como uma ciência capaz de conduzir o indivíduo a um padrão comportamental aceitável é a mesma que entende que o desejo seja algo como uma doença passível de cura: “o desejo é regressivo, e anti-social, e *não existe cura*, e é isto que faz dele o curinga de nosso draminha humano. (E também muito divertido.)” (KIPNIS, 2005, p. 42). Nesse sentido, o desejo é uma inclinação humana mais associada à brincadeira e à diversão que ao trabalho. Se o amor for compreendido como um “desejar possuir alguém”, então o desejo por outra pessoa fora do relacionamento conjugal (adultério) seria algo que desorganizaria nossas vidas: “Ele ferra com todos os planos e vidas bem organizados, e estar vivo é estar fundamentalmente dividido, [...] sem conseguir se harmonizar com os *trade-offs* [...] de ‘moralidade sexual civilizada’” (KIPNIS, 2005, p. 42).

A exploração do casamento como sinônimo de plenitude amorosa é apontada por Kipnis como algo que é constantemente visado pela indústria cultural, por exemplo. O cinema ou a televisão reforçam essa imagem do casal feliz em que o amor é o sentimento imperante na maioria das famílias:

Pense na onipresente e clangorosa propaganda que refulge em nossa psique a cada hora: milhões de imagens de casais apaixonados aparecendo para nós nas telas de cinema, em aparelhos de televisão, cartazes, revistas, puxando-nos incessantemente para o trem do amor (KIPNIS, 2005, p. 44).

O amor, embora seja uma emoção presente na humanidade de todas as épocas, no entanto, na atualidade, parece ganhar contornos de “produto” a ser consumido. A indústria cultural, portanto, explora esse sentimento com uma garantia de que ele sempre terá público e conseqüentemente gerará vultosos lucros. Também há que se considerar que o amor é um elemento muito presente em todas as culturas e o fato de ele ser explorado como “produto” pelas grandes empresas não explica o fato de sua permanência. Kipnis manifesta certa inquietação ao fato de o amor sofrer grandes investidas por parte da cultura:

Nossa obediência a este déspota caprichoso é tão profundamente internalizada que artistas criam odes apaixonadas à sua crueldade; o público parece não se cansar nunca do espetáculo de massa mais repetitivo e nada original dedicado a recitar a litania de seus tormentos, pagando dólares ganhos a duras penas para ver, arrebatado, as celebrações mais ruidosamente propagandísticas de seu poder, ligando todas as esperanças ao menor vislumbre de suas satisfações fugazes. Mas se empenhar-se no amor é o triunfo do espírito humano, ou da natureza humana, ou é consumadamente “normal”, por que exige gastos tão grandes em relações públicas? Por que importunar tanto o povo? (KIPNIS, 2005, p. 44).

A autora entende que essa exploração do tema amoroso na atualidade se explica em razão de garantir a ordem atual, como por exemplo, a exploração do lucro, assim como também contribuir para que o sujeito permaneça obediente ao que ela denomina como “prisão”. Com efeito, Kipnis compreende que o amor moderno seja como: “uma espécie de cola de dentadura. Sim, deve manter as coisas no lugar” (KIPNIS, 2005, p. 45). O amor, por meio dessa perspectiva de Kipnis, é depreendido como um padrão de comportamento que exige certo grau de conformismo defendido pelos valores do mundo moderno. Nesse viés, valores como trabalho e manutenção da família são mais importantes que a satisfação dos desejos: “Como sabemos, o “amor maduro”, esse elixir mágico, supostamente entra em ação quando o desejo desaparece” (KIPNIS, 2005, p. 45).

Kipnis apresenta como esse amor moderno, fabricado pela indústria cultural e pelos consultórios de psicanálise, pode ser tão complexo em razão das constantes crises vividas no âmbito da vida moderna. Se por um lado o desejo de posse ou o amor não vivido suscita impressões no imaginário popular, por outro lado, os riscos e os preços a serem pagos pela sua realização e concretização são imensos, ainda mais sob o risco de não ser exatamente aquilo que se imaginava.

O casamento, nesse sentido, fornece uma prisão segura e confortável contra esses riscos, à medida que controla o desejo ou a expectativa por viver novas aventuras. Kipnis critica, portanto, essa exploração do amor:

Será que existe alguma coisa nessa vida de casal contemporânea que exija toda essa fanfarronice, da falsa moralidade da ética do trabalho e dos sortilégios dos terapeutas e conselheiro aos apelos da indústria e entretenimento, só para manter os cidadãos truculentos imobilizados dentro dela? Sem as táticas de venda, será que os cidadãos logo fugiriam da prisão, pelo menos depois que passassem os primeiros surtos de anseios e desejo? (KIPNIS, 2005, p. 44-45).

O relacionamento convencional, fixado pelo casamento, aqui parece ser um dos meios que garantem o funcionamento da sociedade. A finalidade da manutenção desse modelo de moralidade ainda permanece obscura, mas é possível depreender que esse padrão possibilita uma boa movimentação financeira. O casamento, nesse sentido, emerge como um valor tradicional capaz de garantir, senão a felicidade, pelo menos uma segurança maior diante da imprevisibilidade do desejo:

Por um lado, o anseio por intimidade, por outro, o desejo de autonomia; por um lado, o conforto e a segurança da rotina, por outro, sua medonha previsibilidade; por um lado, o prazer de ser conhecido profundamente (e conhecer profundamente outra pessoa), por outro, os papéis restritivos que essa familiaridade prevê – o bordão das interações de casal; a repetição das discussões; o tédio e a rigidez que não serão transcendidos nesta vida nem em outra, e que se consolidam naquelas rotinas de casal familiares demais: a rotina do Pare de Tentar Me Mudar e a rotina do Pare de Me Culpar por Sua Infelicidade (KIPNIS, 2005, p. 45).

Essa procura pelas escapadas também pode estar associada à maneira como o sujeito contemporâneo idealiza os relacionamentos e, por isso, ao invés de se relacionar com seres humanos reais, se relaciona com suas fantasias, suas projeções, em outras palavras, se relaciona com seres humanos “virtuais”. Casos de pornografia ou traições pela *internet* são ilustrativos dessa questão. A indústria cultural, ao explorar amores muitas vezes idealizados, reforça essa procura pela realização do amor. Por conseguinte, a sociedade se constitui em sua maior parte por consumidores deprimidos que, por alguma razão, não realizam tais desejos:

Considere o consumidor moderno. [...] Claramente seria necessário direcionar o desejo para o consumo a fim de manter uma sociedade de consumo – cidadãos que fodem em vez de comprar paralisariam em pouco tempo toda a economia. Ou, melhor ainda, pense no depressivo moderno. Que dádiva para o farmacêutico e a indústria da harmonia social que exista um tipo assim (KIPNIS, 2005, p. 46).

Isso se explica no fato de que os membros dessa sociedade quisessem experimentar essas novas sensações, porém sabem que elas são vetadas pelos muros da ética e da moral. Esse mal-estar gera então esses deprimidos compulsivos. Por esse motivo, ela também ironiza os aspectos dessa repressão psicológica: “Um certo grau de repressão básica é necessário para a sobrevivência de qualquer civilização: se todos trepássemos livremente sempre que surgisse o impulso, que energia restaria para erguer uma cultura?” (KIPNIS, 2005, p. 48). Conseqüentemente, o amor serve também como um instrumento de controle contra a rebeldia do desejo:

Rebeldes, nós? Somos mais como *poodles* treinados, saltitando sobre as patas traseiras, ganindo por aprovação e regalos caninos. As questões mais básicas da liberdade foram tão banidas do vocabulário político que soam bolorentas e ridículas, e vulneráveis ao símbolo definitivo da vergonha – “Isso é tão anos 60!” – toda a década ridicularizada com tanta eficiência que o protesto social parece exótico e “tão do século passado”, como outros exageros de estilo [...]. Não, a rebeldia não representará um problema para esta ordem social (KIPNIS, 2005, p. 50).

Observam-se, assim, as contradições da sociedade contemporânea em seu hedonismo aparente e ao mesmo tempo todo o seu aparato repressor. Uma repressão discreta, mas significativa, visto que se alimenta do amor e alimenta os anseios dos sujeitos com essa paixão e ao mesmo tempo cerceia os aspectos considerados nocivos e indesejáveis do desejo.

Não obstante, os relacionamentos também sofrem com esse novo panorama à medida que, para a sua manutenção, o padrão conformista de comportamento é constantemente evocado:

a quantidade de conselhos sobre como amar adequadamente é quase tão infinita quanto são limitadas as formas sancionadas que ele assume. O desenlace adequado do amor, o matrimônio, é também, obviamente, a forma social regulada pelo Estado, que se reconfigura como farmacêutica benevolente, distribuindo a substância viciante nas doses permitidas (KIPNIS, 2005, p. 51).

Assim, o casamento torna-se de alguma forma um ato (quase) obrigatório para que o sujeito se sinta inserido socialmente. Instituição ou não, o casamento de algum modo concretiza uma carga de realização que recai sobre os sujeitos e que lhes é cobrado. Kipnis faz da leitura dessa instituição, não como se significasse um ato de realização individual, mas sim como uma domesticação. Nesse sentido, o

casamento é entendido como um instrumento de controle que conduz o sujeito a alguma forma de conformismo: “Assim, aqui está você, *gay* ou *hétero*, homem ou mulher, com o casamento (ou um equivalente funcional) realizado, a domesticação completa, firmemente empenhado e aferrado. Um gatinho amestrado” (KIPNIS, 2005, p. 52).

Na face contrária da moeda está o adultério. Essa relação socialmente execrada e proibida na atual conjuntura é sinônima de fuga ou tentativa de escapar de um regime percebido como autoritário no texto de Kipnis. As obrigações do trabalho somam-se às obrigações do casamento, enquanto que o adultério é entendido por Kipnis não como obrigação, mas sim como diversão e brincadeira: “Ninguém *trabalha* o adultério, não é?” (KIPNIS, 2005, p. 57). O adultério passa a ser como uma cobaia de laboratório, experimentado na tentativa de comprovar as possibilidades dos sonhos ou utopias tornarem-se efetivamente reais.

O amor adúltero se caracteriza, sobretudo, pela sua carga lúdica de não compromisso e diversão. Ao mesmo tempo, ele traz algumas incertezas como, por exemplo, as acusações feitas contra os adúlteros, como a de serem imaturos ou egoístas por não se desfazerem dos seus casamentos. Porém, o que exigir daqueles que desde o início só queriam se divertir? A acusação de imaturidade ou egoísmo só caberia num relacionamento em que a obrigação e a rigidez das obrigações ditariam a sua dinâmica. Além de uma relação extraconjugal trazer esses percalços, somam-se também os desejos conflitantes e as lealdades divididas. A vontade de permanecer e sustentar a aparência de um “cidadão de bem”, que não pratica ações consideradas socialmente aviltantes e, ao mesmo tempo, desfrutar daquilo que esse amor proibido possibilita, gera esses conflitos.

Se o casamento for entendido como a realização máxima do amor, então seria preciso repensar o conceito de amor atualmente em voga. O problema é que o amor parece estar historicamente acompanhado de algum desejo insatisfeito, sempre apoiado na ideia de “algo mais”. Por isso, o adultério funciona, para Kipnis, como uma espécie de instrumento para mensurar a qualidade de uma determinada relação: “Mas se o adultério concentra todas as linguagens humilhantes dos maus cidadãos, ele também indica até que ponto o casal doméstico é o campo de treinamento da cidadania complacente, da resignação e da imobilidade pegajosas” (KIPNIS, 2005, p. 58).

Por essa razão, o casamento funciona como uma instituição que garante de alguma forma a ordem social estabelecida, em razão de que nem todos os desejos humanos podem ser plenamente satisfeitos. Nesse sentido, Kipnis (2005) também compreende que esse comportamento resignado e conformista do sujeito contemporâneo se reflete como uma incapacidade de poder mudar as coisas. Amar alguém fora do casamento pode ser um sintoma de que as coisas não vão muito bem e a vida está fora de controle:

Precisamos estar cientes de que o amor apaixonado envolve níveis alarmantes de erros de reconhecimento até na melhor das hipóteses [...]. Tradução: você está amando, ou está com desejo, e não por seu parceiro, e sua vida parece fora de controle, e talvez você tenha esperado a vida toda para sentir isso por alguém, o que quer dizer que você está muito encrencado (KIPNIS, 2005, p. 59).

O adultério pode se revestir com a capa do amor, uma vez que ele é interdito moralmente e talvez por isso suscite desejos até então adormecidos. Mas ainda há o amor doméstico, ou seja, daquela relação adoecida e desgastada pela rotina ou pelas possíveis decepções: “Usar o amor para evitar o amor, procurar o amor às apalpadelas fora de casa para mitigar as decepções do amor em casa – é como gostar de fumar e usar ao mesmo tempo adesivo de nicotina” (KIPNIS, 2005, p. 60). Logo, procurar o amor fora de casa para curar as decepções do amor em casa apresenta uma equação cujo resultado só pode gerar conflitos internos.

O amor, analisado à luz do texto de Kipnis, conduz a uma reflexão interessante sobre sua natureza e constituição, isto é, sua associação ao desejo. Uma vez que nem todos os desejos humanos podem ser saciados em sua plenitude, a maioria dos sujeitos aceita as regras do casamento e passa da insatisfação para a conformidade: “Tantos encontraram esse destino triste e infeliz, renunciando zelosamente a todos os desejos excessivos e, junto com eles, a qualquer esperança de que o mundo venha a dar mais do que naturalmente dá” (KIPNIS, 2005, p. 62).

O casamento na atualidade passa por provas que procuram constantemente mensurar sua eficácia em resistir à ação do tempo e suas transformações na sociedade. A ideia recente de amar muitas vezes e pessoas diferentes, dentro de uma associação entre casamento e amor, criou certo clima de instabilidade relacional. No entanto, a dificuldade se encontra na noção de como seria possível sustentar o amor por uma só pessoa. Se antes havia a possibilidade de amar várias vezes e permanecer casado ou casada – visto que casava-se apenas uma vez – em

nome da organização social, as gerações recentes, insistem na idealização que se pauta na busca pelo “grande amor”. Quando a atual sociedade pretende defender o amor eterno ou o amor fiel temporário – tal como contratos temporários –, ambos corroboram com essa sensação de incertezas.

A rapidez com que as relações são desfeitas demonstra o paradoxo de nosso tempo. Bruckner entende que a busca pela paixão advém do culto ao deus Amor, um deus cruel, marca de um tempo hipersentimental: “vivemos em uma época hipersentimental, e os casais morrem hoje porque se colocam sob a jurisdição de um deus cruel e sem piedade: o Amor” (BRUCKNER, 2014, p. 100).

A aposta da sociedade no casamento motivado por amor, entendido como uma solução para problemas sociais como o adultério e a prostituição, gerou uma crise na própria instituição: “Não é apenas o capricho ou o egoísmo que mata as uniões, mas a busca de uma paixão permanente como alicerce da união” (BRUCKNER, 2014, p. 100). O resultado de tal aposta foi: nem casamento, nem amor. Nesse sentido, talvez se possa afirmar que o alimento do amor seja a sua não realização, ou seja, o amor é vivo enquanto não se convive como num casamento. A paixão é permanente enquanto existem obstáculos ou fatores que impossibilitem os amantes de ficarem juntos de algum modo.

Como já vimos anteriormente, a afeição no casamento em sociedades pré-modernas era disciplinada, prudente e pudica. O amor dentro do casamento era uma coisa, o amor como desejo outra. A primeira transformação veio com o culto romântico da pureza, em que se criaram visões problemáticas e conflituosas que recaíam sobre a mulher. Tal visão oscilava entre a mãe e a prostituta, a mulher recatada e a mulher livre. Essas imagens românticas cristalizavam determinados comportamentos preconceituosos em que a mulher era impedida de se comportar livremente no leito com seu marido.

A partir da segunda metade do século XIX, a frequência dos homens nos lupanares gerou preocupações por parte dos governos, fazendo com que a volúpia e o prazer passassem a ser coisas próprias do casamento, e o leito conjugal poderia ser como um lupanar: “Desregramentos e ousadias, antes vividos com as putas, devem ser exercidos entre marido e mulher, a cultura maliciosa migra do lupanar para o leito conjugal” (BRUCKNER, 2014, p. 105).

Na atualidade, em que o sexo pode ser praticado de uma maneira mais livre e consensual, a mulher também conquistou seu direito ao prazer e os homens são

requisitados como amantes para essa tarefa. O prazer feminino é tão ou mesmo mais importante nesse aspecto: “Da mulher também se exigem competências [...]. Caso se mostre desastrada ou acanhada, comentários pouco agradáveis não deixarão de florescer. [...] Os amantes se devem gozo recíproco” (BRUCKNER, 2014, p. 106).

Bruckner (2014, p. 110) entende que o crescimento do divórcio na Europa, ao contrário do que possa parecer, se deve muito mais à maneira como a relação conjugal e amorosa é idealizada que necessariamente resultado do egoísmo. A impossibilidade de viver junto por muito tempo com uma mesma pessoa se alia à dificuldade de permanecer sozinho. Os casamentos se desfazem muito mais em virtude de uma noção excessivamente elevada que cada um faz de si do que em razão de decepções. A aposta numa noção de amor muito abstrata e desvinculada da realidade induzem o sujeito contemporâneo a acreditar e amar a ideia de amor e não as pessoas tal como são. Com efeito, as pessoas, de modo geral, são imperfeitas e vulneráveis.

O ensaísta enfatiza a ideia de que antes os obstáculos garantiam a sobrevivência do amor. Hoje, em um mundo livre – ao menos aparentemente – como o nosso, o amor precisa ser constantemente reinventado, ou requentado com aparências de novidade. Num mundo que cultua o espírito do “novo” e da constante mutação, o amor precisa sofrer as investidas do tempo e sobreviver a isso, caso contrário morre:

Amar o amor em geral mais do que os próprios seres é deleitar-se com um ideal. [...] Privado dos obstáculos que o vivificavam ao freá-lo, ei-lo obrigado a encontrar em si os meios de se renovar. Ele morre não por ter sido impedido, mas por ter sido tão bem sucedido. A paixão, dizem, é irresistível; infelizmente ela resiste a tudo, salvo a si mesma. A tragédia clássica opunha uma ligação impossível a uma ordem cruel; na tragédia contemporânea, o amor é morto por ele mesmo, morrendo de sua própria vitória. É exercendo-se que ele se destrói, sua apoteose é seu declínio (BRUCKNER, 2014, p. 111).

A “morte do amor” se explica em sua natureza contraditória, ou seja, à medida que não há nada que impeça sua realização ou concretização, o amor inicia sua derrocada rumo à morte. Desse modo, a morte do amor pode ser explicada como decorrência desse “ficar juntos”, ou seja, de alguma forma o amor apaixonado não tinha, ao menos em princípio, nada a ver com a instituição do casamento. Se em algum momento se imaginou que a associação estabelecida entre o amor e o

casamento significaria destruir problemas como adultério ou prostituição, ao contrário, criou-se um fenômeno novo.

Bauman também corrobora com essa noção de que o amor morre quando ele se realiza. O amor e a morte seriam experiências únicas que não se repetiriam: “poucas coisas se parecem tanto com a morte quanto amor realizado. Cada chegada de um dos dois é sempre única, mas também definitiva: não suporta a repetição, não permite recurso nem promete prorrogação” (BAUMAN, 2004, p. 16-17). O amor, sendo uma experiência única, não passível de repetição, morreria em sua realização. No entanto, é preciso entender mais o que seja essa “experiência única” a que Bauman se refere.

O problema da perspectiva “líquida” do amor, definida por ele, é sua vulnerabilidade em relação ao tempo. Essa vulnerabilidade é o que o aproxima do seu próprio fim. Nesse sentido, Bauman utiliza-se das imagens de Eros e Tântos para falar sobre essa proximidade do amor e da morte. Segundo ele, Eros quando finalmente triunfa é simultaneamente derrotado, pois quando o amor atinge o seu fim automaticamente morre. À medida que o sujeito deseja ardentemente conquistar alguém, quando finalmente consegue êxito, o amor perde seu poder de encantamento:

Todo amor empenha-se em subjugar, mas quando triunfa encontra a derradeira derrota. Todo amor luta para enterrar as fontes de sua precariedade e incerteza, mas, se obtém êxito, logo começa a se enfraquecer – e definhar. Eros é possuído pelo fantasma de Tântos, que nenhum encantamento mágico é capaz de exorcizar (BAUMAN, 2004, p. 22).

Esse problema, que de algum modo foi iniciado com os românticos, somado às constantes mudanças que marcam nossa sociedade, fizeram com que as insatisfações, que advêm desse *ethos* inquieto, revolucionário e reformista, desde o romantismo até a atualidade, transformassem o amor em um produto descartável e, conseqüentemente, criando a necessidade de amar constantemente. Isso explica de alguma maneira o crescimento das rupturas e dos divórcios. A idealização do amor e sua associação ao casamento, aliadas à procura constante por novas experiências amorosas e à angústia de ficar sozinho, fizeram com que o amor da atualidade fosse comparado às emoções breves das conquistas materiais, tal como comprar um carro. Passadas as primeiras alegrias da aquisição, resta apenas desfrutar do bem e, quando surgir o tédio pelo velho carro, trocar por outro ou vendê-lo.

Algo parecido ocorre com os relacionamentos. Com o casamento, as juras de amor e a promessa de um “felizes para sempre” são muito incertas dentro desse contexto. Com os primeiros atritos e conflitos pessoais, o relacionamento entra em desgaste e o problema é resolvido facilmente com uma simples separação ou divórcio. A partir daí, procura-se por uma nova experiência amorosa: “Eis nosso inferno, contrapartida de nossos progressos: a impossibilidade de nos apaixonarmos por homens ou mulheres à altura de nossas aspirações, não que eles sejam medíocres, mas porque as aspirações são insaciáveis” (BRUCKNER, 2014, p. 111-112).

Bruckner, por sua vez, entende que um relacionamento não deveria se constituir a partir da noção de morte, ou seja, se se está disposto a morrer pela parceira ou parceiro. O importante não deveria ser morrer por alguém, tal como pregavam os românticos, mas sim viver por alguém:

O casal ocidental sofre das mitologias do paroxismo, ou seja, das devastações de um romantismo desvairado; seu erro é levar as afeições excessivamente a sério a ponto de não tolerar suas menores falhas. Estariam prontos a morrer por aqueles que ama? Eu estou sobretudo pronto para viver com eles: a prosa do cotidiano implica uma constância de cada instante” (BRUCKNER, 2014, p. 112-113).

Na era clássica, as paixões eram como turbulências da alma que semeavam a infelicidade. Na atualidade, de alguma maneira, a anarquia dos comportamentos gerou um esfriamento das emoções. Essa ausência de bases, numa sociedade em que os valores afetivos são flutuantes, por outro lado contribuiu positivamente para que o sujeito passasse a elaborar sozinho os seus padrões de conduta, de modo que o amor passasse a ser entendido de forma idiossincrática. Se por um lado isso significou autonomia, por outro, Bruckner entende que “Libertar-se sempre é carregar novo peso” (2014, p. 119). Construir o significado de amor por iniciativa própria pode ser uma tarefa magnânima e ao mesmo tempo infrutífera.

Outros fatores também podem potencializar ainda mais o crescimento das rupturas afetivas e amorosas. Fatores como doenças ou desemprego podem transformar um grande amor em um verdadeiro estorvo:

Imaginemos quanto é delicado colocar o amor mais intenso à prova de doença grave ou de um revés de fortuna: quantos homens atingidos pelo desemprego são abandonados por suas companheiras, quantos doentes graves se tornam um encargo para seu círculo [...]? (BRUCKNER, 2014, p. 119).

Assim, fica claro que as promessas nupciais de amor eterno, na doença ou na pobreza, esvaziam-se na contemporaneidade e perdem seu sentido à medida que outros ou outras estão mais acessíveis. Desse modo, a ruptura torna-se costumeira e relacionamentos mais prolongados se tornaram estranhos a esse novo padrão de comportamento.

O modelo de actualização eterna da relação deixou, ao menos há algum tempo, de ser a condição *sine qua non* para a efetiva realização do amor. A possibilidade de escolher entre o casamento clássico, o concubinato e a união livre são perfeitamente possíveis. Seja pela forma clássica ou pela sua forma mais despojada, o casamento, de algum modo, ainda cria um ambiente em que a velha fortaleza familiar permanece como algo desejável. Ter filhos, criá-los e educá-los requerem atitudes que comprometem seus genitores “para sempre” em virtude das responsabilidades que podem ser divididas, salvo àqueles que realmente não pretendem assumir tal incumbência por mera escolha em não o fazer.

A constituição familiar e a procriação, de algum modo para os que escolhem a progênie como um ideal de vida, ainda representam uma segurança e uma proteção diante de transformações que abalam e perturbam instituições como o casamento:

famílias, eu as amo, mas não todos os dias. Essas pequenas concentrações humanas não perderam seu caráter ambivalente: ao mesmo tempo refúgio e masmorra. De um lado, a alegria de se sentir protegido, de saber que há em algum lugar uma porta aberta, seres prontos para cuidar de nós, alimentar-nos. Papel insubstituível das casas da infância que condensam tantas lembranças deliciosas (BRUCKNER, 2014, p. 149).

Esse refúgio e ao mesmo tempo masmorra pode ser um empecilho para aqueles que ainda querem desfrutar de outro ideal de felicidade, ou seja, a descoberta e a conquista do “grande e verdadeiro” amor. Se ontem o cárcere do casamento significava para os sujeitos modernos uma experiência terrível, hoje sua autonomia se ressentia de certo “deserto afetivo” (BRUCKNER, 2014, p. 151). Porém, apesar dessa afetividade em crise, na contemporaneidade as pessoas podem se aproximar umas das outras por interesses compartilhados, por inclinação, e não mais por uma autoridade externa coercitiva e imposta.

A separação é uma realidade indiscutível e faz parte da vida da maioria ou, pelo menos, já se sentiu seus efeitos, seja por experiência própria ou de terceiros.

Contudo, é preciso ponderar que há separações em que os filhos são considerados como obstáculos para a felicidade, uma vez que eles não são vistos como candidatos em potencial para fornecer tal emoção. Desse modo, muitas vezes é mais comum preferir sacrificar o anseio dos filhos em querer os pais unidos em nome da procura pela felicidade em um novo amor:

Contudo, na primeira desavença, os casais explodem: restam o garotinho ou a garotinha, testemunhas incômodas de um desejo que não existe mais; [...]. E se o obstáculo em questão for uma criança que se tornou um estorvo, um carcereiro em miniatura que freia nossa aspiração a uma vida mais ampla? [...] A família será sempre coercitiva para nossa necessidade de liberdade (BRUCKNER, 2014, p. 152).

É preciso contrabalancear que mesmo os melhores casamentos que sobreviveram à agenda moderna também tiveram seus momentos de crises e turbulências: “Nem todas as uniões derretem como a neve do sol. [...]. Bateram [os casais] as asas vez por outra, atravessaram períodos negros levados pelas águas turvas da depressão, separaram-se, superaram suas feridas” (BRUCKNER, 2014, p. 156). Assim, Bruckner entende que a família desempenha um papel importante na compreensão do significado de amor:

Essa nobre perseverança dos velhos casais merece nossa atenção mesmo que nem todos nós a sigamos. Como frear a erosão inevitável do casamento por escolha? Fundando a associação sobre elos que não sejam o êxtase e o frenesi: sobre a estima, a cumplicidade, a transmissão, a alegria de fundar uma família, a busca por uma imortalidade por meio dos filhos e netos de que falavam os Antigos. É preciso reabilitar os climas temperados do sentimento, ao amor louco contrapor o amor calmo que trabalha pela edificação do mundo, pactua com os dias, vê-os como aliados, não como inimigos. A felicidade [...] é estar junto dos que amamos (BRUCKNER, 2014, p. 156-157).

Em última análise, é importante compreender que, embora estejam em número menor, há aqueles que defendem o casamento como realização de um determinado projeto amoroso e que, portanto, fogem desse padrão fugaz dos relacionamentos mais recentes. Esses relacionamentos também são afetados pelo desgaste e pela rotina da convivência diária e disso pode-se depreender certa ideia de “morte do amor”, tal como proposta por Bruckner e Bauman. Embora o tema seja muito complexo e de difícil análise mais precisa, o amor encontra-se na atualidade entrecruzado de significados possíveis como, por exemplo: amor como ideal de fidelidade a uma única pessoa; amor significa acumular diversas experiências; o

amor falece com o convívio familiar; o amor sobrevive na diversão e na brincadeira, ou seja, no adultério.

Em todos os casos, o amor parece viver onde ele não é conquistado em definitivo, de maneira que a noção de pacto eterno não conota necessariamente sinônimo de amor. É preciso reconhecer ainda que essa paixão parece mesmo ter breve duração, salvo nos raros casos em que determinados casais adquiriram uma consciência mais profunda da associação entre casamento e amor. Porém, mesmo assim, a linha do tempo de tal relação demonstrará em determinados recortes ou fases algum desgaste ou indisposição de alguma das partes. No próximo item, analisaremos como o amor se apresenta na atual conjuntura social.

#### 2.4 AS EXPERIÊNCIAS AMOROSAS NA ERA DO CONSUMO

A atual carga valorativa que recai em cima do acúmulo de experiências, visto como uma vantagem na atualidade, faz com que os relacionamentos se construam com bases nesse pressuposto. As experiências sexuais anteriores de seus parceiros passam a ter uma importância fundamental para a sociedade contemporânea: “A maior parte das pessoas, homens e mulheres, chega atualmente ao casamento trazendo com elas uma reserva substancial de experiência e conhecimento sexual” (GIDDENS, 1993, p. 21). Atualmente, grande parte dos homens ainda encontra resistência em aceitar as experiências sexuais das suas parceiras. Muitas mulheres procuram dar e também esperam receber prazer sexual da relação íntima.

Além disso, hoje mulheres casadas mantêm relações extraconjugais da mesma maneira que os homens há alguns anos atrás: “A proporção de mulheres casadas há mais de cinco anos que têm encontros sexuais extraconjugais é, hoje em dia, virtualmente a mesma que aquela dos homens” (GIDDENS, 1993, p. 22). A maneira como Giddens depreende um relacionamento afetivo e amoroso se pauta na ideia de que o amor atualmente não está sob a custódia de nenhuma forma de governo. O amor atual, sendo livre, pode se constituir a partir de uma infinidade de experiências. Giddens desenvolve um conceito sobre essa nova maneira de amar que ele classifica como “amor confluyente”.

O conceito de amor confluyente, definido por Giddens, se caracteriza como um amor distinto do amor romântico. Enquanto este último se caracterizava pela projeção de um parceiro ou parceira idealizados pelo espectro do amor eterno, o amor confluyente: “consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da ‘pessoa especial’ e o que mais é o ‘relacionamento especial’” (GIDDENS, 1993, p. 72). Outra característica desse amor é seu caráter de não permanência: “O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da idéia do amor romântico.” (GIDDENS, 1993, p. 72).

Esse amor confluyente constitui-se nas bases dessa nova sociedade “separada e divorciada” (1993, p. 72), mais como efeito do que como causa. Além disso, se pauta na igualdade dos gêneros, na doação e no recebimento emocional, aproximando-se da noção daquilo que Giddens nomeia como relação pura. Nesse caso, os homens devem manifestar um comportamento diferente do *ethos* do amor romântico:

A dependência emocional mascarada dos homens tem inibido a sua propensão e a sua capacidade, para tornarem-se, assim, vulneráveis. O *ethos* do amor romântico tem de certo modo sustentado esta orientação, no sentido de que o homem desejável tem sido com frequência representado como frio e inatingível (GIDDENS, 1993, p. 73).

Como já pontuado, a frieza masculina é marca de um comportamento herdado das transformações históricas acentuadas durante o século XIX. Em tese, o amor confluyente pode abrir novas possibilidades no campo da intimidade para os homens, à medida que desenvolvem relações livres dos preconceitos que marcavam a anterior categorização dicotômica das mulheres. Por outro lado, se na tese tudo parece muito bonito, na prática ainda é comum muitos homens demonstrarem comportamentos regressivos e associados aos antigos preconceitos.

Tendo-se em vista a análise proposta por Giddens, vamos examinar o que ele entende por amor confluyente. Nessa forma de amor, a entrega masculina deve estar presente no desenvolvimento da afetividade amorosa: “o amor só se desenvolve até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a esse outro” (GIDDENS, 1993, p. 73). A necessidade e a dependência afetiva em relação ao outro são aspectos positivos do amor confluyente definido por Giddens.

No campo sexual, o amor romântico tendia mais para a fantasia de romances imaginados. Essa fantasia garantia certa dose de erotismo romântico. Porém, a *ars erotica* do amor romântico não se configurava necessariamente como algo recíproco. Já o amor confluyente trata de introduzir o erotismo no interior da relação afetiva: “pela primeira vez introduz a *ars erotica* no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento” (GIDDENS, 1993, p. 73). Desse modo, as relações conjugais também podem lançar mão do erotismo e das fantasias proporcionadas pelo sexo.

A *ars erotica* era geralmente cultivada como uma especialidade feminina: “as artes eróticas eram cultivadas por concubinas, prostitutas ou pelos membros minoritários de comunidades religiosas” (GIDDENS, 1993, p. 73). Esse último dado, sobre comunidades religiosas, é preciso entender como algo que ocorre nos contextos de sociedades não ocidentais, tal como o Japão ou a Índia. Exceto nos casos da Roma e Grécia Antigas, em que as sacerdotisas de Afrodite (Vênus) praticavam a arte erótica, não há outro caso parecido, em razão da cristianização ocidental. Contudo, os homens da maioria das sociedades ocidentais praticavam-na com as amantes e prostitutas.

O amor confluyente se desenvolve num contexto social como um ideal numa sociedade sexualmente realizada. Com o desaparecimento ou enfraquecimento da distinção entre mulheres respeitáveis e marginalizadas, o amor confluyente pode se realizar sem maiores desafios. Outro aspecto concerne à monogamia. Enquanto o amor romântico era essencialmente monogâmico, o amor confluyente se sustém do seguinte modo:

O que mantém o relacionamento puro é a aceitação, por parte de cada um dos parceiros, “até segunda ordem”, de que cada um obtenha da relação benefício suficiente que justifique a continuidade. A exclusividade sexual tem um papel no relacionamento até o ponto em que os parceiros a considerem desejável ou essencial (GIDDENS, 1993, p. 74).

Desse modo, a exclusividade, ou monogamia, só vai até aonde ela é desejada, podendo ser descartada *a posteriori*. O exercício da sexualidade passa a ser recíproco, sem que um sobrepuje o outro. No entanto, é preciso considerar que mesmo esse tipo de amor não traz em si uma conotação de amor “para sempre”. Giddens insiste que esse amor só possui continuidade à medida que os parceiros

extraem benefícios dele. É preciso considerar, dentro dessa proposta, que tal forma de amor só tem uma vida relativamente prolongada, de maneira que se desfaz como os relacionamentos fugazes que não possuem afetividade.

A diferença é que Giddens coloca o amor confluyente como algo recíproco, mas sem as garantias do “para sempre”, seja do casamento tradicional ou do amor romântico. Um exemplo ilustrativo ocorre em algo semelhante ao último terceto do “Soneto de Fidelidade” (1939) de Vinicius de Moraes: “Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure” (MORAES, 2009, p. 116). O amor é colocado numa proposta relacional “pura”, conforme aponta Giddens, pois é recíproco. Contudo, a noção de compromisso seguro é um tanto efêmera ou, talvez, porque não seja algo tão necessário para o estabelecimento dos relacionamentos como anteriormente.

De algum modo, o amor confluyente está configurado em uma sociedade que se habituou à prática de experimentar as relações. Essa reflexão é, assim, perpassada pela noção contemporânea do acúmulo de experiências. Para Bauman, o amor não é uma atitude prática, ou seja, não se pode aprender a amar, por outro lado, também não é possível evitá-lo: “não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer. E não se pode aprender a arte ilusória – inexistente, embora ardentemente desejada – de evitar suas garras e ficar fora do seu caminho” (BAUMAN, 2004, p. 17).

O amor, nesse sentido, não traz um manual prático de como proceder ou de como agir. A sociedade contemporânea preconiza essa noção de “aprender”, de que é preciso se atualizar constantemente num mundo em que as informações mudam o tempo todo. O amor, desse modo, corre o risco de se reduzir e ser vendido como um produto. Nesse sentido, esse sentimento serve de matéria para propagandas ou livros de autoajuda que instruem como as pessoas poderiam agir para conquistar o outro que é objeto de desejo.

O sujeito contemporâneo, na maioria dos casos, é levado a crer, muito por conta dessa noção de experiência, na previsibilidade dos acontecimentos e não aceita a acidentalidade ou fatalidade dos eventos. Ironicamente e ao contrário disso, o amor é imprevisível e, portanto, não há regras. Essa ilusão de sabedoria, ilusão de aprendizado ou ilusão de experiência acumulativa levam o sujeito a acreditar que o amor possa ser adquirido tal como mercadoria e manipulado como objeto. Bauman

entende que essa ilusão em crer que o amor seja algo previsível está na raiz da questão:

Evidentemente, todos nós tendemos a nos esforçar muito para extrair alguma experiência desse fato; tentamos estabelecer seus antecedentes, apresentar o princípio infalível de um *post hoc* como se fosse um *propter hoc*, construir uma linhagem que “faça sentido” – e na maioria das vezes obtemos sucesso. Precisamos desse sucesso pelo conforto espiritual que ele nos traz: faz ressurgir, ainda que de forma circular, a fé na regularidade do mundo e na previsibilidade dos eventos, indispensável para nossa saúde mental (BAUMAN, 2004, p. 18).

Esse sucesso pontuado por Bauman também é ocasional e acidental, que ilusoriamente é compreendido como um resultado de uma equação exata. Mas Bauman afirma: “Não há como aprender ‘a fazer o certo na próxima oportunidade’ com um evento que jamais voltaremos a vivenciar” (BAUMAN, 2004, p. 18). Consequentemente, o amor visto sob esse prisma tende a ganhar uma roupagem completamente imprevista.

Costuma-se sustentar a ideia de que uma carga de experiências quantitativas seja sinônima de conhecimentos adquiridos. Dentro de uma sociedade em que a quantidade é com frequência mais importante que a qualidade, o amor passa a ser entendido como mais de uma experiência. Por esse motivo, apaixonar-se e desapaixonar-se é um costume corriqueiro, ou como pontua Bauman, um evento recorrente.

Nesse âmbito, o amor tende a se ampliar para além de uma única relação. Para que alguém saiba efetivamente constituir o significado de amor precisa necessariamente perpassar pelo crivo das experiências. Por isso, o acúmulo de relações fugazes significa, para muitos, sinônimo de saber amar. Não há garantias de que o amor se constitua como uma experiência com uma única pessoa:

Pode-se supor [...] que em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro. [...] Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda (BAUMAN, 2004, p. 19).

Desse modo, o amor contemporâneo é constantemente testado e experimentado, tornando-se algo avulso, descartável ou obsoleto. Ele é entendido como uma prática a ser exercitada, tal como um exercício físico. Assim, Bauman considera que os padrões de amor sofreram um rebaixamento:

Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões de amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome “fazer amor” (BAUMAN, 2004, p. 19).

Bauman entende que essa nova configuração do amor é sintomática e reveladora de uma incapacidade ou impotência do sujeito contemporâneo em amar. Amores rápidos, fugazes, de curta duração nada mais são que resultado de uma impotência amorosa. O amor entendido como um evento controlável ou programável tende a ser um acontecimento previsível e repetitivo, passível de experimentações: “É tentador afirmar que o efeito dessa aparente ‘aquisição de habilidades’ tende a ser [...] o *desaprendizado* do amor – uma ‘exercitada incapacidade’ para amar” (BAUMAN, 2004, p. 20).

Portanto, Bauman depreende que esse amor, entendido como o resultado de experiências práticas de curta duração, apresenta em sua raiz uma impotência. A natureza do amor não é a mesma de uma racionalização produtiva. Não se configura como um produto em série que se compra e se consome em instantes. Essa incapacidade para amar são resultados do amor praticado no atual contexto. A consequência disso é a revolta do amor:

Um resultado como esse – a vingança do amor, por assim dizer, sobre aqueles que ousam desafiar-lhes a natureza – seria de se esperar. Pode-se aprender a desempenhar uma atividade em que haja um conjunto de regras invariáveis correspondendo a um cenário estável e monotonamente repetitivo que favoreça o aprendizado, a memorização e a manutenção dessa simulação. Num ambiente instável, fixar e adquirir hábitos [...] não são apenas contraproducentes, mas podem mostrar-se fatais em suas consequências (BAUMAN, 2004, p. 20).

A causa dessa impotência do amor contemporâneo pode estar na sua carência de finalidade. Não se sabe por quais razões e quais motivos levam o sujeito a procurar alguém. Há procuras, mas pautadas em buscas aleatórias, ocasionais e acidentais. Neste caso, a afeição é relegada a um segundo plano.

Bauman fornece um exemplo retirado do *Banquete*, de Platão, que demonstra qual seria a finalidade do amor: “No *Banquete* de Platão, a profetisa Diotima de Mantinéia ressaltou para Sócrates, com a sincera aprovação deste, que ‘o amor não se dirige ao belo, como você pensa; dirige-se à geração e ao nascimento do belo’” (BAUMAN, 2004, p. 21). Infere-se que o objetivo do amor seja, portanto, a geração e a procriação do belo. Observa-se que, mais uma vez, a noção de “procriação” emerge como um significado possível para o amor.

Embora a visão de amor defendida por Bauman aproxime-se de uma perspectiva metafísica, é preciso reconhecer que a defesa incondicional, do outro lado, de um amor inconstante ou “líquido” fica comprometida em razão dessa instabilidade e volubilidade. O amor, neste caso, localiza-se num terreno movediço. A única certeza que se extrai dessa forma de amar se estabelece naquilo em que, hoje, o que é considerado “amor”, amanhã não o será mais. Por isso, Bauman, ao comentar sobre o *Banquete* de Platão, faz a seguinte afirmação: “Amar é querer ‘gerar e procriar’, e assim o amante ‘busca e se ocupa em encontrar a coisa bela na qual possa gerar’” (BAUMAN, 2004, p. 21).

O sociólogo polonês é ainda mais incisivo em sua análise: “não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas que o amor encontra o seu significado, mas no estímulo a participar da gênese das coisas” (BAUMAN, 2004, p. 21). O amor, desse modo, não é entendido como algo pronto e acabado, tal como um produto que se consome. Nessa noção de participação da gênese das coisas, o amor precisa ser construído gradativamente. Em uma cultura consumista como a nossa, esse modelo de amor é constantemente classificado como ultrapassado, em virtude da velocidade das mudanças que ocorrem nas sociedades modernas.

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa e enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforços (BAUMAN, 2004, p. 21-22).

Assim, o amor é direcionado para um sentido mais próximo daquilo que pensadores anteriormente analisados entendiam. Isto é, o amor é concebido como algo que possui uma durabilidade, algo que é construído com o compromisso. Já o amor “líquido”, praticado por muitos atualmente, seria algo mais voltado para o desejo enquanto consumo. Desse modo, o amor definido por Bauman, embora seja idealizado, é entendido como uma aliança ou um compromisso:

Tal como o desejo, o amor é uma ameaça ao seu objeto. O desejo destrói seu objeto, destruindo a si mesmo nesse processo; a rede protetora carinhosamente tecida pelo amor em torno de seu objeto escraviza esse objeto. O amor aprisiona e coloca o detido sob custódia. Ele prende para proteger o prisioneiro (BAUMAN, 2004, p. 25).

O grande problema desse modelo de amor para as questões da atualidade é seu caráter permanente contraposto a uma sociedade inconstante. Na sociedade contemporânea, em que pessoas e até mesmo os valores são descartáveis, o consumismo perpetua a insatisfação, de modo que o hábito mais comum seria o movimento de esquivar-se de qualquer compromisso que possa representar um cerceamento da liberdade individual. O amor, concebido como um ato de responsabilidade, cuidado e zelo, tende a ser desprezado ou não mais compreendido, como era talvez nas sociedades pré-revolucionárias.

Desse modo, Bauman estabelece uma distinção importante sobre a diferença entre desejo e amor, muitas vezes confundidos. A satisfação dos desejos mais imediatos não necessita de contratos ou alianças. Basta apenas a presença de um objeto consumível. Talvez isso explique por que Bauman entenda que na atualidade existem seres incapazes ou impotentes para amar. O amor, entendido como um ato de responsabilidade, não pode ser o mesmo que o amor entendido como um ato de consumir algo:

Desejo e amor encontram-se em campos opostos. O amor é uma rede lançada sobre a eternidade, o desejo é um estratagema para livrar-se da faina de tecer redes. Fiéis a sua natureza, o amor se empenharia em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria dos grilhões do amor (BAUMAN, 2004, p. 25).

A grande questão desse sentimento entendido como compromisso definitivo numa sociedade em que os produtos são consumidos e descartados, portanto, se configura automaticamente na proibição em “consumir” outras mercadorias. Se possuir algo é tão importante para o sujeito contemporâneo, tal como possuir um automóvel e depois trocá-lo, a proibição de “possuir” outra pessoa, em razão do compromisso firmado, torna-se uma ideia insuportável. O compromisso, por esse motivo, fecharia as portas para outras possibilidades ou experiências amorosas.

Outra distinção que Bauman traz é a separação das ideias de desejo e impulso. O desejo precisaria ser alimentado, sofrer maturação, num processo de longo prazo. Já o impulso, por sua vez, é imediato (curto prazo). O consumo conseqüentemente não se pauta necessariamente pela satisfação de um desejo, entendido como um processo de maturação, mas sim pelo impulso. As pessoas consomem pelo impulso, não pela necessidade de satisfação de um desejo:

É como num shopping: os consumidores hoje não compram para satisfazer um desejo, [...] compram por impulso. Semear, cultivar e alimentar o desejo leva tempo (um tempo insuportavelmente prolongado para os padrões de uma cultura que tem pavor em postergar, preferindo a 'satisfação instantânea'). (BAUMAN, 2004, p. 26).

Além disso, ele analisa o desejo por uma dupla perspectiva. Uma é a guiada pelo impulso e a outra é a ortodoxa, ou seja, aquela mais tradicional. Para ele, esta última forma de desejo é aquela que necessita de cuidados e de ser cultivada para dar frutos. Já o desejo, entendido como uma força impulsiva, induz o sujeito ao consumo imediato. Logo, esse desejo, uma vez satisfeito, leva o objeto ao descarte, ou em termos mais duros, para o lixo:

Em sua versão ortodoxa, o desejo precisa ser cultivado e preparado, o que envolve cuidados demorados, a árdua barganha com conseqüências inevitáveis, algumas escolhas difíceis e concessões dolorosas. Mas, pior que tudo, impõe que se retarde a satisfação, sem dúvida o sacrifício mais detestado em nosso mundo de velocidade e aceleração. [...] Guiada pelo impulso [...], a parceria segue o padrão do shopping e não exige mais que as habilidades de um consumidor médio, moderadamente experiente. Tal como outros bens de consumo, ela deve ser consumida instantaneamente [...] e usada uma só vez, 'sem preconceito'. É, antes de mais nada, eminentemente descartável (BAUMAN, 2004, p. 27).

Tal como mercadorias, as pessoas podem ser substituídas sem maiores problemas ou podem ser trocadas por outras, mais novas e "aperfeiçoadas", tais como os automóveis, celulares e computadores, ou mesmo como se trocam os funcionários de uma empresa. O amor, sob esse prisma, revela tons de leveza, em razão do seu descompromisso, bem como tons de obscuridade, em virtude da sua inconstância e incerteza. Sob tal perspectiva, os compromissos se desfazem rapidamente. Tal como numa relação entre consumidor e produto, a durabilidade de uma relação se dá pelo grau de satisfação do cliente com a mercadoria.

Citando Adrienne Burgess, ele pontua: "O compromisso é uma conseqüência aleatória de outras coisas: nosso grau de satisfação com o relacionamento" (BURGESS apud BAUMAN, 2004, p. 28). Essa satisfação está embasada na mesma noção mercadológica, em que os sujeitos precisam constantemente se reinventar para poderem sobreviver no mundo contemporâneo. A lógica empresarial, portanto, está também no cerne dessa discussão.

Nessa lógica, os relacionamentos passaram a ser vistos como investimentos em que ninguém pretende sair perdendo: "Relacionamentos são investimentos como quaisquer outros" (BAUMAN, 2004, p. 29). O lucro esperado num relacionamento

geralmente é o mesmo daquele esperado no amor convencional: socorro na aflição, companhia na solidão, consolo nas derrotas, etc. Mas amor visto como uma ação na bolsa de valores gera algumas incertezas em razão da sua oscilação. Por isso, a manutenção de relacionamentos de longa duração também traz alguns percalços como, por exemplo:

Precisa estar em alerta constante. Se cochilar ou reduzir a vigilância, problema seu. “Estar num relacionamento” significa muita dor de cabeça, mas sobretudo uma incerteza permanente. Você nunca poderá estar plena e verdadeiramente seguro daquilo que faz – ou de ter feito a coisa certa ou no momento preciso (BAUMAN, 2004, p. 29).

A procura pela segurança em um relacionamento que seja capaz de sobreviver diante dos desafios do mundo atual é determinante para a própria sobrevivência da afetividade perdida por esse modelo atual de amor líquido. Por outro lado, a aposta em relacionamentos que sofrem constantes ataques dessa perspectiva paradoxal de “estado permanente de constantes mudanças” também pode ser arriscada, uma vez que ninguém quer apostar para sofrer revezes. Em uma sociedade educada para competição, para o sucesso e para a vitória, vencer no amor é algo que muitos ainda procuram, embora o êxito seja efetivamente muito improvável.

Esse quadro social desvela que as fichas de esperanças e felicidade são todas depositadas no sexo como um ato libertador. A perspectiva paradoxal da experiência amorosa na sociedade de consumo tem a ver com os rumos tomados pela sociedade atual. Assim, o sexo, muito explorado pelos mercados, é carregado de messianismo, capaz de libertar a humanidade de suas falhas, ou entendido como elemento que proporciona felicidade. Nesse sentido, Bruckner entende que o desejo atualmente é exaltado e as partes íntimas do ser humano, anteriormente consideradas “suas vergonhas”, são consideradas suas partes mais gloriosas (2014, p.30). Essa moralização do desejo evidencia como esse atributo humano passou de algo que precisava ser controlado para algo que precisa ser exaltado.

A criação do sexo como potencialmente salvador do sujeito perpassa pela ideia de que o coito é: “ao mesmo tempo rebelião contra a sociedade e consumação da natureza humana” (BRUCKNER, 2014, p. 30). O ensaísta defende ainda que o velho e tradicional “eu te amo” seja reconfigurado para “eu te quero” (2014, p. 30), uma vez que atualmente o desejo está em pauta. O amor, entendido como

sentimento, é ofuscado pelo desejo que, por sua vez, passa para o papel de protagonista. Enquanto um estaria visivelmente mais direcionado para o abstrato, o outro está para a materialidade, que tem sua concretude no corpo.

Um ponto positivo concerne ao fato de que a liberdade sexual motivou um avanço significativo nas discussões que preconizam a sexualidade humana. Dentro de tal perspectiva, numa sociedade em que o orgasmo é a grande finalidade da existência humana, o exercício constante da sexualidade passa a ser o padrão comportamental em voga: “o gozo, de suspeito, torna-se obrigatório, quem se furta a ele é suspeito de doença grave” (BRUCKNER, 2014, p. 32). Dessa exploração do sexo, aqueles que não discutem tais questões correm o risco de serem preteridos socialmente.

Contrastando a essa perspectiva, Bruckner também desvela como o sexo pode conduzir à crueldade. Segundo ele, a religião demonstra essa crueldade por seu controle e Marquês de Sade o confirma em suas obras:

O verdadeiro escândalo de Sade, essa grande insígnia negra pousada na bandeira do Iluminismo, não é sua lubricidade furiosa, mas seu pessimismo, sua maneira oblíqua de confirmar o que a religião sempre disse, a saber, que o sexo, longe de ser neutro, conduz diretamente à crueldade (BRUCKNER, 2014, p. 32).

Bruckner depreende, assim, que o descontrole sexual, que impulsiona o sujeito a uma procura absurda pelo orgasmo como objetivo maior em sua vida, poderia engendrar uma série de problemas como estupros, pedofilia, crimes passionais, feminicídios, etc., motivados, sobretudo, pelas paixões tão representadas pelos artistas clássicos do passado. Com efeito, paixões como ciúme, orgulho ou inveja andam lado a lado daqueles que entendem o amor como um cerceamento do outro, o que pode ser um problema.

O amor é constantemente denunciado pelos que veem nele algo negativo e pela sua manipulação por meio da ordem patriarcal para manter as mulheres sob controle. Contudo, Bruckner entende que: “os destruidores da mentira sentimental foram, sem querer, os artesãos de sua restauração” (BRUCKNER, 2014, p. 34). Isso porque a liberação dos costumes para muitos não significou uma liberação completa ou absoluta, mas sim parcial à medida que o indivíduo vive como quer ou como escolhe viver. Nesse caso, para ele, também é possível viver sem se pautar pelos parâmetros atuais.

O indivíduo, liberto da coação moral das tradições, da religião e da família, engendra a criação de uma noção própria e individualista do amor. Bruckner (2014, p. 35) entende que essas conquistas sociais possibilitaram ao sujeito uma valorização da qualidade das suas emoções, privilegiando a lei do coração sobre a lei do clã, isto é, livre das pressões da comunidade: “O amor não é livre senão em uma sociedade de indivíduos livres” (BRUCKNER, 2014, p. 35). Desse modo, ele enumera alguns elementos dessa liberdade pretendida pelos movimentos, tais como: independência, isto é, não se sujeitar a ninguém; disponibilidade ou estar aberto às ocasiões; soberania, sua vontade deve impor-se a dos outros; e responsabilidades, ou seja, assumir as consequências dos próprios atos.

O ensaísta também contrapõe reflexões que colocam o sujeito numa posição paradoxal diante de valores tão inusitados: Como é possível amar apaixonadamente alguém e permanecer autônomo? É possível pedir ao outro que renuncie sua liberdade e conseqüentemente ter de renunciar a ela também? É possível, ainda, uma coexistência harmoniosa diante dessas propostas? A vontade do amor aparentemente é conflituosa em relação à vontade do eu, pois uma quer não mais se pertencer (amor), enquanto a outra não quer jamais se abandonar (ego) (BRUCKNER, 2014, p. 36).

Atualmente, procura-se pela segurança do lar, desde que ela não impeça a realização pessoal de cada um. Os sujeitos se buscam e ao mesmo tempo fogem uns dos outros. Entregam-se aos relacionamentos passionais, aqueles cuja chama dos primeiros desejos incendeia, mas também se retiram precipitadamente ao menor sinal de compromisso. Assumir um compromisso, hoje, apresenta um quadro em que as pessoas querem estar livres e ao mesmo tempo juntas. O casamento moderno torna-se “relacionamento” e o sujeito deve ser antes um parceiro ou parceira que necessariamente um marido ou esposa.

As relações modernas tornaram-se, pelos menos nos casos mais comuns, relações contratuais que podem ser dissolvidas por acordos. Bruckner vê nisso uma reprodução do modelo econômico, em que cada indivíduo funciona como uma pequena empresa. Embora Laura Kipnis tenha ponderado sobre isso sob outro aspecto anteriormente, Bruckner também estabelece uma comparação em que as relações íntimas se transformaram e tornaram-se semelhantes às relações de trabalho: “você me agrada, ficamos juntos; você me cansa, eu o dispenso” (BRUCKNER, 2014, p. 37). Tal como no mundo do trabalho globalizado, a ação de

dispensar parceiros ou parceiras, assim como dispensar trabalhadores, é uma prática cada vez mais comum. Assim, experimentar o outro “como um produto” se tornou uma espécie de padrão regulador desse comportamento em que: “A cultura dos prazeres se tornou mania, como um vício” (2014, p. 37).

O sujeito que se ama acima de tudo, que procura ser o único fundamento de si mesmo, é o mesmo que constantemente procura experimentar essa autoaprovação pela aprovação do outro. Bruckner expõe os pensamentos do ex-hippie Jerry Rubin e do economista francês Léon Walras. O primeiro afirma, segundo Bruckner (2014, p. 37): “Preciso me amar o suficiente para ter a necessidade dos outros para ser feliz”. Já o segundo: “Ser livre é se sentir apto a dispensar todos os outros” (2014, p. 37). Desse modo, o orgulho da autossuficiência soma-se à angústia de se estar só no mundo contemporâneo. Essa autossuficiência cai diante da solidão ou da possibilidade de perder as pessoas que nos são mais caras.

A escolha amorosa é de certa forma atrelada à solidariedade conjugal, mas ao usufruir o outro permanecemos donos da própria vida. Nesse sentido, a liberdade individual se constitui sem o outro, porém dentro de uma relação conjugal essa solidariedade é necessária. Neste caso, estamos diante de um verdadeiro dilema: estamos entre a liberdade de perder o amor ou manter o amor renunciando à liberdade (BRUCKNER, 2014).

Com toda a liberdade à disposição do sujeito, o amor ainda é uma aventura da qual não se abre mão, contanto que: “não nos prive de nenhuma outra” (BRUCKNER, 2014, p. 39). Provar e experimentar são as ações que movem os sujeitos em suas liberdades individuais. Tal como crianças – ou adultos que se recusam a crescer – queremos tudo, ou seja, queremos estar unidos sem nos ligar a ninguém. O desenvolvimento tecnológico possibilitou essa realidade. As pessoas solteiras, que assim optam por permanecer, por exemplo, preferem a confirmação da sua solidão, tendo por maridos ou esposas seus telefones e suas redes sociais: “Os meios de romper a solidão, a internet, os celulares são, em princípio, um meio de confirmá-la, uma vez que a tornam tolerável” (BRUCKNER, 2014, p. 39).

Mecanismos que foram pensados, criados e elaborados no sentido de aproximar as pessoas tiveram efeitos práticos espantosamente contrários. Hoje as pessoas podem estar próximas fisicamente, mas ao mesmo tempo e mentalmente distantes. Numa mesma casa, na mesa do almoço ou jantar, a presença massificada dos celulares e seu constante uso distancia essas pessoas que estão lado a lado.

Verifica-se, assim, uma “virtualização” das relações, em que esse mundo de imagens imediatas domina-as. Nas redes sociais, os sujeitos se portam como se estivessem consumindo produtos pela *internet*, mas neste caso são os perfis sociais das pessoas.

Mesmo com tantas transformações, com a informação sexual difundida e massificada, com a possibilidade de poder se casar com quem se ama, com as minorias tendo seus direitos reconhecidos – ao menos nos grandes centros urbanos –, a realização do amor ainda permanece, de alguma forma, insatisfatória para muitos. Esse novo projeto de amor, na era do consumo e dos avanços tecnológicos, revela algumas nuances excludentes e também preconceituosas: “o amor continua sendo um vilarejo encantado do qual são excluídos os velhos, os feios, os disformes, os sem dinheiro” (BRUCKNER, 2014, p. 40).

O amor, para Bruckner, paradoxalmente também não combina com uma relação igualitária. O amor é como uma prisão, uma coerção exercida por uma vontade tirana. A liberação significou, para muitos, o direito de permanecer só e ao mesmo tempo estar na posição de poder aproveitar o outro: “o amor não é sempre amável, não coincide com a justiça ou com a igualdade; é uma paixão feudal, antidemocrática! [...] O que ganhamos afinal com essa liberação? O direito de ficarmos sozinhos!” (BRUCKNER, 2014, p. 42). Todavia, esse estar só Bruckner entende como uma vida relacional mais rica: “Celibato não quer mais dizer solidão [...]; com frequência significa uma vida relacional mais rica do que como casal” (2014, p. 42).

O significado do amor, mesmo na atualidade, geralmente recebe uma referência de como ele deveria ser e não como realmente ele é. Geralmente, na contemporaneidade elaboram-se teorias procurando aplicá-las à realidade. Assim, multiplicam-se livros com receitas para a conquista da felicidade conjugal, herança do que Bruckner denomina como a hipocrisia do iluminismo. Rousseau escrevia sobre o amor como uma receita para alcançar a felicidade, mas contraditoriamente abandonou seus cinco filhos: “Faça o que eu digo [ideal], não diga o que eu faço [realidade]” (2014, p. 44).

Bruckner também analisa a crise das relações de longo prazo em contextos recentes. Assim como Bauman, Bruckner também considera que os sujeitos estão sempre recomeçando seus relacionamentos. Nesse sentido, há problemas em dar sequência ao amor num relacionamento mais prolongado. A troca de parcerias abre

possibilidades constantes para recomeços. Consequentemente, os sujeitos estão sempre recomeçando suas relações afetivas, semelhante àquilo que Bauman considera como impotência para o amor.

Essa impotência em não terminar coisa alguma e estar sempre começando algo novo dirige a maioria dos comportamentos da atualidade. De acordo com Bruckner (2014, p. 55), os conquistadores são depreendidos como simples apreciadores de digressões, pois estão o tempo todo recomeçando. O problema amoroso em questão não está na pessoa que é foco (objeto) da relação, mas sim porque a maior parte dos sujeitos preferem as situações vividas: “Eles preferem as situações aos seres, a caça à presa, a sensação à emoção” (BRUCKNER, 2014, p. 55). A continuidade de um relacionamento ou a troca afetiva que advém da possibilidade de uma relação contínua não interessa ao sujeito.

O prazer que se sente em viver momentos perigosos e ao mesmo tempo fugazes, somado à crise afetiva, ao clima de constantes mudanças e, por conseguinte, ao sentido de insatisfação que emerge disso, contribui para que o sujeito contemporâneo não estabeleça mais relações de longo prazo. Ao contrário, a satisfação se verifica a partir desse contato furtivo. Muitos se vangloriam desse acúmulo de experiências, em detrimento daqueles que preferem ficar em apenas um relacionamento.

O ensaísta francês entende que essa vontade de buscar a sedução constantemente leva as pessoas a se comportar ou agir como se elas não fossem quem realmente são:

A sideração sela meus lábios, a vontade de ser inventivo me torna aparvalhado. Fazer a corte é antes de mais nada estufar o peito, entregar-se ao embelezamento de si mesmo. Até o mais tímido dos apaixonados já teve de bancar o galante, exhibir-se adequadamente (BRUCKNER, 2014, p. 57).

Ele aponta para a necessidade de disfarçar, seja o amor que se sente por alguém ou apenas o desejo sexual. Ao contrário do que significava cortejar no passado, em que os sujeitos declaravam seu amor por alguém, hoje é preciso esconder as intenções: “o desejo ordena que se dissimule: se não dizemos mais logo de cara *eu te amo*, também não dizemos a alguém que só estamos interessados em seus seios empinados, em seus quadris arredondados” (BRUCKNER, 2014, p. 56).

As relações na contemporaneidade passam por inovações e mudanças que ditam estratégias de como conquistar. A *web*, nesse sentido, favorece também aos que encontravam dificuldades em se relacionar. Por outro lado, a *web* também promoveu a criação de um ambiente em que as relações se pautam cada vez mais pela foto e pela imagem transmitida. As redes sociais, muito presentes na vida de boa parte da população mundial, promovem esse mercado de pessoas. O contato físico e a troca de palavras olho no olho que antecedia qualquer relação hoje passam pelo contato virtual primeiramente:

Nada mais bonito do que a empolgação de dois seres que trocaram um olhar dentro do ônibus ou do trem e querem porque querem se ver de novo, publicando uma notinha nos jornais [...]. É na web que florescem os subterfúgios: tenta-se a sorte com uma alma irmã começando por se esconder à vontade, maquiando as fotos. Evita-se assim os terrores das preliminares: para os que não ousam abordar senhoritas na rua ou declarar sua atração a um desconhecido, resta a segunda chance da tela (BRUCKNER, 2014, p. 57-58).

Os *sites* de relacionamentos e as redes sociais atualmente são os canais que possibilitam um contato prévio sem maiores compromissos. A *internet* é o meio em que essas relações virtuais podem, de alguma forma, se tornar reais. Com efeito, as pessoas passam a existir a partir do clique e o filtro da tela desfaz o medo do contato (BRUCKNER, 2014, p. 59).

Nesse contexto, a carência de ideais pode explicar esse fenômeno que assombra o sujeito contemporâneo. Bruckner aponta para esse enfraquecimento dos ideais como projeto de amor. O ensaísta classifica essa questão como a “derrota da fantasia”, em razão das transformações provocadas nos últimos anos. Ele entende que o fascínio pelo diferente e pelo outro habita no imaginário dos sujeitos dirigindo seus comportamentos para determinadas pautas e agendas motivadas ou promovidas por questões políticas. Por exemplo, se posicionar no polo oposto à opinião da maioria pode ser um fator que gera o fetiche em querer ser o outro:

Vejam, por exemplo, este estranho troca-troca: no momento em que europeus, australianos e norte-americanos querem parecer bronzeados e se expõem a perigos pelo abuso do sol, africanos, chineses, indianos, filipinos sonham em branquear a pele, arriscando-se a destruir sua pigmentação e a provocar estragos irreparáveis. [...] Trata-se mais do fato de que cada parte do mundo sonha em ser a outra, os de tez clara querem a tez escura, os bronzeados os rostos pálidos (BRUCKNER, 2014, p. 67).

O amor contemporâneo, neste caso, também se configura padronizado pelo comportamento dessa sociedade que, por sua vez, procura constantemente contrariar ou questionar as opiniões e os padrões estabelecidos: “Tudo o que vai no sentido contrário da opinião dominante, tudo que derruba a ordem das gerações e das condições, a bela com o feio, o jovem com a mulher madura, a moçoila com o coroa, o pobre com a rica, deve ser celebrado.” (BRUCKNER, 2014, p. 67). De algum modo, isso também possui relação com certo determinismo ou uma homogeneização social, pois à medida que tal comportamento torna-se massificado, a contrariedade torna-se padronizada.

Uma das questões pontuais para a derrocada da fantasia, como pretende Bruckner, é a dúvida manifesta sobre se realmente escolhemos nossas parcerias tal como acreditamos que estamos fazendo: “escolhemos verdadeiramente nossos parceiros ou somos programados quando acreditamos agir com total lucidez?” (BRUCKNER, 2014, p. 65). A fantasia seria algo voltado para um determinado projeto idealizado de amor e, nesse sentido, estaria sofrendo duros revezes por conta dessa nova sociedade nascida da soma de fatores como o liberalismo sexual, a globalização e as mais recentes revoluções tecnológicas. Contudo, mesmo nessas escolhas vistas como “autônomas”, “livres”, “sem interferências externas”, há certo determinismo devido a esse comportamento heterodirigido padronizado.

Assim, atitudes, que em momentos anteriores poderiam ser interpretadas como estranhas, hoje se tornam o padrão comportamental. O mundo contemporâneo se caracteriza como um espaço em que tudo é novidade e ao mesmo tempo nada está fora de moda. Esse clima de desorientação é explicado por Bruckner do seguinte modo:

Definitivamente nada está *démodé*: nem a corte à antiga, nem os breves encontros, nem os raptos sem delicadeza, nem as paixões instantâneas: extrema sofisticação ao lado da extrema desenvoltura. As regras do jogo mudaram, mas as regras de antigamente ainda estão valendo. É a superposição desses dois estados que explica nossa desorientação atual. Tudo está caduco. Tudo continua pertinente. [...] Entrelaço psicológico do homem contemporâneo no qual habitam muitos costumes e tradições (BRUCKNER, 2014, p. 68).

O ocidente apresenta-se como uma cultura de superposição e não necessariamente de sucessão. No ocidente, é possível conviver com padrões assimétricos como o de um romântico e ao mesmo tempo libertino, cortês e ao mesmo tempo pornográfico.

Em última análise, a apresentação da complexidade do amor, em seus paradoxos, é evidente em razão de suas mutações e de sua inserção num mundo em constante mudança. Giddens tenta dar uma carga positiva para o amor nesse contexto, por meio do seu conceito de amor confluyente, firmado na parceria e na cumplicidade entre o casal, sem as promessas de amor eterno. Bauman classifica esse amor contemporâneo como “líquido” em razão do seu caráter movediço e de não permanência, atrelado à sociedade de consumo. Bruckner, por sua vez, analisa o tema sob diversos olhares, explorando-o sob o prisma do paradoxo e das contradições de uma sociedade sexualmente liberada.

### 3 AMOR E MASCULINIDADES EM CONTOS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

A temática do amor, analisada sob a perspectiva dos estudos masculinos, merece atenção no sentido de localizar tanto as transformações no campo dos relacionamentos, bem como evidenciar o papel que a ficção literária possui em sua função social, ao propor mudanças ainda mais acentuadas. Durante muito tempo, a hegemonia masculina era flagrante nos estudos literários e a atuação feminina era muito discreta em razão do cerceamento que as mulheres sofriam. Autoras importantes do passado literário brasileiro só recentemente vêm recebendo estudos e o merecido reconhecimento acadêmico. Nomes femininos do século XIX e início do século XX, como Maria Firmina dos Reis, Júlia Lopes de Almeida e Francisca Júlia, embora essas duas últimas tenham sido reconhecidas de um modo ainda limitado, vêm ganhando atenção e espaço no meio da crítica.

A conquista desse espaço se deve indubitavelmente à atuação das mulheres cada vez mais crescente no meio acadêmico, devido ao amplo alcance da revolução sexual e liberação feminina da década de 1960. Esse marco histórico afetou, portanto, a constituição da narrativa literária e, especialmente no presente caso, dos contos brasileiros. Essa confluência entre literatura e sociedade pode se explicar a partir dos pressupostos de Antonio Candido, em *Literatura e sociedade*. O fazer crítico, desse modo, pode se constituir numa relação entre crítica literária e sociologia. É preciso, por outro lado, desfazer eventuais equívocos sobre questões que ainda permeiam a análise literária, tal como a utilização da Literatura como pretexto para se debater questões sociais.

O conto brasileiro, desse modo, estabelece a criação ficcional em que a temática amorosa por parte dos homens sofre uma transformação se comparada ao que a literatura, de tempos mais retroativos, apresentava sobre os comportamentos masculinos. Por exemplo, é evidente que a literatura brasileira do século XIX nos mostrava o homem como o centro da atuação pública social. Isso se explica em razão da hegemonia masculina nos espaços públicos daquele tempo. Mesmo que citemos o caso de Aurélia, do romance *Senhora*, de José de Alencar, ou mesmo Capitu, de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, é preciso reconhecer que a atuação dessas mulheres ainda era limítrofe ao casamento. Nesse sentido, a

Literatura Brasileira estabelecia a criação do universo ficcional em consonância com os valores da sociedade daquela época. Porém, a ficção já influenciava a sociedade a repensar essa atuação.

Desse modo, a ficção propõe ao leitor reflexões sociais importantes, num viés em que a obra influencia e transforma a sociedade. Assim, Candido define o método da crítica sociológica:

saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica (CANDIDO, 1980, p. 7).

Se entendermos que esse aspecto externo, no caso presente, está no campo dos estudos masculinos e que o interno é a obra literária, é preciso ponderar que tais estudos podem se configurar em estímulos para a criação literária. A posição do artista, situado na vida social, em sintonia com o processo de criação da obra pretende atingir leitores que, a partir dessa interação, pensem sobre determinados padrões de comportamento. Assim, o tema do amor surge, uma vez que há nos contos, que serão doravante analisados, padrões comportamentais reveladores da relação dinâmica entre homens e mulheres.

A importância da crítica sociológica se verifica em razão de uma necessidade de compreensão das teorias desenvolvidas a partir dos estudos masculinos. É possível que muitos ainda defendam a exclusividade de uma abordagem mais imanentista do texto em detrimento dos aspectos sociais que povoam a ficção. No entanto, é preciso reconhecer que a observação da vida social é a matéria prima dos escritores, tornando-se arte por meio da linguagem e da escrita literária. O problema ocorre quando o fator exclusivamente social ofusca a criação literária. Portanto, considerar apenas e exclusivamente o campo estético em detrimento do diálogo que se possa estabelecer entre literatura e sociedade pode reduzir o campo de influência da obra em suas relações com o mundo e com a vida.

Em todos esses casos extremos e reducionistas, é importante evitar essa polarização em que de um lado estão os defensores do texto pelo texto (“fora do texto não há salvação”) e, do outro, os que se utilizam da obra para fazer simples e mera crítica social, ignorando as potencialidades criadoras da ficção literária. Assim, no caso desta tese, os estudos masculinos se configuram como instrumentos

analíticos que contribuem para a compreensão da constituição do conto brasileiro contemporâneo. Alfredo Bosi, em *O conto brasileiro contemporâneo*, assim define:

A invenção do contista se faz pelo achamento (invenire = achar, inventar) de uma situação que atraia, mediante um ou mais pontos de vista, espaço e tempo, personagens e trama. Daí não ser tão aleatória ou inocente, como às vezes se supõe, a escolha que o contista faz do seu universo. Na história da escrita ficcional, esta nega (conservando) o campo de experiência que a precede. Da dupla operação de transcender e reapresentar os objetos, que é própria do signo, nasce o tema. O tema já é, assim, uma determinação do assunto é, como tal, poda-o e recorta-o, fazendo com que rebrote em forma nova (BOSI, 2006, p. 8).

O tema do amor nos contos, assim, revela-se numa dinâmica relacional que tanto envolve as conquistas femininas de novos âmbitos e espaços quanto aponta para uma necessidade de mudança comportamental para os homens. Nesse sentido, é preciso que os homens repensem e reconsiderem velhos paradigmas para poderem se relacionar com essa nova mulher sexualmente liberada e independente.

Com o desenvolvimento dos estudos de gênero na literatura, os estudos masculinos vêm apenas agregar e somar dentro de uma necessidade reflexiva que as obras provocam. De fato, o conto brasileiro contemporâneo constitui uma necessidade de debate ficcional sobre comportamento masculino a partir do tema da relação amorosa. Os contos não apenas refletem transformações sociais importantes que ocorreram nas últimas décadas, mas também propõem ou sugerem mudanças de atitudes de seus personagens. Em outras palavras, os contos transcendem a mera perspectiva social da obra entendida apenas como reflexo da realidade.

Por essa razão, é preciso entender a constituição estética dos contos também a partir dessa perspectiva relacional de gênero. Sobre isso, Silviano Santiago, em seu artigo “Arte masculina?”, pontua como o ideal estético se pautou durante muito tempo no que se classifica como “falocentrismo”. Embora a discussão sobre questões de gênero seja relativamente recente no Brasil, é preciso reconhecer que as produções artísticas do passado eram indubitavelmente baseadas numa visão de mundo masculina:

Até há bem poucos anos aparentemente a estética não tinha gênero, ou melhor, era assumidamente masculina e patriarcal, mesmo porque as reflexões que configuravam o que chamamos de estética recalcavam toda possibilidade de pensá-la a partir do gênero, feminino por exemplo, gênero aqui tomado no sentido que as teorias mais recentes do conhecimento lhe emprestam, teorias que desejam, ao colocar a questão do feminino, abalar todo um universo de

pensamento nitidamente dominado pelo falocentrismo da filosofia ocidental (SANTIAGO, 1995, p. 99).

Com efeito, Santiago demonstra como, de alguma maneira, outras manifestações artísticas sofriam pela pouca oportunidade que era concedida às mulheres. Na atualidade, a apreciação crítica perpassa pelo reconhecimento dos diferentes gêneros e, nesse sentido, é determinante compreender os diferentes papéis que compõem nossa sociedade:

Assim como existiu uma Estética (com *E* maiúsculo) que confundia universalidade e falocentrismo, hoje existem várias estéticas com *e* minúsculo que são altamente afirmativas de identidades precárias que querem se afirmar no jogo de forças do campo artístico (SANTIAGO, 1995, p. 102).

Desse modo, os homens precisam estar atentos ao fato de não ser mais o centro das atenções no meio artístico e intelectual e também trabalhar em conjunto com outras manifestações estéticas de gêneros diferentes. A Estética, tal como entendia Aristóteles, Hegel e muitos outros pensadores, era pensada apenas pela perspectiva androcêntrica, sendo outras manifestações marginalizadas. Por outro lado, atualmente uma abordagem realizada a partir de uma apreciação crítica de gênero se configuraria como “estética”, ou seja, apenas uma entre muitas outras formas de expressão artística, nem mais nem menos elevada, sem verticalizações.

Essa necessidade emergencial em se reconhecer, por exemplo, a constituição de uma estética a partir do feminino, leva-nos ao entendimento de uma necessidade de compreender as produções masculinas a partir de tal perspectiva relacional de gênero. Desse modo, os contistas brasileiros realizam uma criação artística que é perpassada de valores e de uma visão de mundo masculina afetada pelas conquistas femininas e, desta vez, sem a visão de mundo hegemônica. De fato, corroboramos com Silviano Santiago quando afirma:

Uma grande *ironia* surge neste momento do nosso raciocínio: o Homem, cujos valores se confundiam com os valores universais, é hoje recolocado em outra condição, a de representante de uma minoria. Em outras palavras: o que representa hoje, após o feminismo, a antiga e universalizante noção de homem? (SANTIAGO, 1995, p. 102).

A estética masculina – com “e” minúsculo –, atualmente, é apenas um recorte ou uma dentre as muitas manifestações de gênero que, se entendido adequadamente, se tornou minoria. Entender uma estética masculina como

manifestação artística de uma minoria não significa de modo algum um demérito, mas sim um reconhecimento de que os homens não estão sós na construção de uma expressão artística, ou além, não estão sós no mundo. Santiago, assim, responde sua questão:

Ela nos leva exatamente ao raciocínio oposto: o homem está onde nunca esteve. Passa por uma série de crise de identidade, estigmatizada por elementos afoitos e despreparados como impotência sexual. [...] O novo lugar que ocupa, aparentemente secundário, medíocre e desvantajoso, retira-o da condição de único provedor e, por isso mesmo, único mártir, e leva-o a dialogar com as forças plurais que o cercam e o questionam, conduzindo-o a uma atitude que, longe de negar a sua busca de identidade, procura construí-la sem detrimento das identidades de outros grupos em nome dos quais egoística e autoritariamente se falava (SANTIAGO, 1995, p. 102).

Conclui-se que é possível a afirmação de uma arte masculina sem o desprezo ou sem a negação do outro. Portanto, o levantamento teórico esboçado nos dois primeiros capítulos é importante para esclarecer sobre determinados pontos que a maior parte dos leitores brasileiros ainda desconhece<sup>4</sup>. Tal estudo, realizado a partir da abordagem de gêneros, auxilia no sentido de propor um modelo de análise que dê conta de explicar como os contos propõem ou sugerem personagens masculinos e femininos que interagem sob a dinâmica amorosa. A observação da temática amorosa por parte do escritor, e elaborada a partir da produção dos contos, demonstra determinados padrões de comportamento do universo masculino, assim como aponta, aos leitores, para uma necessidade emergencial de mudança de atitude em relação ao feminino e a si próprio. Candido aponta para essa relação estabelecida pelo autor, obra e leitor:

Se forem válidas, as considerações anteriormente mostram de que maneira os fatores sociais atuam concretamente nas artes, especialmente na literatura. [...]. A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável. Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público (CANDIDO, 1980, p. 37-38)

Nessa confluência, transversalizada pelo tríptico fator autor-obra-leitor, a ficção literária potencializa transformações sociais importantes a partir das reflexões

---

<sup>4</sup> Refere-se ao desconhecimento dos estudos sobre masculinidades.

que suscita. A matéria amorosa, neste caso, surge nos contos necessitando de uma abordagem crítica que dê conta de explicar as relações entre gêneros masculino e feminino. A representação ficcional dos relacionamentos, desse modo, aponta para as reflexões sobre problemas da sociedade atual, assim como para uma necessidade de mudanças em determinados pontos problemáticos nas relações.

O sentido de amor preconizado no universo ficcional dos contos, ora elencados, evidencia uma compreensão mais profunda do significado dessa paixão. O amor e a maneira como os personagens se relacionam com esse sentimento apresenta nuances complexas e paradoxais, além disso, muito variáveis. Essa paixão, em muitos contos, se apresenta fugaz, breve e não mais exclusivamente dentro de relações estáveis. De um lado, a senil instituição do casamento ainda é representada significando alguma estabilidade para aqueles que procuram na segurança do lar o apoio para o enfrentamento dos desafios diários. Do outro, aqueles que entendem que grandes amores ainda estão por vir.

Contudo, é preciso entender o desgaste natural dos relacionamentos de longo prazo. Na atualidade, também se verifica uma incapacidade ou dificuldade de o sujeito contemporâneo lidar com as transformações aceleradas ou mesmo com os relacionamentos à moda antiga. O adultério também carrega consigo uma ideia ou idealização de sobrevivência do amor para além das fronteiras do lar. O que chama a atenção nessa análise é o caráter de sobrevida do amor, vitalizado onde supostamente não deveria, ou seja, nos lugares proibidos e cerceados pelos códigos de conduta social.

Devido a essa necessidade, o presente estudo apresenta doze contos de escritores brasileiros contemporâneos. Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna, Rubem Fonseca, Marçal Aquino, Moacyr Scliar, André Sant'Anna e Milton Hatoum são os nomes que compõem o *corpus* de análise que adiante apresentaremos. A partir de todo o levantamento do arcabouço teórico desenvolvido nos dois primeiros capítulos, por conseguinte, examinaremos como os homens se relacionam com o amor e com as mulheres em diferentes autores e contos da Literatura Brasileira, a partir da década de 1960 até 2009. Analisaremos, ainda, quais os possíveis sentidos das relações amorosas emergem dessas transformações atuais apresentadas até aqui.

### 3.1 A CRISE DO AMOR NO CASAMENTO EM LUIZ VILELA

No conto “Por toda a vida”, do escritor brasileiro Luiz Vilela, lançado pela primeira vez no ano de 1967 na coletânea *Tremor de Terra*, temos uma representação masculina mais próxima do modelo hegemônico. Investigar-se-ão ainda as relações desse padrão masculino com a problemática amorosa. O conto revela uma representação significativa no que concerne a uma possível crise do amor e também ao modo como os homens se relacionam com essa paixão. A análise pauta-se, portanto, numa perspectiva dialógica entre teorias sociais de gênero e ficção literária.

O conto narra a trajetória de um relacionamento amoroso entre as personagens Inês e seu marido. O marido em questão não é nominado, sendo apenas referenciado como “ele”. O conto apresenta a relação amorosa dentro da instituição casamento. É importante frisar que a análise foca num perfil masculino próximo a um modelo mais tradicional de masculinidade hegemônica. O pano de fundo sociocultural brasileiro, presente no universo ficcional desse conto, ainda traz reflexos desse modelo de masculinidade.

O conto de Luiz Vilela, de alguma maneira, produz um perfil masculino vinculado a uma perspectiva mais tradicional, apesar das muitas transformações ocorridas no mundo ocidental, em especial aquelas proporcionadas pelo movimento feminista nos Estados Unidos e Europa. A historiadora Mary Del Priore entende que a sociedade brasileira vinha sofrendo transformações profundas. Ela aponta a eclosão da “revolução sexual” como um dado determinante para as transformações que emergiriam sequencialmente ao surgimento da pílula anticoncepcional:

Entre as décadas de 1960 e 1970 eclode o fruto tão lentamente amadurecido: a chamada “revolução sexual”. [...] A moral sexual flexibilizara-se e casais não casados eram cada vez mais aceitos, já podendo circular socialmente. A sexualidade ainda era vivida como um pecado, aos olhos da Igreja, mas um número crescente de católicos [...] começava a acreditar que o amor e o prazer podiam andar juntos (DEL PRIORE, 2015, p. 300-301).

Esse contexto ilustrado por Del Priore é relevante para entender a constituição temporal da época de lançamento do conto. No conto, o casamento aparece como uma instituição basilar para o desenvolvimento da história. O próprio

título “Por toda a Vida” indica analogamente o casamento nos moldes tradicionais com a antiga máxima “até que a morte os separe”. Por outro lado, ainda que Del Priore aponte as décadas que marcaram as transformações também dos relacionamentos afetivos, o Brasil ainda pode ser visto, nesse contexto, como um país marcado por um significativo conservadorismo.

O conto narra inicialmente a forma como as personagens Inês e seu futuro marido se conheceram. O foco narrativo centraliza-se na personagem de Inês, em que suas ações e emoções são transmitidas ao leitor. Conseqüentemente, a cena possibilita uma análise das atitudes da personagem em sua juventude demonstra como se constituía o namoro:

Ele trabalhava numa carpintaria. Quando a sirene apitava às cinco horas, ela corria para a janela da sala e ficava esperando-o passar na calçada. Ele surgia com o rosto já voltado na direção da janela, sabendo que ela estaria ali, à sua espera. Cumprimentava-a com ligeira inclinação da cabeça, ao que ela respondia, também com uma inclinação (VILELA, 2003, p. 31).

A partir dessa construção, percebe-se como o relacionamento sofre alguma forma de cerceamento social. O modo discreto de Inês e a troca de olhares apontam para o início de um namoro futuro. O rapaz também demonstra certa timidez: “Então ela deu o primeiro sorriso: ele ficou olhando muito perturbado, e, sem saber o que fazer, tornou a inclinar a cabeça. E na tarde seguinte os dois sorriram ao mesmo tempo. E na outra tarde, de longe ele já a viu no portão” (VILELA, 2003, p. 31).

A troca de olhares, a paquera, que antecede o namoro, parece ser a maneira encontrada pelos jovens para o começo de um relacionamento no contexto do conto. Inês dá um passo além ao esperar o rapaz no portão. Esse dado aponta para uma mudança nas relações, porém, ainda muito discreta. Na sequência da narrativa, eles começam efetivamente o namoro: “Um ano depois, entre risos e beijos, recordariam este momento, quando estavam tão perturbados, tão apaixonados um pelo outro, que nenhum dos dois conseguia dizer nada” (VILELA, 2003, p. 31).

O conto também mostra a origem econômica do casal. Ele, o namorado, era filho de um pedreiro e sua mãe trabalhava numa padaria. Já o pai de Inês tinha um armazém, mas como suas despesas eram altíssimas, não era rico. Inês era a mais velha de cinco irmãos, de maneira que devido ao fato de ter uma família grande, as despesas naturalmente eram altas: “O pai trabalhava muito para dar conta. A mãe

ajudava na costura, fazendo as roupas dos meninos. Ela era a filha mais velha e ajudava fazendo bordados para fora” (VILELA, 2003, p. 32). Assim, o narrador em terceira pessoa vai tecendo a história em que o amor emerge como um tema possível.

O namoro entre Inês e o rapaz, no entanto, sofre dura oposição por parte dos familiares da moça. Sua mãe é a primeira e maior opositora, sustentando o argumento da pobreza do rapaz como um empecilho para um relacionamento feliz. No diálogo entre Inês e sua mãe, essa visão é explicitada do seguinte modo:

- Nós já somos pobres, e você ainda namora um rapaz mais pobre que nós? – disse a mãe, que não via com bons olhos aquele namoro.
- Que tem isso, Mamãe? Ele é trabalhador, inteligente...
- Isso não basta. Sem dinheiro, ninguém vale nada hoje. É o dinheiro quem manda. Em toda a parte é assim. Você ainda é moça e inexperiente. É melhor casar com um homem bom e rico do que com um homem bom e pobre. Não estou desfazendo dele, parece até ser um bom rapaz. Mas você ainda é inexperiente. Casar hoje com uma pessoa pobre não é um bom negócio.
- E a senhora não casou?
- Casei. Mas naquele tempo as coisas eram diferentes, não eram como hoje. A vida era mais fácil. Hoje se a pessoa não tem conta no banco não consegue nada, é um João-ninguém.
- Eu gosto dele. E ele gosta de mim.
- Amor só não basta.
- Há muita gente que é pobre e vive feliz; mais feliz do que outros, que são ricos.
- Isso é invenção dessas novelas de rádio, minha filha; a realidade não é assim. Qualquer um sabe que é melhor ser rico do que ser pobre. Se a gente pudesse escolher, não haveria um só pobre no mundo (VILELA, 2003, p. 32).

A mãe de Inês evidencia uma personalidade realista e pragmática, sem se deixar afetar pelos sentimentos da sua filha. Apesar dos conselhos da sua mãe, Inês persiste em acreditar em sua visão idealizada de amor, acreditando que o amor pode vencer todas as dificuldades: “– Nem sei o que é amor para a senhora. A senhora parece que só pensa em dinheiro” (VILELA, 2003, p. 33). O casal insiste em manter a relação e, contrariando seus opositores, sonham com uma vida melhor no futuro: “– Um dia ainda teremos tudo [...] uma casa grande, arejada, com jardim e quintal, os melhores móveis, carro, roupas finas, tudo do bom e do melhor... [...] Eles se abraçavam no escuro e juravam amor por toda a vida” (VILELA, 2003, p. 33).

Esse ponto da narrativa apresenta um dado importante para a apreensão da composição do conto em relação ao seu conteúdo. O amor emerge como tema e com um sentido positivo por parte do casal, evidenciado como um valor fundamental para ambos. O ato de jurar amor por toda a vida também confirma esse traço. Desse modo, o casamento é entendido como o ponto máximo da felicidade.

É importante considerar alguns conceitos sobre o amor ou ao menos analisar tal paixão sob um aspecto mais pragmático. Como já visto, o sociólogo Bauman, em *Amor Líquido*, apresenta uma visão de amor que corresponde a uma perspectiva pessimista. Com efeito, o amor, se percebido sob tal ótica, apresenta-se como uma luta pela vitória de um sujeito sobre um objeto ou, em outros termos, de um sujeito empenhado em conquistar a posse de um determinado objeto. Embora o termo não esteja exclusivamente vinculado à instabilidade dos relacionamentos, os casamentos sofrem também com essa questão.

Nesse caso, à medida que o casal quer ficar junto, um quer possuir o outro. Efetivamente, o sentido de amor, neste conto, é perpassado e caracterizado pela ideia de “amor eterno”. Já vimos como Bauman apresenta o amor como um elemento que quando se realiza, por exemplo, com a união de um determinado casal, ele inicia seu processo de enfraquecimento, o seu “definhar”. Por isso, corroborando com o sociólogo, Eros caminha junto com Tântatos, o deus da morte, ou seja, ele começa seu processo de morte.

Assim, o casal consegue se casar e vencer a oposição da família de Inês. Vivem juntos, numa casinha alugada pelos pais da moça, relativamente bem, apesar das dificuldades econômicas, até que têm o primeiro filho. Por conta do aumento das despesas, o marido pede ao patrão que lhe dê um aumento e consegue. A narrativa indica ainda que sua sogra soube do aumento do rapaz e: “insinuou um aumento no aluguel [...]. – Sua mãe é mais sovina que não sei o quê...” (VILELA, 2003, p. 35). Na sequência da cena, Inês não gosta da brincadeira que seu marido faz ao chamar a sogra de “sovina”, e ele resolve sair. Então: “o menino começou a chorar no quarto. Ela o pegou. O menino não parava de chorar. Ela gritou. O menino chorou mais ainda, e ela também começou a chorar” (VILELA, 2003, p. 35).

As dificuldades no relacionamento entre Inês e seu marido começam com as desavenças entre ele e sua família, com a vinda dos filhos e com as dificuldades financeiras. A vida entre os dois e também seus espaços de atuação são marcados por papéis rigidamente definidos. Assim, o marido de Inês trabalha fora para sustentar a família, enquanto Inês fica em casa, cozinha, cuida do filho e costura para fora para ganhar um dinheiro extra: “Com o dinheiro que ele ganhava, mais o pouco que ela recebia pelos bordados [...], viviam razoavelmente bem” (VILELA, 2003, p. 34).

O perfil de Inês revela que a moça fora criada num ambiente em que os papéis desempenhados por homens e mulheres eram cristalizados e reproduzidos por famílias que conservavam valores tradicionais. Desse modo, Inês é um modelo de mulher reflexo de uma formação conservadora. Apesar disso, ela enfrentou a oposição da sua mãe para ficar com o homem que escolheu, demonstrando com isso uma mudança de atitude dos filhos em relação aos pais.

O marido de Inês, por sua vez, também demonstra um perfil masculino vinculado aos valores daquela sociedade. Müller aponta para a independência masculina desse contexto: “Meninos crescem estimulados a serem livres e independentes” (MÜLLER, 2013, p. 303). Com efeito, o marido de Inês é um personagem marcadamente independente, que pode sair quando quer, ou ainda, quando decide ofender sua esposa sem uma reação mais contundente por parte dela. Ele passa a discutir com a esposa sobre os gastos da casa, acusando-a de ser consumista e esbanjadora: “– Gosta de luxo... Quem você pensa que é, a Gina Lollobrigida?” (VILELA, 2003, p. 36). Inês reage de maneira frágil: “Ela fugiu de sua mão, afastando o rosto – e sentindo o cheiro de pinga. Começou a chorar” (VILELA, 2003, p. 36).

As atitudes de Inês são reveladoras do quanto o seu sofrimento advém também dos papéis sociais colocados de forma rígida dentro da sua perspectiva de vida. Sua maneira frágil em reagir às atitudes do seu marido demonstra o quanto a moça se insere no quadro de uma mulher submissa àqueles protocolos sociais. De algum modo, essa reação de Inês se deve ao modo como ela pode ter sido educada na infância, tornando-se uma mulher frágil e submissa. Müller destaca ainda como a educação, nas sociedades patriarcais, se configurava na distinção entre meninos e meninas:

A criança, quando aprende as primeiras lições, passa a incorporar definições pré-estabelecidas tradicionalmente: homem não chora, menina não diz palavrão, menino não brinca com boneca e sim de carrinho, menina não trepa em árvore como os meninos, mulheres são frágeis e dóceis, homens são fortes e duros (MÜLLER, 2013, p. 302).

Outro aspecto interessante concerne ao fato de o marido de Inês beber: “O consumo de álcool e fumo é estreitamente associado à masculinidade” (MÜLLER, 2013, p. 304). Desse modo, o marido revela o seu universo de valores de masculinidade. Inês resolve queixar-se à mãe: “toda tarde ele chegava meio

embriagado. A mãe não teve meias palavras: – Essa gatinha é assim mesmo: quando não dá em ladrão, dá em pinguço” (VILELA, 2003, p. 36).

Assim, as atitudes do marido de Inês configuram aquelas que remetem à masculinidade hegemônica, enquanto modelo de masculinidade de períodos anteriores. O marido possui alguma independência, trabalha fora, consome álcool, refletindo alguns parâmetros desse modelo. O comportamento de Inês também inclui tais atributos que compõem o papel feminino daquele contexto – visto que a esposa se encontra num estado de submissão – e masculino – considerando que o marido exerce domínio sobre ela. A sequência da cena também revela o quanto esses valores de masculinidade estão presentes naquele universo ficcional:

A filha se derreteu em lágrimas. O pai veio consolá-la. [...] – Isso passa minha filha; todo homem tem dessas coisas, todo homem gosta de tomar seu traguinho de vez em quando. Seu pai mesmo não é assim? E no entanto, modéstia à parte, não sou bom marido e bom pai? (VILELA, 2003, p. 37).

A figura do pai endossa as atitudes do gênero para que, assim, Inês possa suportar melhor as ações do marido, espelhando-as nas do pai. Quando o seu pai por duas vezes coloca “todo homem” para justificar a ordem dos acontecimentos e consolar sua filha, ou mesmo quando se insere nesse quadro, ele reafirma um modelo de masculinidade que poderíamos classificar, tal como Connell, de hegemônica, de modo que as mulheres, nessa conjuntura, figuram como subordinadas aos homens. No entanto, as coisas na residência do casal começam a melhorar a partir de uma promoção recebida pelo marido de Inês:

Enfim as coisas melhoraram. O patrão não só aumentou seu ordenado, como também logo depois o convidou para substituir o gerente, que morrera. [...] Passou a vestir-se melhor e a barbear-se todo dia. Era outra coisa dar ordens. [...] Em casa a despesa começava a se equilibrar. Os meninos cresciam sadios, com uma ou outra doença ocasional. A mulher continuava bordando para fora (VILELA, 2003, p. 37).

Com o casamento em crise, antes da promoção do marido, Inês apenas chorava e lamentava sua sorte compartilhando-a com seus pais, revelando certa fragilidade. Posteriormente a isso, o relacionamento do casal aparentemente seria salvo com aquela promoção. É preciso salientar que mesmo com essa elevação no padrão de vida do casal, Inês, de acordo com o narrador, “continuava bordando”. Esse ato de “continuar” desvela que a personagem, de alguma maneira, lançava mão do trabalho doméstico como uma maneira possível de afirmar alguma

autonomia sobre sua vida. Isso pode ser um indício de que Inês não queria mais depender do dinheiro do seu marido e, por isso, mesmo com ele ganhando um salário mais elevado, ela preferiu continuar seu trabalho, mesmo que fosse em âmbito doméstico. Inês, desse modo, parece estar buscando sua autonomia em relação ao seu marido.

Por outro lado, essa falta de autonomia coloca Inês numa posição ainda inferiorizada em relação ao marido. Dentro de seus respectivos papéis, Inês se comporta como a “boa esposa” e “boa mãe”, enquanto seu marido conseguia sustentar a casa. Segundo a psicóloga Carmen da Silva: “ele [o homem] realiza os grandes negócios, as operações audazes e os investimentos; ela [a mulher] lhe agradece com um beijo o aumento da prosperidade familiar” (SILVA, 1975 apud MÜLLER, 2013, p. 306). Com a prosperidade do casal, Inês aparentemente aceita tudo, visto que os maiores problemas ficaram no passado.

Após esse marco de ascensão do casal, quando o relacionamento entre os dois parecia melhorar, a narrativa mostra um desgaste ainda mais acentuado. Inês, apesar do trabalho do seu marido, continua trabalhando como costureira. Isso poderia ser um indício de independência de Inês, todavia, é exatamente esse desgaste que evidencia seu processo de envelhecimento e o esgotamento do seu relacionamento: “Quando ele chegava, à noite, das reuniões, ainda a encontrava curvada sobre a máquina” (VILELA, 2003, p. 37). Enquanto Inês permanecia continuamente distraída em seus afazeres domésticos, o marido mostrava uma vaidade contínua. Os diálogos entre ambos eram também cada vez mais breves:

- Planejaram muita coisa hoje?... – ela perguntou, olhando por cima dos óculos, enquanto ele se mirava no espelho, primeiro de frente e depois de perfil, antes de desatar a gravata.
- Mais ou menos...
- Vou ter de comprar uns carretéis novos amanhã.
- O quê?
- Uns carretéis; uns carretéis de linha.
- Sei... (VILELA, 2003, p. 37).

O desgaste no relacionamento evidencia, conseqüentemente, como o amor, anteriormente jurado por toda a vida, estava em declínio, correndo o risco de desaparecer. Como já dito por Bauman, o amor, se entendido dentro do prospecto desse sociólogo, caminha junto com a morte. Nesse caso, quando eram namorados, ambos juraram amor eterno, visto que o rapaz ainda não tinha Inês definitivamente como “sua” esposa. Essa relação de posse é o que caracteriza a perspectiva de

amor ilustrada pelo pensador, visto que o amor passa a “definhar” à medida que ele se consoma. O amor, neste caso, perdeu o sentido com a vida a dois.

Outra estudiosa do assunto, que relaciona o problema da relação entre homens e mulheres, é a socióloga brasileira Maria Isabel Mendes de Almeida. Em seu trabalho intitulado *Masculino/feminino: tensão insolúvel*, no subcapítulo “A relação eu/outro”, ela desenvolveu uma série de entrevistas com homens casados em seus relacionamentos e chega à seguinte constatação:

vale a pena registrar que falar sobre a manutenção do par *sexo e amor* entre homens da geração dos que entrevistei, após uma experiência de relacionamento prolongada, resulta em estados mentais ou em visões retrospectivas não muito alentadoras. [...] a impressão que me ficou desta reflexão foi a de uma espécie de “trator” do tempo que, em geral, tudo devora e aplaina, condenando o relacionamento a uma busca meio melancólica de estratégias de sobrevivência (ALMEIDA, 1996, p. 117).

Esse dado demonstra como a maior parte dos relacionamentos, após períodos relativamente longos ou breves de afeições mais profundas e significativas, entra em declínio. O símbolo utilizado pela socióloga como “trator do tempo” é ilustrativo em relacionamentos como o de Inês e seu marido. Com efeito, os diálogos entre ambos evidenciam tal desgaste no que tange a uma relação amorosa, num sentido mais rigoroso. De certo modo, essa atitude diante dessa paixão demonstra como muitos homens, com perfis semelhantes ao marido da personagem, se relacionam com esse sentimento. Existe, portanto, ainda uma relação conjugal em que o outro é entendido como propriedade. O sentido do amor configurado nessa visão se revela em seu aspecto mais pragmático e, nesse caso, à medida que a posse se efetiva, o amor passa a sofrer lentamente seu desgaste e sua morte.

Desse modo, os conceitos até aqui analisados sobre o amor em confluência com a perspectiva de masculinidade representada pelo marido de Inês desvelam que o amor se materializa no sujeito como um desejo de conquistar e possuir. Isso se verifica, por exemplo, quando ele namorava Inês e jurava amores por toda a vida. Na sequência, ao se casar, enfrentar as primeiras dificuldades, emocionais ou financeiras, e enfrentar a oposição dos familiares da moça e ter seus filhos, o marido passa a cair na rotina e seu amor entra em declínio, ou seja, “definha” como prefere Bauman.

Inês involuntariamente incorpora os valores de uma sociedade machista, sendo dominada pelas circunstâncias e sem forças para reagir ou lutar contra o

destino imposto. Ela, a partir de todo esse quadro, sentindo-se inferior, passa a desconfiar das constantes reuniões do seu marido:

Dez minutos depois, ela já o encontrou roncando. Deitada ao lado dele, ficou de olhos abertos [...]. De manhã, sozinha no quarto, contemplou-se no espelho: magra.  
 – Magérrima – corrigiu-se.  
 Branca. Branquela. Anêmica. E aqueles óculos – parecia uma velha. Como seria a outra? Cheia, macia, perfumada... Ele a abraçaria, lhe diria palavras de amor, lhe daria beijos na despedida...  
 – “Reuniões” – e ela atirou os óculos com força na cama, sem coragem de quebrá-los (VILELA, 2003, p. 38).

A personagem se percebe como detentora de muitos defeitos, em virtude da vida que levava. A carência e a falta de atenção do marido fazem-na mergulhar em um complexo de inferioridade, em que imagina uma possível amante do seu marido como alguém “cheia, macia, perfumada”, enquanto ela, por sua vez, era “branca, branquela, anêmica”. O amor do marido, antes jurado por toda a vida, passa a viver projetado em uma suposta outra mulher. O conto, entretanto, não evidencia se a amante existia de fato ou se isso era apenas produto da imaginação de Inês criada pela sua carência. Todavia, mesmo que apenas imaginariamente, é interessante como o amor se manifesta novamente, ressurgindo mais uma vez no conto, contudo, não mais para Inês e sim para outra mulher. Mary Del Priore, por exemplo, analisa o prospecto de infidelidade no quadro evolutivo da sociedade brasileira:

Acabado o amor, muitos casais buscavam a separação. Outros optavam por ter “casos”. E, desse ponto de vista, o adultério feminino era uma saída possível, para quem não ousasse romper a aliança. Muitos “casos”, sobretudo nas elites, sustentavam casamentos burgueses sólidos. Maridos e mulheres, com vidas paralelas, encontravam nas *garçonnières*, apartamentos secretos para encontros amorosos, o espaço para relações afetivo-sexuais que já não existiam no matrimônio (DEL PRIORE, 2015, p. 302).

Com efeito, o amor ressurgiu, no entanto, mas quem hipoteticamente o recebe não é mais Inês e sim, possivelmente, outra mulher. Isso corrobora com os conceitos sobre o amor trabalhados até o momento. Del Priore, embora reconfigure esse sentimento dentro de outra perspectiva, coloca o amor no mesmo desenho conceitual de teóricos trabalhados no segundo capítulo, principalmente Bruckner e Laura Kipnis, em que o amor entra em desgaste com o casamento. Nesse sentido, o amor renasce, de algum modo, na infidelidade conjugal. O casamento é representado, ironicamente, como instituição fundamental da família. Neste caso, e

cinicamente, o mais importante seria manter as aparências exigidas por aquela sociedade.

No conto, Inês e seu marido não se separam, ou pelo menos a narrativa encerra-se sem maiores explicações quanto ao destino do casal. A julgar pelas atitudes de Inês como, por exemplo, jogar os óculos na cama sem coragem de quebrá-los, revela-se que a probabilidade de ela aceitar o fato de ser traída pelo marido, sem maiores consequências, é muito evidente. O título, “Por toda a vida”, também é significativo no que concerne à permanência do casal pelo resto dos seus dias. Assim, o conto encerra com a rotina do casal em evidência:

Gritou pelo menino: o menino não respondeu.

– Esse diabinho... Ele me paga...

– Você grita demais com esses meninos – ele disse após o almoço, palitando os dentes, enquanto lia o jornal. Ela não respondeu e gritou mais ainda. Ele foi para a sala, levando o jornal. Espichou os pés sobre a mesinha nova de fórmica, acendeu um cigarro, e continuou a ler a notícia sobre o lançamento de mais um foguete espacial (VILELA, 2003,p. 38).

O conformismo de Inês é explicável em razão da crença comum de que o casamento poderia significar o mesmo que “amor eterno”, ou como o título do conto, “por toda a vida”. De acordo com Del Priore (2015, p. 248): “Era indisfarçável o conformismo da maioria das mulheres diante da condição de sujeição imposta pela lei e pelos costumes: serva do marido e dos filhos, sua única realização aceitável acontecia no lar”. Assim, Inês se enquadra nesse estereótipo de mulher destinada ao lar e sujeita ao seu marido.

A vida amorosa do casal é liquidada e esmagada pela rotina. O diálogo entre ambos permaneceu, como ilustrado anteriormente, na superficialidade. Conclui-se que o amor de ambos agoniza paulatinamente, mas o casamento enquanto instituição permanece, ironicamente, conforme o título “por toda a vida”. Entretanto, é plausível que essa morte lenta do amor ocorra em razão dos papéis desempenhados tanto pelo homem quanto pela mulher: o homem por desempenhar o seu papel de dominador, dentro de uma percepção de masculinidade muito tradicional; e a mulher por se submeter, na maioria das vezes, em nome dos valores históricos e culturais defendidos pela sociedade em que se insere.

O personagem do marido é constantemente apresentado pela narrativa sem maiores profundidades, ou de modo diferente de como quando se narra algo sobre Inês. Assim, o comportamento masculino do marido revela nuances próximas de

uma representação tradicional e típica das representações hegemônicas, próprias da década de 1960 no Brasil, embora essa década tenha sido também decisiva para as transformações e rebeldia dos jovens. Desse modo, analisou-se essa representação em confluência com os conceitos de amor levantados a partir dos estudiosos, alguns relacionando tal paixão às representações masculinas.

É importante frisar que o conto propõe uma reflexão sobre essa visão de amor desgastado pelo vínculo conjugal, assim como à própria concepção de masculinidade, ou pela maneira como era percebida ou depreendida por tais sujeitos inseridos naquele contexto. O amor, dentro do vínculo conjugal, é visto sob um prisma analítico muito negativo, compreendido como o resultado de um determinado comportamento cristalizado por parte dos homens, dentro de seus respectivos contextos culturais e socio-históricos. O personagem do marido, por sua vez, parece não agir consciente dos aspectos que cerceiam a cadeia valorativa de seu perfil de masculinidade, talvez, por isso, age dentro do seu tempo e do seu contexto, sem uma maior possibilidade de transcendê-lo.

O tema do conto, ao propor uma reflexão sobre o casamento como sinônimo de permanência até a morte, implica uma questão importante que é levantada por Kipnis. Segundo ela, se o casamento monogâmico pode ser tão feliz, logo não haveria necessidade em ter que trabalhar duro para a sua manutenção. Esse trabalho em manter um relacionamento perpassa em uma categoria de análise muito negativa. Kipnis propõe o entendimento de que o amor deveria ser entendido como um sentimento lúdico e próximo à descontração.

Entretanto, é preciso corroborar com a autora no sentido de que geralmente algo que seja considerado feliz ou prazeroso é exatamente aquilo pelo qual não devemos satisfação e, neste caso, um relacionamento como o de Inês e seu marido, supondo-se que seja pautado no amor, não deveria demandar tanto trabalho para mantê-lo: “Um estado de monogamia ‘feliz’ seria definido como um estado em que você não tem de *trabalhar* para mantê-lo” (KIPNIS, 2005, p. 26). Embora Inês não cobre o marido por mudanças, de um modo geral, as cobranças, ligadas ao ciúme e às exigências de fidelidade, são sintomas de que algo efetivamente não vai bem no relacionamento.

Desse modo, ao contrário do que poderia se esperar, o casamento de Inês não pode ser entendido exatamente como sinônimo de amor ou mesmo de felicidade. Os relacionamentos plurais, na atualidade, são crescentes e esse

crescimento se explica à medida que um parceiro ou parceira exclusiva não precisam necessariamente ser canais fornecedores de felicidade. Os relacionamentos motivados pela infidelidade ou pela procura do amor onde ele não mais se encontra talvez evidencie que o amor não esteja necessariamente na conquista desse outro. O problema pode estar localizado nessa associação equivocada, como se casamento fosse necessariamente sinônimo da conquista de uma realização amorosa.

Essa expectativa alimentada por tal idealização da relação contribui para que o sujeito não tenha concepção de um significado mais realista do casamento e conseqüentemente de como o sujeito constitui um sentido para o amor. Kipnis entende que é necessário dissociar, pelo menos num primeiro momento, a noção de casamento como sendo necessariamente a concretização do amor:

Embora o casamento nem sempre seja o único resultado do amor romântico, nem o amor necessariamente persista por toda a duração do casamento; embora nem todos os casais tenham se unido por contratos de casamentos legais e oficiais; embora alguns iconoclastas consigam dar ao amor uma batida diferente, vamos combinar já de saída que a sequência “amor-casal-casamento” estrutura expectativas sociais predominantes, apesar das variações nas práticas individuais (KIPNIS, 2005, p. 24).

A predominância desse significado de amor para a sociedade ocidental explica o grau de exigência do que se espera dos casais, ou seja, que personifiquem o ideal de felicidade dentro das prerrogativas das sociedades modernas. Conseqüentemente, quando o sujeito não encontra no casamento o amor ou a felicidade projetada e almejada, ele procura o amor onde imagina que está, ou seja, fora da vida doméstica, na relação extraconjugal.

O amor, nessa configuração, apresenta-se então como um sentimento ainda mais complexo, pois como explicá-lo se não está no lar ou fora dele? O que seria efetivamente o amor numa sociedade em que a velocidade das mudanças dita as regras do jogo? Numa era em que até mesmo as relações são cada vez mais descartáveis, como compreender o amor dentro de tal panorama? Com efeito, não há respostas satisfatórias para a questão, a não ser apenas procurar compreender as mutações pelas quais o amor passou nesses últimos tempos.

O problema da associação casamento-amor, identificado no conto, perpassa pela ideia de que a instituição representa o papel de ser o ápice da realização amorosa quando não é necessariamente. Pode haver a possibilidade de que um

determinado casal se ame “por toda a vida”, como sugere o conto, mas tal suposição é remotíssima. É preciso lembrar que originalmente a instituição do casamento não tinha o amor como finalidade.

Por outro lado, ao insistir em contrariar a mãe, o amor de Inês se reveste de certa rebeldia contra a vontade dos pais. O amor, nesse caso, como Kipnis demonstra, não admite disciplina. Sua proximidade com o desejo, por exemplo, coloca o amor como algo muito mais próximo do lúdico que da disciplina. O viés da rebeldia em realizar o próprio desejo, contrariando o da mãe é que move a personagem: “Observe que a rebeldia do desejo contra as restrições sociais no passado era um tema cultural preferido, [...] pense em *Romeu e Julieta* ou *Anna Karenina*” (KIPNIS, 2005, p. 34).

O próximo conto a ser analisado também explora essa perspectiva de crise do amor nos casamentos. No conto “Nosso Dia”, publicado na mesma coletânea, Luiz Vilela traz um narrador que conta os problemas do desgaste do relacionamento amoroso entre homem e mulher. Os personagens do conto não possuem nomes, sendo nominados pelo narrador ora como mulher, ora como homem. Em uma única cena, o enredo trata de uma esposa que serve um jantar comemorativo especial para o seu marido. A ação do conto faz com que o leitor perceba todas as estratégias lançadas pela mulher para atrair a atenção do homem para o aspecto comemorativo do aniversário do seu casamento, entretanto, sem sucesso. Nesse conto, o comportamento masculino diante do relacionamento com a esposa demonstra como o amor, principalmente da parte dele, sofre um desgaste muito evidente.

O narrador insere a primeira fala da mulher, ao falar do frango que seria “especialmente pela data; para comemorar a nossa data” (VILELA, 2003, p. 53). Percebe-se que a mulher, logo no início, quer chamar a atenção do marido para a comemoração do aniversário de casamento. Ao longo do conto, a mulher se depara com uma série de comportamentos que denunciam por parte do personagem masculino uma indiferença em relação ao sentimento amoroso. A descrição do narrador frisa bem essa indiferença: “O homem quebrou o pescoço do frango, chupou-o, fazendo barulho – a boca lambuzada de gordura, os fios escuros da barba crescida brilhando” (VILELA, 2003, p. 53).

Essa ausência de vaidade ou má educação durante as refeições apontam para um relacionamento em que os defeitos do marido estão à mostra. A relação

conjugal já está em evidência, pois ambos comemoram o aniversário de casamento. Aqui não se verifica uma necessidade de conquistar o amor da parceira, mas há a falência e o desgaste de uma relação de longo prazo, em que o sentimento perdeu seu significado dentro do conto.

O universo ficcional proporcionado pela narrativa constrói comportamentos do homem e da mulher que podem ser apreendidos a partir das noções de que cuidados com a higiene e etiqueta são atributos considerados como pertencentes ao universo feminino, enquanto atitudes grosseiras são atribuídas ao âmbito masculino. Além disso, o homem: “pegou a garrafa de cerveja e encheu o copo até a espuma crescer acima da borda” (VILELA, 2003, p. 53). A mulher também quis acompanhar o marido. Ela estendeu um copo em sua direção e ele: “– Você não pode” (p. 53). Ela insiste indicando a ele a data especial: “– É só um pouquinho. Hoje é nosso dia...” (p. 53).

O comportamento do homem, ao tentar interditar o acesso da bebida à mulher, pode ser um indicativo de que a ação de beber cerveja era considerada como “coisa de homem”. Porém, a desculpa dada pelo homem é “– Depois você vai queixar de dor de cabeça” (p. 53). A mulher insiste afirmando que seria um dia importante e não faria mal beber um pouco, ao que é desafiada pelo homem: “– Quero ver...” (p. 53). A disputa em torno da garrafa de cerveja revela uma demarcação territorial do homem e uma autoafirmação em não permitir que a mulher beba.

Na sequência da cena, a mulher começa a pensar no tempo do casamento, ou seja, em todo o espaço temporal de dez anos de sua vida dedicada ao relacionamento: “Dez anos, a mulher estava pensando, dez anos...” (p. 53). O discurso indireto livre cria um efeito em que se depreende dessa leitura a fala do narrador como a fala da personagem. O narrador em terceira pessoa, onisciente e neutro, tem pouquíssimas participações no texto, deixando o diálogo entre o casal livre. Porém, aqui, a partir dessa onisciência do narrador em colocar para o leitor “dez anos”, cria um efeito significativo em relação à indiferença do personagem “homem”, como se esses dez anos nada significassem.

O amor, nesse caso, se configura como define Bauman, como algo que está morrendo ou, possivelmente, já esteja morto. A construção da rotina do dia a dia do casal demonstra o mecanismo das relações em que os homens se comportavam diante de suas parceiras com indiferença após a passagem do tempo na relação

conjugal. Quando a personagem pergunta ao marido, “– Dez anos, hem?...” (p. 53), a resposta dele foi uma pergunta: “– Cadê a pimenta?” (p. 53).

Esse diálogo revela a ausência de sensibilidade masculina e uma indiferença, dentro de uma relação extremamente fria, da parte do homem em comparação à mulher. Essa “morte do amor” é sintomática de tal relacionamento num contexto em que a separação, ou mesmo o divórcio, ainda poderia ser vista como negativa pela sociedade. Nesse caso, tanto a mulher quanto o homem não tinham alternativa para solucionar o problema da ausência de laços afetivos, em outros termos a própria ausência do amor.

Por outro lado, o comentário sobre os dez anos, por parte da mulher, e a réplica “cadê a pimenta”, por parte do homem, tal construção revela aspectos simbólicos relevantes. Neste sentido, a pimenta parece apontar para a carência do marido em relação à esposa, ou seja, com isso ele pretende questionar à esposa sobre “onde está o tempero da relação, depois de dez anos?”. Para ele os dez anos não significam nada se não há “pimenta” nessa relação. O sentido metafórico da pimenta, portanto, indica que falta tempero para a relação depois de tanto tempo.

Voltando ao diálogo, a discussão sobre a pimenta ofusca a proposta de assunto da mulher relativa aos dez anos de casamento. O homem ignora o assunto para reclamar da falta de pimenta na comida. Na sequência da cena, o homem revela o autoritarismo da sua posição: “– Você vai ou não vai buscar? – Que pressa; você não pode esperar um pouco não?” (VILELA, 2003, p. 54). Essa posição do homem, como de alguém que exerce um poder autoritário sobre a mulher, é confirmada à medida que a personagem executa a ordem proferida por ele: “A mulher buscou a pimenta” (2003, p. 54). A mulher insiste em trazer à tona lembranças do seu casamento. Ela tenta sensibilizar o marido:

– Estou lembrando – a mulher disse: – era um dia tão azul... Lembra?...  
A cabeça: lembro – sem interromper a vigilância dos olhos no prato de comida.  
Um dia tão azul... Sou hoje a mulher mais feliz do mundo... Você está a noiva mais bonita do mundo...  
– Merda, esse osso que não quebra! (VILELA, 2003, p. 54).

O comportamento da esposa em querer lembrar o passado em razão de o dia ser tão especial para ela contrasta ao do marido que permanece impassível diante dessa questão. A mulher guarda detalhes do passado e consegue os reproduzi-los enquanto o marido não lhes dá a menor importância. O marido

preocupa-se exclusivamente com a sua comida e ignora completamente a esposa. Quando lhe responde com a cabeça é sempre no sentido de fazer com que ela seja mais breve possível ou silencie. A esposa, porém, continua mesmo contra o bloqueio emocional do marido:

- Lembra aquela velhinha que quis nos cumprimentar primeiro que todo mundo? “Muitas felicidades, meus pombinhos; muitas felicidades...” Lembra?
- Uma velhinha? Não sei.
- Ô, aquela velhinha, aquela velhinha magrinha que nos cumprimentou primeiro que todo mundo; não lembra?
- Eu vou lembrar de uma coisa dessas?
- Mas foi no nosso casamento, bem.
- E o que tem isso?
- Você devia lembrar.
- Pois eu não lembro de nenhuma velhinha. [...] – Vá lá se eu vou lembrar de uma coisa dessas... (VILELA, 2003, p. 54).

O comportamento do marido se revela indiferente e frio, à revelia da esposa que procura constantemente agradá-lo. Ao evocar cenas de episódios marcantes do seu passado, isso faz com que ela tente provocar emoções no marido. Porém o que se aúfere disso é apenas um desprezo perturbador por parte dele. Não havendo qualquer manifestação de sensibilidade por parte do marido, ele ainda responde de maneira ríspida: “Vá lá se eu vou lembrar de uma coisa dessas...”. O mais surpreendente é o comportamento da esposa que mesmo com a resistência do marido procura sensibilizá-lo:

- A igreja toda enfeitada de lírios...
- Você viu os lírios?
- Lírios?
- Na sala, os lírios que eu comprei: você não viu?
- Comprou?
- Já vem você... Não precisa fazer essa cara de reprovação. Não custaram tão caro assim. Você nem sabe quanto custaram.
- Não sei nem quero saber: estragaria minha digestão.
- Se fosse uma bebida, você não falava nada.
- Claro, uma bebida...
- Mas lírios...
- Que eu vou fazer com lírios?
- É, você não tem mesmo sensibilidade (VILELA, 2003, p. 54-55).

O diálogo revela as prioridades do marido em relação às da mulher. Para a esposa, a compra dos lírios representa uma aquisição especial para comemorar a data de aniversário do casamento. Para o marido, essa compra representa um prejuízo a tal ponto que, independente daquilo que foi gasto, ele não quer nem

saber, pois sua digestão é mais importante que a relação naquele momento. A construção do diálogo revela que o mesmo juízo não seria aplicado se o gasto, por outro lado, fosse com uma bebida. Nesse caso, o marido gastar com a bebida não configura um problema, mas no caso dos lírios: “Que eu vou fazer com lírios?”. Os lírios, mesmo ornando a casa em comemoração a uma data tão importante, não possuem relevância alguma ao marido. Esse modo de agir leva a esposa a chamá-lo de insensível. O marido se defende:

- Ter sensibilidade com o dinheiro dos outros é fácil.
- Pensei que o dinheiro fosse nosso.
- É nosso, mas não para gastar à toa. Engraçado, então dou o murro lá na loja para você depois comprar lírios? Tem graça (VILELA, 2003, p. 55).

A postura do marido se desenha a partir da perspectiva em que o homem trabalhava fora e a mulher permanecia no lar. O casamento aqui, e mais uma vez em Vilela, é entendido como o marido que sai para ganhar o sustento enquanto a esposa fica em casa ociosamente. Porém, não se leva em consideração a distribuição das tarefas, pois a esposa também desempenha trabalhos na casa. Nos casamentos da antiguidade, analisados por Foucault, por exemplo, em que o lar e o espaço do trabalho eram mais próximos, havia de fato uma divisão de tarefas. Todavia, os trabalhos domésticos desempenhados pela mulher não eram considerados como uma forma de “não trabalho”, mas era uma tarefa equivalente à do homem. Já no contexto contemporâneo, essa atividade feminina é amplamente desvalorizada.

Neste caso em análise, a postura do marido se explica em razão do distanciamento do lar e do trabalho. Assim, “sair” para trabalhar passou a ganhar uma conotação em que, por um lado, os homens podem eventualmente pensar “eu trabalho”, enquanto a esposa “fica em casa”. Isso sem mencionar a ideia do “sem fazer nada”, quando, em realidade, a mulher também trabalhava.

O dinheiro é visto como “nosso” no caso da esposa do conto e de fato deveria ser visto assim. O marido, por outro lado, demonstra-se egoísta ao dizer: “dou murro lá na loja para depois você comprar lírios”. Neste caso, mesmo que ele aparentemente reconheça que o dinheiro é resultado do esforço de um trabalho coletivo do casal, a ideia manifesta no discurso sequencial ao reconhecimento contraria a premissa. O dinheiro, neste caso, é considerado um ganho exclusivo do trabalho do homem. O trabalho doméstico desenvolvido pela esposa não é

considerado trabalho. A insensibilidade masculina, por sua vez, se manifesta a partir dessa visão tacanha do marido.

Por conseguinte, a esposa coloca o marido contra a parede, cobrando mais atenção, carinho, afeto e sensibilidade:

– Você não tem sensibilidade. Você não pode compreender essas coisas. Você não sabe o que é ternura, o que é carinho. Foi para você, para nós, pelo nosso dia que eu comprei os lírios. Foi também por isso que eu enfeitei a casa, que eu coloquei essa toalha nova na mesa: mas você não notou nada disso. Uma palavra, esperava pelo menos uma palavrinha sua sobre o nosso dia, uma palavra de carinho, uma brincadeira... Nada. Foi como nos outros dias; não teve absolutamente nenhuma diferença dos outros dias. Como nos outros dias, desde que você sentou aqui você só pensou em uma coisa: comer; comer e beber. Não, nenhuma; nenhuma importância. A mulher se calou (VILELA, 2003, p. 55).

A cobrança da esposa revela o quanto o amor do casal se encontra num estado de decadência. O carinho e o afeto, que possivelmente existiam antes do casamento, inexistem no momento do diálogo das personagens. Ou melhor, existem apenas a partir da mulher, mas não do homem. No lugar disso há apenas uma completa indiferença por parte do homem aos sentimentos da mulher. Todos os detalhes enumerados com os enfeites revelam o cuidado que a mulher teve para que a comemoração fosse especial, como um dia para rememorar e comemorar o aniversário de casamento. Como resposta a isso, o marido retruca:

– Que mais? – disse o homem. – Estou esperando.  
 – Não tem mais; eu já acabei.  
 – Já? Bem: então agora me deixe comer em paz.  
 O homem arrotou, e continuou a comer (VILELA, 2003, p. 55).

A imagem do conto construída a partir do homem revela que a indiferença e a frieza masculina são marcantes e inerentes a um comportamento que preconiza o distanciamento de qualquer possibilidade ou abertura à sensibilidade afetiva. Pode-se verificar como a grosseria e a estupidez eram consideradas atributos masculinos em determinados tempos e, em alguns casos, ainda hoje.

Os discursos da mulher são outra construção verbal do conto que se, por um lado, não alteram o perfil masculino, sinalizam para a cobrança de uma transformação. A necessidade de mudar determinados quadros comportamentais masculinos, que se apresentam cristalizados, é proposta pelo conto como uma alternativa para que o homem reflita sobre suas atitudes. Contudo, embora a

construção masculina desse conto desvele uma imagem repugnante por parte desse homem, é preciso pontuar que ele, embora se demonstre frio, insensível e indiferente em relação a sua mulher, já não demonstra agressividade. Esse dado é importante à medida que aponta para futuras transformações do espectro masculino.

O casamento pontuado pelo conto “Nosso Dia” revela uma sociedade em que essa instituição ainda é vista como o objetivo final do amor e sua realização plena: “apaixonar-se é o pré-requisito para um compromisso de toda uma vida que se desdobra em domesticidade compartilhada, a expectativa de satisfação sexual mútua” (KIPNIS, 2005, p. 34).

O comportamento masculino do conto se desenha a partir de uma formação do caráter que exigia do homem um perfil forte que se manifestava, sobretudo, pela indiferença às emoções. Possivelmente, tal comportamento se deve à própria moral estoica, já descrita por Foucault no segundo capítulo, e desenvolvida pela moral cristã ocidental. Como já visto, a moral estoica se pautava, sobretudo, no controle das emoções. O amor, nesse sentido, era considerado uma paixão negativa.

É preciso pontuar, ainda, que os personagens dos contos “Nosso dia” e o primeiro analisado, “Por toda a vida”, demonstram uma crença em relacionamentos eternizados a partir das promessas do casamento. Essa herança de um amor eterno é própria do romantismo que idealizou o amor livre das amarras dos protocolos e convenções sociais, bem como do comportamento masculino transformado pelo mundo do trabalho nas fábricas, ou seja, uma indiferença em face dos sentimentos, das paixões vistas como problemas da alma.

Mesmo com toda a liberação sexual dos últimos tempos, ainda persiste-se no padrão de amor entendido como numa primeira etapa apaixonar-se para posteriormente casar e ser feliz. O problema ocorre quando tais expectativas não se cumprem em virtude de uma má compreensão do que seja efetivamente o casamento e o amor, ou mesmo entender que ambos não estão necessariamente associados.

A junção do casamento tradicional, em que o amor não era algo fundamental, ao amor romântico que idealiza um amor eterno, resultou num modelo de casamento que não cumpriu sua finalidade, que seria oportunizar a felicidade pela convivência conjugal. Ao contrário, criou apenas casais infelizes que permanecem juntos apenas para cumprir protocolos.

### 3.2 IDENTIDADE, SEXUALIDADE E VELHICE EM SÉRGIO SANT'ANNA

O conto “Marieta e Ferdinando”, lançado pela primeira vez em 1973 na coletânea intitulada *Notas de Manfredo Rangel, Repórter (a respeito de Kramer)*, narra a vida do casal que dá nome à narrativa. Narrado em terceira pessoa, o conto inicia-se com a descrição do cenário onde moram os personagens. O bairro apresenta sinais de decadência, visto que no passado havia sido um centro importante. O narrador descreve os prédios em estado de abandono, com as paredes rabiscadas. É nesse ambiente que Marieta e Ferdinando estabelecem sua relação:

Ali, onde se pode entrar ao acaso num daqueles prédios de três ou quatro andares, e subir as escadas onde as luzes se queimaram e não foram substituídas, onde as paredes, marcadas a prego, carvão e lápis, falam de amores suspeitos e fantasias sexuais com ilustrações disformes, onde essas mesmas paredes – e também as frestas – conduzem livremente o som de gemidos, orgasmos, palavras pronunciadas durante os sonhos [...] ali, atrás de uma daquelas portas, é o território de gente como eles, o território deles: Marieta e Ferdinando (SANT'ANNA, 1997, p. 111).

O cenário ajuda na compreensão sobre o ambiente em que o casal vive. Além da poluição visual provocada pelos rabiscos nas paredes sobre amores suspeitos juntos às fantasias sexuais, o narrador também descreve os sons de gemidos e orgasmos. Por conseguinte, ele abandona a descrição do cenário para focar em Marieta. A personagem encontra-se à espera do seu parceiro, Ferdinando, se preparando para recebê-lo:

São dez horas da noite e Marieta espera por Ferdinando, que até agora não veio. Marieta saiu do banho, vestiu seu melhor vestido para Ferdinando, mas Ferdinando não veio. Então Marieta está sentada, inútil, diante do espelho. Marieta ensaia vários sorrisos, Marieta repara num dente mais escuro – um dente sem nervo. Marieta franze a testa, preocupada, mas depois afasta seu pensamento para os cabelos. Há um modo de jogá-los sobre o rosto, escondendo os olhos, que torna Marieta mais misteriosa. Marieta continua se olhando no espelho e agora se concentra em sua pele. A pele vai se tornando empapuçada no rosto, flácida nos braços, no corpo inteiro. Marieta está ficando velha. Talvez por isso Ferdinando ainda não veio (SANT'ANNA, 1997, p. 111-112).

A descrição da ansiedade de Marieta é importante, pois se associa aos pensamentos da personagem. Ao descrever detalhes minuciosos do corpo dela, o narrador revela o modo como a personagem sente essas transformações do tempo. A percepção da velhice por parte dela é relacionada à ausência de Ferdinando. A

razão de Ferdinando ainda não ter chegado é justificada por meio dos pensamentos de Marieta que, ao constituir uma autoimagem degradante, entende que o marido procura permanecer distante dela. Os adjetivos que qualificam sua pele como “empapuçada” e “flácida”, nesse sentido, são potentes em causar um sentimento de frustração por conta dessa passagem do tempo impressa no corpo da personagem. Assim, para ela, Ferdinando ainda não chegou porque possivelmente ele não quer mais ou procura evitar sua companhia. Conseqüentemente, o narrador prossegue abordando os pensamentos de Marieta:

Marieta se põe a pensar que Ferdinando se torna, a cada dia, mais distante. Ferdinando não diz mais, por exemplo, que a ama. Também não traz presentes, não faz nenhum desses pequenos gestos de carinho de que as mulheres tanto gostam, para sentirem-se valorizadas. Há quanto tempo Ferdinando não diz que ela é bonita? Marieta não consegue lembrar-se da última vez que Ferdinando lhe dirigiu um elogio. Nem mesmo uma dessas mentiras que ajudam a sustentar um casamento (SANT'ANNA, 1997, p. 112).

Esse distanciamento do marido de Marieta, de algum modo, também aponta para o desgaste do relacionamento a dois. A personagem sente falta do amor de Ferdinando, visto que há muito tempo ele não diz que a ama. O amor, no caso de Marieta, parece não ter sofrido uma perda do desejo, mas no caso de Ferdinando sim. A ideia de que o amor sofre um desgaste significativo com o compromisso pode ser entendida como algo que afeta mais Ferdinando que Marieta. O desejo amoroso pode ter morrido por parte do homem, mas ainda sobrevive na mulher, o que demonstra uma postura diferente de cada gênero em relação ao amor.

A descrição da ausência de pequenos gestos de carinho, como trazer lembranças, por exemplo, cria a sensação de que o amor por parte de Ferdinando entrou em declínio. Pequenas coisas, como a ausência de um elogio a sua mulher, também causam em Marieta uma sensação de angústia e um sentimento de desvalorização. Um elogio, por exemplo, ganha uma dimensão grande, pois é importante mesmo que seja uma mentira, neste caso. Desse modo, a narrativa propõe uma reflexão importante sobre a relação amorosa do casal que se encontra num estado de desgaste emocional.

Conseqüentemente, o narrador relata a tristeza que toma conta do estado de alma de Marieta: “Marieta pensa, agora, que envelhecer é uma merda. E duas lágrimas começam a brotar em seus olhos. Marieta está se olhando no espelho, observando as duas pequenas lágrimas que se formam nos olhos mas custam a

pingar” (SANT’ANNA, 1997, p. 112). Essa tristeza se verifica na personagem a partir do inconformismo em não aceitar a velhice. Por outro lado, essa não aceitação pode ser entendida como uma luta entre a humanidade e a natureza das coisas (velhice). Isso explica, por exemplo, aquilo que Bruckner pontua como uma sociedade que vive pelas normas da formosura e da juventude. Assim, Marieta pauta sua aparência dentro dessas normas e, por esse motivo, se sente mal, inferior e envelhecida.

Pascal Bruckner aponta para o modo como essa constante e permanente luta contra a velhice se associa à procura pelo prazer, o que, por sua vez, gerou outro fenômeno curioso: o sexo como produto. Tratamentos, terapias, remédios, práticas orientais – tantrismo e abertura de chakras – e *sex shops* exploram o potencial comercial que o sexo pode ter. Segundo ele, o maior medo dos casais modernos é ver suas relações degenerarem em dois eunucos impossibilitados da prática sexual em razão dos fatores biológicos. Esse medo encontra-se em Marieta. O tempo exerce implacavelmente sobre ela o seu poder de dissolução. A sexualidade, assim, tem prazo de validade, mas muitos querem prolongar sua juventude:

Mesmo os temperamentos fogosos acabam um dia esfriando. [...] Não é o outro que é preciso acusar, pobre humano como eu, é a fraqueza de nossa constituição. A sexualidade durável é uma das utopias mais patéticas do mundo moderno (BRUCKNER, 2014, p. 109).

Por conseguinte, a castidade, forçada pela velhice, torna-se um empecilho fatal para o exercício da sexualidade para o sujeito contemporâneo, em razão do inevitável desgaste, do conseqüente desinteresse sexual e do esgotamento do desejo.

O amor, desse modo, ao ser associado à sexualidade, pode ser compreendido como uma busca por vitalidade, em ser ou sentir-se jovem. Essa procura constante pela juventude cria uma conotação de amor que exclui o processo natural de envelhecimento humano. Neste caso, Marieta não aceita sua condição, pois para ela sua beleza, alterada pelo envelhecimento, não se enquadra nesses padrões preconizados pela sociedade de consumo. A atitude mais comum na atualidade seria lutar contra a velhice, depreendida, de alguma maneira, como algo negativo. Essa luta contra a velhice atualmente se traduz também em bens de consumo como, por exemplo, cremes que combatem a flacidez, cirurgias plásticas, etc.

O conto provoca, assim, uma reflexão sobre a condição da velhice ou do amor como um atributo exclusivo de juventude. Isso não quer dizer que amor seja algo que deva ser interdito às pessoas mais idosas, mas sim que o amor, de algum modo, passa a ser entendido como um sentimento que cria uma sensação maior de ânimo e vida, conseqüentemente fazendo com que o sujeito se sinta mais jovem. A ausência de amor, contudo, produz efeito contrário, ou seja, cria uma sensação de velhice, desgaste e morte. É preciso, no entanto, ponderar que isso é um mito artificial criado pela sociedade de consumo, seja para preconizar uma sociedade de eternos jovens ou mesmo para movimentar o consumo de produtos ou tratamentos de rejuvenescimento.

Essa tristeza é ainda acentuada quando em frente ao espelho Marieta faz careta e profere palavras sem lógica: “Estou ficando louca?”, Marieta pensa, satisfeita com a ideia. A loucura é algo romântico. Mais romântico, por exemplo, do que a velhice. Um velho louco não é tão deprimente quanto um velho apenas velho. Um velho doente” (SANT’ANNA, 1997, p. 112). O tema da velhice ganha uma carga relevante no conto, pois a narração dos pensamentos de Marieta cria reflexões que pontuam o caráter triste e negativo do envelhecimento. Não que a velhice seja necessariamente negativa, mas é importante observar como Marieta compreende esse processo de transformação na sua vida.

A loucura também contribui para essa fuga da realidade. A realidade da velhice para a personagem pode se tornar insuportável ao ponto de apelar para a loucura. De fato, o caráter escapista da loucura indica que Marieta busca uma evasão dessa realidade. Essa atitude dela equivale a uma atitude romântica, naquilo que os românticos do século XIX entendiam como fugir de um presente insuportável. Por isso, a loucura, para ela, se configura como uma possibilidade de vivenciar coisas diferentes daquelas corriqueiras, banais e rotineiras.

Assim, o narrador onisciente mergulha nos pensamentos de Marieta sem, entretanto, fazer qualquer juízo de valor sobre eles, ficando no campo meramente descritivo. Essa neutralidade do narrador indica que os pensamentos são produtos da mente da personagem, embora mediados pela narração em terceira pessoa. Na sequência, o narrador foca a maneira como Marieta enxerga seu marido:

Do mesmo modo que ela sabe muito bem o que Ferdinando faz quando na rua. Envolvendo-se em brigas, botequins e jogos de baralho. Ferdinando que, agora, depois que os anos se passaram chega em casa praguejando e com o hálito fedendo

a cebola, cigarro barato e álcool. Ferdinando que chega em casa tarde, embora respeitando, sempre, o pacto da meia-noite. Ferdinando deve estar para chegar e não adianta fazer perguntas, não há necessidade de perguntas, porque Marieta sabe bem o que Ferdinando faz na rua (SANT'ANNA, 1997, p. 112).

Se observarmos, o narrador, nessa citação, inicia comentando sobre a rua e termina no mesmo ponto. Marieta sabe o que Ferdinando faz, no entanto, não está claro o que seja. O narrador deixa subentendido. Embora se descreva que Ferdinando estava nos botequins jogando baralho e bebendo, essa expressão no final “Marieta sabe bem o que Ferdinando faz na rua” parece estar apontando ironicamente para uma possível infidelidade. Porém, é preciso ratificar que o texto não expressa nem mesmo deixa pistas mais evidentes sobre essa questão.

Outro detalhe importante é a expressão utilizada pelo narrador “depois que os anos se passaram”. Essa expressão ganha uma carga semântica no sentido de que aponta para uma relação estabelecida há muito tempo. Isso demonstra que a relação do casal é estável e de longo prazo. A construção de Marieta como uma esposa maturada pelo tempo e que espera pelo marido também parece indicar que ela não se constitui como uma mulher emancipada do espectro masculino. A maneira como Marieta se conforma em não ter que fazer perguntas sobre onde o marido esteve ou com quem esteve apontam para esse detalhe. A construção narrativa de Ferdinando, por outro lado, também é interessante como um contraste em relação à Marieta:

Ferdinando trabalha em biscates, eletricitista, bombeiro, mecânico, encerador, qualquer negócio que apareça, até mesmo algum pequeno furto eventual. Ferdinando que se deixa ficar, desanimado, examinando um cano para desentupir. Ferdinando que sai assobiando, satisfeito, depois que terminou um serviço e ganhou vinte cruzeiros e pensa que agora já pode ir ao botequim. Sem lembrar que ela o espera em casa, Marieta. Ferdinando que pensa que é dura essa vida de biscateiro. Ferdinando que pensa que é dura essa vida de homem. E Ferdinando pensa que a vida de mulher, apesar de algumas aporrinhações, é bem mais fácil. Ficar em casa, à toa, esperando (SANT'ANNA, 1997, p. 112-113).

A imagem de Ferdinando se caracteriza por meio dos seus pensamentos sobre a vida e sobre sua relação. Ele, um representante da classe trabalhadora, é apresentado como um sujeito que pensa que a vida das mulheres é fácil porque ficam em casa “à toa”. Esse pensamento, portanto, confirma que se por um lado Marieta é constituída como uma personagem feminina de um tempo em que a maior parte das mulheres ficava em casa, por outro lado, Ferdinando é construído como

um sujeito que acredita que seu papel seja o de prover a vida do casal e, conseqüentemente, a mulher precisa estar em casa. Isso explica a razão do pensamento masculino que imagina que a vida doméstica seja melhor que a vida no trabalho fora do lar, em razão do suposto “ócio”. Entretanto, o que Ferdinando não vislumbra nessa reflexão, exposta pelo narrador, é que existe também trabalho no âmbito doméstico, embora, mais de uma vez é preciso afirmar, não seja reconhecido socialmente e, conseqüentemente, nem mesmo por ele.

Desse modo, a relação do casal é transmitida como se houvesse um desgaste significativo do amor entre os dois. Essa sensação é transmitida pela sequência da narrativa:

Ferdinando que entrou em casa e não disse nem boa-noite para Marieta; não lhe deu um tapinha na bunda, como antigamente. Como um marido, Ferdinando chegou em casa, sentou-se na poltrona e abriu um jornal todo amassado. Assim são os homens depois que o amor se torna antigo, pensa Marieta, suspirando. Ouvindo o suspiro, Ferdinando levanta os olhos do jornal, vê Marieta e pensa que as mulheres são tolas e chatas. Assim são os homens e Ferdinando volta a se concentrar no jornal (SANT'ANNA, 1997, p. 113).

O narrador contrasta os pensamentos de Marieta e Ferdinando possibilitando um jogo de imagens interessante. Primeiramente, a forma como o homem entra em casa sem dar boa noite evidencia a pouca importância que ele dá a um simples gesto de saudação. O narrador também é irônico quando compara a atitude de Ferdinando ao de qualquer marido, ao usar a expressão “como um marido”, quando ele senta na poltrona para ler o jornal. O uso da conjunção comparativa “como” aliada ao artigo indefinido “um” cria o efeito de comparação da ação de Ferdinando como se fosse a ação de qualquer marido. Deduz-se que a sua postura é equivalente a de “um marido”, ou seja, o significado de ser marido é exatamente se portar como se o amor ou o simples afeto não existissem no casamento que se prolongou.

Essa reflexão é corroborada com o pensamento de Marieta pontuado pelo narrador: “assim são os homens depois que o amor se torna antigo”. O conto, a partir dessa construção masculina de Ferdinando, conduz a uma leitura da relação conjugal que deixa o sentido da morte do amor subentendido. A rotina diária de uma relação a dois, por outro lado, transforma o amor em algo antigo, ou seja, envelhecido. Desse modo, a relação de longo prazo entre o casal demonstra um esfriamento do amor por parte de Ferdinando. Essa reflexão da esposa, por outro

lado, leva o leitor a acreditar que ainda exista amor, carinho e afetividade por parte dela. Contudo, é um amor sem reciprocidade.

A graça da relação é perdida e, conseqüentemente, o amor é marcado pelo adjetivo “antigo” que, por sua vez, expõe a passagem do tempo. O amor tornado antigo, assim, equivale a um amor envelhecido, desgastado e frio, em que um não sente mais pelo outro aquilo que em algum momento do passado sentia. Marieta tenta resgatar essa chama apagada quando pensa sobre a falência do seu relacionamento. Ferdinando, por outro lado, permanece aparentemente distante ou indiferente a esse sentimento.

O perfil masculino de Ferdinando é retratado como um sujeito misógino que acredita que as mulheres são “tolas” e “chatas”. Embora não apresente violência física em suas ações, ele, ao ler uma notícia, sobre um crime de um homem que matou a amante a machadadas, pensa o seguinte: “Por um momento, Ferdinando imagina-se numa situação semelhante: matando Marieta a machadadas. Mas Ferdinando sabe que nunca fará isso: ele não teria coragem (apesar de certos impulsos às vezes) e além disso tem nojo de sangue” (SANT’ANNA, 1997, p. 113). O simples fato de conjecturar um crime coloca Ferdinando numa posição masculina degradante. O narrador ironiza esse pensamento, pois a maior razão que impede Ferdinando de matar a esposa a machadadas é seu nojo por sangue e não o afeto.

Os pensamentos de Marieta são descritos levando o leitor a refletir sobre determinados papéis masculinos desempenhados por sujeitos como Ferdinando:

Ferdinando, agora, tirou os sapatos e jogou-os longe. Os homens são grosseiros. Marieta pensa, enquanto leva os sapatos de Ferdinando para o quarto e os guarda, cuidadosamente, no armário. [...] E Marieta pensa que os homens são uns brutos. Quando namorados, não têm coragem de mostrar-se como são, os verdadeiros brutos que são. Eles trazem flores pra gente, levam a gente ao cinema, dizem uma porção de frescurinhas. Depois os anos vão passando: os homens criam barriga, começam a chegar tarde em casa, xingam a gente por qualquer coisinha (SANT’ANNA, 1997, p. 113).

No início do conto, Marieta encontrava-se à espera de Ferdinando em frente ao espelho. Naquele local, Marieta tinha a sensação de que Ferdinando, mesmo ausente, estava ali a observando: “Marieta tem a sensação de que Ferdinando pode vê-la, mesmo ausente” (p. 112). Esse espelho das mulheres pode ser entendido pela maneira como elas enxergam os homens, tal como teoriza Chistine Bard, em “A virilidade no espelho das mulheres”. Assim, a masculinidade de Ferdinando se

constrói, sobretudo, a partir da noção de brutalidade (“uns brutos”) e grosseria (“xingam a gente”) masculina em relação aos sentimentos da sua esposa. Pelo menos é assim que a esposa percebe suas atitudes.

A crítica que ela faz ao processo de envelhecimento do seu marido também é significativa, visto que “criar barriga” aponta para uma queda na vaidade, que se dá em razão do homem não esperar por mais nada da vida. Não é preciso conquistar Marieta, pois ela já está ao seu lado. Também não é preciso reconquistá-la, pois não a perdeu. Assim, Ferdinando permanece acomodado em sua zona de conforto. Nesse sentido, ele, além de não esperar nada, também não dá importância a quem está ao seu lado. Desse modo, o amor, entendido como um vínculo afetivo, para o casal encontra-se apático ou mesmo morto.

As identidades masculina e feminina se constituem no conto a partir dessas noções em que as mulheres são estereotipadas como delicadas e afetuosas, que esperam pela atenção dos maridos, enquanto os homens são estereotipados como brutos, mal-educados e grosseiros. Os espaços também corroboram no sentido de que o homem sai para o trabalho fora do lar enquanto a esposa permanece em casa à espera dele.

A falta de atenção do marido também é outro dado que corrobora com a indiferença masculina: “Desde que chegou, não disse uma palavra. Não reparou que ela pôs o melhor vestido e se arrumou toda para ele. Não perguntou nem mesmo por comida, porque deve ter comido porcarias na rua” (SANT’ANNA, 1997, p. 113-114). Além desse tratamento frio, Ferdinando também: “irá deitar-se no quarto e roncar como um porco” (p. 114). Desse modo, a carência afetiva pela qual atravessa Marieta é acentuada por essa frieza e indiferença, ou ainda, pela pouca importância que o marido dá à esposa. O narrador esboça os pensamentos da mulher que refletem esse perfil de Ferdinando:

Marieta vem para o quarto e repara que Ferdinando está lendo outra vez. Não adiantou nada ela colocar o vestido bacana e fazer o cabelo e perfumar-se. Ferdinando não prestou a menor atenção. Marieta, agora, tira o vestido na frente de Ferdinando, que nem assim desvia os olhos da revista. Marieta fica pensando que um casamento velho é sempre uma ligação de conveniência. As pessoas permanecem juntas para não ficarem sozinhas, eis tudo. Até as brigas perdem aquele ardor do princípio, quando ela e Ferdinando chegavam a trocar tapas. Sim tapas. O que existe, agora, é acomodação e indiferença. Eles dois – Marieta e Ferdinando – que juraram amor eterno, não diante de um juiz ou padre, porque não são verdadeiramente casados (SANT’ANNA, 1997, p. 114).

O medo da solidão é um sentimento que explica a permanência do casal mesmo após o amor ter desaparecido. Com efeito, permanecer juntos durante muito tempo é entendido por Marieta como uma forma de não se sentir só. Por outro lado, mesmo a presença de Ferdinando não aplaca esse sentimento de solidão que é perceptível em Marieta.

Outra informação importante colocada aqui menciona sobre as brigas que perderam suas motivações. As brigas, embora sejam ações consideradas negativas, neste caso, são vistas com certo saudosismo, pois a esposa sente falta delas em razão de como poderiam significar um amor vivo no relacionamento. Essa carência do amor faz com que Marieta pense “um casamento velho é sempre uma ligação de conveniência”. Isso evidencia uma noção pessimista sobre a instituição em questão, como se o sentido de um casamento de longa durabilidade se tornasse sempre uma questão de conveniência. A rotina do casamento é apresentada como um fator que esmaga os ânimos de Marieta. Apesar disso, ela não cobra por uma mudança de atitude por parte de Ferdinando, apenas sofre calada e pensativa.

O juramento de amor eterno também contribui para que o casal permaneça junto. Valores como lealdade ou fidelidade à palavra dada podem ser um indício dessa permanência aparentemente a contragosto. Mesmo que tal juramento não tenha sido feito diante da lei ou da religião, ou que não sejam “verdadeiramente casados”, como afirma o narrador, Marieta entende que essas juras são importantes para a sua relação. O conto, desse modo, contribui para uma reflexão no sentido de depreender a falência desse modelo de relacionamento. De fato, o amor no casamento parece não fazer mais sentido, ao menos para Ferdinando, embora Marieta tente, a todo o momento, recriar novos sentidos para a relação. Consequentemente, recebe como recompensa apenas a indiferença de Ferdinando.

No entanto, há uma pista no conto que o narrador deixa em suspenso. Trata-se do “pacto da meia-noite”, citado anteriormente. Esse pacto deixa entrever algo que está relacionado às identidades masculina e feminina. Num primeiro momento, o narrador indica o relógio: “São dez horas da noite” (p. 111); depois: “Ela olha para o relógio e percebe que já passou das onze horas” (p. 113); e finalmente: “Então ele olha para o relógio e vê que faltam apenas quinze minutos para a meia-noite” (SANT’ANNA, 1997, p. 114). Essa preocupação com o relógio, por parte de ambos, sinaliza para uma transformação dos espectros masculino e feminino.

Ao olhar para o relógio e perceber que faltam quinze minutos para meia-noite, Ferdinando pega uma revista que lê enquanto está deitado. A aproximação da meia-noite vai atenuando os comportamentos rígidos de Ferdinando, conforme afirma o narrador: “Aproxima-se a meia-noite. Marieta olha para o relógio e depois para Ferdinando. Ferdinando, [...], parece ir perdendo, aos poucos, aquela grosseria dos gestos. [...]. Marieta observa que Ferdinando, agora, parece uma moça lendo na cama” (SANT’ANNA, 1997, p. 114). Essa transformação de Ferdinando deixa o leitor em suspenso sobre qual o sentido da meia-noite e por que ele muda de comportamento. Essa mutação não se verifica apenas no homem, mas também em Marieta:

Então Marieta vai ao banheiro e desfaz a maquiagem. E é como se ela houvesse deixado algo de si mesma para trás. O rosto de Marieta, sem os cosméticos, tem uma expressão quase dura, grosseira. E quando ela se abaixa, para retirar as meias, o faz sem aquele cuidado que só as mulheres sabem ter. Uma das meias se rompe e Marieta diz: – Porra (SANT’ANNA, 1997, p. 114).

A rigidez dos padrões comportamentais se atenua com a aproximação das doze horas noturna e o casal passa por uma confusão ou simples fusão em suas identidades. Aquilo que o narrador identificava, a partir dos pensamentos do casal, como atributos masculinos e femininos passam a atingir tanto o homem quanto a mulher. Assim, a dureza e a grosseria que eram elementos próprios da masculinidade de Ferdinando passam a ser atribuídos à Marieta. Ao soltar um palavrão, ela verbaliza e materializa essa atitude que no conto parece ser próprio daquele universo masculino. Já Ferdinando se assemelha, conforme os pensamentos de sua esposa, a uma moça lendo. Essa transformação é ainda mais profunda quando soam as doze badaladas:

Quando o relógio de parede começa a bater as doze badaladas, Marieta retira a peruca e vem depressa para o quarto. Ferdinando põe a revista de lado. E eles se olham – se olham de verdade – pela primeira vez nessa noite. Como se esse momento fosse o único que ainda os excitasse: as doze badaladas da meia-noite. Sem a peruca, Marieta não é nem mesmo loura. Seus cabelos são cortados curtos, e negros como os de Ferdinando. Ferdinando e Marieta sorriem um para o outro e, nesse momento, são gentis e quase idênticos. Se houvesse um terceiro observador no quarto, poderia julgar que os dois são do mesmo sexo, embora difícil precisar qual sexo. E são os dois extremamente parecidos, como esses casais que, com o passar do tempo, vão roubando um do outro, simultaneamente, a fisionomia (SANT’ANNA, 1997, p. 115).

O sentido dessa fusão na identidade do casal é difícil determinar. Porém, o narrador deixa uma pista que aponta para muitos sentidos. Essa fusão pode estar direcionada para uma ideia de que com a velhice eles formam um único ser; ou, essa aparência dos dois e as fronteiras que anteriormente demarcavam as ações de cada um são rompidas de maneira que eles são “quase idênticos”; ou, ainda, transmite-se uma possibilidade de experiência de troca de gêneros. O conto constrói, pela sua composição, ambas as possibilidades para apreensão desses sentidos. Na cena seguinte, o conto proporciona uma reflexão profunda sobre os papéis masculinos e femininos cristalizados:

O relógio silenciou, depois das doze badaladas. Marieta entrega a peruca a Ferdinando e não há no seu rosto, agora, aquele sorriso de alguns segundos atrás; aquela expressão que poderia até ser confundida com amor. E Marieta diz, agora com a voz grossa de Ferdinando, que já é terça-feira. E Ferdinando, na cama, ajeitando a peruca, está deitado de modo lânguido. – Obrigada, querido – ele diz, com a voz feminina, exageradamente feminina e até vulgar, de Marieta (SANT’ANNA, 1997, p. 115).

A inversão dos papéis é estabelecida em que Ferdinando passa a ser Marieta e vice-versa. Marieta assume o caráter do marido e em sua expressão dura não há mais o amor como anteriormente. Essa troca de papéis é importante no sentido de fazer com que cada um se sinta na pele do outro e perceba como são tratados mutuamente. O desfecho demonstra como as identidades se fundem num processo em que Marieta é Ferdinando. Esse efeito é criado pelo narrador que chama os personagens pelos nomes, mas com as personalidades trocadas:

Ferdinando se joga pesadamente sobre a cama, vira-se para o lado e daqui a pouco irá roncar, como um porco. Marieta, porém, ainda faz uma tentativa, uma última tentativa. Apenas como pretexto, para conversar com Ferdinando, ela pergunta:  
 – Você quer a revista, querido?  
 – Não, mulher. Eu estou com sono – diz Ferdinando, pensando que amanhã é o seu dia de trabalhar.  
 – Boa noite – diz, então, Marieta, meio decepcionada.  
 – Boa noite – resmunga Ferdinando, mal-humorado e quase bruto porque assim são os homens (SANT’ANNA, 1997, p. 115).

Assim, se observarmos atentamente, quem estava com a revista antes da meia-noite era o marido, Ferdinando. Porém, quando o narrador afirma que “Ferdinando se joga pesadamente sobre a cama”, é preciso lembrar que Marieta estava no banheiro e não na cama. Ferdinando já estava na cama lendo a revista. Conseqüentemente, o narrador promove esse jogo de inversão dos papéis quando

começa o diálogo dizendo que “ela pergunta: – Você quer a revista querido?”. Quem pergunta na verdade é Ferdinando, agora como Marieta. Essa inversão faz com que Ferdinando, agora como mulher, corra atrás de Marieta, agora como homem e marido. Desse modo, ele sente na pele a indiferença como tratou a mulher anteriormente.

Conclui-se que o efeito dessa inversão dos papéis é importante na apreensão dos perfis masculinos e femininos. O conto propõe uma reflexão sobre a natureza desses comportamentos. O perfil de Marieta, agora na identidade de Ferdinando, reproduz o modelo de masculinidade em que o homem se apresenta ou se posiciona como “bruto”. Já Ferdinando, como esposa e mulher, tenta dialogar com o marido, Marieta, recebendo indiferença e desprezo. Diante disso, a narrativa demonstra, por meio de uma inversão insólita, a artificialidade desses padrões comportamentais, promovendo uma leitura reflexiva desse assunto.

Em outro conto, intitulado “Sexo não é uma coisa tão natural assim”, publicado pela primeira vez em 1982 na coletânea *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, Sérgio Sant’Anna traz um narrador em primeira pessoa que descreve pensamentos e sensações a respeito de temas como o amor, família e a sexualidade. A narrativa não traz personagens, mas apenas referências a pessoas que são mencionadas de maneira reflexiva. O ato sexual é descrito de maneira biológica e crua: “Mas como é possível, penetrar num corpo que não é o seu próprio, e ali permanecer, dentro de entranhas, visgos, líquidos, paredes vermelhas que se ajustam como luvas e, ainda mais, dão prazer?” (SANT’ANNA, 1997, p. 268).

Essas reflexões serão constantes ao longo do conto e ditam a sua tônica. Não há um enredo, uma história desenvolvida linearmente, apenas pensamentos e cenas fragmentadas. Desse modo, o narrador descreve:

E depois de soltar líquidos, fertilizar no desespero do gozo, o que, por sua vez, fará gerar outros seres dotados do mesmo trêmulo desespero? E quer-se mais, sempre mais. Ele, o homem, fatigado de possuí-la ao modo civilizado dos atuais humanos, agora a quer de costas [...]. Mas quer-se mais, cada vez mais, ainda que seja o prazer junto à dor, entre lágrimas, e ela, a mulher, deseja esse homem gentil e brutal, carinhoso e perverso. Que ele goze egoísta e gemendo e depois role para o lado como uma besta. E ela ama e protege, a esse bicho (SANT’ANNA, 1997, p. 268).

Essa projeção sobre o modo como o homem realiza o ato sexual demonstra uma determinada forma de conduzir a relação íntima. A prática do sexo egoísta, em que o prazer masculino é o único alcançado, fica em evidência. Também as

questões relativas às posições sexuais em que o homem passa, cansado de ter relações de “modo civilizado”, a querer a mulher de costas revelam uma significativa mudança no comportamento sexual dos casais. Os desejos da mulher, por sua vez, são descritos do seguinte modo: “E depois desse que teve à noite, deseja, pérfida, a mulher, um outro mais cruel, e este último foi bonzinho. Ou então, pelo contrário, aquele que ela presumirá gentil e carinhoso, se foi o último bruto” (SANT’ANNA, 1997, p. 269).

Percebem-se as possibilidades de projeções masculinas a partir da mulher descrita pelo narrador. Se porventura, no espelho feminino do conto, o comportamento masculino é “gentil e carinhoso”, a mulher deseja um mais “cruel”. Por outro lado, se esse comportamento é cruel, ela deseja um mais carinhoso. Desse modo, as múltiplas formas de se comportar durante o ato sexual conduzem a narrativa a uma projeção masculina que ora se porta desta (dureza) ou daquela maneira (carinho). Numa sociedade sexualmente liberada, essas projeções tornam-se perfeitamente possíveis. Assim, o narrador reflete alguns indícios que apontam para a mudança do comportamento masculino frente ao sexo com a parceira:

Ah, esse outro homem [...] também pode estar agora, nesta tarde, buscando por sua vez entre duas pernas aquilo que não alcançou com ela e, quem sabe, jamais atingirá. “Meu Deus, eu quero o prazer maior, ainda que me custe a paz.” E depois: “Meu Deus, eu quero a paz e não o prazer. E quem é essa que está aqui ao meu lado? Não a sinto, não a conheço. E por que a culpa, Senhor? “Ah, minha mulherzinha, quando chegar em casa vou ser gentil contigo; vou te prometer até um filho, porque estou cansado e arrependido, principalmente cansado (SANT’ANNA, 1997, p. 269-270).

Essa outra reflexão do narrador oportuniza pensar a questão do arrependimento ou sentimento de culpa masculino. De algum modo, esse fator é indicativo de uma mudança comportamental, pois há a presença de uma sensibilidade masculina. A procura constante por prazer pode levar o sujeito a esse tipo de pensamento dicotômico e conflitante. Num primeiro momento se quer obsessivamente o prazer a qualquer preço para, num segundo momento, o sujeito demonstrar-se contraditoriamente arrependido. O cansaço parece também refletir o impacto das mudanças bruscas ocorridas nos grandes centros em que os sujeitos são tratados como objetos. Nesse sentido, até mesmo o sexo é cobrado e o homem deve constantemente provar sua virilidade, provar que é homem. A oscilação das emoções também é evidente nesse contexto.

Desse modo, o sujeito realiza coisas que muitas vezes não quer, mas o faz apenas para provar ou demonstrar, para si ou para os outros, a defesa de um modelo de masculinidade. A maneira como o “eu” interior à narrativa verbaliza “quem é essa que está aqui ao meu lado? Não a sinto, não a conheço” parece demonstrar essa ação de se estar fazendo algo contrariamente a sua vontade. Provavelmente essa projeção parte da ideia de um homem que procura por sexo casual ou mesmo os serviços de uma profissional do sexo, mas que, entretanto, não sente absolutamente qualquer afeto ou prazer dessa relação. Esse arrependimento é um dado interessante sobre essa mudança do comportamento masculino. A sexualidade, pautada na busca gratuita do prazer, desvinculada de um sentimento afetivo (amor), leva o sujeito a tais reflexões.

O amor, para a maior parte dos homens, e também mulheres, na atualidade, pauta-se também na busca pelo prazer sexual. Em algumas situações, esse paradigma pode até mesmo se configurar como uma finalidade existencial dos sujeitos. De acordo com Giddens: “O apetite dos homens pelo sexo, com tantas parceiras quanto possível, seria simplesmente uma característica definidora de sua masculinidade” (1993, p. 79). Com efeito, a maioria dos homens, durante muito tempo, pautava o sucesso da sua masculinidade no acúmulo de experiências e conquistas. A conquista masculina, pautada nessa perspectiva acumulativa, na maior parte dos casos, era desvinculada da afetividade.

É importante salientar que o conto propõe uma reflexão sobre tais padrões de comportamento, evidenciando o papel social da literatura no sentido de contribuir para as mudanças de posições. Nesse sentido, o conto em questão não é apenas mero reflexo da sociedade, mas sim uma construção que impacta o leitor e o leva a refletir sobre a condição humana inserida nos grandes centros urbanos. O conto demonstra que essa procura, ora por sexo ora por afeto, por parte dos homens, é algo que vem se intensificando nos últimos anos. Conforme se viu em Bruckner, nesses grandes núcleos, com grande concentração de pessoas, o sentimento de solidão é muito grande. O narrador pondera sobre isso do seguinte modo:

Na cidade há um monte de fêmeas e machos andando de um lado para outro, faz calor e o ruído dos carros é insuportável, entre vapores quentes que sobem do asfalto. Alguns desses machos e fêmeas estão absorvidos de um modo tal na subsistência que mal se olham no rosto ou no corpo, ou aquele olhar que vai direto entre as pernas. Mas outros, como nós, cuja subsistência está temporariamente garantida, poderão estar neste momento nos bares que começaram a receber seus

fregueses; os olhares que se trocaram em todos os locais de trabalho e depois, mais tarde, cumprem-se os desejos e promessas, a satisfação e, mais uma vez, o cansaço (SANT'ANNA, 1997, p. 270).

Essa cena, acompanhada das reflexões do narrador, é reveladora desse mal-estar próprio das grandes cidades. Os olhares que vão direto entre as pernas, em verdade, refletem procuras constantes por sexo fácil sem maiores compromissos. A ação de olhar diretamente em direção aos órgãos genitais, ou as partes íntimas, é reflexa a uma atitude em que o amor e o afeto são ofuscados, de algum modo, em nome do culto às genitálias, conforme aponta Bruckner (2014, p. 30): “As partes pudendas do homem se tornam suas partes gloriosas”.

O ato de sair à noite, depois do expediente de trabalho, à procura da realização dos desejos e das promessas de sexo fácil revela como os sujeitos se encontram fragmentados e dispersos em busca de uma maneira de aplacar o desgaste, o cansaço e a solidão da vida urbana. O sexo, por sua vez, torna-se um produto consumível em que se verifica após a satisfação “mais uma vez, o cansaço”. Isso demonstra como esse estado de insatisfação permanente leva os sujeitos, em muitas ocasiões, a dispensar a afetividade, uma vez que a correria do dia a dia não possibilita maiores laços ou compromissos. Mais adiante, o narrador cai numa nostalgia dos tempos mais românticos:

A nostalgia, então, dos jantares simples, com pão, sopa, arroz, feijão-preto e carne assada, programas de televisão ou de rádio, crianças que rezam antes de ir para a cama. Casais que se amam como antigamente, gerando filhos, olhando-se nos rostos, beijando-se, sem pedir mais do que uma pacata satisfação... (SANT'ANNA, 1997, p. 270).

O narrador contrapõe à correria e ao cansaço do dia a dia os tempos em que casais se amavam e estavam com seus filhos. No entanto, essa nostalgia só se justifica no sentido de que as transformações, de algum modo, distanciaram as pessoas umas das outras, porém não no sentido de que no passado havia mais amor. A reflexão aqui inerente ao amor precisa ser relativizada, visto que se pode incorrer numa idealização do passado sem perceber os problemas que existiam “naqueles tempos”, que não são precisamente apreciados ou indicados pelo narrador.

Esse clima de instabilidade, somado a essa sensação de mal-estar, insatisfação constante e desgaste dos ânimos, parece ser fruto de uma sociedade

que procura constantemente mudar seus paradigmas sem objetivos claros. Desse modo, os sujeitos podem recair numa espécie de “romantismo tardio” em que o passado era idealizado como “bons tempos”. Não se pretende afirmar, no entanto, que de algum modo esse passado não tenha sido bom ou ruim, mas sim que o critério de avaliar o presente com base no passado não é muito objetivo. Por outro lado, é preciso corroborar com esse sentimento de cansaço e desgaste, pois, ao menos aparentemente, a maioria dos sujeitos não encontra, na maioria das situações, satisfação afetiva nessas relações em que o sexo é muito fácil.

Na continuidade da última citação, a reflexão prossegue numa cadeia de contradições imprevistas:

satisfação... Que logo acaba e quer-se mais, sim, muito mais e isso movimentava o mundo. E o maridinho que larga um dia a mulher e vários filhos por causa da putinha, porque esta, sim, sabia simular com perfeição os suspiros e o arranhar do peito e por isso o foi ganhando dia a dia, como doses medidas de cocaína, pedaço a pedaço, porque ele achava, de início, que poderia estar aí, a *felicidade*, e depois simplesmente não podia prescindir desse vício (SANT'ANNA, 1997, p. 270).

Essa reflexão descreve, sob o ponto de vista do narrador, o modo como alguns homens abandonam a família à procura de um ideal de felicidade que acreditam sempre estar em outro lugar. O homem, inserido neste contexto, crê que o amor e a felicidade não estão em seu casamento ou na sua família. Desse modo, imbuído dessa sensação de insaciedade, ele busca num relacionamento extraconjugal essa felicidade, ou mesmo apenas uma satisfação momentânea.

O adultério aparece aqui como uma possibilidade de conquista que mantém o sentido de amor vivo, pois à medida que esses homens procuram por novas e acumulativas experiências procuram também manter um relacionamento estável. Por outro lado, tais experiências também produzem essa sensação de vazio: “A caça para a conquista sexual produz o mesmo ciclo destruidor de desespero e desilusão observado em outros vícios” (GIDDENS, 1993, p. 93).

Essa procura pelo sexo misturado ao amor como sinônimo de felicidade pode ocasionar problemas como esse ilustrado pelo conto. Pascal Bruckner realiza uma análise importante sobre o casamento. Num mundo em que as pessoas estão submetidas aos processos de observações, rejeições e exclusões, há também aqueles que procuram na segurança do lar uma maneira de esquivar-se das exigências do mundo contemporâneo. O casamento, desse modo, é entendido como

uma possibilidade de escapar dessas cobranças, mas ao mesmo tempo traz consigo as cobranças que fazem parte do seu escopo. A necessidade de estar em constante renovação e reinvenção coloca o casamento também no centro dessa questão avaliativa:

Por isso suspiramos pela segurança do lar, onde não temos provas a fornecer, onde escapamos em princípio da avaliação interminável. Contudo, mesmo a vida conjugal mais cordata tem necessidade de movimento, e o casal, como a nação, [...] faz um plebiscito a cada dia. Ninguém está dispensado do dever de agradar, mesmo depois de vinte anos de casamento (BRUCKNER, 2014, p. 59).

Os relacionamentos duradouros, bem ou mal, transmitem a noção de segurança e estabilidade diante das dificuldades da vida, e potencializam os enfrentamentos aos desafios impostos pelo mundo externo. Na perspectiva atual de instabilidade emocional e relacional, os relacionamentos inconstantes só transmitem insegurança, desconforto e, conseqüentemente, proporcionam “dores de cabeça”.

Na sequência, o narrador reserva ao amor uma reflexão importante: “Sim, mais e mais, como se Eros fosse o Deus único e implacável, justificando todos os crimes, perfídias, vinganças. Milhões de Medéias atravessando os tempos, sacrificando seus filhos ou os filhos da “outra” em nome do seu santificado *amor*” (SANT’ANNA, 1997, p. 271). O pensamento do narrador sobre Medeias que sacrificam seus filhos ou os filhos da “outra” é importante para demonstrar como o amor pode ser usado para as justificativas mais torpes. Em nome do amor é possível que se odeiem crianças ou pessoas resultantes de relacionamentos anteriores. O amor, sob tal perspectiva, configura-se num sentimento de posse exclusivo em que é preciso eliminar todos aqueles que supostamente ameaçam a presença hegemônica da parceira, ou também do parceiro, no caso inverso.

Em outro aspecto do conto, o narrador traz ainda uma questão importante sobre a sexualidade: a pornografia. Assim o narrador descreve:

Bundas, seios expostos em todas as bancas de revistas; bocetas veladas como sorvetes que não se deixassem chupar; sexo, sexo, sexo, nos letreiros luminosos dos cinemas, como se o interesse maior do homem fosse contemplar infundavelmente o ato sexual (SANT’ANNA, 1997, p. 72).

Giddens aponta para a pornografia como: “A pornografia podia ser encarada como a transformação do sexo em mercadoria, mas esta seria uma visão muito parcial” (GIDDENS, 1993, p. 134). Mais adiante, ele a caracteriza como: “prevalente

concentração no sexo de baixa emoção e alta intensidade” (1993, p. 134). Giddens afirma ainda que o material pornográfico produzido tem como objetivo atingir os homens e o consumo maciço da pornografia heterossexual se dá, na maioria dos casos, pelos homens. O conto, assim, intensifica essa tonalidade irônica em relação à pornografia.

Esse dado é curioso, pois a pornografia, à medida que pretende atingir o público masculino, contribui potencialmente para fixação de determinado padrão de masculinidade. Esse consumo obsessivo por sexo certamente é um deles. A baixa emoção e a alta intensidade corroboram com os comportamentos que se pautam em relações rápidas e sem maiores compromissos. É óbvio que esse comportamento, na atualidade, não se verifica apenas nos homens, isto é, acumular o maior número de experiências sexuais possíveis, mas sim que esse padrão comportamental é, de algum modo, reforçado a partir do sexo como forma de comprovar a potencialidade sexual do sujeito. Ao supervalorizar o sexo, como finalidade última da existência humana, o caráter emotivo ou afetivo de uma relação pode ser deixado de lado.

O conto termina de forma pessimista descrevendo o estado de velhice dos sujeitos: “E mais e mais: até estarmos todos chupados, exangues, cacos, pelancas, sem nada mais para exalar sobre um leito que os odores da doença e os suspiros broxas dos moribundos” (SANT’ANNA, 1997, p. 273). Desse modo, o conto apresenta uma perspectiva reflexiva em que a busca obcecada por sexo termina de maneira frustrante e fatal. O amor e a sexualidade também aparecem entrecruzados de temas como culpa masculina, casamento e instituição familiar. O amor aqui em questão é marcado pela sexualidade aflorada e pela procura constante por conquistas sexuais. Algumas reflexões apontam para o desgaste do amor e como resultado disso não há a realização da felicidade tão procurada, mas apenas o encontro do destino que todos encontram no final da vida: a velhice.

A velhice, em última análise, tornou-se algo que se procura obsessivamente evitar. Por isso essa perseguição constante por sexo, de algum modo, pode estar atrelada a uma pretensa afirmação de uma juventude pós-adolescência. Ressalta-se, ainda, que a constituição desse conto, dentro do melhor estilo de desabafo narrativo, propõe uma reflexão sobre a sociedade pautada na busca pelo sexo a qualquer preço.

### 3.3 TABU, AMOR E AFETIVIDADE MASCULINA EM RUBEM FONSECA

O conto “Viagem de núpcias”, publicado em 1997 na coletânea de nome *Histórias de amor*, de Rubem Fonseca, narra em terceira pessoa a relação amorosa entre o casal Maurício e Adriana. Nessa narrativa, o amor é refletido de um modo mais otimista. O casamento, no início do conto, traz algumas situações problemáticas que são superadas quando o casal viaja para comemorar as bodas. Os personagens são construídos estereotipados em suas respectivas masculinidade e feminilidade. Maurício é apresentado como um personagem que, apesar de uma gama considerável de experiências sexuais, apresenta alguns tabus que o impedem de obter relação sexual satisfatória com sua esposa, Adriana.

O narrador apresenta o casal como próximos desde a infância. As famílias eram amigas e almejavam que os dois um dia se unissem em laços matrimoniais: “Quando cresceram, faziam excursões pelo Brasil. Para desgosto das duas famílias, que gostariam que os dois se casassem, Adriana estava apaixonada por Maurício, mas ele a amava candidamente, como se ela fosse sua irmã” (FONSECA 2004, p. 631). Maurício tinha 25 anos e era economista e trabalhava na corretora de seu pai. Já Adriana tinha 20 anos e era acadêmica de filosofia. A virgindade para a personagem era algo que possuía alguma importância: “Adriana era virgem – a virgindade estava na moda –, porém Maurício tinha uma vida sexual agitada, para um corretor da Bolsa, e era proprietário de um apartamento na cidade, onde realizava seus encontros galantes” (2004, p. 631).

A expressão “a virgindade estava na moda” indica possivelmente uma época em que os tabus sexuais se faziam presentes, de modo mais incisivo. Não é possível, entretanto, determinar exatamente que época seria essa. O que se depreende disso é que Adriana é construída ficcionalmente como uma moça recatada e comedida, demonstrando um comportamento que, de alguma maneira, interfere no seu relacionamento com Maurício: “Adriana estava apaixonada por Maurício, mas ele a amava candidamente, como se ela fosse uma irmã” (2004, p. 631). A imagem de Adriana para Maurício é comparada a de uma irmã e com isso o narrador pretende indicar que possivelmente ele não a desejava sexualmente. O amor cândido se apresenta como um amor controlado ou possivelmente um amor

em que as volúpias não estão presentes. Apesar disso, o casal decide assumir um noivado:

Um dia, não se sabe bem o que causou essa reviravolta, os dois informaram que estavam noivos e iam se casar dentro de seis meses. Era fácil entender a motivação da apaixonada Adriana; quanto a Maurício, aquela inesperada decisão talvez resultasse do fato de ele acreditar no que lhe diziam, que cedo ou tarde um homem tem que se casar, e de ele ter certeza de que jamais iria encontrar outra mulher tão decente e digna como Adriana para ser sua esposa (FONSECA, 2004, p. 632).

Desse modo, Adriana assume a relação motivada pelo amor que já sentia por Maurício. Por outro lado, o rapaz somente assume o relacionamento em virtude de cobranças sociais. O casamento emerge no texto como um sentido da importância dessa instituição para a sociedade. O critério de escolha por parte dele se configura a partir da imagem discriminatória entre mulheres consideradas “decentes” ou contrárias a esse modelo, tal como apontado por Giddens. Isso demonstra como esse imaginário pertence ao simulacro de Maurício. Ele escolhe Adriana partindo do princípio de que ela era “mulher para casar”, ou seja, excluindo, assim, outras mulheres que não se enquadram nesse perfil. Consequentemente, o conto põe em evidência determinadas formas de preconceito masculino: “Afinal ele sabia, por experiência própria, como as mulheres eram depravas e cínicas” (2004, p. 632).

Como se sabe, Maurício possui uma ampla gama de experiências sexuais. Seu preconceito, no entanto, se pauta na concepção machista de que, aos homens, é natural ter muitas experiências com diferentes mulheres. Já para as mulheres, isso pode ser um problema, considerando que o personagem, pelo discurso indireto do narrador, qualifica-as como “depravadas e cínicas”. Ele aceita se relacionar casualmente com essas mulheres, porém para um relacionamento estável não. De alguma maneira, essa forma de preconceito, a julgar pela classe social de Maurício e Adriana, é muito presente nas elites econômicas, como aponta o texto:

As duas tradicionais famílias ficaram muitos felizes com a notícia do noivado, havia sempre o receio de que um dia Maurício e Adriana viessem a se interessar por outras pessoas que não fossem do mesmo mundo social e cultural, quem sabe um astuto caçador de dotes ou uma dessas rastaqueras deslumbradas que freqüentavam as colunas sociais (FONSECA, 2004, p. 632).

O preconceito é demonstrado pelo narrador que, dessa vez, localiza-o além do pensamento de Maurício, ou seja, é proveniente das esferas familiares. Por

consequente, Maurício, mesmo sendo noivo de Adriana, continuou vivendo suas aventuras ocasionais e sem compromisso:

Nos meses que antecederam o casamento o apartamento de Maurício na cidade funcionou quase todas as noites. As mulheres provinham de várias fontes, algumas delas ele já conhecia, outras não; algumas tinham uma profissão, outras eram estudantes, outras não faziam coisa alguma, o certo é que nada lhe pediam, dinheiro nem brindes, e se Maurício às vezes dava carros ou joias caras a algumas delas, isso era feito por iniciativa dele (FONSECA, 2004, p. 632).

Os relacionamentos rápidos e fugazes são evidenciados como rotineiros na vida de Maurício. Essa maneira de entender ou julgar as mulheres, por parte de Maurício, pode estar atrelada ao seu poder econômico. Do mesmo modo que compra um relacionamento sexual como se fosse um produto, ele automaticamente descarta isso como algo sem valor. A satisfação momentânea é o que dita a tônica desses relacionamentos para ele. Ao dar dinheiro, brindes, carros, joias, etc., mesmo sem as mulheres com as quais saía pedirem, Maurício entende que está pagando, de algum modo, por esse serviço. Não se trata de generosidade, pois para o personagem o que estava em jogo era o modo como ele considerava essas mulheres: como “depravadas e cínicas”.

Maurício é, portanto, constituído a partir do arquétipo do conquistador, porém que separa as mulheres em uma dupla categorização. Esse comportamento masculino de Maurício é perfeitamente explicável a partir de Giddens. O sociólogo inglês explica como os homens do passado estabeleciam uma distinção entre as noções de amor romântico e amor paixão. Para os homens, essas duas figurações do amor seriam diferentes. Enquanto no amor romântico os homens associavam o amor à esposa e ao lar, no amor paixão associavam o amor à amante ou à prostituta: “Para os homens, as tensões entre o amor romântico e o *amour passion* eram tratadas separando-se o conforto do ambiente doméstico da sexualidade da amante ou da prostituta” (GIDDENS, 1993, p. 54).

Esse padrão duplo, durante muito tempo, fez com que os homens entendessem que o amor romântico como uma espécie de amor casto ou respeitável. Para as mulheres, como Adriana, todavia, o amor não se dividia nessa bifurcação. O problema, no caso de Maurício, é que essa separação dissocia o amor da sexualidade, gerando um problema na relação conjugal. A sexualidade de Adriana, embora seja pintada em alguns momentos dentro de um comportamento

sexualmente comedido, não realiza essa dissociação, de modo que amor e sexo são componentes que se integram.

Maurício é desenhado como um sujeito habituado às constantes experiências sexuais. Os “garanhões”, assim como Maurício, de acordo com Giddens, caracterizam-se como mestres na retórica de amar, mas são impotentes em lidar com a dinâmica relacional pós-sexo e, além disso: “são incapazes de produzir a partir dele uma narrativa emocionalmente coerente do eu” (GIDDENS, 1993, p. 98). De acordo com as reflexões de Giddens, as experiências desses garanhões são frequentemente carregadas de uma dependência pelas mulheres, mas num sentido classificado pelo sociólogo como negativo.

À medida que Maurício procura por experiências sexuais acumulativas, ele obtém sexo fácil dessas mulheres, porém as abandona. Embora não haja resistência por parte das mulheres com as quais obteve relações, Maurício evidencia certa incapacidade ou incompetência para amá-las continuamente. Ele separa, assim, a sexualidade da intimidade, constituindo sua identidade a partir dessa distinção:

O aventureiro sexual moderno tem rejeitado o amor romântico, ou utiliza a sua linguagem apenas como retórica de persuasão. Por isso, a sua dependência das mulheres só pode ser validada através de mecanismos da conquista sexual. Seria possível argumentar-se que, mais que os outros homens, o garanhão distingue a ligação entre sexualidade, a intimidade e a construção reflexiva da auto-identidade; mas ele é mais escravo das mulheres do que competente a encará-las como seres independentes capazes de dar e aceitar amor. O garanhão aparece como uma figura que “as ama e as deixa”. Na verdade ele é absolutamente incapaz de “deixá-las”: cada abandono é apenas um prelúdio de outro encontro (GIDDENS, 1993, p. 98).

A construção da narrativa demonstra, portanto, uma imagem masculina, em princípio, negativa. Porém, o conto muda de proposta com o casamento de Maurício e Adriana e sua viagem de núpcias. Nela, um personagem um pouco diferente é apresentado, em seus tabus, medos e inseguranças. A viagem de núpcias, prevista para ocorrer em Paris logo após o casamento, é adiada. Porém, a relação entre os dois se consuma na mesma noite após a cerimônia:

Ela estava deitada imóvel na cama e a luz indireta que vinha da sala revelava a delicada nuance alabastrina do corpo de Adriana, o tufo alto de pelos louros no delta das pernas. Maurício contemplava pela primeira vez a nudez completa da mulher amada. Sentiu uma onda de carinho e desviou os olhos (FONSECA, 2004, p. 633).

Essa “onda de carinho” e a ação de Maurício ao desviar os olhos se deve pela maneira como percebe Adriana. O excesso de pudor e recato da moça não o excita ao ponto de desejá-la, embora seu corpo seja descrito como belo. De algum modo, Maurício dissocia o carinho do exercício da sexualidade, dispondo desses elementos de maneira separada. O narrador onisciente descreve os pensamentos do personagem antes de se deitar com Adriana: “No quarto tirou a roupa lentamente e pensou em Ludmila, uma das parceiras preferidas das suas noites lúbricas no apartamento da cidade” (2004, p. 633). Assim, o rapaz precisa pensar em outra mulher para conseguir sentir o mínimo de atração pela esposa. O bloqueio psicológico e a impotência sexual são problemas que Maurício precisará resolver. Na sequência, o narrador descreve a primeira vez de Adriana como uma relação sexualmente ritualizada:

“Deita meu bem”, ele disse. “Apaga a luz”, pediu Adriana. Maurício apagou a luz. [...] beijou os bicos enrijecidos do peito dela, depois os lábios e o pescoço. Adriana deu um suspiro de langor e medo. Maurício também suspirou, porque o seu pênis permanecia flácido. Afiagou os seios de Adriana, desceu a mão e acariciou as suas pernas que se entreabriram um pouco, tocou os lábios absconsos que se ofereciam úmidos a ele. Novamente pensou ansioso em Ludmila e então seu pênis afinal endureceu e ele deitou-se apressado sobre Adriana, separando abruptamente as suas pernas, temendo que a ereção cessasse (FONSECA, 2004, p. 633).

Mesmo para um sujeito sexualmente experiente como Maurício, a relação com Adriana se apresenta tensa e problemática. Para que consiga uma ereção, ele pensa em Ludmila novamente para conseguir desvirginar sua esposa. A falta de atração somada a determinados ritos, tal como “apagar a luz”, deixam Maurício tenso e inseguro, com receio de falhar. Essa autocobrança se deve ao que Sócrates Nolasco denomina como “homem máquina”, ou seja, é preciso provar constantemente a virilidade, do contrário o sujeito entra em crise: “Como afirma Sócrates Nolasco (1995), as características socialmente prescritas para o papel masculino exigem que “um homem de verdade” seja viril, conquistador e competitivo sexualmente” (GOLDENBERG, 2000, p. 31).

O afeto e carinho que sente por Adriana, por exemplo, para ele, são fatores que contribuem para que não sinta desejo por ela. Além disso, é preciso pontuar que ele nunca havia estabelecido relações com uma virgem: “jamais havia deflorado uma mulher.” (2004, p. 633). Conseqüentemente a essa sensação de insegurança, o ato sexual se consuma com violência:

Adriana disse que ele a estava machucando, pediu que parasse, mas Maurício sabia que se não prosseguisse sem trégua seu pênis perderia enrijecimento e não endureceria mais naquela noite. E assim investiu com rapidez e brutalidade, sem se importar com os gritos de dor de Adriana (FONSECA, 2004, p. 633-634).

A atitude de Maurício se caracteriza por um egoísmo excessivo em razão de pensar somente em manter a ereção e não em proporcionar prazer a sua parceira durante a relação. Sua preocupação única foi não falhar como “homem”, sem se importar com o sofrimento de Adriana. Contrastando com isso, essa atitude não causa prazer em Maurício, e Adriana percebe isso: “‘Eu machuquei você, meu amor?’ [...]. Adriana, percebendo o tom angustiado da voz dele, respondeu, ‘não, meu bem’” (2004, p. 634). Essa sensação de mal-estar por parte de Maurício se deve à autocobrança, isto é, a necessidade de consumir a relação e com isso provar sua potência viril. O sentimento de angústia de Maurício é um indicativo da sua sensibilidade ao perceber negativamente sua atitude.

Maurício se apega a essa noção do homem que não pode falhar no momento em que sua virilidade é requerida, tentando esconder sua insegurança. Após a primeira relação com Adriana, ele decide não ter mais relações: “Maurício disse que seria melhor para ela que não fizessem mais nada naquela noite. Nem fizeram mais nada no dia seguinte” (2004, p. 634). A relação entre o casal começa a se desgastar antes mesmo da convivência. Doravante, o casal desiste de passar a comemoração em Paris, pois: “as cidades do mundo são concêntricas, isomórficas, sincrônicas, só existe uma e você está sempre na mesma; não tinha sentido sair de São Paulo e ir para outra cidade grande” (2004, p. 634). Então decidem fazer um *rafting* no rio Colorado, nos Estados Unidos.

Durante a viagem, Maurício dá alguns sinais de bloqueios psicológicos, tal como fazer necessidades fisiológicas em locais desconhecidos: “‘Você quer perguntar onde são feitas as necessidades fisiológicas, não é isso?’, disse Adriana, que conhecia Maurício havia tempo bastante para conhecer seus tabus” (2004, p. 635). O perfil de Maurício se delineia a partir de complexos psicológicos que se relacionam a sua reação inesperada durante o primeiro ato sexual com Adriana. Outro tabu é o de não tomar banho juntos: “Foram para o quarto e tomaram banho de chuveiro, um depois do outro. Eles nunca entravam no banheiro juntos, em seu apartamento novo em São Paulo cada um tinha banheiro próprio” (2004, p. 637).

O relacionamento entre os dois se demonstra a partir disso cercado por restrições e bloqueios de natureza pessoal. A divisão de espaços e a ritualização do sexo conferem uma automatização das ações, como se cada elemento precisasse cumprir uma determinada função. Não obstante, tais bloqueios psicológicos contribuem para o insucesso de uma relação sexual e amorosa saudável. Sobre isso, Mara Barasch afirma:

A falta de informação, grande mal que atinge homens e mulheres, perdura e transcende a disponibilidade para o amor. A desinformação faz parte do cotidiano de todas as camadas sociais. Inclui desde a ignorância da sexualidade do sexo oposto e do próprio, de maneira geral, até a ignorância dos sentimentos próprios e alheios, o que gera falta de comunicação e dificulta o conhecimento do potencial erótico dos parceiros. Isso pode dar origem à *inadequação sexual* entre casais, ou dificultar o entendimento de situações normais (BARASCH, 1997, p. 101).

O casal cria padrões comportamentais que, ao invés de contribuírem para um desenvolvimento da sexualidade dentro da relação amorosa, inibem ainda mais os parceiros, surgindo assim a inadequação sexual. Apesar disso, Adriana e Maurício tentam mais uma vez ter relações num motel em Moab:

Adriana deitou-se na cama ainda enrolada na toalha. Maurício deitou-se nu ao lado dela. Beijou e acariciou o corpo de Adriana. Nervoso, sentiu o suor umedecer-lhe o corpo. Como é que ele não conseguia se excitar com Adriana, uma pessoa que adorava e que possuía um corpo e um rosto mais bonitos do que os de qualquer outra mulher que conhecesse? Assim que conseguiu uma ereção, pulou sobre Adriana e, ansioso, introduziu apressadamente o pênis na vagina dela. Não demorou para que Adriana tivesse um orgasmo suave, o que a fazia suspirar delicadamente e relaxar os músculos do corpo. Depois, Adriana dormiu. Maurício, porém, com a mente perturbada, não conseguira fazer amor com Adriana (FONSECA, 2004, p. 638).

O personagem é constantemente torturado por seus pensamentos de autocobrança. O narrador lança mão do discurso indireto livre para criar em Maurício reflexões que questionam sua sensação de fracasso. Como pontua Mara Barasch, o personagem não entende como não conseguia se excitar com Adriana, demonstrando ignorância sobre si mesmo e também sobre sua parceira. A pressa com que realiza o ato sexual também evidencia o que a psicóloga denomina por “inadequação sexual”, visto que Maurício não está em momento algum preocupado com o ritmo sexual de Adriana. A consequência disso é um medo constante em cair na disfunção erétil: “Embora a inadequação sexual por si só não possa ser comparada com uma disfunção, é bastante comum que esta desencadeie tanto no

homem quanto na mulher depois de ambos arrastarem uma vivência sexual ruim durante anos” (BARASCH, 1997, p. 102).

Por conseguinte, já no Colorado, Maurício se distancia cada vez mais de Adriana, fugindo das circunstâncias que poderiam proporcionar uma atividade sexual:

Adriana levantou a cobertura da barraca e enfiou o rosto para fora.  
 “Você não vai entrar? [...]”  
 “Daqui a pouco eu vou”, respondeu Maurício.  
 Mas ele ainda ficou um longo tempo olhando o céu. Só queria entrar quando Adriana já estivesse dormindo. [...]. Maurício entrou cuidadosamente na barraca, certo de que Adriana já dormia.  
 “Por que você demorou tanto?” A voz de Adriana fez o corpo de Maurício tremer de susto.  
 “Você devia estar dormindo.”  
 “Estava esperando por você.” [...]. “Você não vai tirar essa roupa?”  
 “Estou com frio.”  
 Adriana enfiou a mão por dentro da camisa de Maurício e acariciou o peito dele.  
 “Estou muito cansado”, ele disse (FONSECA, 2004, p. 641).

Mesmo a personagem Adriana construída ficcionalmente como portadora de atributos que fazem com que seja considerada uma mulher bela, atraente e desejável por Maurício, ele se esquia das investidas da esposa, desculpando-se com o cansaço. Além disso, o susto que leva quando descobre que Adriana estava acordada demonstra como Maurício se sentia tenso em “falhar”. Por esse motivo, o personagem prefere manter distância da esposa. Por outro lado, Adriana novamente tenta ter relações com Maurício, mas sem sucesso:

Naquela noite os sofrimentos de Maurício foram ainda maiores. Adriana chamou-o para dormir, mas ele, entregue à sua amargura, juntou-se ao grupo que conversava em volta das lanternas acesas, [...]. Maurício só entrou na barraca muito tarde da noite, quando o acampamento já estava em total silêncio. Novamente Adriana estava acordada esperando por ele. O calor do corpo da mulher que ele amava e os seus carinhos recatados não lhe despertaram o menor desejo. Enquanto Adriana o acariciava ele imaginou, inutilmente, as mais ardentes cenas lascivas com Ludmila, com Cora, com Janete, com as mulheres despudoradas que freqüentavam o seu apartamento no centro da cidade (FONSECA, 2004, p. 642-643).

Maurício é mais uma vez apresentado como um homem experiente, com um acúmulo de experiências sexuais significativas. Entretanto, a qualidade dessas relações é questionável. O personagem consegue obter facilmente uma ereção a partir de relacionamentos ocasionais e sem compromisso. Tais relações, por serem superficiais, não demandam um aprofundamento no campo da afetividade. Já no

caso de Adriana, sua esposa, há uma imagem construída a partir de uma noção equivocada de “mulher respeitável” que o impede de desejá-la com intensidade. O modo como ele categoriza preconceituosamente as mulheres com que teve relações, como “despudoradas”, evidencia essa distinção em seu interior psicológico.

Desse modo, Maurício sente afeto por Adriana, mas abstrai a sexualidade da afetividade como se fossem elementos inconciliáveis. Sua incapacidade em relacionar essas duas esferas o conduz ao insucesso e à infelicidade conjugal. Na sequência da cena, Maurício acentua ainda mais sua frieza com Adriana:

Maurício afastou com rudeza o corpo de Adriana.  
 “Estou muito cansado.”  
 “Entendo.”  
 “Você não entende nada”, ele disse irritado. Adriana, que nunca fora tratada por ele daquela maneira, sentiu vontade de chorar (FONSECA, 2004, p. 643).

A rudeza torna-se um instrumento de autodefesa para um sujeito que se sente coagido diante da possibilidade de comprovação da sua impotência. Além desse medo, um dos maiores tabus de Maurício é saber ou ouvir assuntos relacionados às necessidades fisiológicas: “ele detestava ouvir e jamais mencionava assuntos ligados à eliminação de resíduos orgânicos” (2004, p. 640). No dia após o desentendimento, o casal aparentemente não se comunica e mantém distância um do outro. Maurício não consegue entender as razões da sua impotência: “pensou no que estava fazendo naquele lugar, sofrendo por não conseguir fazer amor com a mulher que amava, uma mulher jovem e linda que desejava ansiosamente ser possuída por ele” (2004, p. 643).

De alguma maneira, os sofrimentos de Maurício estavam relacionados à imagem idealizada que Adriana produzia em sua mente. Essa ligação com o fato de não poder ouvir sobre assuntos que tratam das necessidades fisiológicas bloqueavam a atração que poderia sentir pela esposa:

Que inferno, nem mesmo conseguira defecar, com nojo da privada instalada no mato. [...] Maurício encontrou a caixa com a haste espetada no solo vazia. Alguém estava usando o sanitário. De onde estava não podia ver o local do vaso. Ficou em pé, ao lado da caixa, esperando. Então surgiu Adriana com o rolo de papel higiênico na mão. [...].  
 “Estou morrendo de vergonha. Não esperava que você fosse lá logo depois de mim, você estava almoçando, que chato.” Fez uma pausa. “Você não ficou chocado?”  
 “Fiquei. Mas agora, vendo você, não estou mais” (FONSECA, 2004, p. 643-644).

O bloqueio de Maurício aparentemente estava concatenado ao modo como olhava e percebia Adriana, ou seja, de maneira não natural. Após tê-la encontrado utilizando o aparelho sanitário e ver os seus resíduos, o personagem passa a enxergá-la como uma mulher de fato, isto é, em toda a sua complexidade natural ou como qualquer outro ser humano. Assim, os tabus que assombravam Maurício são quebrados:

Naquela noite Maurício entrou na barraca antes de Adriana. Ela ficou do lado de fora, olhando as estrelas. Maurício enfiou a cabeça para fora e perguntou, “você não vem deitar?”. Adriana entrou na barraca. Maurício tirou a roupa dela delicadamente, depois se desnudou também, feliz com sua virilidade latejante. Deitaram-se e ele beijou Adriana na boca, sorvendo a saliva dela, e pacientemente percorreu com a língua as mais recônditas partes do corpo da mulher que amava, pois sabia que tinha tempo e que o seu desejo por ela se tornara inexaurível. Depois possuiu-a em um ardor que nunca tivera, e esperou que os braços e as pernas da sua mulher se enlanguessessem no gozo para fruir aquela comunhão com um deleite que não imaginava pudesse existir (FONSECA, 2004, p. 644-645).

A maneira como Maurício olhava para Adriana, isto é, de forma distanciada da realidade, não proporcionava satisfação ao casal, ao contrário, apenas sofrimento e angústia. Maurício era assombrado pelos medos que colocam em xeque a sua percepção sobre sua própria masculinidade, não entendendo como poderia funcionar com mulheres que não amava, enquanto que com Adriana, a quem amava, a relação simplesmente não ocorria de maneira satisfatória. O conto termina com um final feliz, descrevendo como o casal aproveitou o resto da viagem de núpcias:

O *rafting* pelo Colorado continuou por mais alguns dias. Todas as noites, Adriana e Maurício eram os primeiros a se recolher ao recesso da barraca. [...] O rio estava lá, fluindo sem parar, e as estrelas brilhavam na abóbada celeste, mas Adriana e Maurício só queriam saber das novas alegrias que o amor lhes proporcionava (FONSECA, 2004, p. 645).

O amor, diante desse panorama do conto, é representado de uma maneira positiva, pois evidencia uma superação dos bloqueios psicológicos do casal, principalmente de Maurício, para depois demonstrar como eles estavam concatenados à projeção de um amor não natural que impedia uma relação sadia. A maneira como Maurício se cobrava, por outro lado, é um sinal significativo do afeto que sentia por Adriana e também por não conseguir satisfazer sua parceira. Isso demonstra uma mudança positiva nos padrões sexuais masculinos, pois a

insegurança, a rudeza e a rapidez com que realizava o ato sexual deixam lugar para o carinho, o afeto, o amor e a atração que Maurício passa a sentir pela esposa.

As fezes de Adriana, portanto, marcam uma virada no conto, pois tal elemento, simultaneamente degradante e humano, conecta-se ao amor e à sexualidade, proporcionando uma modificação do perfil masculino de Maurício. Ao vislumbrar os excrementos da moça, Maurício não sentiu nojo, embora tenha ficado chocado. Isso possibilitou ao personagem modificar seu modo de se comportar, que era excessivamente respeitoso em relação à Adriana. Ao perceber que sua esposa era tão “mulher” quanto qualquer outra, Maurício vence seus tabus e passa a ter uma relação sadia com Adriana.

O próximo conto, “Shakespeare” de Rubem Fonseca, foi lançado pela primeira vez em 2002 na coletânea intitulada *Pequenas criaturas*. Nesse conto, também temos uma abertura dos homens à sensibilidade afetiva, porém construída e conduzida de forma um pouco diferente. O narrador em primeira pessoa, cujo nome é Salustiano Gonçalves, narra sua trajetória de amor insatisfeito. Num primeiro momento, Salustiano conta sua vida íntima com Emília: “Emília era uma bela jovem com quem eu mantinha uma relação amorosa. Não morávamos na mesma casa. O casamento, ou outra coisa parecida, não faz bem aos amantes” (FONSECA, 2004, p. 792). Esse último detalhe trazido por ele é um dado importante para o estabelecimento de uma relação que aponta para mudanças no quadro relacional dos sujeitos.

A relação entre Emília e o narrador se baseia numa perspectiva inovadora, pois ambos estão juntos, mas não moram na mesma casa. Além disso, Salustiano ainda é mais incisivo quando categoricamente afirma que “o casamento não faz bem aos amantes”. Esse discurso do protagonista revela uma opinião pessoal e negativa sobre um relacionamento em que o casal reside na mesma casa. Esse dado é importante, pois revela o casamento como uma instituição formal que não se associa ao amor para o personagem em questão.

O amor, no caso de Salustiano Gonçalves, persiste à medida que ele e sua parceira não permanecem juntos, como se isso caracterizasse uma garantia de que o amor não morrerá. Existe no pensamento do personagem a noção de que permanecer junto, casado ou não, configura o fim do amor, ou seja, sua morte. A distância, dentro de tal perspectiva, é o que faz com que o amor continue vivo.

Nesse sentido, constata-se que homens, com opiniões semelhantes ao do personagem, acreditam que existe essa separação entre amor e casamento. Como já analisado anteriormente, na Antiguidade de fato havia tal separação. O amor-desejo era um tipo de paixão execrada socialmente. Com o iluminismo e o romantismo, o amor-desejo passa a caracterizar um novo valor e algo positivo para o próprio casamento. Dessa forma, houve uma junção entre amor-desejo e casamento. Não que os casamentos que se formaram na Antiguidade ou mesmo na Era medieval carecessem de afetividade, mas sim como o amor, naqueles tempos entendido como desejo, precisava ser cerceado. Essa maneira de amar era proibida. É esse amor-desejo que morre pela rotina, segundo a perspectiva do personagem Salustiano Gonçalves.

Ao que parece, Salustiano pretende continuar amando Emília dentro desse espectro de amor enquanto desejo. Casar ou ficar juntos equivale a matar o amor para ele. A narrativa revela isso, quando Emília descobre um escrito de Salustiano, que exercia a profissão de escritor: “Você escreveu que o amor, como a borboleta, tem uma curta vida de esplendor. Nosso amor está acabando?” (FONSECA, 2004, p. 792). O narrador não responde à indagação e na sequência pontua alguns sonhos alimentados por Emília: “sonhava casar comigo e, como todas as mulheres, ter filhos” (2004, p. 792). Esse sonho por parte da moça não é alimentado da mesma forma por ele. A discussão se aprofunda na sequência da cena:

“Gostaria de ter uma namorada escritora, doutora em letras?”

“As que conheço são feias e chatas. Não possuem, como você, as necessárias qualidades físicas” [...]

“Você ainda vai encontrar uma”

“É uma profecia?”

“Não, uma maldição” (FONSECA, 2004, p. 792).

O narrador protagonista conta como, no dia seguinte à cena, essa “maldição” proferida por Emília se cumpre. Salustiano vai sozinho a uma churrascaria e encontra alguém que conhecia de uma festa passada. Esse encontro tem um impacto no personagem que se espanta com a possível realização do que Emília dissera anteriormente:

Estava devorando uma picanha com farofa quando uma mulher linda se aproximou da mesa.

“Você é Salustiano Gonçalves?”

Ela vai dizer que leu meus livros, pensei. [...]

“Fomos apresentados na festa da Carmita, lembra?” [...] “Soube, na festa da Carmita, que você era especialista em literatura elisabetana e como me doutorei nessa área fui lhe perguntar algo sobre o Webster. Você me respondeu de maneira muito rude.” Eu estava perplexo. Encontrar uma mulher daquelas, doutora em letras, numa churrascaria? Que coincidência mais diabólica. [...] Sentamos, comemos churrasco e falamos sobre Webster, Shakespeare evidentemente [...]. A profecia de Emília se realizara (FONSECA, 2004, p. 793).

A necessidade de uma nova conquista impele Salustiano para a concretização da “maldição” de Emília. Conseqüentemente, Salustiano rompe seu relacionamento com Emília e inicia um novo com essa moça, doutora em letras, chamada Lucimar. Ele descreve o rompimento com Emília:

Emília, ao contrário da doutora em letras, era muito introvertida, mas nossa relação era a melhor possível, sob todos os aspectos. Emília era meiga e sua bondade não tinha limites, deixei de beber graças a ela e sentia-me feliz ao seu lado. Mas me apaixonei pela mulher da churrascaria (FONSECA, 2004, p. 793-794).

O conto propõe uma reflexão sobre a facilidade com que Salustiano se envolve emocionalmente com outra mulher. Isso não surpreende se entendermos que esse é um comportamento corriqueiro na atualidade. O homem em face do amor, na contemporaneidade, em muitos casos age de modo similar à medida que está envolvido com uma mulher e desgosta com facilidade, assim como gosta do mesmo modo. No contexto dos relacionamentos rápidos, esse é um dado ficcional interessante para análise desses comportamentos.

A ruptura do relacionamento anterior não foi problemática, no sentido de um litígio. Salustiano e Emília são personagens pertencentes a um universo ficcional relativo a uma sociedade sexualmente liberada e, por isso, rompem sem maiores problemas. Os impactos psicológicos narrados também são construções ficcionais que evidenciam como os personagens foram afetados pela ruptura amorosa: “Não foi só Emília que sofreu, quando rompemos. Não vou entrar em detalhes, foi tudo muito doloroso para ambos. Quando penso nisso, sinto sempre um aperto no coração” (FONSECA, 2004, p. 794).

O comportamento de Salustiano, em sentir a dor da ruptura de um relacionamento afetivo, é um sintoma importante para a apreensão de uma mudança de comportamento masculino. O narrador não se caracteriza como um homem frio e indiferente frente aos sentimentos. Embora esteja inserido num contexto de relacionamentos fugazes, Salustiano desenvolve uma carga de afetividade com as mulheres que se envolve. Uma ruptura em uma relação, para ele,

não se apresenta como algo simplesmente fácil de executar. Assim, a relação com Lucimar se inicia:

Lucimar era professora numa dessas faculdades de letras. [...] Uns quinze dias após irmos para cama, Lucimar sugeriu que morássemos juntos [...]. Nunca pensei em morar com nenhuma mulher, mas Lucimar mudou-se para o meu apartamento e aceitei a situação (FONSECA, 2004, p. 794).

O modo frívolo com que Salustiano narra seu encontro com Lucimar, seja classificando-a como “a mulher da churrascaria” ou como “professora numa dessas faculdades de letras”, demonstra o seu perfil irônico. Essa maneira de tratar Lucimar, ou seja, sem levá-la muito a sério, evidencia o quanto uma relação pode significar para ele. Desse modo, ao contrário do que se poderia esperar, a relação com Lucimar não era tão boa quanto a anterior. O casal começa a se desentender a partir das discussões propostas por Lucimar sobre gêneros:

“Você leu? Shakespeare foi escolhido o *Homem* do milênio. Você não odeia essa coisa de o *homem* disso e o *homem* daquilo?”  
 “Você prefere a *pessoa do ano*, como fazem os americanos politicamente corretos?”  
 “A pessoa notável nunca é uma mulher.”  
 “A Musa do Verão nunca é um homem.”  
 “Estou falando sério. Você acha que não podiam escolher uma Mulher do Milênio? Em mil anos, não houve uma mulher que merecesse essa honraria?”  
 “Bem, acho que transcorridos os próximos mil anos vão eleger certamente a Mulher do Milênio. Quer dizer, a *Pessoa do Milênio*” (FONSECA, 2004, p. 795)

Salustiano prefere se esquivar das discussões que cercam a relação entre homens e mulheres. A pauta das questões de gênero não é um assunto de sua preferência ao qual pretende permanecer alheio ou indiferente. Lucimar continua atacando a premiação de Shakespeare como “homem do milênio” e também como figura masculina negativa: “A palavra homem era proferida por Lucimar como se fosse uma obscenidade repugnante” (2004, p. 796). A postura de Lucimar é equivalente à de uma mulher consciente das conquistas femininas e, por essa razão, crítica à premiação de um autor que ela considera machista. O narrador, por outro lado, sai em defesa do escritor:

“Lucimar, você parece um desses detratores furibundos de Shakespeare, felizmente poucos, que o chama de verborrágico, antifeminista, reacionário, um plagiário que teve sorte de viver numa época propícia à sua astúcia criativa.”  
 “É isso mesmo. Agora chega, cansei desse assunto.”  
 “Não vamos brigar por causa de Shakespeare.”  
 “Você não passa de um machista preconceituoso.”

“Vocês vão ser as donas deste milênio que está começando”  
(FONSECA, 2004, p. 796).

A posição de Lucimar se explica em razão de sua militância em favor da causa feminista. Salustiano, por outro lado, prefere permanecer indiferente a essas questões. Essa indiferença frente ao assunto é entendida por Lucimar como “machismo”. Entretanto, em momento algum o narrador rebaixa as mulheres, apenas não vê problemas na premiação de Shakespeare. A obsessão de Lucimar por esse assunto somado à indiferença de Salustiano leva o relacionamento a um desgaste muito mais rápido do que se poderia supor. O narrador convida Lucimar para ir até uma churrascaria ao que ela responde: “Vai à merda. Quem é Emília?” (FONSECA, 2004, p. 797). Emília ressurgue na narrativa, desta vez motivando um pretense ciúme por parte de Lucimar. Salustiano prefere se fazer de desentendido:

“Sei lá quem é Emília. A do Monteiro Lobato?”  
 “Ontem uma moça veio aqui, queria apanhar um livro. Disse que o nome dela era Emília.”  
 “Não tenho a menor ideia de quem seja.”  
 “Sabe que livro era?”  
 “Não sei do que você está falando.”  
 “Eram os sonetos de Shakespeare” (FONSECA, 2004, p. 797).

Do mesmo modo que um relacionamento foi quebrado em razão da menção a uma doutora em letras por parte de Emília, agora é a vez de Lucimar romper o relacionamento em razão de Shakespeare. A discussão iniciada pela professora se deve não apenas à questão de gênero, pontuada por ela, mas também motivada pelo ciúme da relação anterior de Salustiano. Shakespeare, personalidade do período elisabetano cujo nome imprime o título do conto, se tornará o estopim para o fim da relação. Lucimar descreve a cena que teve com Emília: “Ela entrou e disse, os livros de Shakespeare estão todos juntos, eu posso achar o meu. E foi procurar os sonetos do *homem*. Mas eu fui mais rápida e achei o livro antes. Tinha uma dedicatória: Para Emília, meu amor para sempre, Salustiano” (FONSECA, 2004, p. 797).

O principal motivo da discussão é o ciúme de Lucimar. O ciúme somado à discussão desgasta a relação entre os dois de modo contínuo e sem trégua. Salustiano tenta apaziguar a situação, mas Lucimar permanece irredutível:

“Não existe amor para sempre, o amor tem a vida de uma borboleta...”

“Você chama a mulher de meu amor para sempre e não sabe quem ela é?”  
 “Ela levou o livro?”  
 “É isso o que você tem a dizer? Em vez de responder, faz uma pergunta? Além de mentiroso, maquiavélico?”  
 “Quando penso que tudo isso começou porque o Shakespeare foi escolhido o Homem do Milênio...”  
 “Isso apenas ajudou, seu idiota” (FONSECA, 2004, p. 797-798).

A questão colocada por Salustiano no início dessa citação que aponta para a noção de que “não existe amor para sempre”, de fato se configura em sua vida pessoal, à medida que seus relacionamentos são rápidos e se desfazem com muita facilidade. O narrador pensa que o término do seu relacionamento se dá a partir da menção ao Shakespeare, porém a própria Lucimar afirma que “isso apenas ajudou”, ou seja, foi a combustão dos ciúmes dela. A professora, a partir desse evento, rompe sua relação com Salustiano: “Lucimar não mora mais comigo. Levou, junto com seus livros, uma porção dos meus, os melhores e mais raros. Indenizou-se” (FONSECA, 2004, p. 798).

É preciso, contudo, considerar que Salustiano em momento algum quis a ruptura do relacionamento. As juras de amor para sempre à Emília, encontradas no bilhete interior ao livro, de algum modo provocaram uma insatisfação em Lucimar. Possivelmente isso se deve ao fato de a professora não compreender uma atitude muito localizada num tempo em que Salustiano talvez acreditasse mesmo que Emília era seu amor eterno. No entanto, com esse clima de instabilidade nos relacionamentos, o amor passa a ter um prazo de validade.

Por outro lado, isso também demonstra que as juras e as palavras dadas não possuem mais a mesma força e o mesmo valor que supostamente possuíam no momento em que foram ditas. Não se quer aqui ponderar juízos de valor sobre as atitudes de Salustiano, em dizer ora algo e desdizer posteriormente, apenas constatar que, de fato, juramentos de lealdade eterna não possuem mais a mesma força que no passado talvez tivessem. O narrador se configura como um sujeito inserido numa sociedade em que o amor e o sexo se tornaram valores fundamentais e, por isso, são explorados de maneira contínua. Desse modo, explicam-se as razões que levam os sujeitos às rupturas de relacionamento sem uma duração mais significativa.

A questão ainda se situa, de alguma maneira, no problema concernente à infidelidade masculina. Embora Salustiano não tenha traído Lucimar, sua falta de sinceridade com as palavras desencadeia essa crise. Sobre isso, Pascal Bruckner

(2014, p. 120) constata também que uma das causas mais apontadas como promotor do fim dos relacionamentos é o adultério. Numa sociedade sexualmente liberada como a nossa, o adultério ainda sofre ataques, de modo que, para poder se relacionar com Lucimar, Salustiano precisa antes romper com Emília. Se anteriormente o adultério era atacado em nome dos “bons costumes”, atualmente é atacado em razão da falta de sinceridade do outro. Nesse sentido, o adultério ainda é o principal motivo para as separações. No contexto atual, a traição passa a significar sinônimo de fracasso pessoal no campo das relações (BRUCKNER, 2014, p. 121) ou de impotência, embora não signifique necessariamente isso. Desse modo, para se manter forte, Lucimar rompe sua relação com esse homem infiel, no sentido de não ser sincero com as palavras.

Lucimar, por sua vez, não sai dessa relação de mãos vazias, pois leva consigo os melhores livros de Salustiano. Isso de algum modo tem a ver com o que Pascal Bruckner aponta como as indenizações pós-ruptura. As relações passam pelo crivo da lógica do mercado e, por isso, é preciso uma compensação, uma vez que o escritor “lesou” sua confiança. O amor é entendido, assim, dentro de uma perspectiva mercadológica. O compromisso que pode emergir da relação amorosa na atualidade é atravessado por conflitos de interesses pessoais, levando a relação para um campo cada vez mais individualista.

Por exemplo, numa eventual ruptura dessa relação, dentro de um possível divórcio, aquele amor, anteriormente sacramentado pelas juras, sofre um revés, considerando que a palavra dada dificilmente poderá ser cumprida. O amor, na configuração do contexto atual, comumente apresenta degradações decorrentes da vida em comum, como se fosse uma batalha diária. Os sentimentos transmutam-se em ressentimentos, em troca de ofensas, que conduzem à separação e ao divórcio, na maioria dos casos:

O amor integra-se à linguagem sob forma de negócio: uma conta é aberta na qual os papéis de credor e devedor se invertem permanentemente. Caso um dos dois, ao estimar seu balanço, acredite estar sendo roubado, o equilíbrio se rompe. [...] Esse sacrifício, porém, exige reembolso e se possível com juros. [...] Os amantes por vezes se conduzem como usurários que emprestam o coração a crédito e capitalizam sem piedade as faltas. Fazer o outro pagar: a expressão deve ser entendida ao pé da letra. O dinheiro exigido como compensação deve reparar o narcisismo do que se sente prejudicado, que consentiu em fazer grandes sacrifícios e reclama os atrasados. O cofre de sofrimentos é escancarado: você fez de mim o que quis, eu lhe dei meus melhores anos. Em uma época que baniu o dinheiro do domínio amoroso, as exigências monetárias retornam com força para apagar as feridas morais (BRUCKNER, 2014, p. 86-87).

Simultâneo ao fato de o amor na atualidade ter supostamente banido o dinheiro, que anteriormente era o alicerce dos antigos contratos nupciais, é o fato de que o divórcio capitalizou o rompimento da relação amorosa. A separação dos bens adquiridos, as indenizações, e outras maneiras de compensação, significam que se o casamento é o campo amoroso por excelência e que, por esse motivo, não pode sofrer a interferência dos interesses daqueles que detêm os bens – antigamente, os pais dos noivos –, o divórcio paradoxalmente possibilita pensar como o casamento na atualidade se tornou uma aposta arriscada em que muitos têm medo de sair perdendo. Essa reparação para Lucimar não se dá em dinheiro, mas sim nos bens mais preciosos para o escritor, isto é, seus livros raros.

Embora o relacionamento não tenha se caracterizado como um casamento, no sentido mais formal e contratual do termo, ambos levavam uma vida a dois. Os relacionamentos se desgastam pelos ciúmes e pelas discussões, conduzindo os sujeitos a uma insatisfação permanente. Esse é o caso de Salustiano também. Embora não tenha rompido com Lucimar, pois o rompimento foi iniciativa dela, Salustiano se apresenta como um sujeito que não acredita no amor como um sentimento contínuo, visto que sua vida é como a de uma borboleta para ele.

Isso se demonstra a partir dos próprios pensamentos de Salustiano Gonçalo sobre Emília:

Não arranjei nenhuma nova namorada. Eu pensava constantemente em Emília. Era amor, o que eu sentia por ela. Incrível, só agora eu percebia o que havia perdido. Tentei uma reaproximação. Queria me casar com ela, ter filhos, me tornaria vegetariano, mas Emília nem sequer me deu a oportunidade de lhe dizer isso. A única coisa minha que Emília queria eram os sonetos de Shakespeare que eu lhe havia dado (FONSECA, 2004, p. 798).

O narrador descreve o quanto sentia amor por Emília, o que contrasta com a frase dita anteriormente em relação a Lucimar: “me apaixonei pela mulher da churrascaria” (FONSECA, 2004, p. 794). A facilidade com que ele ama e deixa de amar, mais uma vez, aponta para essa instabilidade emotiva dos sujeitos. A afetividade se desenvolve, porém, de maneira fugaz e não contínua. Ao pensar em Emília, Salustiano, por outro lado, resgata determinados valores que até então não pretendia alimentar: ter filhos com Emília e formar uma família.

Para o narrador, esses valores, de algum modo, apontam para o que acredita ser, talvez, um verdadeiro amor, à medida que ele acredita que a ama efetivamente.

Contudo, o maior problema para Salustiano é o fato de Emília aparentemente não querer mais nada com ele, não dando chances para que ele declarasse novamente o seu amor. Os sonhos e as ilusões do escritor se esvaem do mesmo modo que seus relacionamentos sem consistência. Da mesma forma com que o conto se inicia, termina com a seguinte reflexão: “O amor: a vida de uma borboleta ou de uma tartaruga? Que frase cretina” (FONSECA, 2004, p. 798).

É possível, no entanto, que Salustiano esteja sendo apenas leviano mais uma vez. Sua sede por conquistas parece mover a relação entre o personagem e esse sentimento. Com efeito, conquistar a moça da churrascaria parecia ser encontrar o amor numa relação onde não estava mais, ou seja, com Emília. Ao conquistar Lucimar e perdê-la mais adiante, Salustiano ressuscita seu amor por Emília. Porém, é preciso tentar reconquistá-la para aplacar seu anseio amoroso, embora o conto se encerre com Salustiano só.

A postura demonstrada por Salustiano esboça um quadro de mudanças no que concerne ao comportamento masculino. O narrador não trata, ao menos afetivamente, suas parceiras como objetos, mas demonstra algum carinho por elas. Embora o conto não aprofunde essa questão, o afeto que Salustiano alimenta por Emília é incontestável. O mesmo não se pode afirmar em relação a Lucimar pela maneira rápida com que se deu a ruptura. O fato de os relacionamentos do escritor não comprovarem uma durabilidade em nada aponta para a carência de afeto masculino.

Retomando Pascal Bruckner, o amor para ele (BRUCKNER, 2014, p. 74) não é um sentimento espontâneo, mas é inculcado como um código pela família e perpetuado pela sociedade. Esse sentimento pode ser depreendido como uma perturbação que o outro causa em mim e, por conseguinte, é preciso fazer cessar a causa dessa mesma perturbação. O amor declarado exige uma resposta que, conseqüentemente, pode resultar em um compromisso. O problema maior consiste na seguinte questão: ama-se até quando? O “para sempre” romântico, que poderia dar resposta a essa pergunta, exige uma confiança na qual nem todos estão dispostos a apostar. O juramento que marcava o amor para sempre hoje é relativizado, principalmente com a postura de Salustiano.

O amor e sua antiga fórmula “eu te amo” hoje não se apresenta mais como um sentimento de significação absoluta. Ao contrário, Bruckner entende que: “Eu te amo: fórmula substituída por excelência, o que não quer dizer que seja falsa, mas

que é indecisiva” (2014, p, 85). Para os padrões atuais, essa fórmula transformou-se num problema que a maioria quer evitar, ou seja, a dificuldade em sustentar uma relação de longo prazo.

Em última análise, é preciso pontuar que essa facilidade com que os relacionamentos se desfazem se deve muito mais ao contexto social que corrobora com essas ações que necessariamente a uma atitude machista por parte do personagem, bem como às insatisfações e anseios projetados pelos sujeitos que idealizam o amor. Isso não significa necessariamente à falta de afeto, pois o escritor não trata as mulheres como objetos descartáveis, no caso deste conto. Por outro lado, é preciso considerar que a narrativa, à medida que o personagem de Salustiano se enquadra num contexto em que a liquidez das relações dita a durabilidade dos relacionamentos, corrobora com a atmosfera de instabilidade amorosa e afetiva.

### 3.4 AMOR, SENSIBILIDADE E ADULTÉRIO EM MARÇAL AQUINO

O conto “Bianca 17”, publicado pela primeira vez em 1999, na coletânea *Amor e outros objetos pontiagudos*, narra em primeira pessoa a trajetória de um escritor que persegue o tema da infelicidade amorosa nos relacionamentos entre homens e mulheres. O narrador, cujo nome não é revelado, conta, na segunda parte da narrativa, o seu relacionamento com Elsa. A personagem feminina em questão gostava de discutir as cenas escritas pelo narrador, de modo que essas discussões criam visões sobre o amor por parte do homem (narrador) e da mulher (Elsa).

Uma das questões discutidas trata das cenas de sexo dos livros do narrador. Ele descreve suas cenas em uma linguagem mais crua, natural e objetiva, enquanto Elsa prefere cenas mais poéticas:

Elsa costumava implicar com as cenas de sexo em meus livros, classificando-as de cruas demais. Antipoéticas, ela dizia. Prefiro chamar as coisas por seus nomes, eu retrucava. Sem um pouco de poesia, a cena não passa de um mero registro de um ato animal (Elsa) (AQUINO, 1999, p. 83).

Essa preferência de Elsa, por palavras que descrevam as cenas de sexo de modo mais ameno, é vista pelo narrador como uma tendência romântica. Já para o

narrador, o sexo deve ser descrito com máxima objetividade e naturalidade: “O que queria Elsa? Que eu dissesse que meus personagens estavam se entrelaçando num redemoinho de cores e sons, com o mar sussurrando ao fundo, ou se engolfando num abismo de estrelas? Não, eles, em geral, estavam fodendo mesmo” (1999, p. 83-84). A forma com que o narrador entende o embate sexual está ligada a uma noção naturalista da relação. Para ele, isso não representa um problema, mas, para sua parceira, isso representa uma recepção conceitual própria de quem não acredita em amor no sentido naturalista:

No fundo, Elsa tinha uma visão romântica do embate sexual, enxergando-o como o momento mais elevado de uma relação amorosa. Para ela, o sexo sempre devia acontecer de forma delicada e lenta, à meia-luz, de preferência em camas limpas, como a mais profunda declaração de amor que uma pessoa pode fazer a outra (AQUINO, 1999, p. 84).

A presença de uma ritualização do sexo ou pela forma com que alguns entendem, como Elsa, que a relação deva ser conduzida, aponta para uma visão de “amor ideal” e o sexo como um ato “elevado”. Nesse sentido, Elsa manifesta uma preferência por isso, ou seja, por uma construção mais significativa ou poética da relação. A mulher também demonstra afetividade em relação ao narrador, enquanto ele aparenta não sentir nada, ao menos em suas palavras: “Tenho consciência de que em nenhum de meus livros se pode dizer que os personagens “fazem amor”. Afinal, pessoas infelizes fazem sexo por inúmeras razões – hábito, tédio, rancor, piedade. Menos por amor” (1999, p. 84). Desse modo, o escritor assume, ao menos nesse contexto, que seus personagens não fazem amor, apenas sexo.

Essa separação entre sexo e amor demonstra uma abstração própria de quem não crê na combinação entre afetividade e sexualidade, como se fossem campos completamente opostos. De fato, é possível o estabelecimento do ato sexual sem amor, porém o que Elsa quer provocar no escritor é uma reflexão sobre uma abertura amorosa e afetiva para o sexo. Além disso, a julgar pelo modo como ele se refere às “pessoas infelizes”, o narrador parece se incluir neste grupo. Por alguma razão desconhecida, ele se constitui a partir de um sujeito amorosamente infeliz. Por conseguinte, o narrador descreve sua primeira relação com Elsa:

A primeira vez que se vai para cama com uma mulher. Fazia três semanas que eu conhecia Elsa quando isso aconteceu, num prolongamento natural de uma relação sem sobressaltos. Num sábado, voltamos para a casa dela depois de almoço e seus

pais haviam saído. Elsa preparou chá e ficamos sentados no sofá da sala, ouvindo música. Beijos, carícias, gemidos. Houve um momento em que ela perguntou se eu não preferia namorar num lugar mais confortável. *Namorar*. Quando ela me conduziu pela mão até seu quarto, sabíamos o que ia acontecer. Elsa cerrou as cortinas, me abraçou e eu a despi. Eu não era seu primeiro homem – e sabia disso, pois já havíamos falado do assunto (AQUINO, 1999, p. 84).

Elsa é apontada como uma mulher sexualmente experiente, mas que entende que, para que consiga estabelecer uma relação minimamente satisfatória com o parceiro, seja necessário não abrir mão das preliminares do jogo amoroso. Desse modo, ela é uma mulher que não desvincula os âmbitos afetivo e sexual, considerando o sexo como uma ação potencial e significativa para o amor. O escritor, por outro lado, também é experiente, mas não estabelece esse vínculo:

Quando terminamos, ela usou as duas mãos para segurar meu rosto próximo ao seu e sussurrou que me amava. [...] Em outras ocasiões, eu também disse a Elsa que a amava. Mas naquele momento apenas a beijei e fiquei em silêncio. Eu a desejava, e o fato de termos ido para a cama me deixou feliz, mas ainda não a amava. [...] Quando nos despedimos, ela tornou a dizer que me amava. E, para não ter de retribuir a declaração, eu sorri e a apertei num abraço (AQUINO, 1999, p. 84-85).

O escritor não quer assumir um sentimento que, para ele, é problemático, tal como o título da coletânea, como um “objeto pontiagudo”. O amor, de alguma maneira, é visto como algo negativo por parte dele. Considerando ainda que ele conta suas cenas com Elsa, usando os verbos no pretérito, a ideia de que eles podem ou não estar juntos é colocada em dúvida. Apenas posteriormente, ao descrever cenas sexuais de maneira crua, Elsa é apontada como ex-mulher do escritor na narrativa: “As inevitáveis secreções decorrentes do ato eram detalhes que minha ex-mulher sempre preferiu não ver mencionados, ao menos em literatura” (1999, p. 84).

A narrativa se passa no presente de um tempo em que o escritor não está mais ao lado da esposa. O conto se estrutura em três partes. Na segunda parte, o narrador conta sua relação com Elsa e os verbos estão marcadamente no pretérito. Assim, ele encerra a segunda parte do conto: “É verdade que em várias ocasiões nos últimos anos, eu declarei amor por mulheres a quem apenas desejava. Da mesma forma, em momentos extremados, ouvi frases apaixonadas de mulheres que nem meu nome sabiam direito” (1999, p. 85). Essa atitude de declarar amor sem ter qualquer sentimento sobre a outra pessoa torna-se comum em relacionamentos

passageiros. A banalização da expressão “eu te amo” demonstra como ela perdeu seu significado para o narrador.

Na primeira parte, introdutória do conto, o escritor apresenta um diálogo simples e breve com uma mulher que não se sabe quem é. De alguma maneira, essa mulher é diferente de Elsa e guarda semelhanças com a mesma com quem o escritor mantém relações na terceira parte do conto. O tempo verbal da primeira parte está no presente, assim como a terceira parte, o que fornece uma pista de que essas mulheres são uma única e mesma pessoa. Na segunda parte, Elsa é descrita como uma mulher que guardava recato e pudor: “Ainda enrolada no lençol, (ah, o pudor daqueles tempos), Elsa foi ao banheiro” (1999, p. 85). Já a mulher da primeira parte não apresenta ligação com esses tabus: “Eu vou aparecer no seu livro?, ela pergunta. Talvez. Aí ela se levanta e diz: Ah, então deixa eu pelo menos me vestir. Não quero aparecer assim, sem roupa” (1999, p. 83).

Na terceira parte, o narrador passa a contar sua atual relação amorosa com os verbos no presente, levando a crer que a personagem “ela”, não nominada, seja uma parceira atual e não mais Elsa. A nudez para a mulher atual não é um problema, considerando que no momento do diálogo ela estava nua na presença do escritor. O “pudor daqueles tempos” de Elsa, pontuado pelo narrador, é marca de um tempo em que o sexo provavelmente sofria restrições de diversas ordens.

O nome da moça provavelmente seja o nome do título do conto, “Bianca”. O número dezessete talvez seja a idade dela. Percebe-se que “ela” era mais jovem que o escritor: “Digo que ela nem havia nascido ainda e eu já não acreditava em Deus” (1999, p. 86). Com efeito, fica patente que a moça em questão tenha uma idade consideravelmente menor. Entretanto, o número dezessete aparece em outra parte: “tenho horror a animais em geral desde que fui mordido por um cão, quando tinha 17 anos, e precisei tomar aquelas injeções todas” (1999, p. 87).

O escritor provoca a moça a estabelecer comparações entre seus trabalhos e de outros escritores: “A meu pedido, ela sempre tenta [...] um confronto com autores de romances que nunca serão exigidos em nenhum vestibular. E me pergunta porque esses caras esquisitos [...] preferem enrolar a ir direto ao ponto” (1999, p. 85). Nessa nova experiência do escritor, ele estabelece uma comparação indireta entre a análise de Elsa, sua ex-mulher, e de sua nova parceira. Elsa não gostava das suas descrições literárias naturais e cruas enquanto a moça critica

outros escritores por “não ir direto ao ponto”. As preferências ficam claras e as diferenças entre elas também.

Aparentemente, esse novo relacionamento é transmitido pelo conto de maneira mais positiva que o anterior. Há uma valorização maior do presente. O narrador apresenta-se como um homem amadurecido pelo tempo e pelas vivências. Ao construir uma relação com uma mulher mais jovem, o protagonista se sente mais propenso em aprender coisas novas. Ele apresenta, ainda, sensibilidade ao se abrir ao diálogo com a moça:

Num breve período da minha juventude me interessei por política. Mas o surto passou rápido, [...]. Como escritor, ela diz, acho que você tem obrigação de mostrar sua posição, de participar. Escrevo livros, digo, essa é minha forma de participação. Ela está séria quando pergunta se acredito mesmo que escrever histórias sobre homens e mulheres infelizes é uma maneira de participar (AQUINO, 1999, p. 86-87).

A moça é apresentada com um perfil questionador de alguém que ainda possui ideais e defende a necessidade de sustentá-los. O escritor se mostra receptivo ao ouvir com interesse sobre os seus pontos de vista. Além desse ponto, outros assuntos diversos, como religião e misticismo, estão na pauta do novo casal. As descrições narradas transmitem uma sensação de vigor e uma vida renovada por parte do escritor:

Graças a ela descubro que sou Rato no horóscopo chinês. E que, como nativo desse signo, não hesito em apontar os erros alheios e adoro criticar, bisbilhotar e fazer reparos. Tenho também tendência a ficar nervoso e ríspido. Enfim, um perfeito ranzinza, ela me classifica, sorrindo. Por outro lado, segundo ela, meu perfil astrológico faz de mim uma pessoa generosa com aqueles que me amam de verdade. E meu apego a minúcias justifica plenamente o fato de ser escritor. Digo a ela que, apesar de eu ter passado tantos anos em minha companhia, não havia atentado para esses detalhes. E prometo prestar atenção daqui por diante. É isso aí, ela diz (AQUINO, 1999, p. 87).

A cena é construída pelo escritor de maneira suave e carinhosa, em que a moça ensina coisas novas a um homem que, embora seja experiente, está disposto a aprendê-las. As banalidades da vida são valorizadas por ele, tais como ouvir horóscopos, etc., como detalhes importantes para a sua nova relação. A moça, ao contrário do que se poderia supor, também possui alguma experiência, embora não seja possível mensurar sua dimensão: “Conta que aos 12 anos beijou pela primeira vez [...]. Não me lembro do meu primeiro beijo. Mas tenho vagas recordações de uma prostituta com uma cicatriz enorme na barriga que me ensinou uma porção de

outras coisas” (1999, p. 87). O escritor compara positivamente as experiências dela, revelando a sua com uma profissional do sexo.

O narrador-personagem dá uma mostra de que é experimentado sexualmente, o que aponta mais uma vez para a questão das experiências sexuais masculinas e acumulativas desvinculadas de afetividade. Comparativamente, a personagem da moça é capaz de resgatar a memória do seu primeiro beijo aos doze anos. Já o escritor, nem ao menos recorda essa experiência. Lembra apenas vagamente de sua relação com uma prostituta.

Goldenberg, por exemplo, apresenta dados que tratam da quantidade e da qualidade dessas relações. Enquanto as mulheres apresentam números precisos sobre a quantidade de parceiros que tiveram ao longo da vida, os homens são mais evasivos utilizando termos como “não sei”, “milhares”, “algumas”, etc. Desse modo, para as mulheres, como a personagem do conto, a relação sexual é importante, enquanto para os homens, como o escritor, se reduz, na maioria dos casos, a uma ação banalizada: “Será que isso significa que o relacionamento sexual para o homem é menos importante do que para a mulher? Que os homens continuam dissociando o sexo da afetividade?” (GOLDENBERG, 2000, p. 31).

O perfil masculino do escritor, ao menos num primeiro momento, pode estar atrelado a uma indiferença afetiva em relação às suas parceiras sexuais. Isso pode indicar a marca ou sinal de uma possível idealização inconsciente de masculinidade marcada pela indiferença. De fato, o personagem geralmente se posiciona indiferente aos sentimentos: “Ou será apenas um discurso masculino sobre a sexualidade que busca enfatizar o não-envolvimento com as parceiras, podendo corresponder (ou não) à realidade?” (GOLDENBERG, 2000, p. 31).

Dessa maneira, Goldenberg corrobora com Sócrates Nolasco no sentido de entender que o papel masculino exige desse “homem de verdade”, isto é, que ele “seja viril, conquistador e competitivo sexualmente” (GOLDENBERG, 2000, p. 31). Para tanto, é preciso que esse sujeito sacrifique seu lado afetivo em nome dessa identidade. Por outro lado, o narrador-personagem já apresenta uma mudança significativa desse perfil.

Os gostos de ambos também são trazidos em momentos distintos do conto: “Gostamos do mar, é certo. Mas por motivos diferentes” (1999, p. 85); “Entretanto, ambos amamos o mar, ainda que por razões diferentes” (p. 88). As semelhanças e as diferenças não são empecilhos ou obstáculos, mas são compreendidas como

algo normal na vida conjugal. O escritor, mais maduro, entende que uma relação se baseia em proximidades e desencontros, sem maiores conflitos.

Essa aproximação dos gostos revela que o narrador sente um laço afetivo pela moça. Embora sua identidade se pautar na noção de desprezo pelos sentimentos, para ele, a relação atual não é apenas de mais uma experiência acumulativa – embora também possa ser –, mas ele transmite essa atmosfera como um produto de acontecimento especial. Ao trazer o mar, este é sempre um elemento portador de grandiosidade e de mistério. Essa caracterização do mar pode ser um indício de certo sentimento afetivo (amor?) pela moça.

A juventude e o aspecto alegre e jovial da moça, ainda que mostrados de forma indireta, são identificáveis por meio da leveza da narrativa. Isso se verifica na maneira como o escritor narra, como se ele fosse atingido por esse sentimento ao observar o comportamento da moça, embora não assuma o amor ostensivamente: “Ela coleciona brincos. Eu, incertezas diante da vida” (1999, p. 87). Essa incerteza diante da inconstância dos relacionamentos é o que justifica sua postura comedida diante desse sentimento complexo. Assim, o conto encerra com o escritor pautando novamente as infelicidades dos casais como tema para sua obra:

Solar, ela se move com graça na praia, em meio à sua tribo de gente bronzeada e tatuada. Com minha barriga de pelos grisalhos, prefiro caminhar pela areia em dias nublados. Ou mesmo com chuva. Quando posso então pensar com calma em alguma nova história em que homens e mulheres acabam irremediavelmente infelizes (AQUINO, 1999, p. 88).

A leveza do conto e o estilo da narrativa contrastam com as afirmações do amor por parte do escritor. O discurso sobre o amor é negativo quando ele concebe a criação das relações entre seus personagens, porém é positivo ao descrever sua experiência amorosa atual. O narrador procura em climas nublados ou chuvosos inspiração para a criação do amor como algo que provoca infelicidade nos casais. Essa imagem climática contrasta com a moça andando pela praia em dia ensolarado, em que esse clima parece mostrar as alegrias e felicidades proporcionadas pelo amor. Mesmo que não se trate de um amor “para sempre”, é importante relacionar que o carinho e o afeto estão presentes e são pontuados de forma indireta. O conto transmite esse sentido. Giddens denominaria como “o amor puro”.

O caso da transformação do relacionamento para o personagem do escritor se explica em razão da sua experiência com a moça mais jovem. Giddens entende que os jovens preferem evitar o termo casamento, substituindo-o por “relacionamentos” (GIDDENS, 1993, p. 68). O termo “relacionamento” passa a ser entendido por Giddens como “relacionamento puro”. O autor também desfaz uma eventual confusão semântica, uma vez que por amor puro não se entende pureza sexual, mas sim um relacionamento afetivo com relativo prolongamento em que um e outro extraem satisfações desse vínculo:

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (GIDDENS, 1993, p. 69).

Esse novo tipo de relacionamento se explica em razão do desinteresse. O interesse que marcou, por exemplo, os casamentos por conveniências – tais como os antigos contratos e alianças familiares, movidas por questões econômicas – ou, ainda, uma relação meramente casual, apenas sexual e fortuita, não é o fator preponderante para a relação. Há uma cumplicidade no sentido de que o casal se une, sem vincular-se com promessas e juramentos protocolares. O elemento preponderante, neste caso, é o laço afetivo que une um ao outro, dependente sempre da satisfação que um auferir do outro, mesmo que temporária.

Outro detalhe importante para análise da narrativa foi a presença da profissão do narrador, isto é, escritor. Ao trazê-lo como escritor, o conto cria um efeito de realidade, como se estivesse se referindo de fato ao seu criador, embora tal associação possa ser problemática e discutível. O título da coletânea transmite uma noção pessimista sobre amor, como se fosse um “objeto pontiagudo”, algo que fere e machuca. Assim como o título da coletânea, o conto “Bianca 17” apresenta um narrador-escritor esquivo diante do amor, como se com isso procurasse evitar os sofrimentos provocados por tal paixão. A terceira parte do conto, que lança mão do tempo verbal no presente, proporciona um realismo ainda maior nesse sentido, como se o leitor estivesse presenciando a cena, sem ela ocorrer em gênero dramático, o que seria mais comum.

Essa recusa em assumir o amor, em última análise, é significativa no conto. Considerando-se a perspectiva baumaniana, que vê a conquista amorosa acompanhada automaticamente pela morte do sentimento conquistado, é possível que, ao não se reconhecer o amor, tal atitude signifique se preservar de decepções e, portanto, manter o amor sempre vivo por meio da sua ocultação ou do seu segredo. Esse fenômeno que se encontra na atualidade, isto é, o medo ou a recusa em amar pelo receio da própria “morte do amor”, possivelmente, se deve a determinados traumas, decepções e frustrações que podem bloquear esse sentimento. Sobre isso, Laura Kipnis afirma o seguinte:

Dizer “não” ao amor não é apenas heresia, é uma tragédia: porque é uma espécie de falha nossa em realizar o que é mais essencialmente humano. E não é apenas trágico, mas anormal. [...] O diagnóstico? Só pode ser essa terrível doença moderna, o “medo da intimidade” (KIPNIS, 2005, p. 36).

O próximo conto de Marçal Aquino, “Rancor”, foi lançado na coletânea *Geração 90: manuscritos de computador* de 2001. O conto traz a trajetória de um casal que se apaixonou, mas após alguns acontecimentos, ao longo do relacionamento, deixaram de se amar. Segundo o narrador, a personagem feminina, não nominada, é uma fotógrafa: “Fotógrafa. No início, ele achava divertido esse lado dela: artista” (AQUINO, 2007, p. 21). Não se sabe com precisão qual a profissão do personagem masculino, que também não é nominado. É provável que ele seja cineasta: “Ele fizera um filme aos 22 anos. Amado pela crítica, ignorado pelo público. A partir daí, mergulhou na publicidade e colecionou prêmios. Falou-se muito sobre um roteiro que ele nunca deu por concluído” (AQUINO, 2007, p. 21).

O narrador do conto também parece estar num papel de entrevistador que passa as informações ao leitor. Em princípio, temos uma narrativa que se constitui a partir de outra narrativa anterior, ou seja, a entrevista. Os dados são, portanto, repassados pelo narrador. Há um distanciamento dos fatos narrados, em que o narrador transmite e relata apenas o que lhe foi contado.

Sobre o amor do casal, o narrador o expressa do seguinte modo: “Tinham se amado muito, eu sabia. A maior paixão que vi. Ela me contou que às vezes se imaginava bem velha, feliz, ou pelo menos esclerosadamente satisfeita da vida” (AQUINO, 2007, p. 20). O narrador enfatiza a questão do amor como algo profundo ao ponto de a personagem desejar envelhecer ao lado do seu parceiro. O tema do

“amor até a morte” surge a partir desse discurso. A palavra “morte” não é manifestada pelo texto, mas sim o modo como ela se imaginava “velha” ao lado do seu parceiro, o que pode carregar uma conotação próxima ou semelhante ao amor eterno.

A personagem, por sua vez, também conta ao narrador que esse era o desejo do parceiro: “Segundo ela, a maior declaração de amor dele: “Quero envelhecer junto de você”” (AQUINO, 2007, p. 56). Essas promessas de amor são importantes à medida que demonstra um padrão relacional próprio dos casais que acreditam em amores até a morte. Não que isso seja necessariamente um problema, visto que o desejo de permanecer juntos por aqueles que se amam pode ser entendido como algo desejável. Porém, o importante desse dado ficcional para a presente análise é como esse anseio se converte em decepção.

O amor apaixonado, estabelecido esteticamente a partir da criação do conto, cria nos personagens a necessidade e o conseqüente desejo de permanecer juntos. Esse amor-desejo se apresenta pela perspectiva das personagens como aquela forma de amor que obseda os sujeitos e que querem ficar juntos para sempre, até que a morte os separe. O problema maior do “até que a morte os separe”, ao menos em princípio, não foi a conotação antiga que tal fórmula sacramental possuía, mas sim o significado que ganhou em contextos mais recentes, como algo aparentemente impraticável.

Conseqüentemente, essa forma de amor passa por desgastes que o tornam diferente daquele no início da relação, de modo que o “até que a morte os separe” se torna “até a morte do amor os separe”. A personagem relata por que deixou de amar seu parceiro: “ela me disse, explicando por que deixara de respeitá-lo. Não levava a sério pessoas que abandonam o sonho para ganhar dinheiro. Ou, como disse seu analista, ela não conseguia amar homens que deixara de admirar” (AQUINO, 2007, p. 21). Com efeito, o discurso indireto do narrador pontua a ausência de amor por parte da fotógrafa pelo parceiro.

Um indício interessante dessa citação é a impossibilidade de a fotógrafa amar “homens que deixara de admirar”. Como já visto pelo texto de Chistine Bard, em “A virilidade no espelho das mulheres”, a imagem masculina do parceiro é construída também a partir de uma contrapartida feminina. Nesse sentido, a mulher deixou de amar seu parceiro em razão da admiração que nutria por ele. Essa projeção pode carregar consigo determinadas idealizações e fantasias que se desvanecem à

medida que o relacionamento se prolonga, com a convivência das falhas, vícios e defeitos de cada um.

Por outro lado, há também um indício interessante no discurso da mulher: “pessoas que abandonam o sonho”. Com efeito, ela acusa o parceiro de abandonar o sonho. Esse sonho pode ser entendido, num primeiro momento, apenas como a sua carreira, conforme é indicado no texto, contudo, também pode ser um indicativo do sonho do relacionamento perfeito. O sonho é desfeito à medida que o adultério masculino entra em jogo. Ela relata ao narrador: “Aí teve o caso dele com a modelo. Exageraram: apareceram até numa coluna social. (Eu estava fora do Brasil nessa época.) “Uma prostitutazinha anoréxica”, de acordo com ela” (AQUINO, 2007, p. 21).

Essa infidelidade masculina pode, de alguma forma, estar atrelada a um estatuto, marca ou sinal de virilidade. Sobre isso, Goldenberg citando João Silvério Trevisan (TREVISAN, 1998 apud GOLDENBERG, 2000, p. 30), entende que esse “donjuanismo”, essa busca incansável por novas aventuras, torna-se evidência de masculinidade em muitas culturas. Porém, o que chama a atenção na citação é o modo como esse comportamento infiel pode ser considerado um sinal ou marca de masculinidade e ao mesmo tempo ser atacado como sinal de desmoralização por parte de alguns homens. Entretanto, é importante salientar que essa perspectiva, de homens atacarem a infidelidade masculina, é algo recente, também indício de uma transformação desses homens.

A infidelidade ou traição, entretanto, é um elemento que está presente tanto no universo masculino quanto feminino. A diferença que a autora estabelece entre eles está na motivação. De acordo com ela, os homens estariam mais propensos à traição por vontade, atração física, desejo ou por não conseguir resistir. Já as mulheres seriam infiéis, na maioria dos casos, em razão de insatisfação, sexual ou afetiva, ou problemas no relacionamento. Além disso, Goldenberg (2000, p. 31) indica que o sentimento de culpa e arrependimento pela traição é mais presente no espectro feminino.

A “escapada”, ou em outras palavras o adultério discursivizado ao longo do conto, apresenta-se, em outro ângulo, como âmbito em que o sujeito acredita ainda poder encontrar o amor. Ao considerar que o amor “morreu” em seu lar, o sujeito procura-o no lado externo. Esse é outro risco apontado por Kipnis, visto que essa ideia ou noção de felicidade fora de casa pode ser, na verdade, apenas a procura por novas aventuras. Assim, a fidelidade, vista como valor positivo, ou a infidelidade,

vista como algo negativo, na sociedade contemporânea, são apenas conceitos flutuantes, pois são práticas comuns a ela. Em verdade, esse último é até mais praticado, embora o discurso seja sempre em defesa do verniz da moralidade.

Os temas da decepção e do adultério surgem desfazendo o sonho da relação ideal e perfeita. O adultério, por outro lado, não desencadeia uma separação, visto que a narrativa parece indicar que o casal permanece junto. Todavia, a mulher resolve se vingar do parceiro: “Retaliou: saiu com um amigo do casal, depois de uma festa. Não deu sorte: o cara não funcionou, culpou o uísque. ‘Eu procurando alguém que me desejasse e encontro um homem que me respeitava demais’” (AQUINO, 2007, p. 21).

O amigo relatado pela fotógrafa é uma construção ficcional interessante do espelho feminino que concerne a outro valor: o respeito. A impotência masculina novamente pode ser explicada devido ao excesso de “respeito”<sup>5</sup> do homem em relação à figura feminina. A mulher acusa o amigo de não “funcionar” por respeitá-la demais. A ausência de desejo por parte dele é a principal acusação que ela faz ao pretendente a amante. O importante dessa questão é a maneira como a virilidade masculina é cobrada pelas mulheres. A falha do homem se explica também à medida que é cobrado para que funcione de qualquer maneira e quando isso não acontece gera uma sensação de impotência e um possível mal estar.

De algum modo, isso também se liga àquilo que Nolasco denomina como o “homem máquina”, ou seja, o homem infalível de alta produtividade em que as falhas não são toleradas. O respeito, neste caso, pode ter sido o principal bloqueio psicológico do amigo em questão, talvez motivado pelo fato de ele ser amigo do casal. Outra questão é a maneira como ele é “usado” para aliviar a decepção da mulher em relação à traição do seu parceiro com a modelo “anoréxica”. Essa relação fugaz e casual, sem afetividade, é uma relação descartável, usada só para curar as feridas da traição do outro.

O narrador também relata o ponto de vista do parceiro em relação ao amor: “Só em filmes medíocres e nas novelas da televisão as pessoas que se amam terminam juntas. Na vida real é o contrário: quem fica junto são as pessoas que não se amam’, ele me disse” (AQUINO, 2007, p. 21). A fala do homem é sintomática no sentido de que o amor do casal está morto. Desse modo, o amor funciona

---

<sup>5</sup> No sentido de pudor ou castidade.

semelhante ao que Bauman entende por “morte do amor”, isto é, para o homem, o amor só existe quando o casal não está junto. Quando o amor se concretiza, isto é, quando o casal fica junto, então ocorre a morte desse sentimento em razão da sua possibilidade de realização. Os amores impossíveis do passado se alimentavam da ausência do outro. Com a presença constante do outro, o amor “definha”, como define Bauman (2004, p. 22).

É preciso ponderar, no entanto, que isso se deve muito à falta de vontade do casal para que o relacionamento seja de longa data. A idealização do amor e do outro podem se desfazer à medida que a convivência revela detalhes que durante o relacionamento em estágio inicial ainda não se verificavam. Esses pequenos detalhes podem ocasionar problemas e desgastes no relacionamento. Embora o conto não entre em maiores detalhes das razões que levaram um a trair o outro, o adultério surge no caso do homem como uma nova possibilidade de conquista amorosa.

Nesse sentido, o homem sai em busca da conquista de um novo amor, visto que o relacionamento estável não lhe proporciona mais prazeres. Isso se explica quando ele diz que “na vida real quem fica junto são as pessoas que não se amam”. Esse aspecto também pode ser explicado a partir das análises de Giddens sobre o perfil masculino, concernentes à sedução, ou mesmo de Pascal Bruckner sobre a constante procura dos homens por sexo. Essa sensação de insatisfação constante leva o sujeito ao adultério, também pontuado por Laura Kipnis.

Kipnis constitui sua análise estabelecendo a dicotomia entre a rotina do casamento, conseqüentemente sua falência de desejo, e o anseio de vivenciar novas experiências amorosas, em que o desejo, de certo modo, ainda vive. Por isso, o casamento recai numa análise na maioria das vezes pessimista. No entanto, esse desejo por vivenciar outros relacionamentos também cai no pessimismo, pois a análise da autora evidencia as conseqüências sociais negativas desse desejo. Contudo, esse desejo por uma nova experiência sexual e/ou amorosa não é negativo em si. O que pode tornar o desejo negativo é a maneira como a sociedade, escorada em determinados valores, o rechaça, tornando-o, desse modo, negativo.

Desse modo, o homem é assombrado pelo desejo e pela necessidade de uma nova posse ou uma nova conquista. Esse anseio é ainda resultante dessa insatisfação que cerceia cada um. As ideias que surgem, a partir da falência dos relacionamentos mais formalizados, direcionam a ação do espectro masculino para

um querer algo mais, partindo-se da ideia de que, talvez, o amor seja outra coisa que não se confunde necessariamente com o casamento. É esse anseio por novas buscas, novas aventuras ou novas conquistas que movem o sujeito à procura do amor: “esse é o problema com a insatisfação – ela dá ‘idéias’ às pessoas. [...] Primeiro um vislumbre, depois um impulso, em seguida um desejo passageiro, e logo nasce um pensamento: ‘*Talvez exista algo mais*’” (KIPNIS, 2005, p. 56).

O amor do personagem do cineasta é projetado no conto para esses anseios, ganhando colorações de sonhos e utopias quando não se realiza. Quando o amor se realiza, ou se materializa dentro do ideal social de casamento ou relação estável, ele corre o sério risco de morrer mais rápido. O cumprimento dos deveres exigidos dentro de uma relação mais duradoura, tal como o cumprimento dos deveres do cidadão configurado no mundo em que o trabalho, é um valor ético quase absoluto. Isso faz com que essa instituição obtenha uma sobrecarga que, ao menos para alguns, é insustentável.

A identidade masculina, no caso do personagem em análise, se constitui a partir de uma insatisfação afetiva com a parceira, explicada, por sua vez, a partir da idealização do amor. Com efeito, esse homem idealiza o amor quando profere que as pessoas que se amam não ficam juntas. Então quem permanece junto não se ama? Essa é a dúvida manifesta. De acordo com o narrador, o casal tinha se amado muito: “A maior paixão que vi” (AQUINO, 2007, p. 20), o que por sua vez coloca o narrador numa posição íntima em relação ao casal. Como explicar a partir da fala do homem que o amor só ocorre nas novelas e nos filmes medíocres?

Neste caso, o amor, para ele, é entendido como uma relação proibida ou cerceada socialmente. Do ponto de vista do personagem, o amor não se verifica no vínculo conjugal. Esse comportamento em que o homem procura no adultério um amor impossível é o que alimenta o imaginário amoroso de uma paixão que sobreviva ao desgaste do tempo. Esse dado é importante para a apreensão desse comportamento masculino.

No entanto, mesmo após o adultério, o casal permanece junto. Possivelmente isso se explica em razão da manutenção dos protocolos sociais que um relacionamento estável, como o casamento<sup>6</sup>, por exemplo, exige. Uma eventual separação poderia trazer problemas para eles e, portanto, o melhor é manter as

---

<sup>6</sup> O conto não menciona a palavra “casamento”.

aparências. Por outro lado, essa não separação também pode ser um indicativo de que o casal ainda alimenta certa esperança de que o amor se manifeste novamente: “Estavam naquela fase em que um faz tudo para conquistar o ódio do outro, na esperança de que algo intenso volte a pulsar entre os dois” (AQUINO, 2007, p. 20).

Por trás desse ódio pode estar outra paixão escondida, ou seja, o ciúme. Seja como insegurança, fetiche, voyeurismo, ou mesmo uma busca incessante pela prova da infidelidade do outro, o ciúme traz consigo um medo de ser superado por outra pessoa: “Já que qualquer coisa pode levantar suspeita, o ‘policimento doméstico preventivo’ sempre será uma saída: testes de fidelidade, perguntas capciosas, tortura psicológica e golpes cuidadosos no corpo para não deixar marcas visíveis” (KIPNIS, 2005, p. 53). O ciúme é uma paixão muito presente na maioria dos relacionamentos, em que a suspeita da traição ou da infidelidade é sintomática da insegurança presente para o sujeito contemporâneo.

Esse ciúme se explica em razão do próprio desejo, inerente ao gênero humano, de posse exclusiva somada às exigências dos códigos de ética que proscovem o adultério como forma de amor. Com efeito, a natureza humana é inclinada pela atração física dos corpos e, por essa razão, desperta ciúmes naqueles que se supõem, imaginam-se ou não se sentem mais desejados como antes. Por isso, o desejo por algo mais intenso continua sendo um elemento que dá sobrevida ao amor:

Aqui chegamos ao elo fraco do modelo de estado de segurança do casamento de longo prazo: o *desejo*. É inextirpável. É inconstante e rudimentar, somos inerentemente criaturas que desejam, e às vezes o desejo não aceita um não como resposta, particularmente quando algum objeto de amor sedutor e potencialmente disponível surge no seu horizonte, fazendo você sentir o que tinha se esquecido de como sentir, o que é *viver*, embora você devesse estar canalizando todas essas capacidades afetivas para os locais “adequados”, e tudo [...] depende de se ter certeza de que você o faz. (KIPNIS, 2005, p. 55)

Esse detalhe, ou seja, esse ódio que o casal do conto sente pelo outro pode ser uma contraface do amor. Craig Stephenson, em *Anteros: a forgotten myth* (2011), fala sobre outro mito interessante do amor. De acordo com o mito, Ares (Marte) e Afrodite (Vênus) resolveram dar um irmão para aplacar a infância solitária de Eros. Anteros se desenvolve como uma contraface de Eros. É o símbolo do ódio, do amor rejeitado e retribuído no sentido de vingança amorosa ou o contramor. Assim é que o casal procura no adultério uma maneira de atingir o outro. Ele, numa

relação extraconjugal com a modelo, e ela, quando ao menos tenta uma relação com um amigo.

O amor, portanto, mesmo após o desgaste do convívio a dois, ainda subsiste convertido em ciúme, rancor e ódio. Em outra cena, o narrador pede para que ela enumere dez qualidades do seu parceiro:

- 1- seu cheiro
  - 2- sua gentileza
  - 3- seu senso de justiça
  - 4- sua generosidade
  - 5- seu bom gosto musical
  - 6- seu lado místico
  - 7- sua inteligência
  - 8- sua originalidade ao presentear
  - 9- sua paixão por filmes antigos
  - 10- seu pau
- (AQUINO, 2007, p. 22).

Essas qualidades revelam o quanto ela ainda alimenta algum afeto pelo parceiro. A admiração que sente pelas qualidades intelectuais do seu parceiro aponta para um afeto que possivelmente ainda sente por seu parceiro. O desejo sexual também permanece presente com o item número 10.

O narrador também pede para que ele fale sobre ela: “Ele: ‘Os desertos dela são interiores. Lá, as tempestades de areia costumam durar meses’” (AQUINO, 2007, p. 22). O homem aqui fala de uma maneira enigmática e simbólica. O deserto de sua parceira pode ser entendido como as fases, ou estados emocionais, pelas quais a mulher em questão tem passado. A afetividade do homem pela parceira, no entanto, também é presente: “Perguntei a ele sobre as coisas que o faziam lembrar-se dela. Antes de responder, ele olhou para o vaso sobre a mesa de centro entre nós: flores sinistras. ‘Dez? Basta olhar para ela e você vai encontrar bem mais de dez coisas’” (AQUINO, 2007, p. 22).

O homem, nesse caso, ainda manifesta alguma forma de afetividade e desejo pela parceira. O tom elogioso com que o homem se refere sobre ela é revelador desses aspectos. Por outro lado, no desfecho do conto, a identidade desse narrador misterioso tem muito a ver pela maneira como ele investiga detalhes do relacionamento, revelando-se ser algo mais que um mero desconhecido:

Ela está apoiada na janela, olhando a noite. Sem roupa. Observo seu corpo: mesmo na penumbra, bem mais de dez coisas para um sujeito lembrar-se por um bom

tempo. Ao virar-se para me sorrir, seu perfil se enquadra contra o céu escuro. Sardas no rosto. Constelações (AQUINO, 2007, p. 22).

O narrador, assim, é revelado como um dos amantes da sua entrevistada. Mesmo se entendermos a partir desse relacionamento descrito pelo conto como um “manter as aparências”, é importante pontuar que provavelmente o parceiro em questão sabe dessas relações externas da sua parceira, mas não manifesta comportamento violento, como, por exemplo, matar a esposa em nome de um determinado orgulho masculino. Isso evidencia, de algum modo, uma mudança importante no padrão de comportamento masculino.

Por outro lado, há o ódio como contraface do amor, à medida que ela procura aplacar seu orgulho ferido pela traição do parceiro com relações sexuais contraídas fora do casamento. Isso quer dizer que o amor morreu? Embora o cineasta manifeste isso em seu discurso, sua apreciação pela esposa ainda é presente. Por outro lado, o adultério masculino, nesse caso, pode ter alguma ligação quando ele mira as “flores sinistras” antes de responder à pergunta do narrador e amante da sua parceira. Não está clara qual a motivação para que ele, antes de responder ao questionamento, tenha olhado para essas flores sinistras. Contudo, é possível que de alguma maneira essas flores tenham alguma relação com os ânimos da sua parceira.

É preciso ponderar ainda que o adultério, pontuado pelo conto, possui um erotismo em potencial. O amor, nesse aspecto, adquire uma vivacidade maior em razão do seu caráter prescritivo. Bruckner aponta para isso do seguinte modo: “a traição tem um potencial erótico incontestável: o medo de se deixar surpreender, os encontros extemporâneos, os segredos compartilhados dão a certos amores clandestinos uma densidade que ramerrão conjugal não tem mais” (BRUCKNER, 2014, p. 123). Dessa maneira, o amor vive onde ele não poderia, onde ele é proibido, ou seja, numa relação clandestina e marginalizada, em uma relação adúltera.

O conto em questão revela a maneira como o casal reage frente ao amor, bem como uma mudança no comportamento masculino. Embora o homem esteja um tanto indiferente em relação à traição da esposa, ele evidencia uma mudança significativa no que concerne ao seu comportamento, pois, mesmo que o amor tenha supostamente ou eventualmente morrido, ele ainda vê na sua mulher atributos muitos positivos. Embora também não esteja claro se ele sabe da infidelidade da sua

parceira, é plausível que a tolere em razão da sua primeira traição. O casal se constitui como um corpo que permanece junto sem, entretanto, aquele amor “louco” dos primeiros tempos. Por outro lado, o ódio mútuo alimentado por ambos os lados talvez seja um novo combustível erótico para essa relação problemática.

### 3.5 INSEGURANÇA MASCULINA EM MOACYR SCLiar

O conto “Amores de um ventríloquo”, de Moacyr Scliar, publicado na coletânea *Contos Reunidos* no ano de 1995, narra em primeira pessoa a insegurança e dificuldade do personagem Albano em assumir o amor que sente por uma domadora chamada Malvina. O narrador-protagonista constrói falas e discursos que verbalizam essa dificuldade de se relacionar, não apenas com a mulher em questão, mas com as mulheres de um modo geral. Albano possui um boneco chamado de Tiquinho. Essa profissão de ventríloquo possibilita a Albano dizer, por meio do boneco, palavras que ele mesmo não tem coragem de assumir como suas: “E naturalmente fazia falar o meu boneco, o Tiquinho. Tudo bom, Tiquinho? Tudo ruim, Albano. Que é que te falta, Tiquinho? Falta mulher, Albano! O público delirava” (SCLiar, 1995, p. 305).

Desse modo, a dificuldade do ventríloquo em verbalizar seu desejo por mulheres é manifestada pelo boneco, como uma maneira de não assumir que essa carência é sua. Essa insegurança de Albano é evidente quando ele, no papel de narrador, assume sua timidez: “Nos faltava mulher [...]. Nunca tive coragem de convidar uma mulherzinha para a minha cama, tímido que sou. Falar com mulher? Só mesmo através da boca de Tiquinho” (1995, p. 305). Como resultado desse modo pretensamente seguro de dizer as coisas, Albano ganhava sucesso para Tiquinho, mas para si conquistava apenas a indiferença das mulheres: “– Olha que morena linda, ali na segunda fila! Não é linda, Albano? Vem cá, morena! A morena subia ao palco, beijava o boneco. A mim me ignorava.” (1995, p. 305).

A insegurança de Albano, portanto, é construída a partir dos seus discursos e do ambiente proporcionado pela interação com os outros personagens. Essa dificuldade é ainda mais agravada quando o narrador-protagonista procura por serviços sexuais: “De vez em quando eu dava uma escapada, procurava um bordel

e me aliviava. Ao voltar para o quarto me assaltava o remorso” (1995, p. 305-306). Com efeito, os serviços sexuais sem afeto ou compromisso são mais fáceis de serem estabelecidos para Albano e, por isso, aliviam essa tensão ou autocobrança por não saber se relacionar com as mulheres de maneira afetiva. A carga física é aliviada, mas a carga psicológica relativa à timidez ainda permanece, torturando-o.

Albano também constrói parâmetros de comparação masculinos quando vai morar no circo de um sujeito chamado Ramão. Lá, ele conhece Anteu, um levantador de peso. A imagem masculina de Anteu é construída a partir do medo que Albano tem dele: “Compartilhava um reboque com o feroz Anteu [...]. Me odiava, aquele Anteu. Me odiava por nada (ou talvez por repartir o reboque comigo, não sei). Me olhava de um jeito que me deixava arrepiado” (1995, p. 306). Provavelmente, esse medo se constitui pelo porte físico que Anteu possui, em razão de ser levantador de pesos. Essa descrição “me deixava arrepiado” aponta para esse sentido, de modo que Albano se sente intimidado com a presença de Anteu.

A constituição de Anteu é importante para compreender essa representação masculina. De fato, o culto da força física tende a focalizar no corpo a representação simbólica da masculinidade hegemônica. Neste caso, os músculos passam a exercer a exteriorização e ostentação dessa forma de masculinidade: “A musculatura masculina sempre esteve associada ao desenvolvimento de funções duras, estabelecendo assim uma conexão entre músculo e masculinidade” (CECCHETTO, 2004, p. 79). Desse modo, os músculos e a consequente exibição da virilidade e da força física tornaram-se parâmetros historicamente estabelecidos para que os homens se situassem e, portanto, classificassem os níveis de masculinidade entre si.

Deixando o personagem Anteu de lado por ora, o narrador descreve como se apaixonou: “Me apaixonei. Me apaixonei pela linda Malvina, a domadora. Como eu, ela era tímida” (1995, p. 306). Essa paixão pela domadora é alimentada de maneira distante. A timidez paralisa a ação do ventríloquo que não consegue manifestar seus sentimentos deixando-os subentendidos: “Eu a olhava havia muito tempo e acho que ela me olhava também; mas cada vez que nos encontrávamos, corávamos e baixávamos a cabeça” (1995, p. 306).

A causa desse amor do ventríloquo pela domadora não é detalhada. Os motivos e as ocasiões que possibilitaram o surgimento desse sentimento não são narrados. A julgar pela forma com que ele conta essa paixão por Malvina, pode-se

inferir que esse amor não se dá a partir de contato algum. Trata-se de um amor distante ou de uma paixão alimentada não pelo contato ou proximidade, mas porque ele quer estar perto ou anseia estabelecer uma relação. Esse desejo ganha contornos de “sonho romântico” ou de amor platônico, pois a distância é que alimenta o anseio pela conquista da pessoa amada.

O narrador também constrói a sensação de que possivelmente Malvina corresponderia ao seu amor, quando afirma que ela corava e baixava a cabeça. No entanto, por se tratar de uma narrativa em primeira pessoa, essa perspectiva pode ser contrastada como uma possível impressão ou sensação positiva sobre Albano do suposto amor da domadora. A cena, portanto, não possibilita essa certeza sobre os sentimentos da mulher. Por conseguinte, Albano conta como confessou seu amor, ao surpreender Malvina treinando com os animais:

Um dia, porém, criei coragem, e:

– Ai, que mãos delicadas são essas que me seguram! – suspirou o chicote.

Tão surpresa ficou que o deixou cair. Eu então saí de meu esconderijo – estava escondido atrás de um tamborete no picadeiro vazio, vendo-a ensaiar para o espetáculo da noite. Ficou vermelha, eu também fiquei vermelho, mas:

– Teus olhos domaram o meu coração – disse o tigre-de-bengala.

Olhou para a fera [...], olhou para mim, riu e saiu correndo (SCLIAR, 1995, p. 306).

O problema sobre o modo como Albano confessa seu amor por Malvina está na maneira como ele usa da sua profissão de ventríloquo para, ao mesmo tempo em que verbaliza seu sentimento, escondê-lo, preservando-se assim da vergonha de uma possível rejeição. A profissão aparece como um escudo ou disfarce para a sua insegurança. Na cena acima transcrita, observa-se que quando ele fala é dando voz ao chicote ou ao tigre-de-bengala, criando a ilusão de que são eles, o objeto e o animal, quem confessam o amor.

As palavras que escolhe também não expressam o amor de forma direta, apenas indicam de modo indireto e simbólico esse sentimento: “Teus olhos domaram meu coração”. A sentença não fala em amor, mas fica subentendido pela expressão “domar o coração”. Assim, o narrador coloca: “Aquilo foi tudo. Minha boca, minha própria boca não lhe confessou amor. Nunca” (1995, p. 307). As expressões escolhidas também não são das mais originais, configurando-se em num *kitsch* ou em clichês previsíveis. Desse modo, a timidez não só obsta uma aproximação mais ostensiva por parte do ventríloquo como também as ações da

domadora. Com efeito, Malvina não reage diante dessa confissão, pois apenas riu e fugiu da presença do ventríloquo na sequência.

Retomando a análise de Anteu, os problemas de Albano com o levantador de pesos, ao invés de cessarem, tornam-se ainda mais graves quando o narrador se apaixona por Malvina. Essa insegurança, que impede uma aproximação entre o ventríloquo e a domadora, causa grandes prejuízos para Albano, pois enquanto ele receia essa proximidade, possivelmente por medo de ser rejeitado, Anteu aproveita sua oportunidade: “Quem a conquistou foi o Anteu. Conquistou não é bem o termo – subjugou-a, arrastou-a para o reboque numa tarde de segunda-feira. Entrou com ela nos braços (a pobre meio desfalecida), expulsou-me: cai fora, idiota! Bateu-me com a porta na cara” (1995, p. 307).

O narrador descreve a cena de maneira que o leitor entende que Anteu força uma relação com Malvina. O efeito imagético desse personagem construído pelo narrador se constitui numa figura antipática que abusa da força masculina para subjugar a mulher. A timidez da domadora também contribui para que o leitor interprete a não reação da domadora como uma forma de vergonha por experimentar uma situação constrangedora como essa. A falta de reação de Malvina também se explica a partir da constituição de um tempo ficcional que não possibilita o uso da justiça para coibir tal abuso masculino, por falta de instrumentos legais que proporcionem uma reação mais contundente.

Anteu é um personagem construído como um sujeito forte e violento, que transmite a sensação de violentar a moça. Lia Zanotta Machado, em seu artigo “Masculinidades e violência: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea”, afirma o seguinte:

A escuta dos estupradores remete às indagações sobre a articulação entre masculinidade uma concepção de sexualidade que antagoniza o masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como objeto da sexualidade. Sujeitos e corpos femininos são controlados como se “pessoas” não fossem, isto é, como se fosse possível suprimir o saber sobre a sua inserção em relações sociais, tornando-os, assim, puros corpos disponíveis. A escuta de parceiros agressores de suas companheiras exige refletir sobre a articulação entre masculinidade e a busca pelo controle dos desejos e vontades de outrem (MACHADO, 2004, p. 36).

Com efeito, Anteu funciona como um personagem que acredita nesse padrão masculino, em que o homem se comporta como opressor e sujeito da relação, reduzindo a figura feminina a um simples objeto. Malvina, neste caso, se relaciona

com Anteu à sua revelia, permanecendo forçadamente na relação. Essa atitude do dominador, ou aquele que força uma relação, corrobora também com a insegurança masculina. Por medo de rejeição ou por não saber lidar com esse problema, Anteu prefere apelar para a violência, revelando-se assim um homem completamente inseguro e incompetente para se relacionar com Malvina.

Corroborando com essa sensação de violência, a cena seguinte conta como outros membros do circo protestaram: “De nada adiantaram os meus protestos, nem os da mulher barbuda, dos anões, de Ramão. Anteu não respeitava ninguém. Jogou minhas coisas para fora do reboque. Tive de procurar outro lugar para me alojar. Malvina ficou morando com ele” (SCLIAR, 1995, p. 307). O conto proporciona uma leitura plausível no que tange ao tema sobre a violência contra a mulher. Anteu obriga Malvina ao relacionamento. O que surpreende é o modo como esse personagem se coloca numa posição muito acima dos outros, visto que não respeitava ninguém. Isso talvez tenha relação com sua força física que intimida e se impõe aos outros.

Anteu figura como um sujeito apegado a determinados valores masculinos, associados à dominação e à violência. Na verdade, essa capa de masculinidade esconde a insegurança e a falta de habilidade em lidar com a dinâmica relacional. Utiliza-se, assim, da força física para impor seu desejo à Malvina. Agarrar-se à violência, portanto, pode ser indício de uma masculinidade mal definida e certamente insegura. Sobre a insegurança masculina, Mara Barasch pontua:

É óbvio que os mitos, as crendices e os tabus, que sempre estiveram presentes na sexualidade, acabam marcando gravemente nossos pensamentos e sentimentos, interferindo em nosso comportamento sexual, acentuando ainda mais a carência de autoconhecimento e a total ignorância do outro. Muitos homens ainda se agarram com unhas e dentes a um enorme conjunto de informações na tentativa de explicar sua masculinidade; apegam-se a essas crenças para esconder sua insegurança (BARASCH, 1997, p. 103).

Assim, o amor que Albano sente é obstruído pela violência e imposição de Anteu que, por sua vez, insiste em ter como parceira uma mulher que provavelmente não sente qualquer sentimento por ele. Isso fica claro quando o narrador descreve os sofrimentos da domadora: “Sofria, a pobre. Andava com o rosto cheio de equimoses, que a pintura mal disfarçava. Não falava com ninguém, chorava todo o dia” (1995, p. 307). Pela leitura, as marcas sofridas pela violência de Anteu demonstram como a insegurança masculina pode ganhar feições repugnantes.

A insegurança masculina também pode se manifestar por canais diferentes. Se no caso de Anteu, ela se verificava por meio da imposição física e da violência, em Albano ela se manifesta pelo medo em assumir o seu amor. O amor, assim, carrega consigo o sentido masculino de conquista. Anteu não conquista o amor de Malvina, apenas subjuga-a, ou seja, força-a a viver com ele, não tendo consideração alguma em relação à vontade e ao desejo pessoal da moça. Ao contrário, se Anteu procurasse saber dela sobre seus verdadeiros sentimentos, possivelmente precisaria conviver com a rejeição. No entanto, ele lança mão da violência contra a mulher para impor seu desejo acima de qualquer outro. Albano, por outro lado, busca o amor de Malvina, procurando dar ânimo a ela:

Mas à noite, ao entrar na jaula, voltava a ser a Malvina de antes, a bela domadora. Só então eu podia falar com ela, usando para isso os animais. Malvina, isso não pode continuar, tens de resistir! – dizia o leão. Não respondia, mas os olhos brilhavam, os dedos agarravam com força o chicote. Termina com isso hoje! – suplicava o tigre. – Hoje mesmo, Malvina! Para o teu lugar, animal! – gritava. Eu, oculto atrás do tamborete, os meus olhos se enchiam de lágrimas (SCLIAR, 1995, p. 307).

O narrador, mais uma vez, demonstra seu embaraço, mesmo quando se dirige a Malvina para ajudá-la. Essa incapacidade em verbalizar seus sentimentos de maneira pessoal coloca o ventríloquo numa posição pouco valorizada pela domadora. A frase proferida por ela “Para o teu lugar, animal!” surge como uma reação inesperada às falas de Albano atribuídas aos animais. Essa técnica própria da sua profissão mostra-se mal sucedida em tentar ajudá-la contra as investidas de Anteu. Quando usa a expressão “para o teu lugar” tem-se a impressão de que ela está dizendo para o ventríloquo que não se intrometa em sua vida ou que pare de tentar ajudá-la.

Essa sensação de impotência de Albano se transfere, inclusive, no seu relacionamento com Tiquinho, o boneco. Ao dar vida a Tiquinho, este humilha Albano, ou seja, a si mesmo: “Chegava a minha vez, eu entrava correndo, eu saudava o público, eu me sentava com Tiquinho ao colo: – Palhaço! – ele gritava. – Não arranjas nada com as mulheres, palhaço! És um covarde” (1995, p. 307). A construção da cena é importante para entender o modo como Albano enxergava a si mesmo. Sua autoestima é baixa, pois ao chamar a si pelo adjetivo “covarde”, e em público, o ventríloquo revela sua impotência e insegurança em relação às mulheres. Isso se verifica especialmente com Malvina.

Por outro lado, ao fazer crer que quem xinga o ventríloquo pelo adjetivo “covarde” é Tiquinho, Albano toma uma atitude:

Riam, todos. O sangue me fervia. Decidi agir. Naquela mesma noite me resolvi: tomei um copo inteiro de conhaque e corri para o reboque.

– Anteu! Agora chega, Anteu.

Lancei-me contra a porta do reboque, como se tivesse cem quilos e não cinqüenta e dois; e, como se eu tivesse cem quilos, a porta cedeu e ali estava o Anteu sobre a Malvina, esmagando-a com seu corpo monstruoso.

– Basta, Anteu! – gritei, e para a Malvina: – Foge, Malvina! Foge agora!

Anteu levantou-se, nu – mas era enorme, ele! –, e avançou para mim rosando: agora tu me pagas, rato! Malvina fugiu por uma janela, eu me preparei para enfrentar Anteu. [...] Agarrou-me, levantou-me no ar e me atirou longe – como se eu pesasse três e não cinqüenta dois (SCLIAR, 1995, p. 307-308).

A cena apresenta ares tragicômicos, à medida que o narrador resolve desafiar Anteu para um confronto, mas o resultado é uma cena burlesca. A reação que Albano tem, após a humilhação imposta pelo boneco Tiquinho, condiciona-o em provar que ele é portador de coragem. Dessa vez, ele dirige-se a Anteu de modo direto, sem intermediário como comumente fazia quando queria dizer algo a alguém. Não se pode, todavia, confirmar com veemência que o ventríloquo venceu sua insegurança, mas reagiu de modo inesperado neste caso. Após essa experiência traumática, ele conta o destino dos personagens e como perdeu a voz:

Nunca mais o vi. Sei que está recolhido a um asilo de indigentes, depois que o derrame o paralisou. De Malvina também não sei. Tiquinho, queimei-o; me deu muito prazer ver a sua cara debochada ser consumida pelas chamas. Quanto a mim, ando por aí. Já não tenho emprego, desde que perdi a voz. Isso mesmo: naquela noite, depois que Anteu me jogou longe, não consegui mais falar. Fiquei mudo, mudinho. Gastei todo o meu dinheiro com médicos: não conseguiram descobrir o que tenho. As cordas vocais estão bem, dizem, as amígdalas também... Acabaram desistindo de me curar. Um deles recomendou que andasse sempre com lápis e papel. É o que eu faço: escrevo. Escrevo até bem, mas para que serve um ventríloquo que não fala? (SCLIAR, 1995, p. 308).

O comprometimento da fala de Albano aparentemente se deve a um bloqueio psicológico, pois os médicos nada encontraram de anormal em seu aparelho fonador. O ventríloquo agora precisa seguir sua vida sem a presença do seu amor. Com efeito, o desaparecimento misterioso de Malvina talvez seja um indício de que ela não quisesse a companhia de Anteu ou nem mesmo de Albano. Porém, a mudez emerge no texto como um bom pretexto para essa impotência ou incapacidade em assumir os discursos. Por meio da mudez, Albano pode agora esconder-se ainda mais, paradoxalmente, de si e em si mesmo:

Vagueio pelas ruas, entro em bares, em lojas. As pessoas me reconhecem, me apontam. E quando numa alfaiataria um manequim diz: – Boa tarde, cavalheiros, o que me falta é mulher – todos riem. Pensam que é uma brincadeira minha. Não sabem – e isto me aterroriza – que é o próprio manequim falando, dizendo o que lhe dá na telha. O manequim, a estátua de São Jorge, o caso, o rádio – o mundo está cheio de vozes doidas, doidas (SCLIAR, 1995, p. 308).

Percebe-se que a mudez pode ser um trauma ou mesmo uma farsa, pois o ventríloquo continua emprestando sua voz aos objetos a sua volta. Mais uma vez, Albano manifesta a falta que sente da presença de mulheres, conseqüentemente também sua insegurança. Esse amor apaixonado somado à distância da mulher amada leva o sujeito a um quadro de frustração amorosa em razão da não efetivação da conquista. Sobre isso, a psicóloga Nadiá Paulo Ferreira, em *A teoria do amor na psicanálise*, desenvolve o conceito de amor cortês, a partir da leitura de Lacan. O sentido do amor cortês se constitui na base da ausência do objeto, ou seja, da pessoa amada:

Sem privação não há amor cortês. [...] O objeto amado só pode comparecer na estrutura da privação, porque se trata de um amor em que as relações entre sujeito e objeto se inscrevem na falta. [...] Amar no amor cortês significa renunciar não ao amor, mas ao objeto amado. [...] Da privação passa-se a frustração (FERREIRA, 2004, p. 48).

O amor de Albano, nesse contexto, é retratado como sentimento de falta, em relação equivalente ao que ocorre no chamado amor cortês. Essa vontade de possuir, no entanto, não é satisfeita, de modo que o sentido construído a partir da leitura evidencia uma frustração pela não realização do amor. Esse amor não satisfeito ou realizado atormenta a mente de Albano que sempre verbaliza sua insegurança dando voz às coisas, dizendo; “o que me falta é mulher”.

A insegurança masculina, no caso de Albano, desemboca na insatisfação e no fracasso. Saber lidar com o insucesso amoroso é algo que o protagonista não desenvolve. Ele prefere esconder sua voz nos bonecos e objetos que estão a sua volta, num processo acentuado de autoanulação. Sobre isso, Mara Barasch afirma:

O homem é indivisível, isto é, os fatos de sucesso ou de fracasso de sua vida interferem de uma maneira ou de outra em todos os outros aspectos da sua personalidade. É inevitável, portanto, que a sexualidade seja causa e principalmente efeito desses fatos de sucesso ou fracasso (BARASCH, 1997, p. 97-98).

Desse modo, a insegurança de Albano conduziu-o ao fracasso ou frustração amorosa. Sua sexualidade, constantemente verbalizada pela ausência de uma presença feminina, transforma-se em sinônima de impotência em lidar com as situações adversas. Ao alimentar um amor distanciado da mulher que desejava, ou seja, Malvina, Albano não ousou tentar, possivelmente por receio de uma rejeição. Contudo, ao não dar esse passo a frente, o protagonista precisará conviver eternamente com sensação de que algo mais poderia ter acontecido, mas por sua falta de iniciativa se transforma em problema psicológico.

### 3.6 (IN)EXPERIÊNCIA MASCULINA EM ANDRÉ SANT'ANNA

Além da insegurança, a inexperiência também é um problema explorado no conto “Sexo com amor”, de André Sant’Anna. Lançado em 2007 na coletânea *Sexo e amizade*, do mesmo autor, traz um narrador em terceira pessoa, comentando as ações e relações de três personagens que não possuem nomes. A carência de identidade das personagens é pontuada nesse sentido. Os personagens são chamados por: “Ele”, que é o adolescente que sonha com a colega de escola; “a colega” é a moça com a qual sonha o adolescente; e “o cara mais velho”, um terceiro personagem que tenta estabelecer relações sexuais com a moça.

O conto inicia descrevendo o adolescente como um consumidor de revistas pornográficas. Seus pensamentos em relação à colega de escola somam-se aos seus desejos sexuais:

Ele lá folheando a revista pornográfica, [...] pensando na colega da escola com a vulva depilada, sonhando em ter um cacete enorme que levasse a colega da escola aos mais incríveis orgasmos. A colega da escola linda, lá, embaixo dele, gemendo, sorrindo para ele, dizendo “eu te amo”, “eu te amo”, “eu te amo”, enquanto gozava (SANT’ANNA, 2007, p. 129).

Esse desejo do adolescente pela colega é acompanhado num misto de amor e sexo. Essa projeção do rapaz não ocorre da mesma forma como aquela que a maioria dos homens do século XIX entendia, por meio da divisão preconceituosa entre as mulheres consideradas respeitáveis ou marginalizadas. Nesta cena descrita, verifica-se o contrário. Com o enfraquecimento daquele espectro, numa

sociedade em que as mulheres conseguiram seu espaço, essa separação dicotômica não tem mais razão de ser. Desse modo, o adolescente traz pensamentos que misturam amor e sexo. Porém, mais a frente, o jovem demonstrará outras formas de amor e também um relativo preconceito sobre as mulheres.

“Ele” é caracterizado como um adolescente viciado em masturbação. Esse vício traz um sentimento de culpa por conta do amor que sente pela colega:

Ele lá, morrendo de vergonha, guardando a revista pornográfica [...], enjoado do sexo que fez com a revista pornográfica, amando muito a colega da escola dele e jurando para si mesmo nunca mais bater punheta em cima [...] das revistas pornográficas que ele gostava e odiava. Ele, lá, amando muito a colega dele (SANT’ANNA, 2007, p. 129).

Mais uma vez, esse sentimento de culpa masculina é explicável a partir da dissociação entre amor e sexo, como se fossem elementos não associados. As transformações hormonais do adolescente o impelem à procura pelo sexo como maneira de aliviar suas tensões psicológicas. Aqui se verificam as contradições da sociedade contemporânea, ou seus paradoxos como sugere Bruckner, considerando-se o fato de ela ser sexualmente liberada. “Ele” é um rapaz que procura por sexo, no entanto, sem encontrar. Encontra isso apenas no consumo de revistas pornográficas.

Por outro lado, “ele” também procura por amor. Sua paixão e seu desejo pela colega da escola leva-o a separar o amor do sexo. Sentimento e sexualidade, ao serem vistos separadamente no conto, são criados como distintos dentro da mente do personagem. A sexualidade é praticada pelo contato com as revistas e pelo ato masturbatório. Já o amor permanece no campo das fantasias e dos sonhos, em que a colega da escola é idealizada como uma mulher inacessível. Tal projeção engessa a possibilidade de uma conquista amorosa. Se “ele” entendesse que amor e sexo podem efetivamente caminhar juntos, o personagem poderia lançar-se à conquista sem maiores receios e assim aplacar sua tensão física e emocional.

Nessa batalha pela satisfação do desejo, compartilhada pela maioria, observar, avaliar e rejeitar são as ações semelhantes quando vamos comprar algum objeto. O temor pela rejeição é representado pelo exemplo simbólico de um sujeito “encostado na parede” (BRUCKNER, 2014, p. 54). Para Bruckner, as casas noturnas funcionam como “bolsas de corpos”. Nesse mercado de corpos dominado pela

agregação dos indivíduos, pelo entusiasmo instantâneo, pela diversão e pouca cordialidade, a juventude se oferece como o espetáculo de si mesma. É nessa feira de narcisismos que a fanfarrice, a desenvoltura e o espalhafato inviabilizam a possibilidade de se conhecer alguém de maneira mais profunda.

“Encostar-se na parede”, nesse caso, equivale a uma atitude defensiva em relação às possibilidades de manifestação de amor nesse contexto. A liberação convive lado a lado com o medo da rejeição: “É em nome do desejo liberado [...] que ocorrem as mais profundas segregações” (BRUCKNER, 2014, p. 55). Essa atitude contraditória do menino, que ora gosta das revistas, ora odeia, é retrato dessa crise ou, para os mais otimistas, dessa transformação do sujeito contemporâneo e própria da sua inexperiência, que também se manifesta na dificuldade em demonstrar seu interesse pela colega. Essa atitude insegura reflete aquilo que Bruckner ilustra sobre os rapazes inseguros que “permanecem junto à parede” de uma casa noturna, assistindo ao sucesso alheio.

Para Sócrates Nolasco, a indústria de revistas e filmes voltados para a exploração do sexo como um bem de consumo também contribui para o agravamento desse quadro, acentuando ainda mais o problema:

Uma das implicações dessa dinâmica é a construção de relacionamentos concentrados no sexo de baixa emoção e alta intensidade. A exemplo disso, temos uma infinidade de revistas repletas de fotos sensuais e pornográficas, em que mulheres, ou homens, são objetos de desejo, mas não de amor. Esse aspecto está presente tanto em relações heterossexuais quanto em homossexuais (NOLASCO, 1997, p. 25).

No caso do jovem, esse sentimento de culpa nasce da noção de dissociação entre amor e sexo, entendidos por ele como elementos impossíveis de serem reunidos, portanto, inconciliáveis. Quando folheia revistas pornográficas, “ele” sente os apelos de sua sexualidade que, por sua vez, entram em conflito com o sentimento afetivo que nutre pela colega. A sexualidade do adolescente, neste caso, mostra amor e sexo como elementos problemáticos e conflitantes.

Já a moça, ao contrário do adolescente, aproveita e exercita sua sexualidade sem maiores conflitos com “o cara mais velho”: “Ela lá, no restaurante maravilhoso, achando uma delícia aquele prato de frutos do mar inacreditáveis, decidindo se deixaria o cara mais velho [...] tocar no corpo dela, nos seios róseos, nas coxas firmes, [...], ou não?” (SANT’ANNA, 2007, p. 129-130). O cara mais velho

também aparece projetando um dado perfil masculino, nesse contexto de análise, considerando que esse personagem também fornece uma amostra interessante do comportamento masculino:

O cara mais velho lá, maduro, ousado, seguro, falando sobre viagens à França, ao Caribe, a Londres [...], fazendo pausas estratégicas na fala, olhando nos olhos da colega da escola do menino que se masturbava com revistas pornográficas e amava muito sua colega da escola, enquanto ela ficava muito feliz a cada gole de vinho, a cada frase inteligente, madura, ousada, segura, do cara mais velho, lá (SANT'ANNA, 2007, p. 130).

Esse verbo, no pretérito imperfeito do verbo amar (amava), traduz a ideia de continuidade ou permanência desse amor que povoa a mente do jovem. De fato, “Ele” apresenta-se como incapaz de pensar em algo que não seja sexo com sua colega de escola. Nesse desejo obsessivo por amor misturado ao desejo por sexo, o jovem alimenta seus sonhos e esperanças de um dia conquistar sua colega.

Contrastando com isso, a segurança do cara mais velho é determinante na sedução da jovem que se envolve pela forma com que ele é desembaraçado. Porém, o narrador é irônico quando contrapõe o amor do adolescente, e sua consequente insegurança e inexperiência, à sedução do cara mais velho, que se mostra seguro e experiente. O narrador cria uma possibilidade reflexiva que pode ser traduzida, por um lado, na ideia de que a inexperiência precisa ser vivenciada para o aprendizado, por outro, enquanto a experiência e maturidade do “cara mais velho” conduzem supostamente ao sucesso da conquista amorosa.

Desse modo, enquanto o jovem alimenta seus anseios e sonhos amorosos com a colega da escola, o cara mais velho realiza a ação de maneira mais eficaz. As atitudes do “cara mais velho” se aproximam da projeção masculina do conquistador ou do sedutor, pontuadas no segundo capítulo por Giddens como o “Casanova”, num primeiro momento, e por Bruckner ilustrando-o como o “Don Juan”. Nesse sentido, o narrador não menciona qualquer sentimento por parte do cara mais velho em relação à moça. Apenas alude a um interesse meramente furtivo e sexual, de certo modo, também dissociado de afetividade. Assim, o cara mais velho lança-se à conquista sem maiores receios ou dificuldades.

Na arena da conquista amorosa, simbolizada pela casa noturna, apaixonar-se e “permanecer encostado junto à parede”, como faz o personagem “ele”, equivale a ser derrotado por aqueles que se lançam às conquistas como caçadores, tal como o

“cara mais velho”. Desse modo, quando as oportunidades surgem, a falta de experiência, entendida como não ter vivido muitas experiências amorosas acumuladas ao longo do tempo, pode ser um fator inibidor: “Para quem não tem essa aptidão, fica a tristeza das ocasiões perdidas: o que poderia ter acontecido, o que não ocorreu, a palavra que não foi dita, a atitude que não foi tomada” (BRUCKNER, 2014, p. 56).

O sentimento de amor, por outro lado, é constantemente descrito pelo narrador. Com isso, tem-se a impressão de que o amor, não correspondido neste caso, é um sentimento pueril, frívolo e infrutífero, que não beneficia o rapaz em nada:

Ele lá, deitado no escuro, amando muito, imaginando as posições sexuais que queria fazer com a colega da escola que ele amava muito, pensando no quanto seria lindo fazer com ela aquelas coisas todas que os caras de cacetes enormes faziam com as mulheres de vulvas depiladas nas revistas pornográficas, mas concluindo que uma mulher linda como a sua colega da escola jamais faria aquelas coisas, mas faria outras coisas, lindas, deliciosas, cheias de amor, incríveis, limpinhas, lá, quando ele declarasse o seu amor por ela (SANT’ANNA, 2007, p. 130).

Mais uma vez no conto, nessa cena, constrói-se uma noção contraditória e paradoxal que recai sobre a figura feminina da colega, vivida no imaginário do adolescente. Nessa cena, o adolescente apresenta uma visão da sua colega que, de algum modo, ainda reflete aquele espectro de feminino de mulher “respeitável”. Isso se verifica quando ele entende que ela não faria as mesmas coisas que as mulheres das revistas fazem.

Nesse simulacro vivido por “ele”, temos a noção que ainda permeia a mente de muitos rapazes em formação, na antiga divisão entre mulheres respeitáveis e mulheres marginalizadas. O garoto provavelmente não compreende ainda a mudança de contexto e, de alguma forma, ainda alimenta essa perspectiva preconceituosa sustentada em séculos anteriores. Com a liberação sexual feminina, essa separação perde sentido e razão de ser, visto que o mundo contemporâneo esvaziou esse significado. Com efeito, a colega da escola é uma moça sexualmente liberada.

De algum modo, há uma associação do amor como uma relação pura por parte do rapaz que é corroborada na sequência: “Ele lá, dizendo para sua colega da escola: “Eu te amo muito”. A colega da escola dele lá, dizendo para ele: “Eu também”. Eles lá se beijando. [...] Ele lá, despindo a colega da escola dele, amando

muito” (SANT’ANNA, 2007, p. 130). Essa relação é imaginária, só ocorrendo nos simulacros na mente do rapaz, alimentando assim sonhos e esperanças de conquista, mas sem qualquer possibilidade de realização efetiva.

Na sequência da narrativa em que o narrador coloca a moça em outra cena, acompanhada do cara mais velho:

Ela lá, ouvindo jazz no apartamento do cara mais velho, uma raridade de Charlie Parker remasterizada que ela não entendia mas achava diferente, chique, sentada num delicioso sofá supercontável, ouvindo o cara mais velho contando a verdadeira história do jazz. O cara mais velho lá, sempre olhando nos olhos dela, sorrindo, acariciando os cabelos dela, se preparando para beijá-la. O cara mais velho lá, beijando a colega da escola do menino que amava a colega da escola dele. Ela lá, segurando a mão do cara mais velho, evitando que o cara mais velho tocasse em seu corpo, [...], detestando o hálito do cara mais velho, adorando ser seduzida pelo cara mais velho (SANT’ANNA, 2007, p. 131).

Na cena é descrito o jogo de sedução, num contexto em que o cara mais velho naturalmente leva vantagens sobre o menino, em razão de sua experiência. Pascal Bruckner corrobora com essa ideia de que os homens mais maduros se configuram como melhores partidos para as moças mais jovens, no contexto atual. Desse modo, o sujeito estabilizado, possuidor de um imóvel e sexualmente mais experiente se constitui como uma possibilidade de relacionamento melhor e mais atraente para a moça.

Neste caso, “a colega da escola” se configura como a maioria das mulheres, que na atualidade, manifestam uma preferência em se relacionar com homens mais velhos, formados e, portanto, mais ricos, visto que, para Bruckner, pessoas economicamente fracas não seriam bons partidos. Homens mais maduros e estabilizados são os mais cotados para serem maridos estáveis: “Mais do que nunca o poder e a fortuna erotizam, o conto de fadas continua muito próximo da conta bancária: ama-se sobretudo na própria classe social e no próprio meio, e se possível em um meio superior” (BRUCKNER, 2014, p. 41). Embora essa perspectiva seja um tanto pessimista, Bruckner examina as relações implícitas nessa nova forma de se conceber o amor e em como ele se constitui na cultura moderna. Nesse contexto, o amor do garoto não significa absolutamente nada para a moça, considerando o modo como o narrador contrasta as duas projeções masculinas.

De algum modo, embora a sociedade seja sexualmente liberada, em que cada sujeito é livre para se relacionar com quem quiser, o amor ironicamente passa a ter um preço a ser pago, tal como qualquer outra mercadoria. Se antes havia

relações forçadas a partir de fatores econômicos ou por pactos familiares, os relacionamentos atuais, em larga escala, continuam carregados de imperativos econômicos também. A diferença está apenas na durabilidade dos contratos que, ao invés de eternos, passam a ser temporários.

O vício da masturbação surge no conto como uma explicação para os sonhos, utopias amorosas e inseguranças do garoto. O narrador descreve isso com certa insistência: “Ele lá, imaginando o corpo lindo da colega [...], pensando se batia mais uma punheta [...]. Ele lá, batendo uma punheta, com amor” (SANT’ANNA, 2007, p. 131). A hiperssexualização surge, assim, num contexto em que o sexo se transforma em consumo e a indústria pornográfica dirige o comportamento do sujeito para esse hábito, conforme aponta Giddens: “A pornografia torna-se facilmente viciosa devido ao seu caráter substitutivo. A cumplicidade das mulheres é garantida, mas a representação pornográfica não pode ‘pôr em xeque’ os elementos contraditórios da sexualidade masculina” (GIDDENS, 1993, p. 135).

Desse modo, a obsessão e procura constante pelo orgasmo são marcas de uma sociedade hedonista e pautada no prazer. A sexualidade do menino vai se constituindo pelo contato inevitável com essas questões. As dúvidas, incertezas e inseguranças levam-no ao fechamento e a procurar satisfação sexual em produtos como as revistas pornográficas. Mesmo imbuído de sentimentos pela colega, “Ele” se perde na insegurança, na incapacidade de iniciativa e na impossibilidade de realização. Esse desenvolvimento sexual a partir da masturbação, no caso do personagem do adolescente, de algum modo, reforça sua insegurança, à medida que ele ensaia dizer seus sentimentos à moça, mas no fim sempre os guarda para si e se masturba.

A utopia do amor configura-se, assim, como uma consequência dessa exploração do desejo e da fruição dos prazeres. Por conseguinte, a indústria cultural ainda reforça (paradoxalmente) a ideia de que realização desse amor se dá simbolicamente com uma relação mais pura, numa relação estável, o que leva o personagem “ele” a sonhar e projetar uma relação com a colega da escola. Mas o amor, para Kipnis, é como uma droga que, apesar de viciar o sujeito e até mesmo em casos mais extremos conduzi-lo à ruína, é sempre reexperimentada sob a esperança ou a promessa de viver emoções inéditas:

O paradoxo é que se apaixonar é o mais próximo que a maioria de nós chega ao vislumbre da utopia de vida [...]. Evidentemente o amor é sujeito a tanta regulação quanto qualquer substância poderosa que induza ao prazer. Seja ou não uma fantasia que acalentamos enquanto nos agrada, livres como pássaros ou borboletas, existe uma quantidade interminável de instrução social para nos dizer o que ele é o que fazer com ele, e como, e quando (KIPNIS, 2005, p. 51).

O amor, entendido como ato de se apaixonar, torna-se como uma droga regulada pela indústria que diz o que se deve fazer com ele. Fórmulas para encontrar o amor perfeito, livros de autoajuda, são resultados desse aparato comercial que tem no amor um protagonista e nos jovens um público alvo.

Em relação ao cara mais velho, o contrário se pode afirmar, visto que ele é descrito como alguém seguro de si e economicamente estabilizado. Mas a relação entre ele e a moça do conto não ocorreu da maneira esperada:

Ela lá, se despedindo do cara mais velho – “a gente se vê por aí” –, se divertindo com a frustração do cara mais velho por não ter conseguido fazer sexo com ela, [...]. E o cara mais velho, que não amava a colega da escola do menino [...] se conformando em não ter tocado os cabelinhos da vulva da colega da escola do menino, pensando que foi até bom, porque comer adolescente, quando faz sexo pela primeira vez, gruda (SANT’ANNA, 2007, p. 131-132).

Essa maneira de pensar do cara mais velho é própria de mitos do universo masculino de que desvirginar uma mulher equivale a conquistar um amor obcecado por parte dela. Essa ideia serve de consolo diante de uma conquista fracassada, uma vez que ele não conseguiu consumir o ato. Embora o “cara mais velho” levasse vantagem em relação ao personagem “ele”, se deparou com a dificuldade e resistência da “colega da escola” que não teve relações com ele. A moça, ao contrário do que o cara mais velho imaginava, se comportou como dona da situação, não fazendo nada que fosse contrariar a sua vontade. Por isso ela se divertiu com a frustração do cara mais velho que alimentou expectativas demais. Por outro lado, o cara mais velho conquistou o que o menino sempre sonhou em realizar, ou seja, um simples beijo. Com efeito, o menino persiste em seus sonhos:

Ele lá, na escola, sentado na carteira, na sala de aula, olhando para a colega da escola numa carteira bem longe da sua [...], amando a colega da escola, sofrendo por amor à colega da escola, [...] morrendo de vergonha das punhetas que bateu durante a noite, sempre pensando nela, sempre amando. Ele lá, elaborando estratégias para se aproximar da colega da escola, decorando discursos que eram mudados a cada momento, [...]. Ela lá, no pátio, convidando ele para a festa que daria no sábado, [...]. Ela lá, toda simpática, sorrindo para ele enquanto o convidava para a festa que daria no sábado. Ele lá, achando o sorriso dela muito simpático, indagando a si mesmo se aquele sorriso não era um sinal, se aquele sorriso não era o começo de um grande

amor, pensando em que presente levaria para ela na festa de aniversário dela (SANT'ANNA, 2007, p. 132).

O amor, no caso do adolescente, o leva a sonhar romanticamente com a moça. Ele a idealiza, tal como faziam os românticos, não percebendo nela uma mulher em sentido mais realista. Contudo, entende-se que tal reação seja natural considerando a fase em que se encontra o jovem. O conto de alguma maneira aponta para o modo como na atualidade, pós-liberação feminina, as moças iniciam sua vida sexual antes dos homens, considerando que, ao sair com homens mais experientes, os rapazes se iniciam mais tardiamente.

“Ele”, por outro lado, demonstra uma inexperiência significativa. Nos grandes centros urbanos, locais em que os padrões estabelecidos pelo capitalismo tardio é mais incisivo, o sujeito se depara com a abundância de parceiras (os) e com o choque provocado por seus apetites. É na adolescência que os impulsos se sobrepõem à razão (BRUCKNER, 2014, p. 48). Conseqüentemente, a liberação dos costumes trouxe consigo a possibilidade de desfrutar de um festim aberto a todos. Nas grandes cidades, tudo se torna possível. Contudo, o medo da rejeição leva muitos a crises pessoais e frustrações:

um nada pode se voltar contra nós ou jogar a nosso favor: a idade, o tamanho, o aspecto, as roupas, a voz. As inclinações, as ojerizas são ainda mais fortes, por estarem submetidas ao arbitrário. Quem não viveu um desses transtornos instantâneos em que se passa do gosto ao desgosto por um detalhe, uma virada de rosto, um jeito de rir? E como existem explosões repentinas de ódio por uma pessoa cujo único erro é existir! O espectro da rejeição assombra como um veneno nossas mínimas afeições (BRUCKNER, 2014, p. 49).

A juventude do personagem “ele” pesa por conta da escassa experiência. Essa incapacidade de o personagem “ele” ir em direção à conquista se explica pelo medo de ser rejeitado pela colega. Na adolescência, o jovem entra em contato e é provocado e atraído pela beleza da colega. A inexperiência, contudo, engessa uma atitude mais ousada que seria a de ir ao encontro do objeto desejado. Desse modo, lançar-se à conquista do outro, no caso a colega, é correr um risco que poucos se dispõem: “Nossa época “liberada” torna mais amarga a sorte dos solitários, dos apagados, devolvidos a seu anonimato, uma vez que se supõe que todo mundo goze” (BRUCKNER, 2014, p. 51). Conseqüentemente, os sentimentos d’“Ele” são sufocados e desenvolvidos no anonimato. A possibilidade de desenvolver uma experiência sexual e afetiva também.

A insatisfação emerge nesse contexto como uma sensação quase inevitável. À medida que o hedonismo se impõe como norma, o sujeito pode se sentir insatisfeito, seja por não se contentar com apenas uma ou duas conquistas, ou ainda por não conseguir sucesso em nenhuma. Desse modo, o sentimento de frustração nasce a partir da seguinte reflexão proposta: “dou-me conta de que nem sempre sou desejado por quem eu desejo, amado por quem eu amo” (BRUCKNER, 2014, p. 53). Assim, o jovem não consegue realizar sua primeira experiência amorosa, que tanto sonha e almeja, em virtude de sua completa ingenuidade em relação às mulheres.

### 3.7 O AMOR NA ADOLESCÊNCIA EM MILTON HATOUM

O conto “Varandas da Eva”, publicado pela primeira vez em 2009 na coletânea *A cidade ilhada* de Milton Hatoum, narra o desejo de um grupo de adolescentes em conhecer o balneário habitado só por mulheres. O nome do local é o mesmo do título do conto. O narrador, em primeira pessoa, narra quando já é adulto e se inclui como personagem principal no grupo dos jovens rapazes. A narrativa se constitui a partir das lembranças (*flashbacks*) do narrador já na fase adulta. Ele não dá nome a si, mesmo quando se distancia temporalmente da história narrada, vendo-se na terceira pessoa em sua juventude. O cenário onde a história se passa é Manaus, capital amazonense, mas em um tempo do passado do narrador, já na fase adulta.

O narrador começa sua história evidenciando esse aspecto do tempo pretérito: “Varandas da Eva: o nome do lugar. Não era longe do porto, mas naquela época a noção de distância era outra. [...] Desprezávamos a velhice, ou a ideia de envelhecer; [...] Mas aquele lugar, Varandas da Eva, ainda era um mistério” (HATOUM, 2010, p. 7). Outros personagens são trazidos para o conto e constituem o enredo, como Ranulfo (tio Ran), Minotauro, Geriélson e Tarso. Desses, apenas tio Ran é adulto durante os acontecimentos do enredo, enquanto Minotauro, Geriélson e Tarso são jovens companheiros do protagonista.

O único que conhecia bem o local, Varandas da Eva, era Ranulfo: “É um balneário lindo, e cheio de moças lindas, dizia ele” (2010, p. 7-8). Esse

conhecimento de Ranulfo gerava certa inveja nos jovens: “Invejávamos tio Ran, que até se enjoara de tantas noites dormidas no Varandas. [...] Cresçam mais um pouco, cambada de fedelhos. Aí levo todos vocês ao balneário” (2010, p. 8). O contraponto aqui se estabelece a partir da construção de um sujeito experiente, frequentador e conhecedor de um ambiente de mulheres, com os jovens que querem aprender as artes do embate amoroso e sexual. Essa inveja se verifica em virtude de o lugar ser permitido aos homens mais velhos e interdito aos mais jovens.

Minotauro é descrito como um jovem impaciente: “Minotauro, fortaço e afoito, quis ir antes. Foi barrado no portão alto, cuspiu na terra, deu meia-volta” (HATOUM, 2010, p. 8). Outro personagem, Geriélson, era: “mais paciente, rapaz melindroso, sabia esperar. Já namorava de dar beijos gulosos” (2010, p. 8). O último, Tarso, era: “o mais triste e envergonhado: nunca disse onde morava. Desconfiávamos que o teto dele era um dos barracos perto do igarapé de Manaus; um dia se meteu ali e sumiu” (2010, p. 8).

O narrador, assim, apresenta todos os personagens masculinos do conto. O desejo em conhecer o Varandas da Eva era algo almejado por todos. Tio Ranulfo então decide levá-los para conhecer: “Então tio Ranulfo prometeu: quando chegar a hora, pago pra todos vocês” (HATOUM, 2010, p. 9). Essa atitude do tio em levar jovens para conhecer um ambiente feminino é comparável, numa relação de equivalência, aos antigos rituais de iniciação sexual. Sobre isso, Elisabeth Badinter pontua o seguinte:

O objetivo comum desses ritos é mudar o estatuto de identidade do menino para que ele renasça homem. [...]. Mas, na maioria das sociedades ritualizadas, a masculinidade é um desafio que eleva todos os meninos, pela força dos rapazes mais velhos. Bem ou mal, vencidas as provas, eis a transmutação operada: os meninos sentem-se homens (BADINTER, 1993, p. 71).

O conto em si não traz essa perspectiva ritualística de obrigação para os jovens se tornarem homens pela frequência a uma casa de mulheres. No entanto, mesmo nas sociedades modernas, ainda é comum encontrar essa configuração ou estado de coisas. A figura do tio Ranulfo é construída como um sujeito experiente que inicia os jovens na arte masculina da iniciação sexual e amorosa. O contato com mulheres, sexualmente experientes, ganha relevo nesse sentido. A expressão utilizada por ele “as mulheres não gostam de fedelhos” aponta para a ideia de que os adolescentes em questão não estão preparados ou não são homens. Para

frequentar o “Varandas” é necessário, portanto, não ser menino, ou em outros termos, “ser homem”. Desse modo, a identidade masculina heterossexual passa a ser algo que precisa ser conquistada:

A ordem ‘seja homem’, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende. [...] a posse de um cromossomo Y ou de órgãos sexuais masculinos não basta para definir o macho humano. Ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres (BADINTER, 1993, p. 3).

Badinter explica que esse trabalho ou esforço implica que a virilidade precisa ser conquistada. Assim, os adolescentes do conto alimentam também a necessidade de ter essa experiência. Essa luta do rapaz em busca da afirmação da sua identidade masculina é importante para a sua realização pessoal. Consequentemente, voltando à narrativa, chega o dia em que os adolescentes poderão conhecer o tão esperado lugar:

Tio Ran, homem de palavra, foi generoso: espichou dinheiro para a entrada e a bebida. Depois tirou um maço de cédulas da carteira. Disse: Isso é para as mulheres. E nada de molecagem. Cada um de vocês deve ser um gentleman com aquelas princesas (HATOUM, 2010, p. 9).

O dia esperado chega e curiosamente um dos jovens hesita e desiste de entrar no local: “Tarso hesitou: deu uns passos para a frente, recuou, quis e não quis entrar. Ficou mudo, mais e mais esquisito, fechou-se. [...] Tarso, um desmancha-prazer. Deixamos o nosso amigo” (2010, p. 9). Numa primeira leitura, a reação do jovem rapaz pode ser interpretada como insegurança, medo ou timidez diante de uma experiência, talvez, inédita para ele. Por outro lado, a verdade sobre Tarso só é revelada ao final do conto. O foco narrativo nesse personagem tem relação com a experiência que o narrador terá nessa noite e que só será desvelada ao desfecho do conto. O narrador descreve então a sua experiência:

Minotauro me cutucou: uma mulher sorria para mim. Não vi mais o Minotauro, nem quis saber do Geriélson. Só olhava para ela, que me atraía com sorrisos; depois ela me chamou com um aceno, girando o indicador, me convidando para dançar. [...] Dançamos três músicas, e dançamos mais outras, parados, apertadinhos, de corpo molhado. [...] Ficamos um tempo na varandinha, no namoro de beijos e pegações (HATOUM, 2010, p. 10).

O contato do rapaz com uma mulher mais experiente é descrito com muita leveza, como uma experiência positiva para ele. A mulher ensina para ele os supostos e imaginados segredos da arte do sexo e do amor. Ela não é nominada, embora o narrador tenha manifestado curiosidade sobre o seu nome:

Ela me ensinou a fazer tudo, todos os carinhos, sem pressa, com o saber de mulher que já amou e foi amada. Passamos a noite nessa festa, sem cochilo, e muitos risos, de só prazer. Fez coisas que davam ciúmes, carícias que não se esquecem. Perguntei como ela se chamava. Ela disfarçou, e disse, rindo: Meu nome? Tu não vais saber, é proibido, pecado. Meu nome é só meu (HATOUM, 2010, p. 11).

Esconder a identidade é importante para a mulher, nesse contexto, se autopreservar. O misto de sentimentos embaralhados somados ao aprendizado dá ao conto contornos de amor. O adolescente se deixa fascinar pela mulher e se envolve emocionalmente. Ela, por outro lado, sabe que está ali numa situação única, iniciando o rapaz na arte sexual, sem se deixar envolver. Seu nome é um mistério que só os mais íntimos podem ter acesso. Esse não é o caso do jovem. O controle das emoções dá à personagem feminina um caráter de maturidade, em que ela sabe extrair e proporcionar prazer na relação casual ou também profissional, no entanto, desvinculada de afetividade.

Essa postura da personagem feminina é importante, considerando que um compromisso, no seu caso, pode trazer muitos problemas. Não idealizar o amor ou não ser vítima das suas artimanhas e armadilhas, deixa a mulher numa posição em que um compromisso é entendido, em certa medida, como algo nocivo para o estilo de vida que ela aparentemente ou supostamente escolheu. Ela faz uma opção consciente em que está, naquele momento, numa relação casual e momentânea.

O narrador se apaixona pela mulher e é tomado pelo desejo de entreter novamente relações com ela: “Nos meses seguintes, ainda tentei ver a mulher, pulava de um clube para outro, os lupanares de Manaus. Até hoje, sinto ânsia só de lembrar” (2010, p. 11). As lembranças de uma noite prazerosa criam no rapaz um anseio descontrolado ao ponto de procurar a mulher em todas as casas. Isso demonstra como o amor, no caso do adolescente, se sustenta pela ausência do outro, ou em termos semióticos, do objeto de desejo.

As lembranças do narrador descritas no conto criam uma atmosfera de um amor insatisfeito, de um amor que poderia resultar em algo mais. A expressão “sinto ânsia só de lembrar” indica isso. A ansiedade ocorre em razão da procura aliada ao

desejo de encontro e de nova conjunção, porém nada disso ocorre. Desse modo, o narrador, mesmo já na fase adulta, parece não ter esquecido nunca aquela mulher, como se, de alguma forma, esse amor insatisfeito ainda estivesse vivo. Enquanto a “morte do amor”, segundo Bauman (2004, p. 22), se verifica, na maior parte dos casos, pela noção de posse do objeto amado ou desejado, a vida desse amor representado no conto se dá pela ausência.

Os parentes do conto também reconhecem esse sintoma no jovem: “Tia Mira dizia que eu estava babado de amor. Estás tonto por uma mulher, ela ria, observando meu devaneio triste, meu olhar ao léu” (HATOUM, 2010, p. 11-12). O rapaz é tomado de uma tristeza, em que sua mente se dispersa e seu olhar se perde entre as coisas. Esse sentimento de frustração são os primeiros passos do jovem na senda amorosa, no sentido de procurar entender os significados do amor.

A ausência da mulher que ama, portanto, cria essa atmosfera de sofrimento na narrativa. A figura dessa mulher experiente leva o rapaz a pensar constantemente em reencontrá-la. É possível que a carência de maiores experiências o tenha levado a uma paixão idealizada. O rapaz, neste caso, não percebe que ela não se relacionou afetivamente com ele. Para ele, aquilo pode ter significado amor, mas para ela não. Ele não percebe que não está se relacionando, que não há qualquer vínculo entre os dois, mas sim amando a própria ideia do amor. Essa projeção o leva ao devaneio, à fantasia e ao sonho com a mulher em questão.

Já em sua fase madura, os destinos dos personagens são revelados. Após o episódio em que foram no Varandas, o contato entre o narrador e Tarso revela por que o rapaz resolveu fugir naquela noite: “O Tarso disse que não entrou no Varandas porque teve medo. Medo? Ele sério, e calado” (2010, p. 11). A timidez ou inexperiência do personagem é refletida em sua fuga: “O Tarso não quis conversar sobre aquela noite. Foi o primeiro a se afastar da turma” (2010, p. 12). Porém, é preciso pontuar, mais uma vez, que o verdadeiro motivo de Tarso não ter entrado no Varandas só será revelado ao final do conto. Por conseguinte, a vida dos outros também é descrita:

Três anos depois, meus tios Mira e Ran mudaram de bairro. [...]. O único que cruzou meu caminho foi Minotauro; [...] Estava fardado, era soldado [...]. O leso do Geri viajou para São Paulo. Quer ser doutor, médico de mulher. [...] E o Tarso? Mais pobre que eu, ele [Minotauro] disse. Deve estar caído por aí. Pobre pobre não se levanta, mano. Nem soldado o coitado do Tarso pode ser (HATOUM, 2010, p. 12-13).

Anos após os acontecimentos acima narrados, o narrador consegue ver a mulher que amou. A julgar pelo modo como essa lembrança não simplesmente não sai da sua mente, é possível que ainda a ame. Tal amor vivo e permanente se explica em razão da sua insatisfação, do seu querer reencontrá-la mais uma vez. É importante, ainda, observar como o protagonista constrói o conto a partir de interstícios narrativos entre Tarso e seu amor. A figura do amigo surge de maneira surpreendente, ligando-se também àquela mulher:

Anos depois, [...] vi, numa canoa, um rosto conhecido. Era Tarso. [...] O corpo do meu amigo curvado pelo peso, era o de um homem. Subiu uma escadinha de madeira, deixou o cesto na porta de uma palafita, voltou à margem e puxou a canoa até a areia enlameada. À porta apareceu uma mulher para apanhar o cesto. Reapareceu em seguida e acenou para Tarso. Num relance, ela ergueu a cabeça e me encontrou. Estremeci. Eu ia virar o rosto, mas não pude deixar de encará-la. Ela me atraía, e a lembrança surgiu agitada, confusa. A voz dela chamou: Meu filho! A mesma voz, meiga e firme, da moça, da mulher da casinha vermelha, no balneário Varandas da Eva. Era a mãe do meu amigo? Isso durou alguns segundos. [...] o rosto dela era o mesmo, não envelhecera. [...] Permaneci ali mais um pouco, lembrando... Nunca mais voltei àquele lugar (HATOUM, 2010, p. 13-14).

O narrador, ao ver a mulher, se surpreende ao constatar que ela era a mãe do seu amigo Tarso. Isso explica os motivos do rapaz não ter acompanhado os demais na aventura daquela noite paga pelo tio Ranulfo. Isso explica por que razão o narrador foca muito em Tarso desde o início do conto. Em princípio, tudo leva o leitor a crer que se trata de desnudar o medo, a timidez e a inexperiência, quando o motivo mais fulcral era o de descobrir que Tarso possivelmente tinha vergonha da profissão da sua mãe, ou ainda, vergonha em saber que algum de seus amigos pudesse estabelecer relações com ela.

Outro conto de Hatoum que trata da descoberta do amor na adolescência é “Uma estrangeira da nossa rua”, publicado na mesma coletânea do conto antecedente. O conto é narrado também em primeira pessoa. O que chama a atenção logo no início é a referência a uma personagem denominada “tia Mira”. O conto anterior já fazia menção a essa personagem, o que leva à dedução de que seja a mesma personagem da narrativa precedente. Neste caso, o narrador pode até ser o mesmo.

Ele chega de viagem e pergunta sobre uma família estrangeira: “Deixei a mala no quarto e quase sem querer perguntei pelos Doherty. Nunca mais voltaram, disse tia Mira. O pai ainda passou uns meses aqui, vendeu o bangalô e foi embora” (HATOUM, 2010, p. 15). O comportamento saudosista do narrador é perceptível

quando sente a ausência da família estrangeira: “Na varanda de casa, ao olhar as ruínas do bangalô, me lembrei de Lyris, mais alta e também menos arredia que a irmã. O cabelo quase ruivo, o rosto anguloso e os olhos verdes e um pouco puxados embaralhavam traços do pai e da mãe” (HATOUM, 2010, p. 16). A narrativa começa a partir dessas lembranças do narrador. Ele retorna ao passado para contar como foi essa experiência amorosa.

Lyris surge como uma figura feminina pela qual o narrador nutria alguma atração: “Só me dei conta dessa beleza estranha e misturada no fim da infância, quando senti alguma coisa terrível e ansiosa parecida com a paixão” (2010, p. 16). A temática amorosa aparece no texto como motivação para a narrativa. Embora não seja possível afirmar categoricamente que o narrador desse conto seja exatamente o mesmo do anterior, o comportamento de ambos é semelhante. O amor é entendido de maneira platônica, em que a distância e a ausência da amada criam esse sentido, em que o amor é alimentado pela imaginação e pela fantasia. A mulher madura também é outro dado que corrobora com a ideia de que o narrador seja o mesmo, pois é preciso reiterar que no conto anterior o narrador estava apaixonado por uma mulher mais experiente: “Lyris devia ter uns dezoito anos, e a irmã era quase da minha idade: quinze” (2010, p. 16).

Por outro lado, uma aproximação é descrita pelo narrador como algo praticamente impossível, considerando que Lyris e sua irmã eram constantemente escoltadas pelo pai:

não iam às festas, não pulavam Carnaval, não se bronzeavam nos balneários nem tinham namorados ou amigos. Andavam sempre juntas, e sempre escoltadas pelo pai: o engenheiro Doherty. Diziam que ele era inglês ou irlandês, e a verdadeira nacionalidade permaneceu um mistério (HATOUM, 2010, p. 16).

Essa dificuldade cria no imaginário do narrador um desejo de querer descobrir quem é Lyris e estabelecer relações mais próximas, como uma possível amizade, por exemplo. Porém tal anseio é impossibilitado devido essas circunstâncias. O narrador chega inclusive a pontuar a descoberta da grafia de Lyris como se fosse uma espécie de prêmio:

A família Doherty recebia dos vizinhos convites para festas de São João e de aniversário. Nós sempre convidávamos os estrangeiros, e sempre recebíamos um buquê de flores com um bilhete de agradecimento ou parabéns, assinado pelos pais e suas filhas. Eu aguardava esses bilhetes, gostava de ver a assinatura de

Lyrís, e pensava que o nome dela, escrito com letras inclinadas, quase deitadas, era um presente para mim (HATOUM 2010, p. 17).

Essa paixão invade a mente do narrador que passa a desejar Lyrís com mais intensidade. O amor, neste caso, é vivo em razão desse anseio de conquista do rapaz. As barreiras que impossibilitam uma aproximação tornam-se uma motivação a mais para lutar contra as dificuldades. Detalhes mínimos, como a escrita, por exemplo, passam a ter significados profundos para o rapaz. Esse amor beira a obsessão quando o narrador conta como passou a vigiar a moça:

Quando fiz catorze anos [...], pudei galhos e folhas do jambeiro do quintal, abrindo um clarão na copa espessa da árvore. Então podia ver o pátio onde a mãe estendia a roupa molhada das filhas; aos domingos, cinco da tarde, via a família ao redor de uma mesa sob a acácia; conversavam, riam, tomavam chá e comiam pupunha cozida com manteiga. [...] Aos sábados, podia ver a janela do quarto das irmãs. A cama de Lyrís aparecia inteira, a da irmã, só a metade; durante a semana, as duas moças raramente ficavam no quarto, pois estudavam no escritório da fachada oeste, inacessível ao meu olhar (HATOUM, 2010, p. 17).

A atitude do rapaz, em podar os galhos que impediam a visão sobre a residência vizinha, demonstra como essa atração o leva a agir de maneira absurdamente apaixonada. Essas lembranças, ainda vivas, evidenciam também o modo como ele mirava as roupas das moças no varal e como marcava determinados horários dos programas familiares para poder contemplar Lyrís. Esse amor, alimentado pela distância, poderia muito bem ser mal interpretado na hipótese de Lyrís descobrir o que o rapaz estava fazendo. Ela poderia entender que tal atitude configuraria um abuso por parte dele, pois que estava invadindo sua privacidade. Embora o conto não trate dessa perspectiva, é importante ponderar sobre isso, no sentido de estabelecer sentidos para esse amor. O amor secreto do narrador, caso fosse descoberto, poderia ser fonte de angústia e decepção para ele, no caso de Lyrís interpretar suas atitudes como as de um sujeito psicótico.

Contudo, o narrador relata essa aventura a partir dos seus catorze anos. Ainda muito jovem, o rapaz começa a descobrir o amor pela atração que sentia pela moça, diga-se de passagem, mais velha que ele. Não faria sentido para ele afirmar um sentimento por Lyrís, considerando que eles nem ao menos se conheciam. A fantasia e a imaginação, neste caso, exercem domínio sobre ele, de modo que isso alimenta esse amor à distância. A falta de experiência também contribui para acentuar essas projeções e anseios. O texto coloca como esse amor estaria

supostamente prejudicando o rapaz: “Naquele ano passei parte dos dias na varanda à espera da moça. Tia Mira ralhava: Vais ser reprovado por causa dela. Desiste de uma vez, ela é quase mulher, e tu és um menino” (2010, p. 18).

Ao classificar o adolescente como “um menino” em contraste à Lyrís como “quase mulher”, tia Mira reforça a impossibilidade de o rapaz lançar-se à conquista da estrangeira. Essa desvantagem apresenta-se para o narrador como um obstáculo a ser vencido e provar para a tia que ele “não era um menino”. Essa afirmação da sua masculinidade é uma razão a mais para o adolescente lutar pelo amor de Lyrís.

Essa espera por Lyrís quase diariamente demonstra como o amor faz com que ele perca o domínio de si, passando a agir em razão dela. Essa falta, portanto, cria o sentido de amor para ele. O amor, nesse caso, é capaz de sacrifícios absurdos como, por exemplo, reprovar na escola por causa disso. Esse amor-obsessão direciona seu pensamento exclusivamente para a moça: “Como seriam as noites dos Doherty? Que segredos, palavras e gestos havia na intimidade, na quase absoluta reclusão?” (2010, p. 19). A inexperiência do rapaz em lidar com esse sentimento o leva a sobressaltos românticos, emotivos e não racionais, mas compreensíveis considerando-se que ele está descortinando os mistérios do amor.

Esse desejo de conhecer e, conseqüentemente possuir, leva o narrador a sentir medo de ser eclipsado por outro homem: “Meu tio, mais tosco e bruto, andava nu pela casa e sentava de pernas abertas na rede e me encarava com um sorriso cínico: Essa Lyrís é pra mim, rapaz. Qualquer dia ela larga o pai e vem sentar no meu colo” (HATOUM, 2010, p. 18). O ciúme é outra paixão que atormenta o rapaz. A possibilidade de rivalizar a moça com o tio é outro fator próprio desse universo masculino que crê na ideia de que a moça configure uma espécie de objeto de conquista, como um troféu.

Essa luta do jovem pela conquista, neste caso, não apenas do amor, mas também da sua identidade masculina, também tratada no conto anteriormente analisado, é o mote que move o jovem à procura constante de Lyrís. Desse modo, as práticas masculinas que compõem a luta íntima do sujeito e sua identidade são ainda mais contundentes na adolescência. Cecchetto, a partir da análise dos trabalhos de Connell, entende como masculinidades o que denomina como “configurações de práticas” (CECCHETTO, 2004, p. 64). Essas configurações demonstram como determinadas lutas e conflitos no interior de modelos de masculinidades podem ser depreendidos em que uns são mais valorizados e

exaltados em detrimento de outros. É o caso dos homens experientes, como o tio, que se sobrepõem aos inexperientes, como o narrador em sua adolescência.

Com efeito, as masculinidades se configuram como relações práticas relativas à classe, etnia, idade, raça, nacionalidade e posição ocupada. A idade, no caso em análise, é o que pesa para o jovem. Dessa maneira, caberia, dentro do exame dessas hierarquias, extrair as construções masculinas inerentes a cada caso. Cecchetto estabelece ainda que:

O mais importante é perceber as relações de poder ou prestígio, na constituição desses modelos hegemônicos e subordinados; isto é, o ideal hegemônico criado num contexto de oposição a “outros”, cuja masculinidade era desvalorizada. Desse modo, é sobre a emasculação de outros que se constrói um tipo de masculinidade hegemônica. Na tentativa de se conferirem uma masculinidade socialmente valorizada, certos grupos masculinos negam outras versões de homem, transformando-as em duvidosas ou desprezíveis (CECCHETTO, 2004, p. 66).

Desse modo, a análise levantada por Cecchetto, a partir das teorias de Kimmel pontua a maneira como o ideal hegemônico de masculinidade pode subjugar outras formas de masculinidade, como entre homens adultos e adolescentes no presente caso:

o modelo de masculinidade hegemônica é um modelo ideal, dificilmente seguido por todos os homens, mas que tem ascendência sobre os outros modelos. Ainda que não seja o único, é ele que se impõe e estabelece relações de várias ordens com os modelos alternativos (CECCHETTO, 2004, p. 67).

De acordo com a Cecchetto, um dos aspectos dessa masculinidade é a heterossexualidade, bem como a sua relação histórica com os processos de dominação. Nessa dominação, o princípio da masculinidade hegemônica se caracterizava, sobretudo, pela subjugação da mulher ou de outros homens. Desse modo, até mesmo outros homens heterossexuais, como o caso do narrador em análise, sofrem com essa padronização, como aponta Cecchetto (2004, p. 68). Conforme a posição ocupada na escala social, por exemplo, determinados homens heterossexuais podem sofrer essa exclusão predeterminada pelo modelo hegemônico. Temos assim, no caso dos adolescentes, masculinidades heterossexuais subordinadas, em que a inexperiência masculina é subordinada à sua experiência, numa hierarquização. Para ser homem, neste caso, é preciso adquirir essa experiência.

A figura do tio, como um homem conquistador e mais experiente, também emerge causando o receio de perder a moça para um sujeito mais ousado. À exemplo do conto “Sexo com amor”, de André Sant’Anna, que contrapunha as figuras do personagem “Ele” e o personagem “O cara mais velho”, o presente conto de Hatoum também contrapõe essas construções masculinas, em que o adolescente se percebe como “menos homem” que seu tio. A experiência e a ousadia dos homens que já sofreram vitórias e revezes no universo da conquista amorosa causa esse medo ou receio de ser ofuscado, conseqüentemente o ciúme que advém desses sentimentos.

O ciúme, neste caso, não se verifica apenas em relação ao tio, mas também é indiretamente projetado contra o pai de Lyris: “Lembro que, num fim de tarde, as duas irmãs pararam de recolher a roupa do varal, correram até a garagem e reaparecem no pátio, penduradas no pescoço do pai, que mal beijou a mulher” (2010, p. 19). Ao pontuar o excesso de carinho em relação às filhas e a ausência de atenção com a esposa, o narrador cria um sentido de ciúme do amor paterno.

O erotismo, a sexualidade aflorada e o desejo pelo corpo feminino acentuam ainda mais as crises de paixão do narrador. O voyeurismo do adolescente faz com que ele transite entre o amor e o crime de estar invadindo a privacidade de Lyris:

É impossível me aproximar de Lyris, pensei, enlouquecido numa tarde quente de agosto em que a vi deitada na cama, nua, lendo um livro de capa vermelha. As lentes do binóculo traziam para perto de mim o contorno e os relevos do corpo, os cachos de cabelo ruivo e os olhos verdes. Tranquei a porta da varanda e com as mãos suadas me delicieei com a visão do corpo de Lyris. [...] Foi a primeira moça que vi assim: leitura e nua (HATOUM, 2010, p. 19).

A belíssima cena precisa ser compreendida em dois contextos. Uma leitura politicamente correta levaria a uma possível interpretação de que o rapaz estaria ultrapassando os limites do bom senso, praticando ações abomináveis, como importunar a privacidade da jovem. Outra leitura possível compreende as ações do rapaz como a de um curioso que se lança à aventura amorosa, embora da mesma maneira inconveniente. Entretanto, o amor na adolescência possui certas inconveniências e tons de rebeldia passional, em que se correm riscos ou se praticam tolices pelo simples prazer da descoberta amorosa. No caso de um adolescente de catorze anos, esse voyeurismo é compreensível e desculpável. Talvez não o fosse se a moça eventualmente descobrisse o que estava se

passando. Ainda há uma terceira conjectura: a possibilidade de Lyris gostar da ideia de ser desejada por um rapaz mais jovem.

Embora nada disso tenha efetivamente ocorrido, ou seja, Lyris não descobre nada sobre como era vigiada, esses dados são importantes para depreender o comportamento do rapaz e na constituição de sua masculinidade. O desenho do amor na adolescência carrega consigo certa carga de inexperiência que, ao se somar às fantasias e imaginações, cria um desejo doentio em querer descobrir absolutamente tudo sobre a mulher que se ama. A inabilidade em administrar ou governar suas paixões também contribui significativamente para o agravamento desse quadro obsessivo do rapaz.

Em outra cena, mais uma vez a figura do tio surge para rivalizar com o narrador.

meu tio me convidou para ir ao teatro Amazonas [...]. Não conhecia ninguém, fiquei observando um quadro de Domenico de Angelis, [...] enquanto meu tio bebia e se pavoneava; de vez em quando vinha me dizer que a mãe daquela aluna tinha sido sua namorada e mais de uma mulher no salão era sua amante. Já estava meio bêbado e não dei importância ao que dizia, sua voz de conquistador barato me chateava (HATOUM, 2010, p. 19-20).

Ao afirmar a pouca importância que dava às conquistas do seu tio, o narrador transparece mais uma vez como o excesso de experiência – considerando-se que seja efetivamente verdade, embora também possa ser uma mentira elaborada pelo tio – dos outros homens é um assunto que o aborrece. É preciso, por outro lado, ponderar sobre essa atitude do tio em se “pavonear”. É possível sim que o tio seja de fato um sujeito mais experiente, mas também que conte vantagens pessoais para os outros homens como uma maneira de se sentir mais “homem”. O tio configura um personagem em que a masculinidade se constitui a partir dessas narrativas e competições internas próprias de um universo masculino em que vitórias e conquistas são constantemente evocadas para confirmar o estatuto de “homem”.

O tio do conto se enquadra como aqueles que estão submetidos a esse modo de perceber as relações afetivas, acreditando que vivem melhor que outros que não compactuam com essa forma de conduzir suas relações. É aquilo que Bauman considera como uma ilusão de experiência. A imagem do sedutor contemporâneo, na figura do tio, é construída a partir das narrativas desse acúmulo de conquistas, ao passo que a imagem do sujeito apaixonado, na figura do narrador, de alguma forma,

sofreu um revés significativo: “Quando o apaixonado gagueja, o sedutor se pavoneia: expõe sua destreza, seus ouros e púrpuras e vai na direção do alvo, infalível” (BRUCKNER, 2014, p. 56).

Por outro lado, mesmo o narrador em sua fase madura, ou seja, do momento da narrativa externo aos fatos narrados, demonstra-se um homem diferente de seu tio, caracterizado, sobretudo, por uma sensibilidade maior. Com efeito, ao qualificá-lo como “tosco e bruto” (p. 18), o narrador realiza uma distinção entre homens que carregam tais características e a sua, isto é, um homem marcado por uma sensibilidade evidente. A importância que dá às lembranças da adolescência corrobora com esse dado.

Embora a voz do seu tio aborrecesse seu jovem sobrinho, é ele quem revela a chegada de Lyris: “Mas foi essa voz que soprou no meu ouvido: Como ela é linda, e, quando desviei os olhos do quadro [...], dei de cara com a família Doherty. [...] a beleza de Lyris se destacava do pequeno clã como uma orquídea selvagem” (HATOUM, 2010, p. 20). O impacto da sua chegada, somada à admiração que nutria pela jovem, chocam o rapaz que fica impotente em resistir aos encantamentos. A jovem surge mais uma vez na vida do rapaz desestabilizando-o emocionalmente:

Dois rapazes de uns vinte e cinco anos flertavam com Lyris, e um deles, o mais alto e posado, roçou a mão no queixo dela e curvou a cabeça sobre o decote. Esse gesto insolente me insultou. O fato de eu ser tão jovem podia selar meu fracasso? Não tinha a coragem do rapaz, eu era destemido com outros feitos, ousado em outras situações, mas na presença de Lyris era um covarde. Não conseguia sair do lugar, o medo e a timidez me paralisavam (HATOUM, 2010, p. 20)

A descrição da cena revela um adolescente em suas indecisões e incertezas sobre si. A coragem, virtude exaltada nos meios masculinos como um sinal de afirmação de virilidade, no caso do amor, torna-se para o rapaz um problema. O contraste com outros dois rapazes, mais velhos e, possivelmente, mais experientes, evidencia como ele mensura sua identidade masculina a partir do comportamento de outros homens. Nesse sentido, o narrador gostaria, ao menos no momento da cena ocorrida, de estar no lugar de um daqueles rapazes de vinte e cinco anos. Ele presumivelmente trocaria seus catorze anos pelos vinte e cinco dos outros dois. Dessa maneira, poderia estar naquela mesma situação e confabularia com Lyris sem maiores complexos. Porém a inexperiência, o medo e a timidez paralisam qualquer reação.

Bruckner explica o engessamento do comportamento masculino, em alguns casos, e como pode efetivamente estar concatenado às censuras e cerceamentos pela maneira como qualquer forma de aproximação possa ser interpretada: “homens [...], paralisados em seus impulsos sexualmente corretos” (BRUCKNER, 2014, p. 64). Talvez o medo de uma reação inesperada de Lyris seja o que engesse o comportamento do narrador, impedindo-o de se lançar à conquista.

Outro aspecto concerne ao ciúme que sentia por Lyris somado a certa inveja do rapaz que roçou o queixo e mirou o decote da jovem. Esses detalhes também contribuíram para essa crise interna em sua conquista do “tornar-se um homem”. A pergunta que ficou, “o fato de eu ser tão jovem podia selar meu fracasso?”, é significativa dessa crise, em que o rapaz se percebe não como homem suficiente para Lyris. Ser muito jovem e chamado de “menino” por sua tia, saber que seu tio cobiçava a moça, ter consciência que Lyris era quase mulher e ver a cena em que dois rapazes mais velhos estariam flertando com ela, tudo isso causa no rapaz uma angústia e uma sensação próxima a do fracasso amoroso.

Ao contrário de tudo o que poderia esperar, o jovem tem uma surpresa quando Lyris vem ao seu encontro:

levei um susto quando vi Lyris a dois palmos do meu rosto. [...] É a primeira vez que a gente se encontra, nem parece que somos vizinhos, ela disse em português, com a maior desenvoltura. [...] Deve rir da minha timidez, pensei, sem tirar os olhos do seu rosto. Quis mencionar um poema, mas não conseguia lembrar nada, nem dizer uma palavra. Uma emoção forte me anulou, e só os olhos me obedeceram. Por que não vens me visitar? Tu sabes que estou em casa, ela disse com uma voz mansa que me deu calafrios. (HATOUM, 2010, p. 20-21)

O modo como Lyris se aproxima do rapaz, isto é, “com a maior desenvoltura”, e a maneira como ela diz “Tu sabes que estou em casa” revelam algum conhecimento prévio que a moça possivelmente tinha dele, além do simples fato de serem vizinhos. É possível que ela desconfiasse do amor platônico do jovem. Também é plausível que estivesse lendo nua na cama propositalmente, sabendo que ele estaria usando binóculos para espiá-la, só para provocar o adolescente. Contudo, são conjecturas em aberto, considerando que o texto não possibilita comprovações mais contundentes, embora forneça pistas e detalhes importantes na depreensão das razões da sua aproximação.

A atitude de Lyris é explicável somente numa sociedade em que a mulher conquistou seu espaço, podendo inclusive dar um passo adiante ou tomar a

iniciativa de uma relação. Mary Del Priore aponta essa transformação do comportamento feminino. Em tempos anteriores, o direito à iniciativa de uma relação, em outras palavras o direito de conquista, era cerceado às mulheres: “Recato era sinônimo de distinção. Moça de elite, [...], ‘não tomava iniciativa em procurar o rapaz... quem se declarava era sempre ele’. Só mulheres de reputação duvidosa tomavam iniciativas ostensiva e publicamente” (DEL PRIORE, 2015, p. 256).

Apesar de Lyris ser um pouco mais velha que o rapaz, ela não é tomada pelo medo de tentar uma aproximação. Mulheres como Lyris estão fortalecidas com essa liberdade e podem tomar a iniciativa de qualquer relacionamento. Para muitas mulheres contemporâneas, a figura de um conquistador não é tão necessária. Hoje ninguém mais acredita no príncipe encantado dos contos maravilhosos, que Bruckner (2014, p. 50) denomina como o “arquétipo ridículo” do conquistador.

O “Don Juan”, o velho modelo do sedutor, vem perdendo sua força de maneira significativa, embora ainda funcione como um modelo para muitos homens. Anteriormente, os códigos de sedução e conquista eram os mesmos do amor cortês, em que o homem ia em direção da mulher, bastando aproximar-se sem o receio de ser rejeitado. Na contramão dessa perspectiva, atualmente as mulheres têm liberdade para propor um interesse por alguém.

Em contrapartida, mais uma vez, as fortes emoções e a timidez paralisam o jovem que não consegue manifestar maiores reações. Ele fica só nos pensamentos, em seu mundo interno, sem conseguir dizer qualquer coisa. Essa falta de reação é até cômica quando ele afirma: “Quis mencionar um poema, mas não conseguia lembrar nada, nem dizer uma palavra” (p. 21). Somente a falta de controle das emoções poderia levar alguém a recitar uma poesia sem uma razão plausível. Essa inexperiência torna-se burlesca, ao menos para o etos comportamental da atualidade, considerando que ele recitaria um poema só pelo fato de estar apaixonado pela moça. Na sequência, Lyris toma uma atitude ainda mais surpreendente e ousada:

Afastou-se um pouco, olhou para o lado e, de repente, esticou o pescoço e me deu um beijo no canto da boca. [...] Fiquei sem saber se era o beijo de uma amizade ou de um namoro inusitado; dormi muitas noites com a lembrança desse beijo, que dava uma esperança confusa (HATOUM, 2010, p. 21).

O beijo de Lyrís agrava ainda mais a paixão que o narrador sentia. Os pensamentos, sonhos e anseios que vislumbram uma suposta relação tomam conta da mente do rapaz, que passa a nutrir maiores esperanças de conquistar Lyrís. Essa atitude romântica do narrador, que se caracteriza por seu aspecto sonhador e saudosista, idealizando uma relação que nem ao menos ocorreu de fato, leva-o a criar significados mais profundos para um simples beijo. Um beijo pode ser entendido como uma atitude educada por parte de Lyrís, no sentido de ser apenas uma saudação, mas para ele passa a significar infantilmente até mesmo um possível “namoro”.

No entanto, mesmo Lyrís abrindo possibilidades maiores para o jovem lançar-se à conquista, a timidez e o medo, ainda assim, são mais fortes que seu desejo:

Pensei em fazer uma serenata para Lyrís, mas a severidade do engenheiro Doherty me intimidava; duas vezes tentei visitá-la, ficava encostado numa parede próxima da casa azul, indeciso, derrotado. Duas tentativas desastrosas, e mais uma vez amaldiçoei minha timidez, meu medo. (HATOUM, 2010, p. 21)

O jovem é constantemente cercado por suas indecisões e hesitações. Sua inexperiência é sintomática inclusive quando conjectura a ideia de uma serenata, que, mesmo para a sua época, poderia ser interpretada como uma atitude anacrônica, ridícula ou cafona. Porém, o amor romântico do adolescente é capaz das maiores sandices em nome desse sentimento. A oportunidade para se lançar à conquista de Lyrís surgiu e foi dada inclusive por ela, todavia o rapaz é derrotado por seu medo. Em sua última chance, ele narra:

Na terceira vez, [...] estava decidido: ia bater no portão do bangalô e entrar. A coragem crescia enquanto eu caminhava ao encontro de Lyrís. Já alcançara a esquina da nossa rua, quando vi o Aero Willys preto sair da garagem, a mãe no banco da frente, as duas irmãs atrás. O carro desceu a rua e passou devagar perto de mim. Ainda vi o rosto de Lyrís, os olhos verdes e um sorriso que eu não soube decifrar. Pôs a cabeça para fora da janela, acenou com as mãos agitadas, os cabelos ruivos e cacheados ondularam com o gesto. Esperei num bar da nossa rua, e uma hora depois o carro entrou na garagem, sem a mãe e suas filhas. A janela do quarto das duas irmãs ficou fechada durante as férias. Em março, quando viajei para longe, o engenheiro Doherty morava sozinho na casa azul (HATOUM, 2010, p. 21-22).

Essa foi a última vez que o narrador viu Lyrís e a cumprimentou. Depois disso, o pai passa a viver sozinho na casa, o que indica a possibilidade da família ter

se mudado. Com isso, possivelmente, o engenheiro Doherty ficara ali apenas a trabalho. Desse modo, o amor do narrador ficou apenas no sonho e na imaginação, não se consumando e não se concretizando numa relação. Esse dado é importante, pois tal frustração amorosa ainda o atormenta depois de muitos anos:

Olhei pela última vez as ruínas da nossa rua e saí da varanda. No meu quarto, tentei apagar a lembrança de uma frustração amorosa, um fracasso que não é atributo apenas da juventude. Lyris teria hoje quarenta anos, a idade de tia Mira naquele tempo. [...] Uma carta para ti, ela sorriu. [...] Ia enfiar o envelope no bolso, mas decidi abri-lo. Reconheci a caligrafia e esperei tia Mira sair do quarto. Deitei na cama, li a carta enviada de Bangcoc e fiquei pensando nas palavras de Lyris... (HATOUM, 2010, p. 22)

O desfecho do conto carrega certa ambiguidade sobre a identidade misteriosa do remetente da correspondência de Bangcoc. Não está claro quem seja, mas o narrador sugere a possibilidade de ser Lyris. Por outro lado, a recordação de Lyris como uma “frustração amorosa” contraria a ideia de que o remetente seja ela, mesmo depois de tantos anos. Mas a forma e a construção textual induzem a uma interpretação ambígua, em que esse ideal de amor ainda permanece vivo na mente do narrador. Isso deixa o leitor em dúvida, pois a escrita de Lyris, em outro momento da narrativa, foi algo marcante para o rapaz. Ao mencionar a emoção que sentia pelo simples fato de poder contemplar a escrita da moça que ele amava, deixa esse final em suspenso. Essa construção ficcional pode ser proposital, uma vez que possibilita essa leitura de um amor idealizado. Levar o leitor a crer que ele ainda, de alguma maneira, mantinha correspondências com Lyris serve de consolo diante de um amor que não se concretizou, mas que imaginariamente e hipoteticamente se mantém sob uma possível capa de amizade.

Por outro lado, se analisarmos friamente a materialidade do texto, percebe-se que não há nada que indique que o remetente da carta seja Lyris e, neste caso, o narrador apenas cria uma confusão proposital para deixar o leitor em suspenso. O fato é que ele recebe a carta da tia, lê, mas isso apenas o leva a pensar nas palavras de Lyris, não das que estariam escritas na carta no caso de ela ser a remetente, mas sim naquelas ditas pela moça em outro momento da sua vida. O texto deixa isso em aberto, levando os mais otimistas à crença de que esse amor pode vir a ser, bem como conduzindo os pessimistas à noção de que esse amor ainda vive, porém sob o signo da frustração.

O tema do fracasso assim está concatenado ao medo da rejeição. Num mundo livre como o nosso, muitos podem se questionar por que as coisas simplesmente não acontecem ou quando acontecem, ocorrem com escassez significativa. Tais questionamentos são comuns quando se é jovem, e a inexperiência impossibilitou, de alguma forma, esse desfrutar dos prazeres possíveis. Esse medo de uma possível rejeição, ao menos aparentemente, é muito comum na juventude atual. Quando há a rejeição, muitos não têm outra saída senão culpar a si pelos fracassos:

Só posso culpar a mim mesmo por não ser recebido de braços abertos. Apesar de me consumir de desejo, é meu ser como tal que deixa o outro frio. A sentença é tão definitiva quanto a de uma corte de justiça: não, obrigado, você não (BRUCKNER, 2014, p. 50).

O fracasso amoroso, no caso dos dois contos de Hatoum, se explica em razão do aprendizado do adolescente em descobrir as complexidades da relação amorosa. A inabilidade e inexperiência do narrador quando adolescente, nos dois contos, são compreensíveis, pois o jovem está se descobrindo como homem a partir da atração física, emocional e sentimental que sentia pelas mulheres analisadas. Embora seja frustrante a não realização do amor, a paixão na adolescência parece carregar consigo essa frustração de algo mal resolvido e que ficou para trás, contudo permanente e vivo na mente dos personagens.

Em última análise, é importante reconhecer que nos dois contos de Hatoum, “Varandas da Eva” e “Uma estrangeira da nossa rua”, há um homem falando sobre o amor que sentiu em um determinado momento da sua juventude e que ainda sobrevive, apesar da passagem do tempo ou mesmo que o envolvimento amoroso não tenha se consumado. Embora a permanência desse sentimento se explique em virtude da não consumação, esse dado é um elemento importante para a apreensão de uma mudança de perspectiva do perfil masculino. Com efeito, mesmo em sua fase madura, o narrador dos dois contos age como um sujeito que crê num amor carregado de sentimento e afeto pelas mulheres em questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática do amor, analisada sob a perspectiva do gênero masculino, emerge como um componente interessante sobre certos aspectos que povoam o imaginário dos personagens masculinos dos contos. O fascínio e atração irresistível pela mulher emergem estruturalmente como o primeiro passo para lançamento masculino rumo à interação com o universo feminino. Desse modo, encarar desafios, ora psicológicos ora sociais, e tentar superá-los foi um ponto fundamental tratado pelos contos, também como um sentido para a superação das dificuldades dos homens no que tange à expressão de uma afetividade masculina. Neste caso, os homens estão propensos constantemente à necessidade de estabelecer uma relação amorosa e, com isso, também concretizar uma forma de satisfação pessoal. Esse traço, de algum modo, surge também nos relacionamentos amorosos retratados nos contos.

Verificou-se ainda a quebra do paradigma amoroso entendido como o amor eterno a partir do casamento. A falência dos relacionamentos estáveis e permanentes foi pontuada, uma vez que a família e a rotina diária do convívio demonstravam, de maneira indireta, a “morte do amor”. No entanto, os contos não defendem ostensivamente que haja a ruptura desses relacionamentos, mas possivelmente sugerem a necessidade de constantemente estabelecer novos sentidos para o amor, seja no interior da relação estável ou mesmo fora dela no caso de uma eventual ruptura relacional. Outros sentidos para a relação amorosa também transparecem, pois alguns personagens do espectro masculino procuravam um amor mais vivo em outros âmbitos fora do casamento.

Essa procura pelo amor fora dos relacionamentos estáveis também pode estar atrelada a uma determinada ilusão nascida das promessas de felicidade. Ao crer que o amor esteja do fora do sujeito, ele se lança à procura de relações contínuas gerando o que se denominou em vários teóricos como o acúmulo de experiências. Em determinados casos, essa procura por uma sobrevida amorosa por parte dos homens pode ser indício de uma dissociação entre sexo e amor ou mesmo entre uma associação abusiva entre os dois elementos. No primeiro caso, o acúmulo verifica-se em apenas aplacar um desejo físico desvinculado do afeto. As relações, neste caso, se tornam descartáveis.

No segundo caso, tal associação estabelece o amor-desejo como o significado para o verdadeiro amor. Nesse sentido, o amor e o sexo são vinculados, porém a procura pela realização do (grande) amor está pautada na procura constante e contínua de relações e na ilusão de que exista uma paixão intensa que perdure de forma a vencer o esgotamento proporcionado pela passagem do tempo.

Assim, os contos contemporâneos evidenciam que os amores, pautados nos pactos até à morte, atualmente encontram-se em uma crise evidente, muito explicável em razão dos amores temporários. É preciso, no entanto, reconhecer que, mesmo nesses casos, há uma vinculação masculina entre amor e sexo. Se em épocas mais retroativas essa associação era pouco comum, na atualidade apontam para uma mudança de postura por parte dos homens. Desse modo, temas como casamento, adultério, divórcio e sexualidade circulam diante de um ponto fulcral protagonizado pelo amor.

Em todos os casos pensar num conceito de amor, construído a partir desse universo masculino, que dê conta de responder às nuances e complexidades de cada situação em todos os tempos é uma tarefa efetivamente hercúlea e colossal. No entanto, é perfeitamente possível mensurar suas causas e seus efeitos a partir dos contos analisados. Com efeito, os contos demonstram como a crença comum de que o casamento seja o pico da realização amorosa efetivamente não corresponde mais às complexidades do nosso tempo. Se esse modelo de amor é considerado o ideal por muitos, por outro lado é preciso ponderar o motivo pelo qual muitos casamentos não possuem mais a durabilidade de antes. Se os casamentos terminam, isso significa que o amor havia morrido antes.

Contudo é preciso desfazer algumas confusões conceituais. O amor pode subsistir sim no casamento, mas não se pode confundir a instituição com o sentimento. Sabemos que a origem do casamento é histórica e no mundo ocidental surgiu de necessidades econômicas e da confirmação de alianças entre famílias. Só posteriormente é que o amor passou a integrar a instituição. É importante reforçar que foi o século XIX, pós-Revoluções francesa e industrial, que o amor passou a figurar como um sentimento positivo e libertador. Aliado ao casamento, a instituição passou a ser vista como o ápice amoroso. Não que o amor não possa estar no casamento, mas sim que não se pode confundir a instituição com o sentimento, a menos que se tenha consciência de tal fusão ou que o amor seja assim entendido por um determinado casal.

No caso dos contos de Luiz Vilela, o autor traz importantes retratos do casamento e amor entendidos como sinônimos de felicidade. Em ambos os contos, o casamento surge como um construto social em decadência, em que o desgaste da relação se dá pela falta de consciência do significado da instituição. A constituição familiar é marcada pelo desgaste da relação pelo trabalho e pela rotina diária. A criação dos filhos também surge como um significado de envelhecimento e proximidade da morte. A masculinidade é retratada no sentido de expor o modo como os homens se comportavam diante de suas esposas, como frios, indiferentes, insensíveis e grosseiros.

Os contos de Vilela, ao enfatizar aspectos grotescos das masculinidades, reproduzem padrões que possivelmente eram muitos comuns e, de algum modo, ainda continuam sendo para alguns homens. A análise partiu desses contos, em princípio, justamente para que o panorama evolutivo das masculinidades pudesse ser colocado em evidência nos contos seguintes. Entretanto, já nos contos desse autor, indiretamente é perceptível que os contos estavam apontando para a necessidade de mudança comportamental e relacional por parte dos homens.

Em Sérgio Sant'Anna, no primeiro conto "Marieta e Ferdinando", temos um casal também afetado pelo desgaste da rotina. A carência de amor, em ambos os lados, leva o casamento a sua derrocada. O comportamento masculino entendido como modos de ser tacanho e truculento são expostos de maneira a pensar nas ações masculinas pontuadas. Por outro lado, o conto proporciona uma virada, pois Marieta passa para o papel do homem e Ferdinando para o papel feminino. Assim, o conto inverte a ordem da situação de maneira que a confusão entre comportamento masculino e feminino expõe a artificialidade dos papéis anteriormente cristalizados.

Já o segundo conto, "Sexo não é tão natural assim", em tom de desabafo, o narrador traduz o cansaço produzido pelo desgaste da vida nos grandes centros urbanos. O adultério também surge como um tema, porém visto sob um prisma pessimista. A valorização familiar e o casamento são pensados de maneira irônica, em que após múltiplas experiências sexuais conduzem o narrador a um posicionamento mais conservador, entendendo a família como uma instituição segura diante das incertezas dos relacionamentos fugazes. A hiperssexualização da sociedade, nesse conto, é criticada no sentido de só produzir desgastes emocionais e um vazio existencial.

Assim, se o casamento, enquanto instituição, não deve ser entendido como sinônimo de amor, a sexualidade tampouco. Embora a sexualidade parta efetivamente da premissa da atração física, ela também não pode se confundir com o amor enquanto afeto ou sentimento por alguém. A sexualidade humana equivale a uma prática física que pode ser praticada com qualquer pessoa, independente do amor. É possível viver intensamente uma relação sexual e amorosa numa relação monogâmica, porém é preciso considerar que não são necessariamente sinônimos. Isso não quer dizer que o amor e o sexo não possam estar vinculados em determinados momentos.

O exercício da sexualidade foi domesticado durante séculos pelo casamento e cerceado socialmente por muitas instituições. Por outro lado, a hiperssexualização também pode levar muitos a idealizar o adultério como forma de realização do amor. O casamento, neste caso, aparece como o obstáculo a ser vencido e a relação proibida significa a possibilidade de uma nova conquista. Essa procura constante por satisfação e prazer sexual levou o sujeito a um comportamento consumista, em que o sexo se torna um produto descartável. Neste caso, as relações também caminharam nessa direção tornando-se cada vez menos duráveis e mais líquidas. O acúmulo de experiências sexuais estabeleceu uma sensação de insatisfação constante, levando as relações ao esvaziamento ou esfriamento afetivo.

Ao idealizar relacionamentos em que o sexo e amor se confundem, procura-se uma relação estável com um parceiro ou parceira que alie essas práticas de maneira confluyente. O problema aparece quando o desejo de uma nova relação surge e com isso se estabelece a ruptura gratuita com a relação anteriormente constituída. Tende-se a idealizar e projetar o amor nessa nova relação, quando em muitos casos se sente apenas uma furtiva atração física.

Desse modo, o que se critica nos contos não é o casamento, o adultério ou a sexualidade, mas sim como determinados desvios podem induzir o sujeito a uma confusão entre conceitos distintos. Com efeito, o divórcio é uma possibilidade para aqueles que, desgastados em um determinado relacionamento, querem viver outras experiências afetivas. O que se estabelece é como a temática amorosa, atualmente muito explorada pela indústria cultural, tende a confundir sentimento (amor), instituição (casamento/relacionamento) e sexualidade (prática física) como se fossem produtos de um mesmo pacote. É preciso ponderar que há aqueles que preferem viver múltiplas experiências, se assim se sentem realizados, bem como

aqueles que ainda preferem a relação convencional e familiar. Trata-se apenas de uma tomada de consciência sobre o sentido de cada elemento.

Por conseguinte, o tema do amor em “Viagens de Núpcias”, de Rubem Fonseca, aparece entremeado aos tabus psicológicos de um homem que não consegue desejar sua esposa ou sentir atração física por ela. Embora tenha experiência de relações anteriores, sua virilidade é colocada à prova, pois não consegue desenvolver sua sexualidade com a esposa. Essa autocobrança por resultados positivos é outra reflexão marcadamente masculina. Ao falhar sempre que tenta ter relações, o fracasso masculino surge como outro obstáculo a ser superado. Ao final, verifica-se a superação do tabu masculino e, conseqüentemente, o sucesso amoroso.

No segundo conto, “Shakespeare”, Fonseca traz o problema das relações líquidas quando o protagonista rompe sua relação para fixar-se em outra. Contudo, após uma ruptura rápida, o protagonista volta a amar sua antiga parceira, entretanto sem estabelecer relações com ela. O sentido de amor, para o homem, é apreendido a partir da experiência da ausência e da perda. Ao substituir a moça de seu primeiro relacionamento, o homem aqui se arrepende da troca realizada e volta a amar a mulher de sua relação anterior.

A temática do amor nos contos, neste caso, surge a partir desse sentido de ausência ou falta. A procura por uma nova conquista é uma necessidade de primeira ordem para o sujeito sentir-se satisfeito, pleno ou realizado. No conto de Fonseca, ao conquistar com facilidade a segunda mulher, o amor desaparece com muita rapidez e, assim, volta-se novamente a desejar a primeira mulher. Esse dado é importante à medida que revela como o amor se constitui a partir da ausência do objeto de desejo. A presença constante do objeto amado, principalmente numa relação estável, de algum modo, cria uma sensação de desgaste que, conseqüentemente, leva o sujeito a ansiar por novas experiências amorosas e afetivas.

O conto “Bianca 17”, de Marçal Aquino, traz o tema do amor como matéria de um escritor. Essa temática, para ele, é vista com pessimismo e seus personagens sempre terminam infelizes. Por outro lado, o amor vivido por ele é positivo, embora ele insista em verbalizar sua descrença e pessimismo sobre o amor. A durabilidade de uma relação ou sua formalidade não é pontuada. Neste caso, aponta-se para uma ideia de experiência amorosa, possivelmente temporária, primeiramente com

uma parceira em um relacionamento passado e, num segundo momento, com outra jovem que o faz ver a vida de um novo jeito. O homem, mais maduro, passa a viver o amor com uma mulher mais jovem e descobre um sentimento numa relação livre das amarras dos protocolos sociais.

Pode-se afirmar que nesse conto o amor é visto sob uma perspectiva otimista, embora seja paradoxalmente discursado de modo pessimista. O comportamento masculino, neste caso caracterizado pela indiferença em relação ao amor, é interessante para pensarmos nessa tese em que a procura pelo amor se constitui a partir da ausência feminina ou pela necessidade de experiências amorosas. Neste conto, o objeto de desejo (a mulher) está presente, mas o amor não é reconhecido ou verbalizado. Não há juras, não há promessas, mas há intensidade afetiva. Isso pode destoar da ideia de que amor só se constitui a partir da ausência, porém é importante pontuar que em momento algum o homem assume que está apaixonado. Ele comporta-se como se estivesse apaixonado, contudo, não crê na realização do amor. O objeto de desejo, a mulher amada, está presente, mas a relação não é vista como amor.

No caso desse conto, o amor não é doentio, não se pauta pelo sofrimento, nem mesmo pelo desgaste da convivência diária, no caso de se constituir em uma relação estável. Há amor puro ou confluyente, no sentido conceitual atribuído a Giddens. Por outro lado, esse amor não pode ser confundido como “para sempre” ou “eterno”, considerando que ele está em seu segundo relacionamento, de acordo com o conto. Desse modo, em Marçal Aquino, o sentido do amor masculino também é reforçado nessa luta do homem pela conquista diante da ausência do objeto amado.

Em outro conto do mesmo autor, “Rancor”, o amor transparece como supostamente morto. O título dá a entender que amor ainda subsiste sob uma roupagem diferente. As juras de amor eterno somadas às decepções da traição do marido não foram suficientes para causar uma separação do casal. Porém a mulher vinga-se do marido traindo-o, mas ambos ainda sentem atração um pelo outro. Os adultérios, neste caso, emergem como possíveis sentidos de amor, embora isso possa parecer um tanto problemático e conflitante. As relações extraconjugais do casal motivam-no a continuar numa relação problemática em que um quer reconquistar o outro, cada um a sua revelia. Ódio e amor emergem como irmãos inseparáveis, tal como no mito grego de Eros e Anteros.

Os contos de Rubem Fonseca e Marçal Aquino dão uma guinada significativa para uma modificação do espectro masculino. Em ambos os contos, o comportamento masculino sofre uma mudança considerável, em que os homens interagem com mulheres cujo padrão de comportamento também sofreu modificações profundas. Mulheres fortalecidas, autônomas e independentes ditam a tônica da relação, forçando os homens a pensar sobre os problemas de seus padrões comportamentais de uma relação. Essa conscientização dos estereótipos masculinos foi importante nesse sentido. Desse modo, os aspectos grotescos de um modelo de masculinidade mais regressivo sofrem atenuações que contribuem para que a relação entre os homens e as mulheres caminhasse, não mais de maneira unilateral, mas sim em mão dupla.

O sentido de amor para os homens, portanto, desenha-se a partir dessa relação oscilante entre presença e ausência feminina. Outro caso que aponta para isso é o conto “Amores de um ventríloquo”, de Moacyr Scliar. Nele temos a representação de uma fragilidade e uma insegurança masculina e a luta pela superação desse obstáculo. Homens vividos, assim como o ventríloquo, apresentam-se com dificuldades em lidar com o sentimento amoroso, sofrendo com as cargas da frustração, nascidas de um comportamento tíbio.

A insegurança e a inexperiência também surgiram a partir dos contos analisados em sequência, “Sexo com amor”, de André Sant’Anna, “Varandas da Eva” e “Uma estrangeira da nossa rua”, de Milton Hatoum. Em todos os quatro últimos contos, o sentido da conquista masculina e ausência do objeto são potencializados pela timidez, medo, insegurança e inexperiência. Em todos esses quatro últimos contos, o final é melancólico e pessimista, pois em nenhum caso o amor se realiza efetivamente. O sentimento, neste caso, permanece vivo em razão da sua não realização, não sendo esmagado pela convivência diária de um relacionamento mais estável.

Em comparação aos contos analisados inicialmente, “Por toda a vida” e “Nosso dia”, de Luiz Vilela, “Marieta e Ferdinando” e “Sexo não é tão natural”, de Sérgio Sant’Anna, e “Rancor”, de Marçal Aquino, o amor é colocado dentro do casamento ou de um relacionamento estável e mostrado em seu aspecto degradante e deprimente. O amor, em Luiz Vilela e Sérgio Sant’Anna, é trazido como apagado ou morto pela presença da parceira e pela rotina diária. Porém em

“Rancor”, o amor ainda possui uma sobrevida, numa batalha em que o casal procura a traição mútua. Neste caso, o amor se transmuta em ódio ou rancor.

Outro aspecto importante do exame realizado sobre o comportamento masculino vinculado ao amor se dirige à forma com que os homens mudaram o seu padrão comportamental. Já vimos como, ao partir de uma análise das relações mais tradicionais nos primeiros contos, a identidade masculina pautava-se em aspectos como frieza, indiferença, grosseria, truculência, etc. O significado do amor, neste contexto, traduzia-se na ideia da “morte do amor”, pois uma vez realizado o casamento, logicamente não havia mais nada a esperar da relação. O conceito de masculinidade hegemônica, que identifica os homens como opressores das mulheres e de outros homens, serviu de base para demonstrar como os homens se comportavam em relação às mulheres nos contos.

A identidade feminina também passou por transformações. Nos primeiros contos, o estereótipo de uma feminilidade embasada em características como delicadeza ou fragilidade, contrastando com a truculência masculina, também se modifica se pensarmos no caso do pacto de meia-noite entre Marieta e Ferdinando. As mulheres do conto “Shakespeare”, de Rubem Fonseca, também são emancipadas e não mais sujeitas aos caprichos masculinos. A moça representada em “Bianca 17” de Marçal Aquino é livre de tabus como o recato. A fotógrafa de “Rancor” também é uma mulher com poder de decisão, embora prefira permanecer na relação por vontade própria. “Ela”, do conto “Sexo com amor”, de André Sant’Anna, é representada como uma jovem livre, com poder de decisão sobre quando iniciar o exercício da sua sexualidade, sem a pressão masculina, seja de um pai, que num suposto modelo de sociedade tradicional a forçaria a um casamento, ou mesmo de um parceiro qualquer.

Em todos esses casos, o exercício da sexualidade feminina não é um fator de marginalização, tal como ocorria em momentos históricos anteriores. Nesses contos, a mulher é representada num novo padrão de comportamento, em que quem dita as regras sobre sua sexualidade é ela. Consequentemente, também verificamos como as conquistas femininas contribuíram para uma mudança positiva do espectro masculino. Homens que anteriormente eram depreendidos como duros e frios, apresentaram sensibilidade afetiva muito significativa, sem que isso representasse uma perda do sentido de masculinidade a que se autoatribuem. Essa evolução é um aspecto positivo de alguns homens que aprenderam a conviver positivamente com

as conquistas da emancipação feminina. Isso possibilitou o desenvolvimento de atributos, como a demonstração do afeto, que até então eram considerados como exclusivamente inerentes ao universo feminino. Verificamos, assim, a coexistência entre traços novos de masculinidade acrescidos ou mesclados ao tradicional modelo de masculinidade.

Em uma sociedade em que a separação se tornou, em certa medida, banal, o significado de casamento como a efetivação de um amor eterno foi perdendo sua força e esvaziando seu significado. As relações líquidas entraram em cena, em que os amores são, agora, temporários. O sentido de amor, no atual contexto, ganha novos significados e o comportamento masculino, com a quebra desse paradigma amoroso tradicional, deu aos homens uma abertura à sensibilidade afetiva. Se antes o casamento tinha uma conotação de “amor eterno”, embora seja notória a artificialidade de tal argumento, na atualidade as relações amorosas passam a agregar contornos múltiplos, principalmente na procura por uma relação que preencha determinadas carências afetivas.

Isso também explica porque Bauman classifica o sujeito contemporâneo, entendido como um acumulador de experiências sexuais desvinculadas do afeto, como um impotente para o amor. O sentido do amor, portanto, pode ser apreendido como desvinculado de uma relação estável. Por outro lado, os contos analisados também apontam para um novo homem, em que o sentido da relação também se pauta na procura pelo vínculo afetivo e amoroso. É esse ponto que demonstra essa mudança do comportamento masculino em sua busca pela interação amorosa.

O amor, para os homens de alguns contos, também é assombrado pela possibilidade da rejeição ou indiferença feminina. A nova mulher, nascida da sua emancipação da dominação masculina, tornou-se independente e sem a necessidade de permanecer para sempre com o mesmo parceiro. Desse modo, os contos apontam para essa reflexão em que os homens precisam urgentemente repensar determinadas práticas para a interação amorosa.

Contos como “Amores de um ventríloquo”, de Moacir Scliar, “Sexo com amor”, de André Sant’Anna”, “Varandas da Eva” e “Uma estrangeira de nossa rua”, de Milton Hatoum, revelam certa fragilidade, uma insegurança e uma inexperiência masculina em lidar com as mulheres. Se nos três últimos contos, tal inexperiência se justifica pelo fato de os jovens, devido às suas respectivas inexperiências, não conseguirem obter sucesso no amor, no primeiro caso é um exemplo flagrante de

um homem maduro completamente inseguro de si. Esse medo da rejeição torna-se um problema para a realização do amor e, conseqüentemente, para que o sujeito possa se sentir realizado e satisfeito com sua masculinidade.

Lidar com os sentimentos e com as perdas amorosas é também um obstáculo que precisa ser encarado e superado na senda do amor. As barreiras impostas, sejam psicológicas ou sociais, figuram-se como desafios que precisam ser imperiosamente vencidos pelos homens que pretendem ser bem sucedidos na vida emocional. Portanto, as dificuldades dos personagens dos contos, em expressar sentimentos e emoções, contribuem para a reflexão sobre a necessidade de superação dessas mesmas dificuldades. Para tanto, é preciso compreender que o perfil feminino mudou significativamente na contemporaneidade.

Por conseguinte, os contos constroem um universo ficcional masculino em que o amor é objeto de busca incessante em um clima denso de instabilidade relacional. O sucesso masculino, entendido como uma superação de determinados empecilhos que impedem a realização do amor, é o grande objetivo que move os homens, retratados na ficção, a interagir com esse sentimento e ainda apostar nele como um sentido possível para a relação. Também se constata a mudança no padrão comportamental dos homens, representados a partir de Rubem Fonseca após os primeiros quatro contos, e como isso os tornou mais sensíveis em relação às mulheres.

Em última análise, as mulheres alcançaram mudanças importantes, seja na conquista por maiores espaços, seja no interior do âmbito da relação. De maneira que esse “novo homem” da atualidade, nascido de transformações sociais importantes, ao interagir frente a essa nova mulher, autônoma e independente, não quer apenas sexo, mas também amor. Os contos, portanto, apontam para essa proposta de estabelecer um novo significado masculino para a relação amorosa, em que a afetividade e a sensibilidade se tornam componentes essenciais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Masculino/Feminino: tensão insolúvel: sociedade brasileira e organização da subjetividade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALMEIDA, M. V. de. *Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

\_\_\_\_\_. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso no sul de Portugal. *Anuário Antropológico/95*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

AQUINO, Marçal. *Amor e outros objetos pontiagudos: contos*. São Paulo: Geração Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. Rancor. In: OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração 90: manuscritos de computador. Os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARASCH, Mara. Sexo e afeto no cotidiano dos homens. In: CALDAS, Dario (Org.) *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.

BARD, Christine. A virilidade no espelho das mulheres. In: COURBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: a virilidade em crise? V 3*. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho; Thiago de Abreu; Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

\_\_\_\_\_. *La domination masculine*. Paris: Seuil, 1998.

BRUCKNER, Pascal. *O paradoxo amoroso: ensaio sobre as metamorfoses da experiência amorosa*. 2 ed. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2014

BULFINCH, Thomas. *O Livro da Mitologia: história de deuses e heróis*. Trad. Luciano Alvez Meira. 4 ed. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. In: *Cadernos Pagu*, n. 11, 1998, p. 11-28.

CANCIAN, Francesca M. *Love in America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6 ed. São Paulo: Nacional, 1980.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

COLLINSON, D. HEARN, J. “Naming Men as Men: Implications for work, Organization and Management”. *Gender, Work and Organization*, v.1, n.1, p. 2-22, 1994.

CONNELL, Raewyn. *Gêneros em tempos reais*. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: Inversos, 2016.

CONNELL, Robert W. *Masculinities*. 2 ed. Cambridge: Polity press, 2005.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-282, jan./abr. de 2013.

CORNWALL, Andrea; LINDSFARNE, Nancy. Dislocating masculinity. Gender, power and anthropology. In: CORNWALL, A.; LINDSFARNE, N. (Ed.). *Dislocating masculinity*. Comparative Ethnographies. London: Routledge, 1996.

COSTA, Rosely Gomes. Mediando Oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. In: ALMEIDA, H. B. D.; COSTA, R. G. et al (Ed.). *Gênero em matizes*. Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2002, p. 213-241.

COURBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: a virilidade em crise? V 3*. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho; Thiago de Abreu; Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. Impossível virilidade. In: COURBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: a virilidade em crise? V 3*. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho; Thiago de Abreu; Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

STEPHENSON, Craig E. *Anteros: A Forgotten Myth*. New York: Routledge, 2011

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DEMETRIOU, D. Z. "Connell's Concept of Hegemonic Masculinity: A Critique". *Theory and Society*, v. 30, n. 3, p. 337-361, 2001.

FERREIRA, Nadiá Paulo. *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FONSECA, Rubem. *64 contos de Rubem Fonseca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: EDUNESP, 1993.

GODELIER, Maurice. *La production des Grands Hommes*. Paris: Fayard, 1996.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia. In:\_\_\_\_\_. *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOFFMAN, Erving. *Stigma*. Englewood Cliffs. N.J.: Printice-Hall, 1963.

HANCOCK, Emily. *The Girl within*. London: Pandora, 1990.

HATOUM, Milton. *A cidade ilhada: contos*. Belo Horizonte: Boa Viagem, 2010.

HESÍODO. *Teogonia / Trabalhos e dias*. Trad. Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2010

KAUFMAN, M. Los hombres, el feminismo y las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. In: ARANGO, L. G.; LEÓN, M.; VIVEROS, M. (Comp.). *Gênero e identidade*. Ensayos sobre lo femenino y lo masculino. Bogotá: TM, 1995.

KASL, Charlotte. *Sex and Addiction*. Londres: Mandarin, 1990.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Trad. Andréa Fachel Leal. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, outubro de 1998.

KIPNIS, Laura. As lidas do amor. In: \_\_\_\_\_. *Contra o amor*. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2005.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raísa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. *The Sexual Life of Savages*. London: Routledge, 1929.

MATHIEU, Nicole-Claude. *L'anatomie politique, catégorisations et idéologies du sexe*. Paris: Côtéfemmes, 1991.

MORAES, Vinicius. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MÜLLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos “anos 1968”. In: DEL PRIORE, Mary & AMANTINO, Márcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. Trad. Jean Melville. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2003.

NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

\_\_\_\_\_. Um Homem de Verdade. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.

POLLACK, Michaël. *Les homosexuels et le sida, sociologie d'une épidémie*. Paris: Métailié, 1988.

RUBIN, Lillian. *Erotic wars*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1990.

SANT'ANNA, André. *Sexo e amizade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANT'ANNA, Sérgio. *Contos e Novelas reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTIAGO, Silvano. Arte masculina? In: NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 12 ed. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

SCHLESINGER, Arthur. "The Crisis of American Masculinity". In: \_\_\_\_\_. *The Politics of Hope*. Boston: Houghton Mifflin, 1962.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Da Morte / Metafísica do Amor / Do Sofrimento do Mundo*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret: 2001.

SCLIAR, Moacyr. Amores de um ventríloquo. In: \_\_\_\_\_. *Contos Reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Carmen. Homem é homem. Mulher é mulher. Revista *Cláudia*, ano 15, n. 169, out. 1975.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. Revista *Estação Literária*. v. 16, p. 8-28, jun. 2016.

THOMPSON, Sharon. Search for tomorrow: or feminism and the reconstruction of teen romance. In: VANCE, Carole S. *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. London: Pandora, 1989.

TRACHTENBERG, Peter. *The Casanova complex*. New York: Pocket Books, 1988.

TRISTÃO E ISOLDA. *Lenda medieval celta de amor*. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2006.

VATIN, Claude. *Reserches sur Le mariage ee la condition de la femme marieé à l'époque hellénistique*. Paris: De Boccard, 1970.

VILELA, Luiz. *Tremor de terra*. 8 ed. São Paulo: Publifolha, 2003.

WARREN, S. "Who do these Boys think they are? An Investigation Into the Construction of Masculinities in a Primary Classroom". *International Journal of Inclusive Educations*, v. 1, n. 2, p. 207-222, 1997.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raísa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004.